



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS – LIP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

*CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA E DA
CULTURA AVÁ-CANOEIRO*

Brasília
2020

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

PS586c Pheula do Couto e Silva, Ariel
Contribuições para o Conhecimento da História da Língua e
da Cultura Avá-Canoeiro / Ariel Pheula do Couto e Silva;
orientador Ana Suelly Arruda Câmara Cabral. -- Brasília,
2021.
272 p.

Tese (Doutorado - Doutorado em Linguística) --
Universidade de Brasília, 2021.

1. Linguística Histórica. 2. Linguística Antropológica. 3.
Sociolinguística. 4. Avá-Canoeiro. 5. Tupí-Guaraní. I. Arruda
Câmara Cabral, Ana Suelly , orient. II. Título.

ARIEL PHEULA DO COUTO E SILVA

**CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA E DA
CULTURA AVÁ-CANOEIRO**

Tese de Doutorado apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Linguística, área de concentração *Teoria e Análise Linguística*.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**Brasília
2020**

ARIEL PHEULA DO COUTO E SILVA

**CONTRIBUIÇÕES PARA O CONHECIMENTO DA HISTÓRIA DA LÍNGUA E DA
CULTURA AVÁ-CANOEIRO**

Brasília, 15 de dezembro de 2020.

Universidade de Brasília

Prof.^a Dr.^a Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)

Prof. Dr. Abdelhak Razky

Prof.^a Dr. Sanderson Soares Castro de Oliveira

Prof. Dr. Maxwell Gomes Miranda

Prof. Andrébio Márcio Silva Martins (suplente)

Dedico esta tese a todos os envolvidos direta ou indiretamente na presente pesquisa, em especial aos Avá-Canoeiro do Tocantins, Matcha, Nakwatcha, Tuia, Trumak, Niwathima e Marynoo e filhos; e aos Avá-Canoeiro do Araguaia, Kawkama, Davi, Diego, Angélica, Ciele, Brenda e filhos;

Faço uma dedicação especial aos meus grandes mestres, hoje *in absentia*, Xiuguxawaga ãwa e professor Aryon Rodrigues, os quais contribuíram imensamente durante com minha jornada; e aos meus avós paternos e a minha madrinha, que fizeram a passagem durante o período do meu doutorado. Agradeço por todos os ensinamentos, vivências e aprendizados em vida e os aprendizados que vieram quando de suas partidas.

AGRADECIMENTOS

À Universidade de Brasília e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL/UnB) pela oportunidade de realização deste Doutorado em Linguística.

À CAPES pela bolsa de pesquisa concedida, uma vez que, sem esta, a presente pesquisa não teria sido possível.

À CAPES, à FAP-DF, ao PPGL e ao LALLI pelo apoio à participação em eventos nacionais e internacionais. À CAPES, pelo apoio concedido para realização de doutorado sanduíche na Universidade de Michigan.

À FUNAI e a SESAI, pela concessão de diárias no âmbito de minha atuação como colaborador eventual em ações de apoio aos Avá-Canoeiro do Tocantins sobretudo médico-hospitalares.

Agradeço ao CAEP/UnB pela oportunidade de realização de psicoterapia a partir da metade do meu doutorado. Esse apoio foi fundamental para a continuidade da minha pesquisa e subsequente finalização do presente trabalho.

Ao Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL/UnB) pela contínua oportunidade de atuação na pesquisa, extensão e ensino junto a povos indígenas, desde o fim de 2008, experiência que reflete de forma extremamente significativa minha trajetória acadêmica.

Agradeço de forma especial à professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, desde seu convite inicial, para compor o LALLI como pesquisador enquanto eu ainda cursava o 1º semestre da graduação em Letras - Francês, em 2008; por toda a amizade e orientação em nossa trajetória de três projetos de iniciação científica (2009-2012), minha dissertação de mestrado (2012-2015) e, principalmente, no âmbito desta tese de doutorado (2015-2020); agradeço também pelo incentivo e convite à participação em publicações de artigos e capítulos de livros ao longo destes anos, o que muito reflete o desenvolvimento de minha compreensão acerca das línguas indígenas da família Tupí-Guaraní e do tronco Tupí. Agradeço ainda pela sua contribuição pessoal à minha participação em eventos nacionais e internacionais e em idas a campo, bem como agradeço por todo apoio e carinho frente às dificuldades que tive para a conclusão da presente tese de doutorado.

Agradeço ao professor Aryon Dall'Igna Rodrigues, *in absentia*, primeiramente pela iniciativa de criação do Laboratório de Línguas Indígenas – LALI/UnB em 1999, um

Laboratório de Linguística ímpar no Brasil e no mundo. Agradeço também pelos ensinamentos que recebi ao longo de seus últimos anos, tanto de forma direta, por meio de aulas e apresentações, como de forma indireta, por meio de suas publicações, as quais refletem suas mais de sete décadas pesquisando profundamente as línguas e os povos indígenas do Brasil.

Agradeço imensamente à professora Sarah Thomason (Sally), por todo apoio e orientação durante o período de estagio de pesquisa (doutorado sanduíche), na Universidade de Michigan, onde pude aprofundar meus conhecimentos sobre a linguística histórica e sobre línguas ameaçadas. Agradeço também à professora Jelena Krivokapić pelo aprofundamento dos meus conhecimentos em fonética e fonologia. Sou imensamente grato à Sally pelo acolhimento na universidade e da cidade de Ann Arbor e por trazer leveza nos *appointements* sobre fenômenos de linguística histórica, ao perguntar se, ao final, eu tinha conseguido me divertir com a discussão dos dados do Avá-Canoeiro.

Aos professores Abdelhak Razky, Sanderson Oliveira, Maxwell Miranda e Andrébio Martins por gentilmente terem aceitado fazer parte da Banca de Seleção desta Tese de Doutorado e pela cuidadosa leitura da presente tese que ofereceram.

Aos amigos do LALLI, Sanderson, Chandra, Maxwell, Lidiane, Tiscianne, Mauro Ñandeva Tembeopé, Anita Tikuna, Aisanain Paltu Kamaiurá, Joaquim Maná Kaxinawá, Kaman Kalapalo, Makaw Mehinaku, Warý Awetí Kamaiurá, Namblá Laklãnõ Xoklém, Rodrigo, Fábio, Lucivaldo, Ana Aguilar, Áustria e aos demais pesquisadores indígenas e não indígenas. Agradeço em especial à Suseile pela amizade e troca de experiências; à Edinéia, por toda paciência e troca de ensinamentos; e ao Gabriel, por todas as discussões sobre povos e línguas indígenas brasileiras que tivemos.

Aos pesquisadores Cristian Teófilo, Mônica Borges, Patrícia Rodrigues, Lorraine Silva e Eliana Granado, agradeço pela amizade e pelas conversas e discussões enriquecedoras acerca do povo e da língua Avá-Canoeiro. À Lorraine, pela parceria em discussões e trabalhos sobre os aspectos socioculturais dos Avá-Canoeiro do Tocantins, resultado da interface de nossas áreas de pesquisa.

À Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em especial ao Egipson Correia, pelo imenso apoio ao longo das primeiras idas à campo no âmbito de meu Mestrado em Linguística e pela amizade desde 2012; à Ester Silveira pela trocas de experiências junto aos Avá-Canoeiro.

Agradeço também à Clarisse Jabor, Carlos Travassos e Leila Sotto-Maior, bem como aos demais servidores da Coordenação de Índios Isolados e de Recente Contato (CGIIRC/FUNAI) e da Assessoria de Acompanhamento aos Estudos e Pesquisas (AAEP/FUNAI) por todo apoio prestado e oportunidade de atuação junto aos Avá-Canoeiro em momentos de atenção à saúde. Agradeço também pela confiança no meu trabalho como intérprete etnolinguísta, durante o acompanhamento aos Avá-canoeiro do Tocantins em internações hospitalares, sobretudo junto à Matxa e à Nakwatxa, e a Xiuguxawaga, nos anos de 2014 a 2017.

À técnica em enfermagem da SESAI junto aos Avá-Canoeiro, Maria Antônia e aos motoristas da SESAI que a acompanham, pelo apoio prestado em campo; e à Livia e à Carol, servidoras da SESAI de Brasília, pelas conversas e interesse sobre os Avá-Canoeiro do Tocantins, em 2017 e 2018, visando um atendimento mais específico a estes no âmbito da saúde e pela oportunidade de realização de formação continuada para atuantes da saúde junto aos Avá-Canoeiro.

Aos Avá-Canoeiro do Tocantins e do Araguaia, um agradecimento especial por toda a história compartilhada, aprendizagens e mútuas colaborações, desde os anos 2012 e 2015, respectivamente. Agradeço não somente pelos aprendizados quanto ao funcionamento de sua língua – objeto desta Tese – como também pelo exemplo de força e resiliência, hábitos e costumes, e, sobretudo, por sua felicidade e pensamento voltado para o futuro, que inspira o atravessar dos momentos tristes e dolorosos de sua história. Agradeço ao Xiuguxawaga Avá-Canoeiro, *in absentia*, por todos os momentos de aprendizado que me proporcionou, tanto na TI Avá-Canoeiro quanto em Minaçú, Brasília e Goiânia. À Matcha, Nakwatcha e Tuia, por toda amizade e aprendizado durante minha permanência na aldeia. À Niwathima e Trumak pela amizade que se iniciou ao longo desta pesquisa e pelos aprendizados e experiências compartilhadas. Ao Itãy'í (Parazinho), marido de Niwathima, e ao Iranildo Tapirapé por toda colaboração durante esta pesquisa. Ao Davi, por ter me recebido em sua casa em 2015 e, junto com Diego, Angélica e filhos, pelos momentos de compartilhamento de sua história e de sua língua.

Aos meus amigos de longa data, dentro e fora da UnB, agradeço por todo suporte; sou imensamente grato à minha companheira Camila e à minha família por toda paciência e apoio incondicional durante todos os percursos e percalços de minha formação em Linguística, sobretudo durante esta pesquisa de doutorado, compreendendo tanto eventuais ausências por

conta de viagens ou dias e noites de trabalho constante, quanto principalmente por terem sido apoio fundamental para os períodos mais agudos de contínuas crises de ansiedade.

Agradeço finalmente a todos os demais que não foram mencionados mas que contribuíram direta ou indiretamente para que esta pesquisa pudesse ter sido possível.

RESUMO

A presente tese aprofunda a descrição de aspectos da fonologia do Avá-Canoeiro, com o objetivo de tratar de mudanças sonoras ocorridas nas duas variedades dessa língua. No capítulo 1, tratamos de aspectos históricos e socioculturais do povo Avá-Canoeiro, bem como de algumas notas etnográficas que realizamos, fundamentais para o desenvolvimento de uma relação duradoura com os Avá-Canoeiro. No capítulo 2, discutimos a classificação da língua Avá-Canoeiro na família Tupí-Guaraní, bem como aspectos do seu estado de vitalidade atual. No capítulo 3, revisamos a fonologia das duas variedades do Avá-Canoeiro, partindo dos estudos fonéticos e fonológicos já realizados até o presente, com o objetivo de darmos conta de disparidades encontradas nas descrições, as quais são correlacionadas a diferentes perfis sociolinguísticos em cada grupo. No capítulo 4, tratamos de mudanças sonoras ocorridas nessas duas variedades. Apresentamos, finalmente, no capítulo 5, algumas mudanças semântico-lexicais e empréstimos, os quais ilustram alguns elementos da expansão dos Avá-Canoeiro para o Centro-Oeste, bem como do contato que eles tiveram com a sociedade envolvente, antes e depois do contato oficial.

Palavras-chave: Linguística Histórica; Linguística Antropológica; Sociolinguística; Avá-Canoeiro; Tupí-Guaraní.

ABSTRACT

This PhD dissertation presents further descriptions of the phonology of the Ava-Canoeiro language, aiming to analyse sound changes occurred in the two varieties of that language. In the first chapter, we describe sociocultural and historical aspects of the Ava-Canoeiro indigenous people, as well some ethnographic observations, which were fundamental for the lasting relationship with the Ava-Canoeiro. In the second chapter, we discuss the internal classification of the Avá-Canoeiro language into the Tupí-Guarani Family and aspects of the current vitality of the language. In the chapter 3, we revise the phonological description of the Ava-Canoeiro language, in its two diatopic variety and in for three age groups. In the third chapter, we present sound changes that occurred in both varieties and in the two varieties separately. In the fifth chapter, we present some semantic and lexical changes, and borrowings, which illustrates the historic expansion of the Ava-Canoeiro ancestors through the center of Brazil.

Keywords: Historical Linguistics; Anthropological Linguistics; Sociolinguistics; Ava-Canoeiro; Tupí-Guaraní.

SUMÁRIO

LISTA DE SIGLAS.....	16
INTRODUÇÃO	20
0.1 <i>Considerações iniciais</i>	20
0.2 <i>Objetivos Gerais e Específicos</i>	20
0.3 <i>Justificativa.....</i>	21
0.4 <i>Fundamentação Teórica.....</i>	22
0.5 <i>Metodologias de pesquisa adotadas</i>	24
0.5.1 <i>Metodologias de descrição e documentação linguística.....</i>	24
0.5.2 <i>Metodologia Sociolinguística</i>	25
0.5.3 <i>Organização dos Dados Linguísticos</i>	26
0.5.5 <i>Metodologia de Pesquisa em Linguística Histórica</i>	28
0.5.5.1 <i>O Método Histórico Comparativo.....</i>	28
0.5.5.2 <i>Listas de Cognatos</i>	30
0.5.6 <i>Metodologia de Pesquisa de Campo</i>	31
0.7 <i>Organização da presente tese de doutorado</i>	33
Capítulo 1. Os Avá-Canoeiro: Aspectos Históricos e Socioculturais	35
1.0 <i>Um breve histórico sobre a ocupação Tupí-Guaraní no Centro-Oeste.....</i>	35
1.1 <i>Os primeiros contatos com os Avá-Canoeiro</i>	36
1.2 <i>Os Avá-Canoeiro na atualidade</i>	37
1.2.1 <i>Os Avá-Canoeiro do Rio Araguaia</i>	38
1.2.2 <i>Os Avá-Canoeiro do Rio Tocantins</i>	39
1.2.3 <i>Os Avá-Canoeiro em Isolamento Voluntário.....</i>	41
1.3 <i>Especificidades Av.C no Contexto Brasileiro</i>	42
1.4 <i>Os Avá-Canoeiro e os Outros.....</i>	44
1.4.1 <i>Relacionalidade e Parentesco.....</i>	45
1.4.2 <i>A construção da “pessoa” nas sociedades indígenas e a “criação de pessoas”</i>	47
1.5 <i>Notas etnolinguísticas sobre o Av.C-T.....</i>	48
1.5.1 <i>Nomes relativos e nomes absolutos</i>	48
1.5.2 <i>Substância, nascimento e filiação entre os Av.C-T.....</i>	50
1.5.3 <i>A linguística da relacionalidade.....</i>	52
1.5.4 <i>Relacionalidade Avá-Canoeiro: entre donos e cativos.....</i>	53
1.6 <i>Notas etnográficas sobre os “espaços de aprendizagem” Avá-Canoeiro do Tocantins</i>	55
Capítulo 2. A Língua Avá-Canoeiro	58
2.1. <i>A Língua Avá-Canoeiro no âmbito da Família Tupí-Guaraní.....</i>	58
2.2 <i>Av.C-A e Av.C-T: Línguas ou Dialeto?.....</i>	60
2.3 <i>Estado Atual de Vitalidade da Língua Avá-Canoeiro</i>	63
Capítulo 3. Revisão da Fonologia do Avá-Canoeiro.....	66
3.1 <i>Revisão da Fonologia Segmental do Av.C-A.....</i>	68
3.1.1 <i>Fonemas consonantais do Avá-Canoeiro do Araguaia.....</i>	69
3.1.2 <i>Outras características das consoantes do Av.C-A: variação social?</i>	86
3.1.3 <i>Fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro do Araguaia</i>	101

3.2 Revisão da Fonologia Segmental do Av.C-T.....	115
3.2.1 Fonemas consonantais do Avá-Canoeiro do Tocantins	115
3.2.2. Fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro do Tocantins.....	120
3.3 Padrão Acentual em Av.C-A e em Av.C-T.....	121
3.4 Nasalidade em Av.C-A e em Av.C-T.....	122
3.5 Algumas Considerações finais sobre a Fonologia do Avá-Canoeiro.....	124
Capítulo 4. Mudanças Fonológicas no Avá-Canoeiro	126
4.1 Reflexos das consoantes do AV.C-A e Av.C-T das Consoantes do PTG.....	127
1. PTG *p : PAV *p : Av.C-A p : Av.C-T p.....	130
2. a. PTG *t : PAV *tj : Av.C-A tj : Av.C-T t _ç / _i.....	134
2. b. PTG *t : PAV *t : Av.C-A t : Av.C-T t / n.d.a.....	135
3. a. PTG *k : PAV *k : Av.C-A k : Av.C-T k / _V _{anteriores}	138
3. b. PTG *k : PAV *k : Av.C-A k : Av.C-T q / n.d.a.	138
4. PTG *p ^l : PAV *tj : Av.C-A --- : Av.C-T t _ç	142
5. PTG *k ^l : PAV *k : Av.C-A k : Av.C-T q.....	142
6. PTG *p ^w : PAV *k ^w : Av.C-A k ^w : Av.C-T q ^w	143
7. PTG *k ^w : PAV *k ^w : Av.C-A k ^w : Av.C-T q ^w	143
8. PTG *tj : PAV *tj : Av.C-A tj : Av.C-T t _ç	143
9. a. PTG *m : PAV *m : Av.C-A b ~ ^m b ~ m : Av.C-T m / ambiente oral (vogal oral em sílaba de acento primário).....	144
9. b. PTG *m : PAV *m : Av.C-A m : Av.C-T m / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário).....	145
10. a. PTG *n : PAV *n : Av.C-A d ~ ⁿ d ~ n : Av.C-T n / ambiente oral (vogal oral em sílaba de acento primário).....	146
10. b. PTG *n : PAV *n : Av.C-A n : Av.C-T n / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário).....	147
11. a. PTG *ŋ : PAV *ŋ : Av.C-A ŋ : Av.C-T ŋ.....	149
11. b. PTG *ŋ : PAV *ɣ : Av.C-A ɣ : Av.C-T ɣ.....	150
12. a. PTG *r : PAV *ɣ : Av.C-A tɣ, tɣ, ɣ, r, γ : Av.C-T dɣ ~ dɣ ~ dl ~ ɣ ~ ɣ ~ l / (j, i_) ou (_V _{ant.}).....	150
12. b. PTG *r : PAV *ɣ : Av.C-A tɣ, ɣɣ ~ ɣl ~ ɣ ~ ɣ ~ r : Av.C-T ɣ / _#.....	151
12. c. PTG *r : PAV *ɣ : Av.C-A tɣ, ɣ : Av.C-T ɣ ou n / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário).....	154
12. d. PTG *r : PAV *ɣ : Av.C-A ɣ ~ r : Av.C-T ɣ ~ G / n.d.a.....	155
13. a. PTG *β : PAV *m : Av.C-A m : Av.C-T m ou i / i_#.....	156
13. b. PTG *β : PAV *w : Av.C-A w : Av.C-T w / _#.....	157
13. c. PTG *β : PAV *w : Av.C-A w̃ ~ w : w̃ ~ w ou ŋ / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário).....	158
13. d. PTG *β : PAV *w : Av.C-A β ~ w ~ G ^w : Av.C-T ɣ ^w ~ wɣ ~ wɣ ^w ~ G ^w ~ wG ^w , w / n.d.a. 158	
13. e. PTG *β : PAV *p : Av.C-A p : Av.C-T p ou w ou Ø /n.d.a.....	159
14. PTG *w : PAV *w : Av.C-A β ~ w ~ G ^w : Av.C-T ɣ ^w ~ wɣ ~ wɣ ^w ~ G ^w ~ wG ^w w / n.d.a. ...	160
15. a. PTG *j : PAV *d ₃ : Av.C-A j ~ ɣ : Av.C-T j / _#.....	161
15. b. PTG *j : PAV *j : Av.C-A j ~ ɣ : Av.C-T n ou j / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário).....	162
15. c. PTG *j : PAV *d ₃ : Av.C-A tj, d ₃ : Av.C-T d ₃ / _V _{anterior}	164
15. d. PTG *j : PAV *d ₃ : Av.C-A tj e d ₃ : Av.C-T dz/n.d.a.....	164
4.2. Queda de consoantes no PAV, no Av.C-A e no Av.C-T.....	167
1. PTG *ʔ : PAV *Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	167
2. PTG *ts : PAV *Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	170
3. PTG *tj : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	172
4. PTG *β : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	173

4.3 Uma discussão das mudanças ocorridas nos fonemas Consonantais do PAV às suas variedades modernas.....	175
4.4 Reflexos das Vogais do AV.C-A e Av.C-T das Vogais do PTG.....	184
1. a. PTG *a : PAV *a : Av.C-A a : Av.C-T a.....	185
1. b. PTG *a : PAV *ã : Av.C-A ã : Av.C-T ã ~ a.....	196
1. c. PTG *a : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T o.....	197
1. d. PTG *a : PAV *a : Av.C-A i : Av.C-T a.....	197
1. e. PTG *a : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	197
2. a. PTG *e : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T e.....	197
2. b. PTG *e : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T i.....	201
2. c. PTG *e : PAV *e : Av.C-A i : Av.C-T e.....	202
2. d. PTG *e : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	202
2. e. PTG *e : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T i.....	202
2. f. PTG *e : PAV *a : Av.C-A a : Av.C-T a.....	202
3. a. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	203
3. b. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	206
3. c. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T j.....	206
4. a. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	206
4. b. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	211
4. c. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	212
4. d. PTG *i : PAV *u : Av.C-A u : Av.C-T u.....	212
4. e. PTG *i : PAV *ũ : Av.C-A ã : Av.C-T ã.....	212
5. a. PTG *o : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T o.....	212
5. b. PTG *o : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T u.....	215
5. c. PTG *o : PAV *a : Av.C-A a : Av.C-T a.....	215
6. a. PTG *u : PAV *u : Av.C-A u : Av.C-T u.....	216
6. b. PTG *u : PAV *u : Av.C-A ã : Av.C-T ---.....	220
7. a. PTG *ã : PAV *ã : Av.C-A ã : Av.C-T ã.....	220
7. b. PTG *ã : PAV *ã : Av.C-A ã ~ i : Av.C-T a ~ i.....	220
7. c. PTG *ã : PAV *ã ou *a : Av.C-A a : Av.C-T a.....	220
8. PTG *ẽ : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T e.....	221
9. PTG *ĩ : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i.....	221
10. PTG *ĩ : PAV *ĩ : Av.C-A i : Av.C-T i.....	222
11. a. PTG *õ : PAV *õ : Av.C-A õ : Av.C-T õ.....	222
11. b. PTG *õ : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T o.....	222
11. c. PTG *õ : PAV *u : Av.C-A u : Av.C-T u.....	222
11. d. PTG *õ : PAV *ũ : Av.C-A ã : Av.C-T i.....	222
12. a. PTG *ũ : PAV *ũ : Av.C-A ã : Av.C-T ã.....	222
12. b. PTG *ũ : PAV *ũ : Av.C-A u : Av.C-T u.....	223
4.5. Queda de Vogais no PAV, no Av.C-A e no Av.C-T.....	224
1. PTG *a : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	224
2. PTG a : PAV a : Av.C-A a : Av.C-T Ø.....	224
3. PTG e : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	224
4. PTG i : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	225
5. PTG o : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø.....	225
4.6 Uma discussão das mudanças ocorridas nos fonemas vocálicos do PAV às suas variedades modernas.....	225
4.7 Mudanças prosódicas ocorridas na história do Avá-Canoeiro: acento e nasalidade.....	231
4.7.1. A expressão de acento e nasalidade em Proto-Tupí-Guaraní.....	231
4.7.2. A expressão de acento e nasalidade em PAV, no Av.C-A e no Av.C-T.....	232
4.8 Algumas Considerações Finais sobre as Mudanças Fonológicas Ocorridas na História do Avá-Canoeiro.....	235
Capítulo 5. Influências Culturais e Linguísticas no Léxico Avá-Canoeiro.....	237

<i>5.1 Influências culturais e linguísticas no Av.C antes do contato oficial</i>	238
<i>5.2 Influências culturais e linguísticas no Av.C após o contato oficial</i>	240
<i>5.3 Algumas considerações</i>	243
CONSIDERAÇÕES FINAIS	244
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	247
APÊNDICE - Imagens	259
ANEXOS – Mapas	267

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Distribuição Sociolinguística dos Falantes Avá-Canoeiro	25
Quadro 2 – Relação de criação para os Guajá (GARCIA, 2015, p.109)	48
Quadro 3 – Genealogia Avá-Canoeiro do Tocantins.....	51
Quadro 4 – Relações Avá-Canoeiro	53
Quadro 5 - Representação da Família Tupí-Guaraní (RODRIGUES & CABRAL, 2002).....	59
Quadro 6 - Dados sociolinguísticos de falantes do Av.C-A trabalhados por Borges (2006).....	68
Quadro 7 - Consoantes do Avá-Canoeiro do Araguaia (BORGES, 2006, p.51).....	69
Quadro 8 – Proposta de Fonologia do Av.C-A à partir de Borges (2006)	85
Quadro 9- Fonemas Consonantais de variedades sociais do Av.C-A.....	100
Quadro 10 – Inventário de Fonemas Vocálicos do Avá-Canoeiro (Borges, 2006)	101
Quadro 11 – Fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro do Araguaia a partir de Borges (2006).....	111
Quadro 12 – Revisão do Inventário Fonológico das Vogais do Avá-Canoeiro do Araguaia.....	114
Quadro 13 - Fonemas consonantais do Av.C-T (A. SILVA, 2015).....	115
Quadro 14 – Revisão da Fonologia Consonantal de Variedades Sociais do Av.C-T	119
Quadro 15 – Fonemas vocálicos e seus alofones (A. SILVA, 2015)	120
Quadro 16 - Revisão da Fonologia Vocálica do Av.C-A.....	121
Quadro 17 – Correspondências sonoras regulares das variedades do Avá-Canoeiro que fundamentam a reconstrução dos fonemas consonantais do PAV	127
Quadro 18 - Fonemas vocálicos no PTG e reflexos no proto-Av.C, Av.C-A e Av.C-T.....	184
Quadro 19 – Neologismos para artefatos e vestimentas	242
Quadro 20 – Empréstimos do Português no Avá-Canoeiro.....	242

LISTA DE SIGLAS

CGIIRC	Cordenação Geral de Índios Isolados e de Recente Contato
CTL	Coordenadoria Técnica Local
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
HC	Hospital das Clínicas
LALLI	Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas
MEC	Ministério da Educação
PIN	Posto Indígena
SESAI	Secretaria Especial de Saúde Indígena
TI	Terra Indígena
UFG	Universidade Federal de Goiânia
UnB	Universidade de Brasília

Abreviaturas para Línguas e Famílias de Línguas

AR	Família Arikém
As-T	Asuriní do Tocantins
As-X	Asuiriní do Xingú
At	Araweté
Av.C	Avá-Canoeiro
Av.C-A	Avá-Canoeiro do Araguaia
Av.C-T	Avá-Canoeiro do Tocantins
AW	Família Awetý
Cl	Cinta Larga
Em	Emerillón
Gj	Guajajára
Gv	Gavião
JU	Família Jurúna
Ka	Káro
Kay	Kamayurá
Kb	Kayabí
Kp	Urubú Ka'apór
Ku	Kuruáya
Ma	Mawé
MA	Família Mawé
Mb	Guaraní Mbyá
MO	Família Mondé
MU	Família Munduruku
Mu	Mundurukú
Pa	Paitér
Pt	Parintintín
PT	Proto-Tupí
PTG	Proto-Tupí-Guaraní
Pk	Parakanã
RA	Família Ramarama
Teh	Tenetehára
Tb	Tupinambá
TG	Família Tupí-Guaraní
Tm	Tembé
Tp	Tapirapé
Tu	Tuparí
TU	Família Tuparí
Wy	Wayampí
Xi	Xipáya
Zo	Zo'é
Zr	Zoró

Abreviaturas para Características Linguísticas

1	Primeira pessoa do singular
1CORR	Primeira pessoa do singular correferente
2	Segunda pessoa do singular
2CORR	Segunda pessoa do singular correferente
3	Terceira pessoa do singular ou do plural
3CORR	Terceira pessoa do singular ou do plural correferente
12(3)	Primeira pessoa do plural inclusiva
12(3)CORR	Primeira pessoa do plural inclusiva correferente
13	Primeira pessoa do plural exclusiva
13CORR	Primeira pessoa do plural exclusiva correferente
23	Segunda pessoa do plural
23CORR	Segunda pessoa do plural correferente
ABLAT	Partícula ablativa
amb.	Ambiente
ARG	Caso argumentativo
ASP	Marca aspectual
ATEN	Atenuativo
CAUS	Causativo
COMPL	Completivo
C.C.	Causativo-comitativo
DAT	Dativo
DÊIT	Dêítico
DESID	Desiderativo
FOC	Foco
FRUST	Frustrativo
GEN	Genuíno
GER	Modo gerúndio
IND.II	Modo indicativo II
INSTRUM	Instrumentivo
INTENC	Intencional
LOC	Caso locativo
LUSIV	Lusivo
NEG	Negativo
n.d.a.	Nos Demais Ambientes
PERLAT	Perlativo
PROIB	Proibitivo
PROJ	Projetivo
PROP	Propositivo
RECIP	Recíproco
REDUP	Reduplicação
REFL	Reflexivo
REL	Relativo

R^1	Prefixo relacional 1
R^2	Prefixo relacional 2
R^3	Prefixo relacional 3
R^4	Prefixo relacional 4
TRANSL	Caso translativo

INTRODUÇÃO

0.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na presente tese de doutorado, revisamos alguns aspectos da descrição da língua Avá-Canoeiro (ISO 639-3 [avv](#)), doravante Av.C, contemplando separadamente o Avá-Canoeiro do Araguaia (Av.C-A) e o Avá-Canoeiro do Tocantins (Av.C-T), com o objetivo de apresentar posteriormente elementos da história dessa língua. Focamos na descrição de mudanças fonológicas e semântico-lexicais, levantando dados tanto de sua história antiga, quando da diversificação das línguas do subramo IV da família Tupí-Guaraní, quanto de sua história recente, quando do contato com a sociedade envolvente.

Tratamos, a seguir, dos objetivos gerais e específicos, da justificativa para a realização da presente pesquisa, da fundamentação teórica, das metodologias de pesquisa adotadas e, finalmente, da organização da presente tese de doutorado.

0.2 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

O objetivo geral deste estudo é o de contribuir para os conhecimentos linguísticos e etnográficos sobre os Avá-Canoeiro, assim como contribuir para o conhecimento da história recente e antiga do seu povo.

Os objetivos específicos deste estudo são:

- (a) Ampliar a discussão de aspectos históricos, linguísticos e socioculturais dos Avá-Canoeiro, em uma perspectiva interdisciplinar;
- (b) Aprofundar a descrição linguística da língua Avá-Canoeiro, no que diz respeito a sua fonética e fonologia, levando em consideração aspectos sociolinguísticos – faixa etária, nascimento anterior ou posterior ao contato e distribuição geográfica atual – distintivos das duas variedades do Av.C-A e do Av.C-T;
- (c) Reunir os resultados de uma comparação das duas variedades do Avá-Canoeiro, realizada à luz do método histórico-comparativo, a fim de contribuir tanto para o conhecimento da natureza e direção das mudanças ocorridas, como para a hipótese de sua inclusão no subramo IV da família Tupí-Guaraní (cf. RODRIGUES, 1984/1985), que conta também sobre a história antiga do povo Avá-Canoeiro;

0.3 JUSTIFICATIVA

Tanto o Av.C-A quanto o Av.C-T encontram-se em grave risco de desaparecimento por conta principalmente de seu número reduzido de falantes, apesar daqueles remanescentes do contato serem majoritariamente monolíngues em Avá-Canoeiro. Além disso, os falantes da variedade mais conservadora, os nascidos antes do contato oficial, encontram-se em idade avançada e alguns desse reduzidíssimo grupo sofrem de problemas graves de saúde, a exemplo das matriarcas representantes do Av.C-T, Matxa, que se encontra cega e portadora de diabetes e hipertensão, e Nakwatxa, que sofre de catarata, osteoporose e desgaste na coluna (cf. A. SILVA, 2014a). Essas duas senhoras são as maiores conhecedoras da língua, cultura e história dos Av.C-T.

Pouco se sabe acerca da história desse povo Tupí-Guaraní, que foi considerado extinto entre a segunda metade do século XIX e a segunda metade do século XX (cf. P. RODRIGUES, 2012, p.75-76). Como o conteúdo mnemônico de sua história é extremamente traumático, para ambos os grupos Av.C (cf. C. SILVA, 2005; P. RODRIGUES, 2012; A. SILVA, 2015), é com muita dificuldade que os últimos Avá-Canoeiro relatam informações fundamentais para o conhecimento do seu passado.

Sobre esse tema, P. Rodrigues, em seu Relatório Circunstanciado sobre os Av.C-A (2012, 2013), contribui com importantes e inéditos dados históricos e antropológicos, que ilustram os últimos 200 anos vividos por esse grupo, com destaque nas situações trágicas que vivenciaram e vicenciam desde o massacre de sua última aldeia, na década de 1960.

É com o estudo, parte dessa tese, desenvolvido à luz do Método Histórico-Comparativo que objetivamos contribuir com dados da história da língua para a história vivida pelos Avá-Canoeiro nesses últimos 200 anos, e também para a sua história linguística no modelo de diversificação interna da família linguística Tupí-Guaraní, evidenciando com quais línguas o Avá-Canoeiro mais se aproxima em termos genético-linguísticos.

A pesquisa cujos resultados forneceram os fundamentos para essa tese, em sua totalidade, contribui primordialmente para a história da língua e da cultura Avá-Canoeiro e, conseqüentemente, traz novos elementos que contribuem para o conhecimento da história dos Avá-Canoeiro, que, sem dúvidas, serve de base para a

implementação de programas que venham a garantir os direitos desse povo, abrindo-lhe espaços para a sua voz, protagonismo e autonomia¹.

0.4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na presente tese, de natureza etno-linguística e histórico-comparativa, a língua é considerada uma ferramenta cultural, isto é, inseparável da cultura (cf. SAPIR 1949; JOURDAN & TUIITE, 2006; EVERETT, 2008 e 2012), e vista de forma dinâmica e representativa de um modo especial de ver e sentir o mundo, sendo a sua principal função a comunicativa.

Para o aprofundamento da descrição fonética e fonológica do Av.C-A e do Av.C-T, consideramos os trabalhos de Pike (1943 e 1947), Goldsmith (1995), Jakobson (2008), Ladefoged & Maddieson (1995, 2001, 2003), Trubetzkoy (1969), Bisol (2010), Blevins (1995), Broselow (1995) e Clements e Hume (1995).

Consideramos também estudos descritivos e histórico-comparativos que tratam de línguas da família Tupí-Guaraní, como os de Rodrigues (1985, 2002, entre outros), Rodrigues e Cabral (2001, 2002, 2006 e 2012), Cabral e Rodrigues (2005), e trabalhos linguísticos de cunho descritivo acerca, sobretudo, de línguas do sub-ramo IV, V e VI desta família (cf. CALDAS, 2001; CORRÊA DA SILVA, 1997, 2005; CABRAL, 2000, 2001, 2002, 2007; CABRAL et al., 2010, 2011^a, 2011^b, 2012^a, 2012^b, 2012^c, 2013^a, 2013^b, 2014; CABRAL & RODRIGUES, 2003; DOBSON, 1988; DUARTE, 1997; HARRISON, 1971, 1975; NICHOLSON, 1975, 1976^a, 1976^b; P. KAMAIWRA, 2010; A. RODRIGUES, 1951, 1953, 2010 [1981], 1996, 2002; SEKI, 2000; AURISTÉA SILVA, 1999; T. SILVA, 2010; SOLANO, 2009).

Na pesquisa sociolinguística variacionista, que nos forneceu resultados importantes para o nosso estudo etnolinguístico, fizemos uso dos modelos teórico-metodológicos propostos por Labov (2008), Trudgill (2015) e Dorian (2010). Os dois últimos autores, por tratarem de sociedades demograficamente reduzidas, nas quais não há grande disparidade de acesso a bens e serviços, muito nos auxiliaram na compreensão de aspectos variacionistas da língua dos Avá-Canoeiro, desenvolvidos na fase de sua história anterior aos últimos massacres. Nessa perspectiva, foram também fundamentais

¹ Desde o contato e em parte até o presente momento, os Avá-Canoeiro foram e são mantidos em uma situação periférica e de invisibilização (cf. PORTELA, 2009), conforme comentaremos no **Capítulo 1. Os Avá-Canoeiro: Aspectos Históricos e Socioculturais**.

os estudos sobre línguas ameaçadas de autoria de Dorian (2014), Thomason (2015) e Keneth & Campbell (2018).

Estudos sobre a pesquisa linguística de campo que nortearam a presente tese foram os de autoria de Thieberger (2014), Crowley (2007) e sobretudo o de Sakel & Everett (2012). Utilizamos também alguns trabalhos de pesquisa de campo em antropologia junto a povos sobreviventes de massacres (cf. C. SILVA, 2005; P. RODRIGUES 2010, 2012, para os Avá-Canoeiro; entre outros), destacando-se a metodologia de pesquisa de campo junto aos Av.C-T que desenvolvemos em trabalhos anteriores (A. SILVA, 2015). E, com respeito à ética em pesquisa de campo em linguística, seguimos principalmente Laine (2000).

A parte do nosso estudo que a mais importante da presente tese, que traz elementos para a história interna do Avá-Canoeiro, por um lado, e para a história do Avá-Canoeiro na família Tupí-Guaraní, guiou-se, naturalmente, pelo Método Histórico Comparativo, como definido e exemplificado por Kaufman (1990), Campbell (1979, 1997a, 1997b, 1998, 2001, 2006, 2007, 2008), Hock (1991) e Hock & Joseph (2009). A aplicação do método à família Tupí-Guaraní e ao tronco Tupí por Rodrigues (1985/6, 1998) e Rodrigues e Cabral (2001, 2002, 2006, 2012) foram cruciais para as hipóteses históricas desenvolvidas nessa tese. Foram ainda contribuições valiosas os trabalhos de Chousou-Polydouri & Wauters (2013) e Michael et al. (2015) sobre a classificação de línguas indígenas sul-americanas, assim como os estudos em linguística histórica de Meillet (1925), Lehmann (1962), Goddard (1975), bem como os de Rivet (1924a), Loukotka (1939, 1948 e 1968), Mason (1950), McQuown (1955). Para o estudo de línguas em contato, seguimos os trabalhos de Thomason & Kaufman (1988), Thomason (1997 e 2001), Campbell & Goddard (1990) e Cabral (1995).

Ressaltamos que consideramos a bibliografia existente sobre a língua Av.C e seu povo, a qual é bastante reduzida: as primeiras referências históricas aos Av.C e à sua língua ao final do século XIX e começo do século XX (cf. COUTO DE MAGALHÃES, 1902; RIVET, 1924b), até o estabelecimento do contato na década de 70 (cf. HARRISON, 1974) e de 80 (cf. TORAL, 1984/5 e s/d), e início das pesquisas linguísticas de fonologia (cf. PAIVA, 1996) e fonologia, morfossintaxe e sintaxe (cf. BORGES, 2002, 2003^a, 2003^b, 2006, 2008^a, 2008^b, 2012; A. SILVA, 2015, 2017).

Finalmente, consideraremos a bibliografia existente sobre os Avá-Canoeiro no campo da antropologia (cf. PEDROSO et alii 1990; PEDROSO 1992, 1994; TOSTA

1997; GRANADO 2002; LEITÃO 2002^a, 2002b; BORGES & LEITÃO 2003; C. SILVA, 2005; P. RODRIGUES 2012, 2013), da musicologia (CALADO, 1998/1999), da geografia (cf. L. SILVA 2010, 2013, 2016) e da história (cf. CUNHA MATTOS, 1875; COUDREAU, 1897; COUTO DE MAGALHÃES, 1902), que muito colaborou para a análise histórica dos dados linguísticos.

0.5 METODOLOGIAS DE PESQUISA ADOTADAS

Os Avá-Canoeiro, por serem de recente contato e terem sofrido redução populacional drástica promovida por massacres a aldeias inteiras, demanda a elaboração de metodologias de pesquisa de campo e de documentação linguística específicas, que requerem a interface com outras áreas do conhecimento, principalmente com a antropologia cultural e política, a psicologia cultural, a fenomenologia de redes sociais. Nas seções seguintes, descrevemos os passos metodológicos utilizados e os princípios teórico-metodológicos norteadores da pesquisa.

0.5.1 Metodologias de descrição e documentação linguística

Em um primeiro momento da documentação linguística, foram utilizadas listas lexicais temáticas – listas temáticas padrão (cf. BOUQUIAUX & THOMAS, 1992; BERLIN et. al., 1986); listas para busca de cognatos na família Tupí-Guaraní e listas sobre tipos de animais e insetos, plantas, entre outros (Listas do Banco de Dados do LALLI/UnB); e listas lexicais já coletadas junto aos Avá-Canoeiro (HARRISON, 1974; TORAL, 1985; BORGES, 2006). Entretanto, logo percebemos que as listas de palavras *per se* não se apresentaram eficientes, quando procuramos elicitare frases que contextualizasse itens lexicais contidos nessas listas e recebíamos como resposta dos falantes monolíngues respostas como “não existe” ou “não tem”.

Passamos então a trabalhar fundamentalmente com dados contextualizados em diferentes situações comunicativas entre os Avá-Canoeiro – na aldeia, em caminhadas, na pescaria, na roça, no banho de rio, entre outros, em que afloram diálogos, narrativas de diferentes naturezas, dentre as quais narrativas biográficas, sobre de períodos importantes para os Avá-Canoeiro e narrativas míticas.

A metodologia participante-observador foi uma constante em nossa pesquisa. O registro da língua Avá-Canoeiro, utilizada nas atividades do dia a dia e em espaços de aprendizagem, foi sempre autorizado pelos Avá-Canoeiro, que mostraram-se, na maioria

das vezes ávidos de curiosidade nos conhecimentos reunidos, à medida que com eles pesquisávamos. Destacamos que o conhecimento cultural e a proficiência na língua Avá-Canoeiro do pesquisador foram fundamentais para seu o trabalho junto aos falantes monolíngues idosos.

0.5.2 Metodologia Sociolinguística

Para a descrição de aspectos sociolinguísticos do Avá-Canoeiro, seguimos a metodologia empregada em nosso estudo anterior (A. SILVA, 2015), por considerar as variantes geográfica, diageracional e de nascimento pré e pós-contato, fundamentais para a descrição da língua, uma vez que forneceu elementos para a distinção entre o Av.C-A e o Av.C-T. No que diz respeito à aplicação da variante diageracional, os falantes Avá-Canoeiro foram assim separados em cinco faixas etárias, com intervalo de aproximadamente 20 anos entre as faixas.

No entanto, somente as três primeiras faixas (I, II e III – ver quadro seguinte) foram as relevantes para a análise fonológica, ilustrando os nascidos antes do contato e a primeira geração de falantes nascida após o contato. Quanto à varianre origem, foi possível separar os falantes nascidos antes do contato oficial e em momento posterior a este. Uma característica dos que nasceram antes do contato oficial é a de serem monolíngues, enquanto que os que nasceram após o contato falam além do Avá-Canoeiro, o Português e o Tapirapé (Av.C-T) e o Português e o Karajá/Javaé (Av.C-A). Essa geração de falantes apresenta diferentes graus de interferência das línguas adicionais faladas por eles no sistema linguístico do Avá-Canoeiro. O quadro seguinte apresenta a distribuição dos falantes segundo as variantes sociais supracitados:

Quadro 1 – Distribuição Sociolinguística dos Falantes Avá-Canoeiro

Origem	Diageracionalidade	
Pré-contato	Faixa I	(66 a 85 anos)
	Faixa II	(46 a 65 anos)
Pós-contato	Faixa III	(26 a 45 anos)
	Faixa IV	(6 a 25 anos)
	Faixa V	(0 a 5 anos)

Essa distribuição permitiu destacar mudanças ocorridas na língua Avá-Canoeiro, decorrentes da depopulação drástica sofrida pelo grupo, que motivou a existência de uma sociedade Avá-Canoeiro que pode ser caracterizada como uma “versão atomizada” de sociedade (cf. C. SILVA, 2005, p.39), ou das situações de pós-contato entre os Avá-Canoeiro e falantes de outras línguas.

Um fato importante a destacar na pesquisa junto aos Avá-Canoeiro é o de que os dois grupos se constituem de poucos indivíduos, o que permitiu observarmos as variações linguísticas nas falas da maioria dos indivíduos agrupados nas faixas etárias dos nascidos antes do contato e da faixa etária relativa à primeira geração nascida após o contato oficial.

Como realizamos uma pesquisa pautada em uma abordagem linguística em que língua e cultura são indissociáveis, a Linguística Antropológica, pudemos reunir conhecimentos linguísticos, reveladores de aspectos culturais do presente dos Avá-Canoeiro, assim como, da sua história passada mais recente. Por outro lado, pudemos observar padrões culturais por meio da língua, beneficiando a qualidade dos resultados esperados com a pesquisa de campo junto a um povo de recente contato, sobre o qual muito pouco é conhecido.

0.5.3 Organização dos Dados Linguísticos

Os dados linguísticos do Av.C-T foram trabalhados em idas a campo principalmente entre os anos de 2012 e 2015, durante o projeto de mestrado “Elementos de Fonologia, Morfossintaxe e Sintaxe da Língua Avá-Canoeiro do Tocantins”, parte fundamental do projeto “Assessoria Linguística junto aos Avá-Canoeiro”. Tivemos poucas oportunidades de trabalho junto aos Av.C-A e, devido a este fato, nos ativamos majoritariamente aos dados constantes em Harrison (1974), Toral (1984), Paiva (1996) e Borges (2006), para o Av.C-A.

Os dados analisados em campo foram aqueles coletados em situações reais de uso, dentre os quais, diálogos entre o pesquisador e os Avá-Canoeiro, ou entre os próprios Avá-Canoeiro. Outros dados coletados em situações análogas consistiram em narrativas biográficas ou míticas. Muito importantes foram os dados coletados entre os anos de 2015 e 2017, quando o pesquisador serviu de acompanhante e intérprete dos Avá-Canoeiro do Tocantins em idas a cidades próximas à Terra Indígena Avá-Canoeiro e em internações

hospitalares, durante as quais foi fundamental o conhecimento prévio do pesquisador de aspectos da cultura Avá-Canoeiro, traduzidas durante a sua função de intérprete dos Avá-Canoeiro com os não-indígenas.

Os dados linguísticos foram gravados por meio de gravadores digitais Zoom H4n e Zoom H1, que permitem registros de alta qualidade, em arquivos digitais de áudio em formato .wav (*waveform*) e frequência de áudio de 44.16 kHz. Esses materiais coletados foram sistematicamente arquivados seguindo um padrão de nomeação específico, elaborado em trabalho anterior (A. SILVA, 2015, p.29 e 30), com vistas a um fácil acesso a cada arquivo e, dentro deste, a cada seleção de dados individuais. Por exemplo, para o arquivo nomeado *avv(t)20121030a_as (2)*, teríamos: *avv* corresponde à língua Avá-Canoeiro, segundo o padrão internacional ISO 639-3 para as línguas do mundo; *(t)* corresponde ao Av.C-T, enquanto *(a)* corresponderia ao Av.C-A; *2012 10 30* corresponde ao ano (2012), ao mês (10) e ao dia (30); *a* corresponde ao arquivo de áudio e, alternativamente, *t* corresponderia a texto; *as*, separado por um sublinhado, refere-se às iniciais do nome do pesquisador, no caso, Ariel Silva; e, finalmente, *(2)* corresponde ao número do arquivo no âmbito do dia, no caso 30/10/2012. Dessa forma, *avv(t)20121030a_as (2)* se refere ao segundo arquivo de áudio do Av.C-T, registrado no dia 30/10/2021, por Ariel Silva.

Além dos arquivos de áudio, conjuntos de dados registrados apenas por escrito em cadernetas de campo, coletados em situações que impossibilitaram a gravação em áudio, em situações de muito ruído ou quando o pesquisador defrontava-se com situações que demandavam sua atenção a fatores externos, como caminhadas em locais de risco ou em contextos hospitalares. Esses dados escritos foram posteriormente digitados em planilhas do *Excel*, de forma a facilitar o acesso.

Os arquivos de áudio foram posteriormente anotados em programa computacional específico, utilizado também na organização de bancos de dados: o *ELAN – Linguistic Annotator*². Assim, para cada seleção de palavras ou frases do arquivo de áudio, fossem inseridas informações quanto (a) à escrita fonológica com separação morfológica; (b) à transcrição fonética utilizando-se do Alfabeto Fonético Internacional – AFI (*International Phonetic Alphabet – IPA*); (c) às glosas morfológicas; (d) a uma tradução livre da palavra ou frase; e, por vezes, (e) a comentários ou observações.

² Sobre o programa *ELAN* e o projeto “The Language Archive” do qual foi fruto, *vide* <<https://archive.mpi.nl/tla/elan/>>, última visualização em Dez./2020.

Esta metodologia possibilitou a reunião de dados em paradigmas, o que gerou maior sistematicidade no conjunto dos dados gravados. Foi possível, por exemplo, com a atualização do que fora inserido no banco de dados anteriormente, revisar o estatuto fonológico de fonemas da língua e identificar com maior previsão e facilidade a distribuição de seus respectivos alofones. Com o auxílio dos diários de campo, foi possível também relacionar os contextos de fala de cada arquivo de áudio, com vistas a relação dos dados linguísticos às informações sociolinguísticas correspondentes.

O Banco de Dados Linguístico do Avá-Canoeiro, assim como o conjunto dos materiais linguísticos sobre o povo e a língua dos Avá-Canoeiro, compõe parte do Banco de Dados das Línguas Indígenas Brasileiras do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas da Universidade de Brasília (LALLI/UnB).

0.5.5 Metodologia de Pesquisa em Linguística Histórica

Para a análise histórico-comparativa do Avá-Canoeiro, nos fundamentamos nos princípios do Método Histórico-Comparativo, seguindo Kaufman (1990), Campbell (1979, 1997a, 1997b, 1998, 2001, 2006, 2007, 2008), Hock (1991) e Hock & Joseph (2009), o qual pautam a necessidade de se comparar os variados subsistemas de uma língua para que se consiga chegar a relações de filiação genética entre línguas de forma mais segura.

No que diz respeito aos estudos reconstitutivos de fonologia, léxico e gramática Tupí-Guaraní, utilizamos como referência Rodrigues (1964, 1983, 1984/1985, 1996, 1998, 2007, 2010), Rodrigues & Cabral (2002, 2011, 2012), Cabral (1996), Dietrich (1990, 2010), Solano & Cabral (2006), Corrêa da Silva (2010), Jensen (1989, 1996) e Lemle (1971).

0.5.5.1 O Método Histórico Comparativo

O Método Histórico-Comparativo, segundo Thomason & Kaufman (1988, p.201-202), serve em princípio a dois propósitos: (a) estabelecimento de relações genéticas para um grupo de línguas e (b) reconstrução de elementos da protolíngua, hipotetizados a partir do estabelecimento da relação entre essas línguas.

Correspondências sonoras regulares são estabelecidas para evitar semelhanças acidentais entre formas e identificar cognatos verdadeiros. No entanto, somente a identificação de correspondências regulares em somente um subsistema não é suficiente para a identificação de línguas geneticamente aparentadas (cf. CAMPBELL, 2013 [1998]). Um exemplo disso para a família Tupí-Guaraní é a não possibilidade de classificação da língua Kokáma na família Tupí-Guaraní, uma vez que essa língua teria várias características de crioulização (CABRAL, 1995; BAKKER, 2020). Como aponta Cabral (1995), por mais que seu léxico básico seja Tupí-Guaraní, a análise minuciosa de seus outros subsistemas demonstram que muito provavelmente falantes de uma língua não Tupí-Guaraní aprenderam imperfeitamente a língua Tupinambá, deixando diversas interferências na morfossintaxe e sintaxe da língua.

Thomason & Kaufman (1988, p.201-202) observam que é fundamental (1) o estabelecimento de correspondências fonológicas em palavras com o mesmo significado ou com significado relacionado, incluindo-se grande parte de vocabulário básico; (2) a reconstrução dos sistemas fonológicos; (3) o estabelecimento de correspondências gramaticais; e (4) a reconstrução de sistemas gramaticais, o máximo possível. No entanto, quando mais de duas línguas estão envolvidas, a aplicação do Método Histórico-Comparativo comporta também (5) a construção de modelos de subagrupamento de línguas e (6) a elaboração de um modelo de diversificação.

Segundo os autores (*op. cit.*), a ‘reconstrução’ pressupõe a verificação sistemática de regularidade entre as correspondências nos níveis linguísticos sobretudo fonológico, morfológico, morfossintático e por vezes sintático, uma vez que é a regularidade que permite a formulação de um conjunto diacrônico específico de regras de mudanças para cada língua, o qual irá derivar as formas fonológicas dos morfemas atestados advindos dos morfemas reconstruídos, e as regras gramaticais atestadas advindas das regras gramaticais reconstruídas. Neste sentido, concluem os autores, se um ou mais dentre os pontos (1) - (4) não forem atingidos, a hipótese de relação genética entre línguas não é considerada como consolidada.

Com isto, conforme observam Thomason & Kaufman (*op. cit.*), hipóteses que se pautam somente em correspondências sonoras ou correspondências de significado, em correspondências não sistemáticas e não regulares ou exclusivamente em listas lexicais não são consideradas muito profícuas, uma vez que mais evidências são requeridas para que uma hipótese sólida de relacionamento genético entre línguas seja amplamente aceita.

Estes critérios são fundamentais, segundo os autores (*op. cit.*), uma vez que deve-se distinguir os fenômenos genéticos dos fenômenos de contato linguístico e dos fenômenos areais. Ou seja, é fundamental distinguir (a) as características sincrônicas das línguas sob análise que correspondem a reflexos de características da protolíngua, sendo estas consideradas como evidências de relacionamento genético dos (b) elementos linguísticos que evidenciam interferência entre os sistemas linguísticos e que sinalizam para os possíveis graus de intensidade de contato e para a proficiência relativa dos falantes da(s) língua(s) em contato; e das (c) características linguísticas que evidenciam estruturas tipológicas compartilhadas entre línguas que não possuem relação genética entre si, características essas que são encontradas em línguas faladas em regiões determinadas.

0.5.5.2 Listas de Cognatos

No âmbito de estudos comparativos em Linguística Histórica, busca-se a comparação de itens lexicais que possuam um significado relacionado e que a forma sincrônica possa ser deduzida a partir de regras diacrônicas de mudanças sonoras (CAMPBELL, 2013 [1998]). Neste sentido, um dos tipos de listas utilizados refere-se a listas de cognatos, os quais são compostos de formas semântico-lexicais equivalentes para um conjunto de línguas aparentadas e reconstruíveis para a protolíngua do grupo de línguas em questão.

De forma geral, cognatos seriam considerados então um conjunto de itens lexicais sem polissemia, uma vez que o Método Histórico-Comparativo não permite a reconstrução de formas variantes, em termos geossociolinguísticos. No entanto, caso haja de maneira uniforme uma variação polissêmica nas línguas estudadas, esta pode ser reconstruída para a proto-língua. Neste sentido, a permanência da semântica original ou de mudanças semânticas passíveis de terem seu percurso de mudança explicados são fundamentais.

Abordagens lexicoestatísticas, no entanto, usualmente se pautam ou exclusivamente no léxico para o estabelecimento de relações genéticas e classificação interna de famílias ou troncos (STAROSTIN, 2010) ou no uso de modelos puramente quantitativos como o modelo filogenético-bayesiano, para o estabelecimento de relações genéticas e de classificação interna de famílias e troncos (GREY & ATKINSON, 2003; e outros).

Essas metodologias não foram utilizadas na presente tese, pois se pautam exclusivamente ou quase exclusivamente em um subsistema linguístico apenas.

0.5.6 Metodologia de Pesquisa de Campo

A metodologia de pesquisa de campo se pautou na peculiaridade dos dois grupos Avá-Canoeiro como povos de recente contato e sobreviventes de massacres; por terem sofrido redução populacional; por terem vívidas as memórias traumáticas do massacre, dos traumas do período de isolamento e sobrevivência, dos traumas do contato e dos traumas do período do pós-contato.

A pesquisa de campo seguiu a metodologia já elaborada por nós (A. SILVA, 2015), para o trabalho junto aos Av.C-T com os quais a pesquisa se iniciou em 2012. Inicialmente, foram levadas em consideração as discussões fundamentais acerca de pesquisas de campo junto a povos de recente contato, por Cabral et al. (2008). As idas a campo junto aos Av.C-T ocorreram de 2012 a 2015 e buscaram ser sempre breves, de aproximadamente cinco a quinze dias, buscando-se sempre respeitar o dia-a-dia dos Avá-Canoeiro bem como sua privacidade. Como apontam Cabral et al. (2008, p.7), com relação à pesquisa de campo realizada junto ao Zo'é, povo também de recente contato, cabe “ao pesquisador redimensionar a cada momento seus planos de trabalho de pesquisa, retardando-os e/ou reformulando-os em função das oportunidades surgidas durante sua permanência na área”.

A permanência em curtos períodos de tempo foi pensada em razão do fato dos Av.C-T serem somente uma família e do pesquisador ter percebido em sua interação com os Avá-Canoeiro se a sua presença em certas situações parecia incômoda. Diferentemente da pesquisa de campo junto aos Zo'é, em que o pesquisador poderia se dirigir a outra aldeia no caso deles terem se deslocado para outro lugar (cf. CABRAL et al., 2008, p.9-10), é a presença constante do pesquisador junto aos Avá-Canoeiro que pode, com o tempo ou a depender das atitudes deste, gerar incômodos para o povo indígena.

As idas a campo foram pensadas também no sentido delas serem desenvolvidas progressivamente, de forma que o pesquisador pudesse, ao longo das interações cotidianas com os Avá-Canoeiro, criar junto a eles elos de confiança. Assim, o aprendizado da língua se desenvolveu também de forma progressiva, permitindo ao

pesquisador ter mais conhecimento acerca do diferencial que sua presença e seu trabalho poderia trazer aos Avá-Canoeiro (cf. A. SILVA, 2014a).

O pesquisador foi acionado diversas vezes ora pela SESAI ora pela FUNAI, para que prestasse assessorias ou consultorias, o que lhe garantiu a oportunidade de atuar como intérprete em ambientes hospitalares, entre os anos de 2013 a 2017, quando houve o diagnóstico e tratamento de pneumonia, tuberculose pleural e linfoma entre aos Av.C-T. Essas duas últimas doenças foram diagnosticadas no já falecido patriarca Av.C-T, o único homem remanescente do contato oficial. O tratamento do linfoma perdurou por aproximadamente 5 anos, e, em 2017, quando o câncer já estava em estágio avançado e extremamente agressivo, o pesquisador atuou de forma intensa e exaustiva como acompanhante, intérprete e articulador (entre o hospital onde se encontrava, a SESAI, a CASAI, a FUNAI e os seus amigos que se encontravam em Goiânia, na época), possibilitando ao enfermo um atendimento ágil e de qualidade, por seu trabalho levar em consideração ao mesmo tempo as especificidades socioculturais dos Avá-Canoeiro relativas à saúde e à doença e a visão biomédica.

Dessa forma, a interação com os Avá-Canoeiro durante as pesquisas de campo seguiu os princípios éticos do respeito à diferença, da busca pela manutenção da autonomia Avá-Canoeiro e do consentimento para a realização da pesquisa e do consentimento para os registros em áudio e vídeo.

O aprendizado da língua Avá-Canoeiro por parte do pesquisador foi fundamental no trabalho com o povo, sobretudo com os remanescentes monolíngues do contato. Ressaltamos que o aprendizado também se beneficiou da etnografia dos espaços de atividades do dia-a-dia dos Avá-Canoeiro - como os espaços de criação de animais (Foto 1 e Foto 2), os arredores das casas (Foto 4 e Foto 9), a roça (Foto 3 e Foto 5), as rotas para caça, pesca e coleta (Foto 7 e Foto 8), a varanda-escola (Foto 11, Foto 12 e Foto 13), a caminhada (Foto 14), entre outros - como “espaços de aprendizagem” para os Avá-Canoeiro (L. SILVA, 2016; L. SILVA & A. SILVA, 2018). Estes espaços constituem-se como construções socioespaciais onde o conhecimento, mediado pelo fazer, pela prática e pela performance, é atualizado a cada geração, e onde diversos experimentos e testes são feitos com novos elementos que são apropriados pelos Avá-Canoeiro, como cabos de ferramentas – enxadas, foices, martelos, entre outros.

Um dos fatos que merece destaque é que das histórias narradas pelos Av.C-T emergiram cenas relativas a episódios traumáticos para eles. Percebendo esses fatos, o

pesquisador buscou instrumentalizar-se com respeito a conhecimentos da psicologia cultural, da etnopsiquiatria, da etnopsicologia e da etnopsicanálise, focando tanto em como as diferentes culturas possuem ferramentas diferenciadas para a manutenção da saúde mental de seu povo – o uso da ritualização da dor como forma de atravessá-la, entre outros; como também conceitos da psicologia –, como os conceitos de inconsciente, projeção, recalque, entre outros. Assim, o pesquisador preparou-se para interagir com um mínimo de segurança no trato daqueles episódios junto aos Av.C-T, mas, ciente das dificuldades dos Avá-Canoeiro com esses assuntos, solicitou, sem sucesso, que a SESAI e a FUNAI providenciassem um profissional especializado para lidar com os Avá-Canoeiro, minimizando os sofrimentos causados pelos traumas sofridos por eles em sua história de vida.

A realização de estudos preliminares e a observação constante de aspectos sociais, culturais e psicológicos mostraram-se fundamentais para uma interação ética e saudável do pesquisador junto aos Avá-Canoeiro.

Finalmente, a pesquisa buscou também complementar medidas de fortalecimento linguístico-culturais e medidas educacionais em benefício dos Av.C, por meio de assessoria linguística para a FUNAI, SESAI e CASAI, na qualidade de intérprete; e na sua atuação junto à Escola Indígena Ikatuté, com vistas à formação complementar e continuada para professores atuantes junto aos Av.C. Nesse conjunto de ações, destacamos a elaboração de materiais escritos e fomento ao uso de novas mídias de interação voltadas ao fortalecimento dos contextos interacionais em Av.C. Destacamos também a participação do pesquisador no trabalho continuado de registro da memória Av.C, seja no âmbito dos deslocamentos, massacres etc. que sofreram desde o século XVII, quanto de âmbito cultural, sendo estes materiais para uso prioritário pelos Av.C e em benefício destes.

Procurou-se dar um retorno imediato da pesquisa aos Avá-Canoeiro, à FUNAI, à SESAI e à CASAI-GO, aplicando os conhecimentos adquiridos pelo pesquisador, nas respostas às demandas que lhe chegavam. O retorno também foi imediato na atuação do pesquisador junto ao Grupo de Trabalho sobre a Educação Escolar Indígena Avá-Canoeiro.

0.7 ORGANIZAÇÃO DA PRESENTE TESE DE DOUTORADO

A presente tese se subdivide em cinco capítulos. O **Capítulo 1. Os Avá-Canoeiro: Aspectos Históricos e Socioculturais** trata dos dados históricos já publicados sobre os Avá-Canoeiro, tanto dos Avá-Canoeiro do Araguaia e dos Avá-Canoeiro do Tocantins, quanto dos possíveis grupos Avá-Canoeiro em isolamento voluntário. Esse capítulo traz alguns dos aspectos que caracterizam os Avá-Canoeiro em sua especificidade e, para isso, apresenta notas etnográficas e etnolinguística sobre os Avá-Canoeiro. O **Capítulo 2. A Língua Avá-Canoeiro** discute a classificação da língua Avá-Canoeiro no âmbito da família linguística Tupí-Guaraní, situa o debate sobre o Av.C-A e o Av.C-T serem línguas distintas ou dialetos de uma mesma língua e apresenta ainda um breve diagnóstico de vitalidade da língua Avá-Canoeiro. No **Capítulo 3. Revisão da Fonologia do Avá-Canoeiro**, revisamos a descrição fonológica da língua Avá-Canoeiro, levando em consideração aspectos geolinguísticos e sociolinguísticos. Para que isso fosse possível, esse capítulo discute os dados fonéticos colhidos pelos primeiros linguistas que pesquisaram o Avá-Canoeiro (HARRISON, 1974; TORAL, 1983), bem como análises fonológicas do Avá-Canoeiro do Araguaia (PAIVA, 1996) e de ambas as variedades (BORGES, 2006). No **Capítulo 4. Mudanças Fonológicas no Avá-Canoeiro** apresentamos uma lista de correspondências sonoras regulares entre o Av.C-A e o Av.C-T, o que teria sido o Proto-Tupí-Guaraní, bem como a nossa proposta do que teria sido o Proto-Avá-Canoeiro (PAV), a língua falada pelos ancestrais Avá-Canoeiro antes da separação dos dois grupos atuais. A partir dessa lista, discutimos as principais mudanças fonológicas encontradas, com foco nas mudanças consonantais, vocálicas e prosódicas, essas últimas referentes ao acento e à expressão de nasalidade. O **Capítulo 5. Influências Culturais e Linguísticas no Léxico Avá-Canoeiro** discute a ocorrência de mudanças semântico-lexicais e o surgimento de neologismos e empréstimos na língua Avá-Canoeiro como evidências de contato cultural e posteriormente contato linguístico com a sociedade envolvente. Dessa forma, esse capítulo apresenta essas evidências linguísticas para um estágio de contato cultural sem contato linguístico, antes do contato oficial; um estágio de contato linguístico de baixa intensidade; e um estágio de contato linguístico de alta intensidade, quando do nascimento de novas gerações de falantes, bilíngues, após o contato oficial.

CAPÍTULO 1. OS AVÁ-CANOEIRO: ASPECTOS HISTÓRICOS E SOCIOCULTURAIS

1.0 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A OCUPAÇÃO TUPÍ-GUARANÍ NO CENTRO-OESTE

Segundo Gonzales (1995 *apud* SCHMIDT et al., 1996, p.191-192), povos Tupí-Guaraní teriam chegado à bacia do Rio Tocantins antes da chegada de colonizadores portugueses e bandeirantes. Para os autores, registros arqueológicos de elementos de cultura material encontradas no Rio Doce, à oeste do estado de Goiás, seriam datados do séc. XII e indicariam empréstimo cultural de tradição Tupí-Guaraní junto a outros povos, sejam esses povos Tupí-Guaraní ou não. Já estruturas de aldeias inteiras de povos Tupí-Guaraní, encontradas no Rio Paranã, ao norte do mesmo estado seriam datadas do séc. XV e apontariam para a presença dos prováveis ancestrais dos Avá-Canoeiro na bacia do rio Tocantins (BARBOSA, 2014; SHMIDT et al., 1996).

Para Barbosa (2014), essa última datação indicaria que os ancestrais dos atuais Avá-Canoeiro reforçaria a hipótese defendida por Couto de Magalhães (1863). De que eles seriam descendentes de um grupo de indígenas Guaraní Carijó, o qual teria se deslocado ao centro do Brasil em bandeiras.

Essa hipótese, no entanto, não se sustenta ao levarmos em consideração dados históricos fornecidos por outras disciplinas, como a linguística. Rodrigues (1984/1985), ao comparar o Avá-Canoeiro às demais línguas da família Tupí-Guaraní, classifica-o junto às línguas setentrionais do subramo IV, conforme discutimos em **2.1. A Língua Avá-Canoeiro no âmbito da Família Tupí-Guaraní**. Línguas que hoje se localizam em regiões do baixo Rio Tocantins e médio Araguaia, nos estados do Mato Grosso, Amazonas, Pará e Maranhão.

Ao invés de terem vindo da costa brasileira, é mais provável que os ancestrais dos atuais Avá-Canoeiro estariam no baixo Rio Tocantins antes do séc. XV e teriam subido o Rio Tocantins quando da chegada dos Tupinambá no baixo Rio Tocantins ou quando da chegada dos bandeirantes nessa região, tendo chegado na bacia do Rio Tocantins no séc. XV, como apontam as evidências arqueológicas.

Não sabemos, no entanto, quais teriam sido os motivos para tal expansão rumo ao Centro-Oeste, mas notamos que os dados linguísticos do Avá-Canoeiro

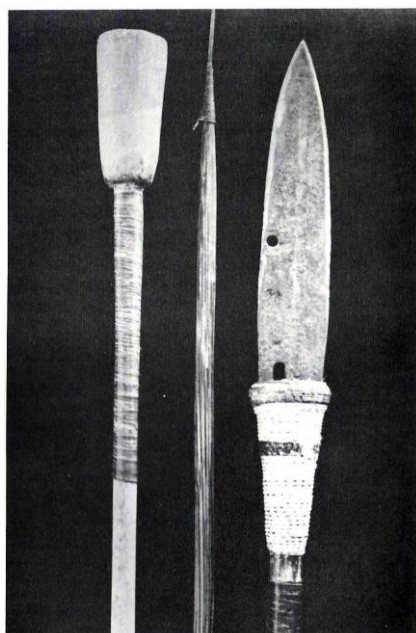
estudados até o presente não apresentam empréstimos significativos da língua geral ou do Tupinambá nessa língua. Isso indicaria que muito provavelmente não chegaram a estabelecer contato cultural significativos com esses povos.

É provável que novos dados arqueológicos da região do Centro-Oeste trarão luz quanto a presença histórica de povos Tupí-Guaraní ao longo do Rio Tocantins, o que contribuiria de forma importante para testar essa hipótese.

1.1 OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS AVÁ-CANOEIRO

Os primeiros contatos com os Avá-Canoeiro ou “Canoeiros”³ à época somente serão noticiados três séculos depois da provável subida do Rio Tocantins pelos ancestrais dos Avá-Canoeiro, isto é, a partir da primeira metade do século XVIII. Documentos oficiais e relatos de viajantes tratam das dificuldades e dos problemas encontrados na navegação dos Rios Tocantins e Araguaia (PEDROSO, 1994). As “dificuldades” dizem respeito principalmente do fato dos Avá-Canoeiro não terem interesse no contato permanente, respondendo as ofensivas dos colonizadores com a mesma agressividade.

Imagem 1 – Tipos de flechas Avá-Canoeiro



(Fonte: Pedroso, 1994, p.110)

³ Vários outros grupos de indígenas foram denominados “Canoeiros” devido a sua habilidade em andar de canoas. Os Avá-Canoeiro receberam essa denominação até o primeiro contato oficial na década de 1970, quando constata-se a relação dessa língua com outras línguas Tupí-Guaraní, recebendo, a partir de então a denominação “Avá-Canoeiro” (cf. Toral, 1984/5).

No entanto, muito provavelmente devido à maior agressividade da tecnologia bélica dos colonizadores, estes conseguem levar os Avá-Canoeiro ao seu quase desaparecimento, fazendo com que fossem considerados “quase extintos” no final do século XIX. Observados com isso, que desde o século XVIII, os grupos de Avá-Canoeiro que tradicionalmente ocupavam o interflúvio Araguaia-Tocantins passaram a sofrer com massacres, perseguições e deslocamentos forçados.

Segundo Pedroso et al. (1990, p.13), ao longo do século XX, governos locais e fazendeiros continuaram a perseguição e dizimação dos grupos Avá-Canoeiro remanescentes dos últimos dois séculos de chacinas. Foi somente com o contato permanente de dois grupos de sobreviventes Avá-Canoeiro, na segunda metade do séc. XX, os Av.C-A e os Av.C-T, que esse quadro tenderia a acabar.

1.2 OS AVÁ-CANOEIRO NA ATUALIDADE

Os Avá-Canoeiro ou *Ãwa* são atualmente dois grupos distintos. O primeiro, chamado de Avá-Canoeiro do Araguaia, se localiza principalmente na Terra Indígena Javaé, Ilha do Bananal, ao sul do estado do Tocantins, somando quase 30 indivíduos, sendo que somente um destes é remanescente do contato forçado ocorrido em 1973 e 1974. O segundo grupo, chamado de Avá-canoeiro do Tocantins, se localiza na Terra Indígena Avá-Canoeiro, ao norte do estado de Goiás, entre os municípios de Minaçu e Colinas do Sul. Somam atualmente oito indivíduos, sendo que destes, três são remanescentes do contato que eles estabeleceram com regionais em 1983.

Além desses dois grupos, há a possibilidade de existência de dois outros grupos Avá-Canoeiro em isolamento voluntário, um na Mata do Mamão, na Ilha do Bananal (Patrícia Rodrigues, 2012), e outro na região da Chapada dos Veadeiros (VIEIRA, 2007). Enquanto se tem notícias recentes da presença do primeiro grupo (JUSTIÇA FEDERAL, 2019), pouco se sabe na última década sobre a presença do segundo.

Os Av.C-A e os Av.C-T, segundo Rodrigues (2013, pg.111), possuem uma distância histórica de aproximadamente 180 anos, não reconhecendo hoje em dia “vínculos de qualquer natureza entre si”. Este tempo traduz-se nas experiências diferenciadas pelas quais passaram, seja no que tange às perseguições e massacres

ocorridos sobretudo nos séculos XIX e XX, ao modo como o contato foi estabelecido em meados das décadas de 70/80, ou à manutenção do grupo dentro de uma Terra Indígena⁴.

1.2.1 Os Avá-Canoeiro do Rio Araguaia

Nos anos de 1973 e de 1974, um grupo Avá-Canoeiro de onze indivíduos foi contatado violentamente pela FUNAI na região da Mata Azul (P. RODRIGUES, 2012, 2013). Este, segundo a autora (*op. cit.*) seria um grupo de Avá-Canoeiro sobreviventes do massacre da aldeia da “Lagoa da Onça”, ocorrido na década de 1960 (*vide Mapa 11*).

Conforme comenta a autora (P. RODRIGUES, 2012), o contato realizado de forma agressiva teria deixado uma indígena morta à bala e todos traumatizados com fogos de artifício. Foram levados em seguida acorrentados até um vilarejo próximo (*op. cit.*) e posteriormente deslocados à força para a aldeia *Canoanã*, na Ilha do Bananal, aldeia Javaé e Karajá onde estão há aproximadamente 50 anos (*op. cit.*) na condição de espólio de guerra por parte desses dois povos indígenas, passando necessidades e carecendo de direitos humanos básicos.

Em 2012, os Av.C-A, por meio de assessoria antropológica, dão início a um processo jurídico de reparação de danos perante a União e a FUNAI e ao pedido de delimitação de sua terra de ocupação tradicional antes do contato, nomeada como Terra Indígena Taego ãwa, em referência à esposa do patriarca já falecido do grupo (*vide Mapa 2*).

Até o momento, no entanto, não possuem terra própria, e, por consequência disso, não têm condições de exercer seus direitos a uma educação diferenciada e específica, que leve em consideração a sua língua e a sua cultura. Ficaram ainda, como comenta Patrícia Rodrigues (2012), por bastante tempo desassistidos do seu direito à mobilidade e ao acesso à segurança alimentar, uma vez que, em situação de cativos, o que plantavam deveria ser dividido com outros indígenas.

De forma ampla, Patrícia Rodrigues (2012, p.118) comenta que a sobrevivência do grupo dentro do contexto do massacre deve se pautar no

“(…) conceito de “resiliência” (Ramos, 2010), mais dinâmico e complexo do que o de “resistência”, que tem um caráter estático de

⁴ Sobre a atuação do indigenismo empresarial perante os remanescentes Avá-Canoeiro do Tocantins, remeto o leitor ao trabalho de Silva (2005), onde descreve o funcionamento dos mecanismos tutelares da FUNAI frente à este povo, e as estratégias encontradas por eles para esta nova situação: “Cativando Maira”. Quanto ao modo brutal como o contato foi estabelecido com os Avá-Canoeiro do Araguaia, bem como quanto à sua permanência na Terra Indígena Javaé, remeto o leitor à pesquisa de Rodrigues (2013).

mera oposição a uma situação imposta, fornece uma terceira via mais fiel à realidade, uma vez que se baseia em uma mediação permanente e criativa entre o passado pré-contato e o presente, entre a tradição herdada e a situação de dominação, entre as categorias culturais nativas e as novas relações de poder incontestáveis (ver Albert & Ramos, 2000). O modo como os Avá-Canoeiro lidam com a situação de opressão a que foram e ainda estão submetidos – uma das mais graves do Brasil – é indissociável do aparato cultural que os guiou e os orientou até hoje. Nessa mediação entre tradição e dominação, tem-se uma contínua recriação da identidade, que não permanece estática (pois os atuais Avá-Canoeiro não são mais idênticos aos seus antepassados) nem se transforma tanto a ponto de deixar de existir (pois os Avá-Canoeiro não deixaram de continuar sendo o povo *Áwa*, apesar do novo contexto)”.

1.2.2 Os Avá-Canoeiro do Rio Tocantins

No estado de Goiás, segundo Pedroso (1994), há registros da destruição de uma aldeia Avá-Canoeiro inteira entre os municípios de Uruaçu e Formoso de Goiás, no final da década de 1920. Entre 1957 e 1960, teria havido um outro massacre de uma aldeia inteira, nas proximidades do Rio Praia Grande, no município de Campinaçu (*op. cit.*, p.14). Ainda no mesmo município, nos anos de 1961 e 1963, “houve o massacre de uma aldeia da Mata do Café, localizada próximo às terras que margeiam o Rio Carneiro” (*vide Mapa 12*). Nesta época, haveria “mais duas aldeias naquela região, uma no Rio Boa Nova e outra no Córrego Três Ranchos”. A partir de então, segundo os autores, a FUNAI teria montado duas frentes de atração com o fim de contatar, sem sucesso, grupos sobreviventes deste massacre, no interflúvio dos rios Araguaia e Tocantins.

Em junho de 1983, um grupo de quatro Avá-Canoeiro, três mulheres e um homem, estabeleceu contato “de forma espontânea com um morador da região” da Serra da Mesa, em Goiás (cf. GRANADO, 2002, p.57). Estes, conforme comenta Granado (*op. cit.*), teriam sido alguns dos sobreviventes do massacre ocorrido na Mata do Café. Segundo relato de Matxa, “fugiram junto com ela, do massacre de que foram vítimas, outras seis pessoas, sua mãe, um irmão, além de Nakwátxa sua irmã, o homem que viria ser o pai de sua filha, além de Txiugutxawaga e sua mãe” (*op. cit.*). Matxa, ao longo dos primeiros anos após o massacre, teve a bebê Tuia, a qual, após o contato oficial com os *Maila* (“brancos”), passou a ser esposa de Txiugutxawaga. Por serem primos paralelos, a princípio não poderiam ter relações conjugais. Por interferência da FUNAI, segundo Cristhian Silva (2005), eles tiveram um casal de filhos na segunda metade da década de 1980. Na primeira década dos anos 2000, sua filha se casou com um indígena da etnia Tapirapé e hoje têm dois filhos e uma filha.

Para o autor (2005, p.39), a depopulação causada pelo massacre teria reduzido os Avá-Canoeiro a um “átomo social”, o qual conteria alguns dos papéis centrais de uma família. Segundo o autor (*op. cit.*),

as unidades sociais de onde [os Avá-Canoeiro] vinham eram, coincidentemente ou não, as famílias nucleares (pai, mãe e seus filhos) associados a um sobrinho e uma irmã (da mãe). Desse modo, dizer que a sociedade avá-canoeiro foi reduzida a versões atomizadas deve nos trazer à mente – em acordo com a definição de “átomo de parentesco” elaborada teoricamente por Claude Lévis-Strauss (1996 1945), p.66) – o extremo a que se chegaram os avá-canoeiros para sobreviver autonomamente.

Do massacre de sua aldeia na “Mata do Café”, ocorrido no início da década de 1960, até o contato que os Av.C-T fizeram, em 1983, esse grupo ressignificou diversos elementos socioculturais, motivados, principalmente, pelo contexto da fuga e perseguição, e pela redução populacional drástica de aproximadamente 100 pessoas para sete, após o massacre, e posteriormente quatro, quando do contato (cf. GRANADO, 2005; C. SILVA, 2005).

Além disso, o grupo sobrevivente não teve mais possibilidades de manter a agricultura tradicional dos Tupí-Guaraní, com o plantio de mandioca, milho, batata, amendoim entre outros, passando a se alimentar majoritariamente de coletas, caça e pesca. É conhecida, desde as primeiras notícias sobre os “Canoeiros”, a forma como coletavam em fazendas – tanto utensílios e ferramentas, como também milhos entre outros – e a forma com que costumeiramente caçavam também em fazendas, buscando sobretudo a carne de cavalo (PEDROSO, 1994).

É importante notar que a caça e a coleta se dá em regiões de abundância de algo. Se um lugar possuir abundância de milho ou de cavalos, por exemplo, será um ótimo lugar de coleta e de caça, respectivamente. Isso foi erroneamente mencionado como “roubo” na literatura não científica, devido à não compreensão desses elementos socioculturais Avá-Canoeiro por parte de seus autores.

Em comparação com outras culturas Tupí-Guaraní, discutimos em um trabalho anterior (SILVA & UNTERBAUMAN, 2015) a forma com que rituais, astros e constelações, e objetos de cultura material são utilizados como marcadores temporais pelos Tapirapé e pelos Guaraní Mbyá, diferentemente do que seria observado junto aos Avá-Canoeiro. A temporalidade Avá-Canoeiro, conforme observado pelos autores (*op. cit.*) seria marcada de forma relacional, à partir da observação da relação do estado de existência de um objeto, ou da ocorrência de um evento, com o estado de existência de

outro objeto ou com a ocorrência de outro evento. Desta forma, por exemplo, o pequi de tamanho médio indicaria o período de plantio de milho, pois indicaria uma maior frequência de chuvas e água suficiente no solo; a existência consecutiva de quatro diferentes tipos de cigarras, juntamente com o aparecimento de alguns tipos de frutos, indicariam a progressão da estação das chuvas; entre outros.

Esta forma de mapeamento do tempo se diferenciaria da externalização do tempo pelas festas e rituais Tapirapé, que ocorrem em períodos específicos do ano, e pelo uso de astros e constelações como marcadores temporais pelos Guaraní (cf. AFONSO, 2013). Essas formas de mapeamento do tempo diferem ainda da externalização do tempo por instrumentos como relógios e calendários, frequente nas sociedades não indígenas, como observado por Bernardez & Sinha (2016).

Como observamos, tanto os Av.C-A como os Av.C-T compartilham de vários elementos em sua história recente e com isso vários elementos de suas especificidades.

1.2.3. Os Avá-Canoeiro em Isolamento Voluntário

Após os contatos ocorridos em 1973/1974 e 1983, a FUNAI manteve frentes de atração nos lugares próximos às regiões onde o contato ocorreu.

Em 1985, na região de Unaí, localizada no noroeste do estado de Goiás (C. SILVA, 2005, p.72-82), uma frente coordenada pelo antropólogo André Toral e contou com a presença dos indígenas Avá-Canoeiro recém contatados, Txiugutxawaga (Av.C-T) e Agaek (Av.C-A). São identificados indícios de presença de outros indígenas na região, como pegadas recentes e restos de sementes de jatobá (*op. cit.*, p.74). No entanto, o esperado contato com os prováveis indígenas Avá-Canoeiro não ocorreu e “a FUNAI entrou em um período de inatividade com relação às frentes de atração em função das tensas negociações com Furnas com relação aos termos do Convênio para a administração dos avá-canoeiro e seu território” (SILVA, 2005, p.76).

Aproximadamente vinte anos depois, no ano de 2007, a Coordenação de Índios Isolados e de Recente Contato (CGIIRC/FUNAI) solicitou nova busca por evidências de indígenas Avá-Canoeiro em isolamento voluntário no norte de Goiás, devido a relatos de moradores regionais ao órgão. Elisa Vieira (2007), antropóloga, encontra informações importantes sobre a presença de indígenas na região e solicita a continuação da investigação por equipe multidisciplinar a ser formada para esse fim, para

atuação em Cavalcante, Colinas do Sul e Monte Alegre. No entanto, as pesquisas não foram continuadas e pouco se sabe da presença desses grupo de indígenas até então.

Sabe-se, no entanto, da presença de indígenas isolados na região da Mata do Mamão, localizada no centro-norte da Ilha do Bananal, estado do Tocantins. A FUNAI, no entanto, não manteve esforços para a localização desses indígenas. Av.C-A não contatados na década de 1970, pois, conforme observa P. Rodrigues (2012, p.250), “os Avá da Mata do Mamão não incomodavam a nenhum grande proprietário”.

Com a mudança da política do contato após a homologação da Constituição Federal de 1988, a localização dos indígenas em isolamento voluntário se torna prioritária frente a um contato forçado (VAZ et al., 2016). Os Avá-Canoeiro da Mata do Mamão acabam por não ter o apoio do Estado em sua localização e proteção, fazendo com que o número de relatos de sua existência aumente proporcionalmente à urgência de sua proteção. Em outubro de 2019, por exemplo, um grupo de oito indígenas foi avistado por um helicóptero no âmbito de um incêndio de grandes proporções na região da Mata do Mamão (JUSTIÇA FEDERAL, 2019). Além disso, haveria evidência de um indígena desse grupo ter sido morto por um fazendeiro da região, conforme inquérito da Justiça Federal contra a União (*op. cit.*). A Justiça Federal determinou ainda, no fim de 2019, a restrição da circulação de pessoas na Mata do Mamão e a necessidade do estabelecimento de medidas para a localização de registros desse grupo, com o fim de garantir a sua sobrevivência física e cultural (*op. cit.*).

1.3 ESPECIFICIDADES AV.C NO CONTEXTO BRASILEIRO

Os Avá-Canoeiros são classificados na categoria de Índios de Recente Contato, de acordo com a CGIIRC/FUNAI. O conceito leva também em consideração o seu estado de vulnerabilidade, além do fato de serem um grupo minoritário. A sua vulnerabilidade trata de questões que demandam proteção física, segurança alimentar, atenção especial à saúde e proteção à terra, uma vez que a interação com exploradores de madeira, caça e minério são majoritariamente relações tensas, que ameaçam a vida desses povos; entre outros.

Além de serem considerados de recente contato, os Avá-Canoeiro são sobreviventes dos massacres de suas últimas aldeias, ocorridos na década de 1960, tendo passado entre dez e vinte anos em fuga e em esconderijos, sofrendo perseguições constantes e ocupando lugares que na maioria das vezes não ofereciam condições

razoáveis para a atualização de aspectos cruciais de seus sistemas socioculturais, até o estabelecimento do contato. Para os Avá-Canoeiro contatados, o pós-contato não se refletiu necessariamente na sua segurança física e sociocultural (cf. C. SILVA, 2005; P. RODRIGUES, 2012; 2013). Cristhian Silva (2005, p.361) comenta que os Av.C-T ressignificaram funções exclusivas de cada gênero social, como a caça, a pesca, a coleta, a preparação de alimentos e as funções de pajé, anteriormente exclusivas ao papel masculino; entre outras.

Notamos que os grupos contatados constituem aproximadamente 5% de sua população anterior ao massacre, e, por conta dos contextos do pós-contato e de seu reduzido número de indivíduos. Mesmo com o nascimento de novas gerações de falantes, observa-se um contexto de alta vulnerabilidade linguística e cultural dos dois grupos frente principalmente à língua portuguesa, mas também as línguas indígenas que se tornaram majoritárias em suas aldeias: o Tapirapé, no caso dos Av.C-T, e à língua e o Javaé e Karajá, no caso dos Av.C-A.

No âmbito do movimento recente dos Av.C-A de reaver direitos e requerer uma Terra Indígena própria, houve por parte das gerações nascidas após o contato uma vontade de manutenção de sua identidade étnica frente aos Karajá e Javaé, passando a se autodenominar *Ãwa* (P. RODRIGUES, 2012), ao invés do nome dado pelos não indígenas: “Avá-Canoeiro”. Esse movimento reconhece sua língua como fator identitário fundamental, buscando implementar assim estratégias para seu fortalecimento e manutenção.

Apresentamos, a seguir, algumas notas etnográficas sobre aspectos da interação e da constituição da pessoa Avá-Canoeiro; aspectos dos conceitos de saúde e doença, para este povo; e também aspectos da aprendizagem própria dos Avá-Canoeiro, cuja compreensão contribuiu enormemente para um conhecimento maior dos aspectos culturais e sociais Avá-Canoeiro e serviu de contexto fundamental para as pesquisas de campo realizadas junto aos Avá-Canoeiro e para o aprendizado e estudo de sua língua.

1.4 OS AVÁ-CANOEIRO E OS OUTROS⁵

Apresentamos, na sequência, algumas notas etnográficas aspectos da interação e das relações entre pessoas para os Avá-Canoeiro. As observações trazem uma maior quantidade de informações sobre os Avá-Canoeiro do Tocantins, pois foi o grupo com quem tivemos mais contato. O foco principal da presente nota é em como se dá o processo de construção ou criação de pessoas e o processo de individuação no âmbito da Terra Indígena Avá-Canoeiro, observando não somente a relação entre Avá-Canoeiro, mas também entre estes e outras entidades naturais. Para isso, partimos da perspectiva da Relacionalidade (CARSTEN, 2000), do que fora chamado de “construção de pessoas” (SEEGER et al., 1979) e do processo de chamado de “criação de pessoas” observado para os Avá-Guajá (GARCIA, 2015).

Partimos dos estudos já realizados sobre aspectos antropológicos junto aos Av.C-T (SILVA, 2005), para tratarmos da forma com que as funções relativas aos papéis de parentesco se atualizaram no período histórico pós-Massacre da década de 1960 para os Av.C-T, e como esse fato impactou na ressignificação da relação entre pessoas *Áwa*. No contexto pós-contato, problematizamos as relações entre *Áwa* e não-*Áwa*, sobretudo no que tange às consequências da tutela da FUNAI na relação com os Avá-Canoeiro.

Parte dessa análise foi fruto de observações sobre como a identidade do próprio autor se modificou na interação junto aos Av.C-T e sobre como isso afetou a sua interação com eles. Inicialmente fora tratado como ‘mandioca’, termo do português regional para alguém mole e desajeitado. Nesse momento, todos faziam esforço para se comunicarem majoritariamente em língua portuguesa com o pesquisador. Posteriormente fora chamado pelo seu nome Ariel ou “Minhocão”, uma referência ao prédio da Universidade de Brasília onde se localiza o Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/UnB), quando passavam aos poucos a se comunicar em Avá-Canoeiro. E, finalmente, como ‘amigo’, quando o pesquisador já possuía certa proficiência na língua e os acompanhava em contextos fora da aldeia. O uso do conceito “amigo” pode ser considerado como um indício da operação do sistema de “criação de pessoas”, na interação com os Av.C-T. Posteriormente, Lorraine Silva (2018) discutiu sobre o tema da constituição da pessoa por meio da geografia social.

⁵ Pesquisa elaborada como trabalho final da disciplina “Organização Social e Parentesco” (1º/2016), ministrada pelo professor Daniel S. Simião, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS/UnB). Agradeço ao professor Daniel Simião pelos comentários e sugestões de revisões oferecidos no âmbito da disciplina.

Abordamos, desta forma, a relação entre os donos e sua criação ou entre o cativador e o cativo (C. SILVA, 2005), mas englobando tanto as relações entre *Ãwa* e *Ãwa* e entre *Ãwa* e *Mawamã*⁶; as relações de criação de animais domésticos, os *Xilimaw*, bem como quanto à fabricação de diversos tipos de artefatos; e também à relação especial com os “brancos”, *Maila*, por conta do massacre ocorrido em 1962 e, brevemente, por outro lado, a relação com os *Tapano*, *Takwanãw*, e outros.

Reanalisamos de forma crítica a concepção do grupo Av.C-T sobrevivente do massacre nos anos 60 como um “átomo de parentesco” (cf. LÉVI-STRAUSS, 1966 [1945], p.66) conforme tratado por Silva (2005, p.39), tomando como base a crítica de Yanagisako & Colier (1987, p.283) para este conceito. Dentro desta perspectiva, buscamos aprofundar o conhecimento acerca da “pessoa” Av.C-T e como esta é criada a partir da rede de relações entre pessoas no âmbito da TI Avá-Canoeiro, as quais levam em consideração não somente a relação entre pessoas *Ãwa*, mas entre estes e e outras categorias de pessoas.

Apresentamos a seguir aspectos da abordagem da Relacionalidade em antropologia, para em seguida abordarmos aspectos da relação entre pessoas na TI-Avá-Canoeiro. Partimos, na sequência, de uma explicação linguística sobre como o Avá-Canoeiro apresenta uma divisão cosmológica de distintos domínios a partir da diferença da classe gramatical dos nomes como relativos ou absolutos e, ainda a partir da língua, como se estabelece o idioma de relacionalidade Av.C-T.

1.4.1 Relacionalidade e Parentesco

A “relacionalidade” (*relatedness*), para Carsten (2000, p.4), se opõe e é suplementar ao conceito de “parentesco”, uma vez que possibilita a abertura para os idiomas indígenas de se estar/ser relacionado ao invés de se ater a um conjunto dado de definições a priori, e, neste sentido, se distancia da oposição entre o biológico e o social, fundante de várias dicotomias analíticas nos estudos de parentesco.

Em *A Critique of the Study of Kinship*, Schneider (1984 *apud* Carsten, 2000, p.8) demonstra como a procriação sexual, como “uma assunção das crenças populares nativas da Euro-América sobre parentesco foi importada para a análise antropológica”.

⁶ *Mawamã* é a categoria Avá-Canoeiro do Tocantins para povos indígenas que eles não identificam como *Ãwa*, isto é, como Avá-Canoeiro. É importante observar que os Av.C-T consideram os Av.C-A como *Ãwa*.

No entanto, conforme o autor (*op. cit.*) pontua, a procriação sexual não é necessariamente central para os idiomas locais de relacionalidade (*relatedness*). Neste sentido, para Carsten (*op. cit.*, p.8), se o parentesco não é a mesma coisa em diferentes culturas, então o objetivo comparativo da antropologia findou por falhar, uma vez que buscou comparar dessemelhantes.

A própria ciência, para a autora (*op. cit.*, p.12), não pode ser vista como extra-cultural, e o parentesco não pode mais ser definido como contra os fatos “biológicos”, “naturais”; não é mais da ordem do dom, do dado. Seguindo Stafford, Carsten (*op. cit.*, p.15) comenta da importância de dois ciclos de reciprocidade na construção da relação. Neste sentido, não é acidental ver a relacionalidade como essencialmente processual, ressaltando a importância das crianças não somente na “representação da continuidade” (como uma formulação clássica), mas como aqueles que incorporarão os processos de crescimento, regeneração e transformação (*op. cit.*, p.16).

Revisando o histórico da desconstrução do fundo biológico do parentesco, Carsten (p.17) comenta que o que formaliza o parentesco como um campo de estudos foi exatamente a separação do domínio doméstico do domínio político-jurídico. Para a autora (*op. cit.*), tanto Malinowsky quanto Fortes viam a família nuclear como uma função social universal necessária para o preenchimento das funções de cuidado com as crianças. Tomando-se esta dicotomia, Carsten (p.18) comenta que seria difícil ver do que se trata a relacionalidade sem todas as atividades diárias que tanto homens quanto mulheres se engajam no âmbito dos trabalhos produtivos, sendo que os pequenos atos de hospitalidade, alimentação, alimentando-se de forma conjunta e duradoura e vivendo-se em um mesmo espaço teriam papéis fundamentais e seriam também responsáveis pelo estabelecimento de laços de parentesco que anteriormente não existiam.

Neste sentido, Yanagisako & Collier (1987) discutem as formas pelas quais a dicotomia produção e reprodução foram fundantes para a reprodução do modelo (*folk model*) ocidental de gêneros masculino e feminino, bem como do conceito de família nuclear como a menor unidade da sociedade. Com isto, como observa as autoras (*op. cit.*, p.283), as assunções de gênero pervadiram as noções dos *fatos* comuns da reprodução sexual no âmbito da literatura acerca do parentesco. Para as autoras (*op. cit.*)⁷,

⁷ Much of what is written about atoms of kinship (Lévi-Strauss, 1949), the axiom of prescriptive altruism (Fortes, 1958, 1969), the universality of the Family (Fox 1967) and the centrality of the mother-child bond (Goodenough, 1970) is rooted in the assumptions about the natural characteristics of women and men and their natural roles in sexual procreation.

muito do que é escrito sobre átomos de parentesco (LÉVI-STRAUSS, 1949), o axioma do altruísmo prescritivo (FORTES, 1958; 1969), a universalidade da Família (FOX, 1967) e a centralidade do laço mãe-filho/a (GOODENOUGH, 1970) é enraizado em assunções sobre as características naturais de homem e mulher e de seus papéis no sexo para a procriação. (*tradução nossa*)

A partir da Teoria da Narrativa e da Interpretação, Errington (1990) estabelece a tricotomia entre sexo, Sexo e gênero, com o fim de pontuar o que seriam “fatos naturais” – como a gravidez, apesar de sempre haver um discurso sobre tais “fatos” –; o que seriam construções socioculturais naturalizadas sobre estes “fatos”, e como as culturas se utilizam destas naturalizações para criar os diferentes gêneros. A partir de Errington, pode se propor a extensão sexo:Sexo:gênero para natureza:Natureza:cultura.

1.4.2 A construção da “pessoa” nas sociedades indígenas e a “criação de pessoas”

Seeger, Da Matta e Viveiros de Castro (1979) comentam sobre a necessidade do conceito de “pessoa” para se compreender a organização social das sociedades indígenas brasileiras. Para tal, os autores trabalham sobre como os corpos são produzidos socialmente, “ele, o corpo, afirmado ou negado, pintado ou perfurado, resguardado ou devorado, tende sempre a ocupar uma posição central na visão que as sociedades indígenas têm da natureza do ser humano” (*op. cit.*, p.4). No entanto, os autores se atêm a dicotomia corrente de produção e reprodução, se atendo a distinção entre domínios público-jurídico e doméstico.

O tema da pessoa e da criação fora trabalhado, levando-se em consideração o idioma local da relacionalidade entre os Awá-Guajá, cuja língua que também faz parte da família Tupí-Guaraní. A partir das concepções marcadas na língua Awá-Guajá, Garcia (2015) descreve a intersecção existente entre a relação entre pessoas e o processo de criação, o qual inclui não somente *Awá*, mas a relação destes com entidades, sendo a “pessoa” o resultado da criação, isto é, o resultado da relação.

O conceito *riku*, segundo o autor (*op. cit.* p. 114), constitui-se como um “operador transontológico”, associando humanos e não humanos, uma vez que, para o autor, citando Viveiros de Castro (2007, p.107), “o humano não é mais uma essência para o parentesco”. Para o autor, no caso Awá-Guajá, maestria – as relações estabelecidas entre o dono do objeto – e conjugalidade aparecem de forma conjunta ou “como metáforas uma

da outra”, implicadas em uma relação mais ampla, o que o autor denominou de “a criação, ou simplesmente rikú”.

Apresento abaixo a tabela de Garcia (2015, p.109) com exemplos de relações de criação, rikú:

Quadro 2 – Relação de criação para os Guajá (GARCIA, 2015, p.109)

Possibilidades	Exemplos	Relações rikú criação (jara/criador → nimá/cria)
a)	pais e filhos	awá (humanos) → awá (humanos)/
b)	maridos e esposas	awá (humanos) → awá (humanos)
c)	mulheres e animais de criação	awá (humanos) → animais/
d)	peçoas na terra (jara) seus duplos celestes (nimá)	awá (humanos) → não humanos
e)	Funasa e baratas	karai (não indígenas) → pragas
f)	veados e pacas; todas as relações entre jara e nimá animais	animais → animais
g)	animais e abelhas/mel	animais → animais/alimentos
h)	ajÿ e macaco-da-noite	ogros não humanos → animais
i)	um karawara chamado kaa jará tem uma espécie de marimbondo como nimá, além de ser um caçador de macacos-prego	karawara (não humanos) → xerimbabos

Trato, na sequência, de alguns aspectos etno-linguísticos do Av.C-T pertinentes ao seu idioma de relacionalidade e alguns efeitos da tutela impetrada pela FUNAI e FURNAS para a relacionalidade Av.C-T.

A seguir, tratamos de algumas características linguísticas do Avá-Canoeiro, fundamentais para compreendermos como esse povo vê o mundo, como por exemplo a diferença entre nomes absolutos e relativos; substância, nascimento e filiação; bem como aspectos da relacionalidade Avá-Canoeiro, inspiradas pela pesquisa de Garcia (2015) e outros.

1.5 NOTAS ETNOLINGUÍSTICAS SOBRE O AV.C-T

1.5.1 Nomes relativos e nomes absolutos

Em estudo anterior (A. SILVA, 2015), descrevemos para o Avá-Canoeiro do Tocantins que a classe gramatical dos nomes distingue nomes relativos de nomes

absolutos, descrição próxima à descrição de Borges (2006, p.109-111) sobre posse em Av.C-T. Nomes relativos são obrigatoriamente marcados por um determinante possuidor contrariamente a nomes absolutos que não podem receber marcas de determinação. Isto é, nomes partes de todo, como *i-akiv-a* ‘a folha dela (da árvore)’, *xi l-etima* ‘(minha) perna’, *João v-uw-a* pai (do João), *i-pitina* ‘o bebê dele’, por diante são considerados nomes relativos; e elementos da fauna, flora, entidades celestes e sobrenaturais, não são normalmente passíveis de serem relacionadas a algo ou alguém, sendo então nomes absolutos.

No entanto, nomes relativos podem se tornar absolutos quando marcados por prefixo relacional genérico, indicando aquele nome como humano, como por exemplo em *mitina* “bebê de gente”; e nomes absolutos podem ser relativizados ao receberem morfologia específica, a marca de mediação de posse mais o prefixo de nominalização de objetos, resultando em nomes com o significado de ‘meu matado porcão’, ‘meu arrancado galho’, entre outros.

Comparando-se as línguas das dez famílias que compõe o tronco Tupí, incluindo-se as línguas da família Tupí-Guaraní, da qual o Avá-Canoeiro faz parte, Rodrigues & Cabral (2012, p.510-511) observam que:

os nomes em Proto-Tupí provavelmente se refeririam a dois tipos de entidades, as entidades autônomas como sendo os principais constituintes do mundo; e as entidades dependentes, como parte ou atributo das entidades autônomas (...). As entidades autônomas expressariam os seres humanos (‘pessoa’, ‘pessoa idosa’, ‘pessoa jovem’, ‘macho’, ‘fêmea’, ‘povo’); animais e plantas (genéricos e individuados); elementos da natureza (água, céu, estrela, monte, pedra, etc.); enquanto as entidades dependentes, como parte ou atributo de entidades autônomas ou outras entidades dependentes, constituiriam-se de partes do corpo humano ou animal, partes de plantas e de objetos inanimados, sensações, sentimentos, e atributos morais e físicos de pessoas ou coisas⁸. (tradução nossa).

Esta distinção é fundamental para o estabelecimento de domínios pelos Av.C-T, uma vez que, linguisticamente, há uma clara restrição de se apropriar culturalmente de

⁸ “Nouns in Proto-Tupí would have referred two types of entities, the autonomous entities as main constituents of the world and the dependent entities as parts or attributes of the autonomous ones. This Proto-Tupí cognitive view of the world’s organization is still formally distinguishable by morphosyntactic or syntactic devices in the nine Tupí best documented families. Autonomous entities are human beings (‘person’, ‘old.person’, ‘young.person’, ‘male’, ‘female’, ‘people’), animals and plants (generic and individuated), as well as elements of the nature (water, sky, star, hill, stone, etc.). Dependent entities are parts or attributes of autonomous entities or of other dependent entities (parts of the human or animal body, parts of the plants and of inanimate objects, sensations, feelings, and moral and physical attributes of persons and things)”. (RODRIGUES & CABRAL, 2012, 510-511)

algo que é concebido como um domínio de uma outra entidade, como por exemplo, seria impossível dizer-se “o céu da minha casa”, ou “minha terra”.

1.5.2 Substância, nascimento e filiação entre os Av.C-T

Em Avá-Canoeiro, assim como para outras culturas Tupí-Guaraní, a mãe é vista por meio da metáfora do contêiner (cf. LAKOFF & JOHNSON, 1980), isto é, como um repositório dentro da qual o bebê irá desenvolver, sendo constituído pelo sêmen do homem. Linguisticamente, *-ayg* (reconstruído para o Proto-Tupí-Guaraní como **-ʔayt*) significa tanto ‘sêmen’ quanto é a forma do pai de se referir ao seu filho, isto é ‘filho de ego masculino’; contrariamente a *-memyg* ‘filho de ego feminino’, reconstruído para o proto Tupí como ***men-pyt* significando literalmente marido-pele, ou seja ‘pele do marido’⁹.

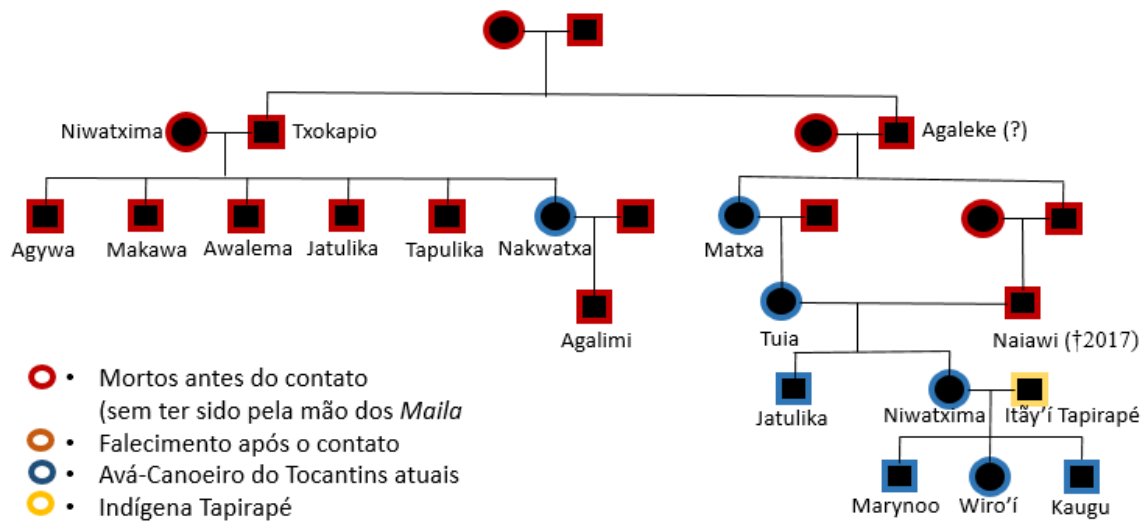
Assim como outros povos Tupí-Guaraní, os Avá-Canoeiro apresentam uma descendência patrilinear, isto é, é a essência do pai que é transmitida aos filhos. Observamos também, consoante Silva (2005), a proibição referente a casamentos entre primos paralelos, entre parentes que compartilham de descendência paterna.

No entanto, conforme observado por Silva (2005), a relação conjugal entre os dois jovens à época do contato, Tuia e Txiugutxawaga, não seria permitida exatamente pois os dois seriam primos paralelos. Dada a depopulação do grupo e à pressão externa para a geração de novos Av.C-T, os dois tiveram dois filhos.

Abaixo, apresentamos a árvore genealógica dos Avá-Canoeiro do Tocantins, a partir de Silva (2005), com atualizações nos nomes de parentes que não foram assassinados por *Maila* (brancos, não-Avá-Canoeiro). Os nomes de parentes que foram assassinados seguem sendo tabu entre os Av.C-T, os quais evitam falar e pronunciar seus nomes. No quadro, círculos representam mulheres e quadrados, homens. Em vermelho, estão os Av.C-T falecidos antes do contato, que são parentes próximos dos Av.C-T atuais. Em laranja, o único homem remanescente do contato oficial, falecido em 2017 por conta de câncer no sistema linfático. E em azul, os Av.C-T atuais.

⁹ Ana Suely A. C. Cabral, em comunicação pessoal (Maio/2016).

Quadro 3 – Genealogia Avá-Canoeiro do Tocantins



É interessante notarmos que o filho de Nakwatxa, Agalimi /aka'vimi/ [aka'dʒimi], falecido antes do contato oficial por causas que não envolvem a morte pelas mãos dos *Maila*, foi considerado como sendo Agaek ãwa, Av.C-A, em uma tentativa da FUNAI, de FURNAS e de universidades de unir os dois grupos Avá-Canoeiro entre os anos 80 e 90. Isso teria fabricado uma genealogia para os Avá-Canoeiro que justificaria a narrativa de que eles teriam passado por um mesmo massacre e se separado pouco tempo antes dos contatos oficiais. Patrícia Rodrigues (2012), no entanto, provou que a distância dos dois grupos seria de pelo menos 180 anos.

Quando observamos a identidade dos filhos de Niwatima Av.C-T com seu marido Tapirapé, poderíamos esperar que eles seriam considerados Tapirapé devido à transmissão patrilinear. No entanto, devido a uma ressignificação cultural, os Av.C-T passaram a considera-los também como Avá-Canoeiro, requerendo inclusive que conste Avá-Canoeiro ao lado de Tapirapé em seus Registros Gerais (RG).

Sobre a relação de parentesco entre os Av.C-T e a importância da mãe para a “boa formação” da criança em sua barriga, observamos um caso recente de uma bebê, nascida de um casamento entre uma indígena Av.C-T e um indígena Tapirapé. Ao nascer com labioleporino, o pai comentou que a mãe haveria desrespeitado um tabu quanto ao manuseio de peixe. A relação da esposa grávida com o peixe teria afetado a natureza da criança, fazendo dela [+ peixe], o que não seria algo interessante para o grupo. Após a notícia de que por meio de cirurgia a criança iria ter seu corpo reajustado – o lábio superior e o céu da boca seriam costurados -, os pais passaram a aceitar a criança.

É interessante notar que, além do contato com a caça e os efeitos da quebra de suas restrições, tanto os Av.C-T quanto os Tapirapé passaram por ressignificações em seus tabus alimentares, passando a adotar – por conta da escassez de alimentos, no caso dos Avá-Canoeiro; quanto por conta do contato intenso com os Karajá, no caso dos Tapirapé – outros tipos de animais nas suas preferências por caça. Desta maneira, no âmbito das relações entre Avá e Tapirapé, na TI-Avá-canoeiro, por vezes os Tapirapé são evidenciados como “aqueles que comem tracajás”, e os Av.C-T, evidenciados por estes, como “aqueles que comem morcegos”.

1.5.3 A linguística da relacionalidade

Assim como na língua Awá-Guajá (cf. GARCIA, 2015), em Av.C-T as relações entre os *Āwa* e *Āwa* de uma patrilinearidade diferente ou entre os *Āwa* e outras entidades se dá por meio do causativo comitativo *-(e)B-* com o verbo *-iko*. Este verbo possui uma gama de significados a depender de sua estrutura morfossintática, mas significa, de forma geral, ‘viver, estar em movimento’. Ao receber o morfema causativo-comitativo, *-(e)B-*, correspondente a *-(e)r-* em Awá-Guajá, o qual significa que o agente causa a ação ao paciente, sofrendo-a igualmente, a forma verbal passa a ser *-(e)B-iko*, significando ‘fazer viver consigo, fazer estar em movimento consigo’.

Será por meio deste tema verbal que ocorre a relação entre *Āwa* e animais de criação, *xi l-em-aw*, termo cognato do Tupinambá, *Xerimbabo*, uma vez que eu crio o animal, *txi tō a-l-eko paqa* ‘eu crio paca’. Ocorre também entre *Āwa* e *Āwa* de diferentes patrilinearidade, como entre marido e esposa, uma vez que esposa é *xi l-emi-l-iko*, formada pela base *-l-iko* e, com o nominalizador de objeto *-emi-*, significando ‘a que eu faço estar em movimento comigo’ ou ‘a que eu faço viver comigo’¹⁰.

Além do mais, *-iko*, se ocorrendo com a posposição de companhia *-pile* significa casar, como por exemplo em *a-iko ni-pile* ‘eu vivo com você’ ou ‘eu estou casado com você’; se ocorrendo com a posposição de relação *-e*, como em *a-iko ni l-e*, significaria ‘eu gosto de você’ ou literalmente ‘eu vivo com relação à você’. Essa última seria a tradução mais próxima do nosso conceito de “amigo”, mas utilizado sobretudo nas relações entre *Āwa* e não *Āwa*. De forma sistematizada, teríamos:

¹⁰ Veja Rodrigues (1998) para a ocorrência dessa expressão em outras línguas Tupí-Guaraní.

Quadro 4 – Relações Avá-Canoeiro

Relação: Marido → Esposa		
t[ĩ]=Ø-men-a	[meu= R ¹ -marido-arg]	‘meu marido’
t[ĩ]=l-emi-l-eko	[meu= R ¹ -nom.obj-c.c.-viver]	‘a que eu faço viver comigo’
a-iko ni=Ø-pile	[eu-vivo você= R ¹ -com]	‘eu vivo com você’
Relação: Dono → Animais de Criação		
t[ĩ]=l-emaw	[meu=R ¹ -animal.de.criação]	‘é meu animal de criação’
a-l-eko (kanini)	[eu-c.c.-viver (qẽ'nĩnĩ)]	‘eu faço (Canindé) viver comigo’
Relação: (O que tem/é) Pajé → Familiares		
a-iko ni=l-e	[eu-viver você= R ¹ -em.relação.à]	‘eu vivo em relação à você’

1.5.4 Relacionalidade Avá-Canoeiro: entre donos e cativos

Após o contato ocorrido em 1983, os Avá-Canoeiro do Tocantins passaram a sofrer com o que Silva (2005) chama de “poder tutelar”, na Terra Indígena Avá-Canoeiro, sendo esta interpretada como “Instituição Total” (cf. SILVA 2005, p.120-121 e p.133-134). A tutela ocorreria em todos os contextos sociais, sendo “vivenciados enquanto formas elementares da vida cotidiana”. A estrutura física da tutela tal qual observada na TI-Avá-Canoeiro, segundo C. Silva (*op. cit.*, p.175-176), possibilitaria “uma arquitetura panóptica para disciplinar os Avá-Canoeiro pelo fato destes serem poucos e seu território imenso”, sendo a própria relação assimétrica entre *Ãwa* e *Maila*, suficiente para os segundo sujeitarem os primeiros.

No entanto, diferente da relação assimétrica entre tutor e tutorado, na visão ocidental, a relação entre *Ãwa* e *Maila*, na perspectiva Av.C-T, tem por necessidade a manutenção da reciprocidade na oferta de bens e serviços entre entidades diferentes, visando, como proposto por Lévi-Strauss para a preferência dos casamentos entre primos cruzados, que

“é preciso sempre dar e receber, mas que só se pode receber de quem tem a obrigação de dar, e que é preciso dar a quem possui o direito de receber. Porque o dom mútuo entre devedores conduz ao privilégio, assim como o dom mútuo entre credores conduz à extinção”

Neste sentido, para a manutenção da reciprocidade, conforme observado por C. Silva (2005), os Av.C-T, “cativam” seus tutores com “cumprimentos, jocosidades e pedidos (entendidos (...) como “pedidos de autorização e “pedidos de presentes””. Segundo Silva (*op. cit.*, p.176), “o exercício deste jogo somente se faz possível por intermédio de trocas: os tutores criam atividades para os Avá-Canoeiro e estes fazem seus tutores acreditar que são queridos (...) para que o fluxo de bens, mercadorias e relacionamentos (...) não seja interrompido”.

É interessante notar que os *Maila* são aqueles que dizimaram os Avá-Canoeiro, e, por isso, a tensão na possível criação destes é constante. Quanto à identidade de pessoas individuais em Terra Indígena – diferente dos etnônimos *funai*, *sesai*, *furnas*, e outros que os Av.C-T se utilizam para designar *Maila* segundo funções (cf. SILVA, 2005) – considere interessante observar, ao longo dos anos de pesquisa linguística junto aos Av.C-T, a forma com que a minha identidade relacional se modificou e a forma com que eles se referiam a mim ou demandavam determinados tipos de trocas a depender da identidade em questão.

Como entrei na Terra Indígena Avá-Canoeiro pela primeira vez levado pelo então Coordenador da CTL de Minaçú (FUNAI), minha primeira caracterização fora como *funai*. Em um primeiro momento se colocaram a minha disposição no tipo de trabalho que iniciei em campo – posteriormente a metodologia fora modificada visando aprender a língua no âmbito das atividades do dia-a-dia – e percebi então um tipo de relação assimétrica. Posteriormente, como havia me estabelecido na antiga casa do auxiliar de serviços gerais, por diversas vezes fui chamado para colaborar na poda de capim, entre outras atividades que este auxiliar realizava. Ao chegar, em outra ida a campo, no carro da SESAI, fui tido como relacionado à SESAI.

A cada nova relação minha com determinado grupo de pessoas que desempenham regularmente determinadas funções ou com o carro ou moradia destes, eu era tido como um igual. Quando, em 2014, o patriarca Av.C-T precisou de acompanhamento médico na ala de internação por duas semanas, tendo sido eu a pessoa indicada pela FUNAI para realizar o acompanhamento, eu não mais tinha uma identidade definida. Ao perguntarem a ele se eu era seu filho, ele respondeu que eu era um amigo. A partir de então, passei a ser chamado para ir a atividades lúdicas e compartilhar de outros tipos de conhecimentos não mais restritos à interação com tipos de funcionários. Este indígena, por diversas vezes, ao convidar-me para ir, por exemplo, a casa de um regional,

e eu naturalmente aceitando, comenta em português para sua esposa: “meu”, como um indicativo de que faço parte do processo de criação, mas não mais como um “cativador”, e sim como um “cativo”.

É interessante notar que a relação dos Avá-Canoeiro do Tocantins com o pesquisador é uma relação do tipo pajé → familiares. Essa é uma relação de aliança que carrega o histórico do massacre pela mão dos *Maila* à qual passaram os Avá-Canoeiro e difere dos tipos de relação que outros povos indígenas estabelecem com pessoas de certa importância que passam a conhecer e ter uma rotina juntas. A relação do pesquisador com os Tapirapé na Terra Indígena Avá-Canoeiro, por exemplo, fez com que o mesmo recebesse um nome e se tornasse irmão mais velho do professor Tapirapé que lecionava língua Tapirapé à época. Isso foi possível devido às conversas sobre as características das línguas Tapirapé e Avá-Canoeiro que ocorreram (vide **Foto 15**).

1.6 NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE OS “ESPAÇOS DE APRENDIZAGEM” AVÁ-CANOEIRO DO TOCANTINS

A etnografia dos “espaços de aprendizagem” Av.C-T se iniciou a partir das primeiras observações realizadas sobre os espaços em que o Av.C-T era falada, buscando-se os contextos em que diferentes conhecimentos eram atualizados intergeracionalmente. Lorraine Silva (2017) e Lorraine Silva & Ariel Silva (2018) apresentam o resultado da etnografia de cinco desses espaços: os “arredores das casas”, os “espaços de criação de animais”, os “espaços de caça, pesca e coleta”, os espaços de “plantio e roça” e o que foi chamado de “varanda-escola”; e discutem o papel desses espaços para o fortalecimento linguístico e cultural Av.C-T.

Segundo os autores, os espaços de aprendizagem são construções socioespaciais onde a prática e a teoria convergem, de modo que a observação e a coparticipação nas atividades relacionadas são fatores de transmissão e atualização do conhecimento trans e intergeracional, incluindo aqui tanto os saberes sobre o mundo e seu funcionamento, como também as línguas que falam.

Para os autores, os arredores das casas são os locais onde são fabricados e reparados alguns dos elementos de cultura material Av.C-T relacionados a caça, pesca e coleta; artesanatos e adornos corporais; objetos de processamento de alimentos, entre outros (vide **Foto 4**).

Por sua vez, os espaços de criação de animais se relacionam ao tipo e função do animal junto aos Av.C-T e aos Tapirapé, e também ao seu estágio de vida. Os animais tradicionais como araras, papagaios e periquitos são criados no interior da casa Av.C-T (*vide Foto 1*), podendo possuir papéis de relevo em rituais noturnos em volta do fogo. Espécies de macaco, como os saguis, além de filhotes de quati e paca já foram animais de criação dos Av.C-T, não mais atualizados como tal devido à imposições da FUNAI local na década de 1990 e anos 2000.

Animais que foram introduzidos no contexto Av.C-T normalmente não ocupam o interior da casa. Esse é o caso de galos e galinhas, introduzidos pela FUNAI entre a década de 1990 e 2000 como elementos de segurança alimentar, em galinheiro próprio e com relativa distância da casa dos Av.C-T (*vide Foto 2*). No entanto, os Av.C-T não costumam comer a sua criação. Os galos mais velhos ou com mais raiva – pois brigam com os demais no galinheiro – passam a morar ao lado da casa Av.C-T devido ao seu canto matinal ser bastante apreciado.

Os cachorros são animais familiares para os Avá-Canoeiro desde a época anterior ao contato. São fundamentais nas caçadas, uma vez que são usados para acuar a caça. Um dado interessante sobre a criação de animais diz respeito à forma com que são alimentados: normalmente compartilham do mesmo alimento dos Av.C-T.

Os espaços de caça, pesca e coleta traduzem a dinâmica do caminhar entre os Av.C-T (cf. GARCIA, 2012 sobre o caminhar para os Awá-Guajá). Os locais de abundância de determinados animais caçados pelos Avá-Canoeiro – como cotia, paca, tatu, veado, tejú entre outros – bem como os locais de abundância de peixes e locais de abundância de frutos, mel e outros são majoritariamente sazonais, e dependem do conhecimento, por parte dos Avá-Canoeiro, de sua temporalidade (cf. SILVA, 2016).

Os espaços de “plantio e roça” também foram objetos de análise, e levantaram questões interessantes. Tanto os Av.C-T quanto os Tapirapé se utilizam da técnica da coivara para o plantio. Escolhe-se uma área relativamente próxima da aldeia, queima-se esse terreno de forma controlada para depois se dedicar ao plantio. No entanto, no atual local onde residem, muito provavelmente por ser na encosta de morros e ao lado de um pequeno rio, os Av.C-T e Tapirapé não tiveram muita opção a não ser plantar nos arredores de suas casas. O momento da preparação do solo, da seleção de sementes, do plantio, o acompanhamento do crescimento e a colheita são momentos singulares de

aprendizado, onde são atualizados conhecimentos milenares por parte dos mais novos (*vide Foto 3, Foto 5 e Foto 6*).

Por fim, o espaço que fora chamado de “varanda-escola” trata-se de uma iniciativa própria dos Av.C-T de manter a varanda das casas construídas para o Posto Indígena (PIN) Avá-Canoeiro como um espaço de leitura das imagens contidas em livros e revistas levados à aldeia por pesquisadores e funcionários, assim como um espaço de desenho e ilustração (*vide Foto 11, Foto 12 e Foto 13*). Com a criação da extensão escolar *Ikatoté* em 2016, a qual ainda não goza de espaço próprio, a varanda-escola mantém a sua função, agora com materiais adequados também à alfabetização e letramento, a atividades motoras como o desenho, o recorte a colagem, entre outros. Juntamente com as atividades pedagógicas realizadas na Escola, o caminhar pelos espaços de aprendizagem fora da escola se tornou algo fundamental também (*vide Foto 14*).

CAPÍTULO 2. A LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO

2.1. A LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO NO ÂMBITO DA FAMÍLIA TUPÍ-GUARANÍ

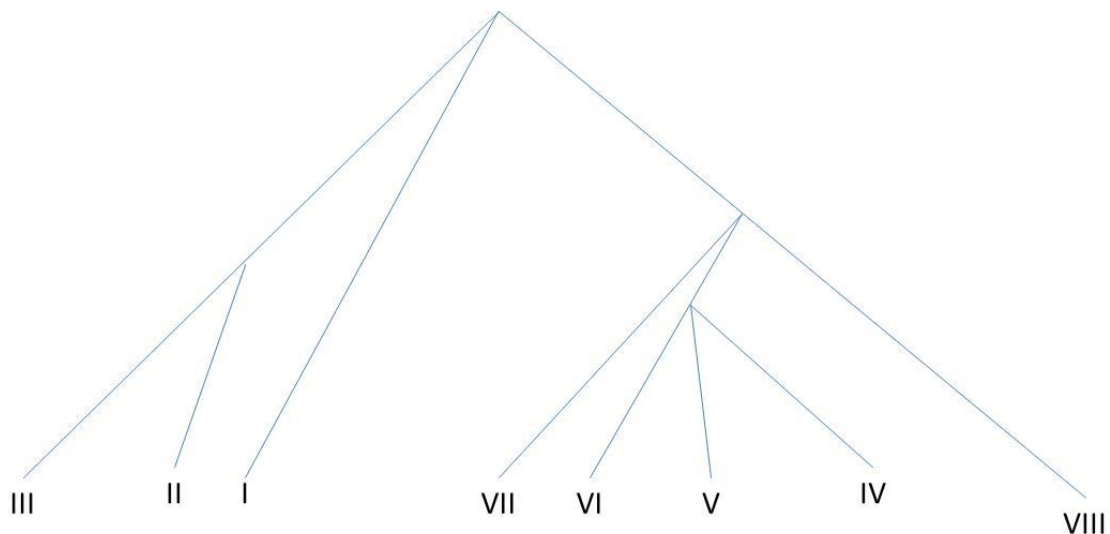
Durante a primeira metade do século XX, linguistas e historiadores utilizaram a metodologia histórico-geográfica para agrupar os então chamados Canoeiros como descendentes dos Carijó Guaraní (COUTO DE MAGALHÃES, 1946 [1893]; RIVET, 1924). À época, as classificações dividiam a família Tupí-Guaraní em três grandes grupos: línguas mais próximas do Guaraní, mais próximas do Tupí(nambá) e as não tão próximas de nenhuma das duas. Os critérios se baseavam tanto em informações históricas colhidas por viajantes e pelas instâncias oficiais do governo brasileiro, como, no caso do Avá-Canoeiro, por uma lista de aproximadamente 50 palavras, colhida por Couto de Magalhães (1946 [1893]) provavelmente de uma variedade mais próxima a dos atuais Av.C-A.

Com o contato dos então “Canoeiros” na Ilha do Bananal em 1973, os dados linguísticos colhidos por Harrison (1974) apresentaram uma semelhança maior de sua língua com línguas da família Tupí-Guaraní. Passa-se então a usar o etnônimo Tupí-Guaraní “Avá” ‘gente’ ou ‘pessoa’, como uma referência à filiação dessa língua nessa família. É interessante notar, no entanto, que o cognato dessa palavra no Avá-Canoeiro é *ãwa*, uma vez que a língua possui acento na penúltima sílaba final e uma consoante aproximante bilabial /w/ ao invés de /v/ ou /β/.

Com novos dados disponíveis para as línguas Tupí-Guaraní, incluindo dados linguísticos dos dois grupos de Avá-Canoeiro contatados em 1973 e 1983, e com o uso do Método Histórico Comparativo, Rodrigues (1985) propôs uma classificação interna da família Tupí-Guaraní em oito subramos, ao invés da divisão anterior em três, e levou em consideração sobretudo as mudanças ocorridas em âmbito fonológico e lexical. Posteriormente, Rodrigues & Cabral (2002) revisaram essa classificação, ampliando os critérios de análise e incluindo elementos fundamentais da morfossintaxe dessas línguas. Veja abaixo a representação arbórea proposta pelos autores (2002):

Quadro 5 - Representação da Família Tupí-Guaraní (RODRIGUES & CABRAL, 2002)

Essa hipótese de classificação é extremamente robusta, pois leva em



consideração mudanças ocorridas em vários subsistemas linguísticos, como fonológico, lexical, morfológico e o morfossintático.

O Avá-Canoeiro foi classificado, dessa forma, como pertence ao subramo IV da família linguística Tupí-Guaraní, ao lado das línguas Tapirapé, Asuriní do Tocantins, Parakanã, Suruí (Mujetíre), Tembé, Guajajára e Turiwára (†) (RODRIGUES 1985 e RODRIGUES & CABRAL, 2002).

Recentemente, foram levantadas hipóteses de classificação interna da família Tupí-Guaraní baseadas em lexicostatística, as quais utilizaram de forma experimental o método filogenético bayesiano da biologia evolucionária na linguística histórica. Com isso, pesquisadores têm tentado agrupar o Avá-Canoeiro ou junto à língua Kamaiurá (cf. CHOUSOU-POLYDOURI & WAUTERS, 2013) ou junto ao Ka'apor e ao Guajá (cf. MICHAEL et al., 2015).

As pesquisas realizadas nesses dois trabalhos fundamentou-se na aplicação do método em uma amostra de quase 600 itens lexicais colhidos de aproximadamente vinte línguas da família Tupí-Guaraní. Para que o método ofereça resultados promissores, no entanto, a quantidade de dados comparados deve ser similar entre as línguas analisadas e, caso isso não ocorra, a língua com dados díspares pode constar em lugares não controlados na representação arbórea final.

Observamos, no entanto, algumas questões que nos impediram de levar em consideração a proposta desses autores de classificação interna da família Tupí-Guaraní:

- (a) Os dados utilizados nessas pesquisas se limitaram à presença ou ausência de cognatos na lista elaborada pelos autores, isto é, pela análise do subsistema lexical das línguas. Não ficou claro, além do mais, se os autores empregaram critérios para a exclusão de empréstimos lexicais no conjunto da lista de cognatos.
- (b) Uma vez que não foi publicada a lista de aproximadamente 600 itens lexicais utilizada para cada língua, fica impossibilitada a checagem de coincidência ou não dos resultados obtidos por outros grupos de pesquisa, ao aplicarem essa metodologia com os mesmos dados. Por outro lado é importante que adeptos do Método Histórico-Comparativo tenham acesso a esses dados e os testes no âmbito da metodologia desse método, para o que é necessário a verificação de cognacidade e a identificação de possíveis empréstimos no conjunto de dados usados na comparação.
- (c) Como não temos acesso a lista, mas conhecendo os dados disponíveis do Avá-Canoeiro, pressupomos que a quantidade de dados utilizados pelos autores supracitados seja bastante inferior aos dados de algumas das demais línguas analisadas, incluídas na comparação em pauta. Como já mencionamos nessa tese, há pouquíssimos materiais publicados sobre essa língua, e as listas de palavras cognatas não ultrapassam 260 palavras aproximadamente (cf. BORGES, 2006).

Dessa forma, hipóteses de classificação do Avá-Canoeiro no âmbito da família Tupí-Guaraní desenvolvidas por meio da aplicação dessas metodologias não podem ser consideradas classificações.

2.2 AV.C-A E AV.C-T: LÍNGUAS OU DIALETOS?

Consideramos que os conceitos de língua e de dialeto refletem tanto aspectos estritamente linguísticos, ou seja, aspectos estruturais e funcionais de uma língua, como também aspectos socioculturais, como o grau de coesão de uma comunidade de fala, e ainda aspectos políticos e identitários.

Um caso que chama bastante a atenção ao observarmos a diferença entre línguas e dialetos dentro da família Tupí-Guaraní é a diferença entre os Asuriní do Tocantins e os Parakanã, conforme discutido por Rodrigues & Cabral (2009). A distância

histórica entre esses dois povos é relativamente pequena, de aproximadamente 200 anos. No entanto, para os autores (*op. cit.*) isso junto a pequenas mudanças linguísticas e ao desenvolvimento de possíveis diferenças na forma de ver o mundo desses dois povos, culminou no fato dos Asuriní do Tocantins e os Parakanã se considerarem povos distintos, falantes de línguas distintas. Essa visão de duas línguas distintas, e não de dois dialetos de uma mesma língua, leva em consideração não somente os fatores linguísticos, isto é, diferenças nos subsistemas linguísticos, mas também fatores sociopolíticos dos dois povos, os quais envolvem a importância que cada povo dá à sua língua, a relação entre a sua língua e a sua identidade, bem como o papel das línguas para dizer do pertencimento ou não a um grupo, isto é, falar Parakanã é ser Parakanã, por exemplo.

No caso citado, os Parakanã não se identificam como pertencentes ao mesmo grupo dos Asuriní do Tocantins. Além do mais, observa-se que há vários elementos linguísticos, dentre os quais fonemas distintos, relações entre agente e paciente distintas, escolhas lexicais e versões de mitos e músicas são vistos como marcas distintivas de ambas as línguas e culturas (CABRAL & SILVA, em preparação).

O que chamamos de língua Avá-Canoeiro é a língua falada atualmente por dois grupos distintos, os Av.C-A e os Av.C-T. Uma questão extremamente pertinente é se elas consideradas pelos falantes como línguas distintas, isto é, a língua Av.C-A e a língua Av.C-T, ou como variedades de uma mesma língua. Para que essa questão seja respondida, é necessário levar em consideração os dados históricos, sociais, políticos e identitários desses dois grupos, bem como a diferença fundamental entre a visão dos nascidos antes e dos nascidos depois do contato. Como veremos, para os falantes nascidos antes do contato, o Av.C-A e o Av.C-T seriam duas línguas. No entanto, para os falantes nascidos depois do contato, o Av.C-A e o Av.C-T seriam dois dialetos de uma mesma língua, o Avá-Canoeiro.

Conforme mencionamos anteriormente (**Capítulo 1. Os Avá-Canoeiro: Aspectos Históricos e Socioculturais**), os Av.C-A e os Av.C-T possuem uma distância histórica de aproximadamente 200 anos, o que equivaleria a quase 10 gerações de falantes, se considerarmos uma geração a cada 20 anos. Nos anos 80 e 90, conforme pontuado por Cristhian Silva (2005) e Patrícia Rodrigues (2012), órgãos governamentais e universidades buscaram unir os dois grupos de Avá-Canoeiro, sob o argumento de que seriam um mesmo povo, pois teoricamente compartilhariam de genealogia, de uma história recente, e, por compreenderem uns aos outros, falariam uma mesma língua.

Com isso, observamos, de um lado, que os Avá-Canoeiro nascidos antes do contato não se identificaram como um mesmo grupo, por mais que compreendessem uma boa parte do que era falado pelo outro grupo. Muito deste fato se deve provavelmente a não terem uma memória recente de convivência conjunta, já que aproximadamente 10 gerações os separam. Conforme aponta P. Rodrigues (2012, p.249), os Av.C-A não reconheceriam “não reconhece nenhum vínculo histórico, mitológico, territorial ou de parentesco com o grupo do Tocantins.” Além disso, os dois grupos herdam trocas culturais distintas, pois os Av.C-A possuem maior influência dos povos da Ilha do Bananal.

Algo importante a se levar em consideração é que a compreensão mútua não é suficiente para se definir uma língua. O Av.C-A e o Av.C-T possuem diferenças importantes e que possivelmente foram usadas como marcas identitárias pelos falantes nascidos antes do contato, como o, diferenças fonológicas, como a ocorrência de pós-nasalização em Av.C-A e consoantes posteriorizadas em Av.C-T; morfossintáticas, como a ocorrência de um diferente paradigma de pronomes independentes em Av.C-T; sintáticas e pragmáticas, como a marca discursiva de foco *tõ*, desenvolvida pelo Av.C.T (A. SILVA, 2017).

Um exemplo interessante quando falamos em compreensão mútua, é que vários são os fatores que a definem e pode ainda haver uma compreensão não recíproca. Por exemplo, falantes de português compreendem melhor a língua espanhola, do que falantes de espanhol compreendem a língua portuguesa. Isso se deve, entre outros fatores, a diferença no número de vogais dessas línguas, pois o espanhol possui um conjunto menor de vogais, o que dificulta a percepção e produção das vogais distintas do português.

De outro lado, a maioria dos Avá-Canoeiro de ambos os grupos nascidos após o contato oficial, passaram a se considerar como pertencentes a um mesmo grupo. Muito provavelmente isso não se deva à narrativa desenvolvida na década de 90, mas sim à percepção de que ambas as famílias passaram por eventos históricos semelhantes e que culminaram no mesmo resultado desastroso, isto é, ambos os grupos passaram por massacres e traumas devido ao massacre e pós-massacre, além de traumas do contato e de uma situação precária após o contato – os Av.C-A como espólio de guerra dos Javaé (Patrícia Rodrigues, 2012) e os Av.C-T como cativos da FUNAI (C. SILVA, 2005). Ambos os grupos tiveram a sua população reduzida a mais ou menos uma dezena de

peessoas, o que os impeliu a reinventar aspectos de sua sociedade e cultura, um processo tanto de resistência como de reexistência.

Com certeza os elementos sociais, culturais e linguísticos em comum contribuíram enormemente para que esses Avá-Canoeiro se considerem como uma mesmo povo, os *Áwa*. Na atualidade, os nascidos após o contato de ambos os grupos mantém contato regular por meio de mídias de interação, como *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp* e, por mais que não buscam mais morar em uma mesma Terra Indígena, ainda há o interesse em intercâmbios linguísticos e culturais.

Devido a diferença de concepção do Avá-Canoeiro como língua ou dialeto pelos próprios Avá-Canoeiro, não cabe à nós na presente tese fazer essa definição. Para fins metodológicos, quando nos referirmos a Av.C-A ou Av.C-T, estaremos falando da língua/dialeto do respectivo grupo, e quando nos referirmos a Avá-Canoeiro, estaremos fazendo referência ao que é comum a ambos os grupos sem distinção, sendo algo mais próximo ao proto-Avá-Canoeiro.

2.3 ESTADO ATUAL DE VITALIDADE DA LÍNGUA AVÁ-CANOEIRO

O Avá-Canoeiro é uma língua ameaçada, considerada em estado crítico (*critically endangered*) segundo o Atlas das Línguas Ameaçadas do Mundo, da UNESCO (MOSELEY, 2010).

Vários são os critérios que fazem com que o Avá-Canoeiro esteja nessa posição, sendo o principal desses critérios a quantidade reduzida de falantes – para a UNESCO, uma língua com menos de um milhão de falantes já seria considerada uma língua ameaçada. Conforme comentamos anteriormente, dentre os quase trinta indivíduos que compõe os Av.C-A, aproximadamente dez falam essa língua. Já o Av.C-T é falado por aproximadamente seis indivíduos, dentre os oito que compõe o grupo. É interessante observarmos que os indivíduos dos dois grupos que não falam a língua são, em sua maioria, os pertencentes às faixas IV e V, dos nascidos após o contato.

Há, além desse fato, o de que as variedades do Avá-Canoeiro não são consideradas língua majoritária nos locais onde são faladas. O Av.C-A é uma língua minorizada frente ao Javaé, ao Karajá e ao Português, devido sobretudo ao fato dos Av.C-A, quando deslocados para a aldeia Canoanã, passaram a serem considerados espólio de guerra dos Javaé, sendo impedidos de atualizarem práticas socioculturais em público, incluindo o uso de sua própria língua. O uso do Av.C-A, dessa forma, se restringiu ao

contexto familiar, sendo transmitida até a primeira geração nascida imediatamente após o contato. Além disso, os Av.C-A não tiveram acesso até o presente ao estudo de sua língua no âmbito da Educação Escolar Indígena nas aldeias em que vivem.

Já o Av.C-T pode ser considerada uma língua minorizada frente ao Português e ao Tapirapé. Conforme observado por Borges (2006) e por nós (A. SILVA, 2014), o Av.C-T não era utilizado no ambiente da aldeia quando havia a presença de pessoas não Avá-Canoeiro, isso é, a presença de um ou mais *Maila*. Após o casamento de uma indígena Av.C-T com um indígena Tapirapé, a língua Tapirapé passou a ser a língua mais frequente em seu ambiente familiar, juntamente com o Português, fazendo com que, dessa forma, essas duas línguas sejam transmitidas com maior efetividade para a geração seguinte. Soma-se a isso, o fato dessa família frequentar a aldeia Tapirapé Corrego da Onça uma ou duas vezes por ano, onde a língua Tapirapé é majoritária. No entanto, o Av.C-T é a língua falada entre as três remanescentes Av.C-T, uma vez que são praticamente monolíngues e moram em uma mesma casa, apesar de terem um conhecimento bastante rudimentar do Português.

Apesar da quantidade extremamente reduzida de falantes e do fato de serem línguas minorizadas nos locais onde são faladas, a atitude linguística dos Avá-Canoeiro para com a sua língua é extremamente positiva. Ambos os grupos comentam que gostam da língua Av.C, consideram-na importante e veem essa língua como relacionada à sua identidade Avá-Canoeiro e querem que ela permaneça viva.

Em campo, observei que a expectativa do meu aprendizado da língua Avá-Canoeiro por parte dos Av.C-T se dava pelo meu tempo de permanência com eles, no compartilhar da comida, por minha participação em atividades do dia a dia deles, entre outras situações que fazem parte do processo da “construção da pessoa” em sociedades indígenas (cf. Seeger et al., 1979). Percebi essa mesma expectativa dos Avá-Canoeiro com respeito as suas crianças. Mesmo quando essas crianças não tinham acesso ao Avá-Canoeiro falado, havia a expectativa de que elas saberiam falar o Avá-Canoeiro quando se tornassem pessoas Avá-Canoeiro.

Nas conversas e reuniões sobre educação indígena, enfatizei a importância do uso da língua como único meio de garantir a sua transmissão, destacando que é fundamental que crianças de até 9-12 anos tenham acesso à língua falada para que possam adquirí-la, sem a necessidade obrigatória de aprendê-la por meio do ensino formal. O mesmo posicionamento teve o professor Iranildo Tapirapé, professor de língua Tapirapé

da Escola Indígena Ikatuté – Terra Indígena Avá-Canoeiro em 2016 e 2017, durante suas discussões com os Av.C-T no contexto da escola (TAPIRAPÉ, 2018, p.488).

Tratamos, na sequência, da revisão da fonologia da língua Avá-Canoeiro, contemplando as diferentes variedades sociais do Av.C-A e do Av.C-T.

CAPÍTULO 3. REVISÃO DA FONOLOGIA DO AVÁ-CANOEIRO

Neste capítulo, propomos uma revisão da fonologia do Avá-Canoeiro, partindo de estudos anteriores e de dados inéditos, levando em consideração critérios geossociolinguísticos, como a diferença entre o Av.C-A e o Av.C-T, a origem anterior ou posterior ao contato oficial e a separação dos falantes em diferentes faixas etárias.

Esses critérios geossociais são importantes para a diversificação do proto-Avá-Canoeiro nos atuais Avá-Canoeiro do Tocantins e Avá-Canoeiro do Araguaia e para compreendermos as mudanças ocorridas individualmente no Av.C-T e no Av.C-A após essa diversificação.

Ressaltamos que as primeiras descrições do sistema sonoro do Avá-Canoeiro (HARRISON, 1973/1974; TORAL, 1983) apresentam elementos diferentes das descrições publicadas da década de 1990 em diante, por Paiva (1996), Borges (2006) e por nós (A. SILVA, 2015).

Como veremos, muito provavelmente isso se relaciona ao fato dos pesquisadores terem trabalhado com falantes distintos, pertencentes originalmente a aldeias diferentes ou pertencentes a um mesmo grupo, faixa geracional e época de nascimento, mas que expressariam “variação estruturada a nível pessoal” (cf. DORIAN, 2010).

Em nossa revisão da fonologia do Av.C-A e do Av.C-T, objetivamos o aprofundamento da descrição fonológica das variedades diageracionais dos falantes nascidos antes do contato oficial (Faixas I e II). Em estudos futuros trataremos de elementos das variedades do Avá-Canoeiro faladas pelos falantes nascidos após o contato oficial, para as quais notamos interferências induzidas por contato.

Até o momento, no entanto, não obtivemos dados de primeira mão suficientes de falantes representativos das faixas I e II do Avá-Canoeiro do Araguaia, isto é, de falantes nascidos antes do contato definitivo com a sociedade envolvente, sejam dados em primeira mão junto à única falante viva nos dias de hoje ou dados em áudio/vídeo de outros pesquisadores. É interessante notar que, atualmente, dentre os 11 indivíduos Av.C-A, contatados nos anos de 1973 e 1974, dez já faleceram, e a única remanescente pertence à Faixa II.

Nosso estudo para essas faixas do Av.C-A se concentram em dados publicados e/ou disponíveis em estudos anteriores, cujos pesquisadores trabalharam com

falantes dessas faixas (cf. HARISSON, 1973/1974; TORAL, 1984; A. RODRIGUES, 1988; PAIVA, 1996; BORGES, 2006).

Na seção 3.1 a seguir, revisamos a descrição do inventário fonológico das consoantes e vogais do Av.C-A, levando em consideração as descrições de Harrison (1974), Toral (1984), Rodrigues (1988)¹¹, Paiva (1996) e de Borges (2006). Propomos uma análise fonológica para os dados fonéticos de Harrison (1974) e Toral (1984) até então não analisados e contrastamos essas descrições fonológicas com as já apresentadas até então. Concluimos que não é possível estabelecer uma proposta unificada, devido às diferenças importantes encontradas. Na seção 3.2, apresentamos uma revisão do inventário fonológico das consoantes e vogais do Av.C-T, levando em consideração principalmente nosso último estudo sobre sua fonologia (A. SILVA, 2015). Em 3.3, tratamos do padrão acentual em Av.C-A e em Av.C-T e em 3.4 da expressão da nasalidade nessas duas variedades di Avá-Canoeiro.

Dessa forma, a revisão contempla a análise segmental da fonologia do Av.C-T e propõe análises de variedades sociais do Av.C-A, bem como uma análise autosegmental de aspectos prosódicos de ambos.

¹¹ Agradeço ao professor Aryon Rodrigues por ter me cedido, quando do início de meus estudos sobre o Avá-Canoeiro, a cópia de uma fita K7 contendo palavras e frases em Avá-Canoeiro do Araguaia, trabalhadas pela professora Maria Brown e sua aluna à época, Mônica Pechincha, junto a *Kaukamã* (conhecida à época como Macaquira) e *Tuatama* (Ciele), em 1988, bem como uma lista lexical transcrita para o Alfabeto Fonético Americanista, elaborada pelo próprio prof. Aryon Rodrigues, a partir desses dados.

3.1 REVISÃO DA FONOLOGIA SEGMENTAL DO AV.C-A

O estudo que apresenta uma descrição mais completa da fonologia do Avá-Canoeiro do Araguaia foi realizado por Borges (2006), no âmbito de sua tese de doutorado. Iniciaremos esse capítulo apresentando a descrição da autora e trazemos, na sequência, a análise fonológica de outras variedades sociais do Av.C-A ao considermos um conjunto maior de dados.

Conforme comenta Borges (*op. cit.*, p.40-41), seu trabalho de campo contou com a colaboração de cinco falantes. Sistematizamos, no quadro abaixo, algumas informações sociais dos falantes com os quais a autora trabalhou, referentes (a) ao período de nascimento, se ocorrido antes ou após o contato oficial de 1973 e 1974; e (b) à faixa geracional a que pertenceriam os falantes, considerando suas idades aproximadas no ano de 2004, ano em que a pesquisadora fez sua pesquisa de campo. Algumas informações sociais como o ano de nascimento aproximado, foram atualizadas a partir de P. Rodrigues (2012).

Quadro 6 - Dados sociolinguísticos de falantes do Av.C-A trabalhados por Borges (2006)

Nascimento	Geração	Falantes	Data aproximada de nascimento
Pré-contato	Faixa I (60-80)	Tutaw (♂)	1930 († 2015)
		Tatxia (♀)	1920 († 2006)
	Faixa II (40-60)	Kawkama (♀)	1960
		Agadmi (♂)	1950 († 2015)
Pós-contato	Faixa III (20-40)	Tupuile (♀)	1986

Observamos que, em sua pesquisa, a autora teve a oportunidade de trabalhar com três gerações de falantes, sendo que, segundo a autora, Tutaw (Faixa I) e Kawkama (Faixa II) as pessoas com quem mais trabalhou “embora nunca tivessem muito tempo, paciência e motivação para fazê-lo” (BORGES, 2006, p.40-41). Em sua descrição do Avá-Canoeiro, no entanto, a autora não se separou os dados segundo a idade, além de não ter diferenciado na maioria de seu estudo, os dados advindos do Av.C-A e do Av.C-T.

Consideramos essa distinção importante, uma vez que elementos de interferência linguística induzida por contato podem ter ocorrido em Av.C-A na Faixa II, decorrente da necessidade de aprender o Português, Karajá e/ou Javaé em situação de

contato intenso; e da Faixa III, uma vez que os nascidos após o contato são trilíngues/quadrilíngues em Avá-Canoeiro, Português e Javaé e/ou Karajá.

Apresentamos brevemente, em 3.1.1, a descrição proposta por Borges (2006) para o inventário de fonemas consonantais e vocálicos do Av.C-A. Na sequência discutimos algumas questões da análise proposta e propomos a descrição da fonologia de outras variedades sociais do Av.C-A, utilizando dados de outros autores.

3.1.1 Fonemas consonantais do Avá-Canoeiro do Araguaia

Borges (2006, p.50-71) descreve a existência de 12 fonemas consonantais para o Av.C-T e o Av.C-A: três oclusivas surdas (/p, t, k/), uma oclusiva velar surda labializada (/k^w/), uma africada alveopalatal surda (/tʃ/), uma fricativa uvular sonora (/ʁ/), três nasais (/m, n, ŋ/) e três aproximantes (/w, r, j/). Para a autora, haveria diferenças dialetais entre o Av.C-A e o Av.C-T somente em nível subfonêmico, no que diz respeito, principalmente, aos alofones dos fonemas nasais /m/ e /n/, uma vez que o Av.C-A possui alofones pré-nasalizados.

A autora apresenta os seguintes alofones para os fonemas do Avá-Canoeiro. Apresentamos, no quadro abaixo, sua distribuição segundo os ambientes fonéticos de sua realização. Mantivemos somente o que a autora identifica como o que seria comum ao Av.C-A e ao Av.C-T, ou o que pertenceria exclusivamente ao Av.C-A.

Quadro 7 - Consoantes do Avá-Canoeiro do Araguaia (BORGES, 2006, p.51)

	Fonema	Descrição das Consoantes	Alofones /_ Ambiente
(1)	/p/	oclusiva bilabial surda	[p ^h] ~ [p] / [+acento] [p̄] / _# [-acento] [p] / n.d.a. [-acento]
(2)	/t/	oclusiva alveolar surda	[t ^h] ~ [t] / [+acento] [t̄] / _# [-acento] [t] / n.d.a. [-acento] [tʃ] / _i
(3)	/k/	oclusiva velar surda	[k ^h] ~ [k] / [+acento] [k̄] / _# [-acento] [q] / _V _{posteriores} [-acento] [k] / n.d.a. [-acento]
(4)	/k ^w /	oclusiva velar surda labializada	[k ^w]
(5)	/tʃ/	africada alveopalatal surda	[tʃ] ~ [ʃ] ~ [ʒ] ~ [j]
(6)	/m/	nasal bilabial	[m] ~ [m̄] ~ [b] / amb. oral [m] / n.d.a.

(7)	/n/	nasal alveolar	[n] ~ [n̥] ~ [d] / amb. oral [n] / n.d.a.
(8)	/ŋ/	nasal velar	[ŋ]
(9)	/ɣ/	fricativa uvular sonora	[ɣ] ~ [g] ~ [ɟ]
(10)	/r/	aproximante alveolar	[r̃] / amb. nasal
			[r] ~ [l] / n.d.a.
(11)	/w/	aproximante bilabial	[w] ~ [ɰ] ~ [β]
			[w̃] / amb. nasal
(12)	/j/	aproximante alveopalatal	[ʎ]
			[j] ~ [tʃ]
			[j] / _#
			[ɲ] ~ [j̃] / amb. nasal
			[j] ~ [ʒ] ~ [dʒ] / n.d.a.

Apresentamos abaixo exemplos oferecidos por Borges (2006) para a demonstração de sua análise distribucional da fonologia Av.C-A. Mantivemos os dados de Borges (2006) com suas respectivas glosas, às quais correspondem à sua análise da morfologia e morfossintaxe da língua. É interessante observar que alguns elementos da análise da autora diferem da nossa análise. Dessa forma, em nossos dados optamos por glosas próprias e pela a organização seguinte dos dados, os quais seguem proposta alternativa de análise de elementos morfológicos e morfossintáticos da língua (SILVA, 2015; 2017).

(1) /p/ - consoante oclusiva bilabial surda

[p] – Consoante oclusivo bilabial surdo – varia livremente com [p^h] – Consoante oclusivo bilabial surdo aspirado – em sílabas acentuadas e em início de palavra (BORGES, 2006, p.81).

- (203) /ipotiva/ [i'p^hɔ:tiβə] ~ [i'pɔ:tiβə] 'flor'
- (206) /petim/ [p^hetĩ:mə] ~ [petĩ:mə] 'fumo'
- (207) /tupam/ [t^hɔ'p^hɛ:mə] ~ [tɔ'pɛ:mə] 'corda'

[p̃] – Consoante oclusivo bilabial surdo não-explodido – ocorre em final de palavra. Caso haja inserção de vogal epentética [ə] após /p/ em final de palavra, o fone [p] ocorre em seu lugar (BORGES, 2006, p.81).

- (210) /tatupep/ [t^hətɔ'p^hɛ:p̃] ~ [t^hətɔ'p^hɛ:pə] 'tatu-peba'

[p] - Consoante oclusivo bilabial surdo - ocorre nos demais ambientes (BORGES, 2006, p.53).

(17) /i-piau/ [ˌipiˈa:w] ‘ela é nova’

(2) /t/ - consoante oclusiva alveolar surda

[t] – Consoante oclusivo alveolar surdo – varia livremente com [tʰ] – Consoante oclusivo alveolar surdo em sílabas acentuadas e em início de palavra (BORGES, 2006, p.81).

(204) /jatita/ [ʒəˈtʰi:tə] ~ [ʒaˈti:tə] ‘caracol’

(207) /tupam/ [tʰoˈpʰã:mə] ~ [toˈpã:mə] ‘corda’

[t̃] – Consoante oclusivo alveolar surdo não-explodido – ocorre em final de palavra. Caso haja inserção de vogal epentética [ə], o fone [t] ocorre em seu lugar (BORGES, 2006, p.82).

(211) /ere-jot/ [ˌereˈjo:t̃] ~ [ˌereˈjo:tə] ‘você foi embora’
2sg-ir

[tʃ] – Consoante africado alveopalatal surdo – ocorre antecedendo as vogais altas /i/ e /ĩ/, e pode ocorrer antecedendo /u/, em variação livre com [t] em sílabas tônicas (BORGES, 2006, p.82).

(213) /o-tiniŋ/ [oˈtʃĩniŋə] ‘ele secou’
3sg-secar

(215) /o-kiti/ [oˈkʰi:tʃi] ‘ele cortou’
3sg-cortar

(216) /i-tĩ/ [iˈtʃĩ:] ‘bico dele’
3-bico

(217) /kaititu/ [ˌkʰəjtʃiˈtʃu:] ~ [ˌkʰəjtʃiˈtʃu:] ‘caititu’

(218) /pitun/ [pʰiˈtʃũ:n] ~ [pʰiˈtʰũ:n] ‘noite’

[t] / nos demais ambientes (BORGES, 2006, p.57).

(49) /i-katu=ete/ [iˈkatoˈtʰe:]

(3) /k/- consoante oclusiva velar surda

[k^h] ~ [k] / [+acento] (BORGES, 2006, 81).

(205) /i-akup/ [jə'k^hu:p̄] ~ [jə'qu:p̄] 'ele está quente'

(208) /kiɛ/ ['k^hi:ɛ] ~ ['ki:ɛ] 'faca'

(209) /ka-kɪɤ/ ['k^ha:kɪɤ] ~ ['ka:kɪɤ] 'folha, mato'

[k̄] / _# Caso haja inserção de vogal epentética [ə], o fone [k] ocorre em seu lugar (BORGES, 2006, p.81).

(212) /a-kaɤuk/ [,əkə'vu:k̄] ~ [,əkə'vu:kə] 'eu urinei'
1sg-urinar

[q] – Consoante oclusivo uvular surdo – ocorre antecedendo as vogais posteriores /u/, /o/, /ũ/ e /õ/ (BORGES, 2006, p.82).

(219) /kuɤuɤa/ [qʊ'vu:ɤə] 'abóbora'

(220) /takuɤu/ ['t^həqu:ɤʊ] 'pássaro (espécie)'

(221) /a-je-kok/ [,aʒe'qo:k̄] 'eu me apoiei'
1sg-reflex.-apoiar

(222) /tʃi=r-apekũ/ [,tʃiɾa'p^he:qõ] 'minha língua'
1poss=rel-língua

(223) /mokõj/ ['mo:qõj] 'dois'

[k] / nos demais ambientes (BORGES, 2006, p.53).

(17) /i-kiau/ [,iki'a:w] 'rede dele'

(4) /k^w/ - consoante oclusiva velar surda labializada

[k^w] em meio de sílaba (BORGES, 2006, p.55).

(44) /tʃi=Ø-k^wã/ [tʃi'k^wã:] 'meu dedo'
1poss=rel-dedo

(45) /o-k^wɪɤ/ [o'k^wi:ɤ] 'choveu'
3sg-chover

(5) /tʃ/ - africada alveopalatal surda

[tʃ] – Consoante africada alveopalatal surdo – ocorre em variação livre com [ʃ] – Consoante fricativo alveopalatal surdo; com [ʒ] Consoante fricativo alveopalatal sonoro; e com a aproximante alveopalatal [j] (BORGES, 2006, p.89).

- (252) /itʃe/ [i'ʃe] ~ [i'tʃe] ~ [i'je] 'eu'
- (254) /tʃiapaɐ/ [ʒi'a:pəɐ] ~ [tʃi'a:pəɐ] ~ [ji'a:pəɐ] 'enxada'
- (255) /tʃi=ɐ-apitum/ [ʒi,ɐpi'thũ:mə] ~ [tʃi,ɐpi'thũ:mə] 'meus miolos'

(6) /m/ - consoante nasal bilabial

[m] – Consoante nasal bilabial – ocorre em variação livre com [mb] – Consoante nasal bilabial pós-oralizado – e [b] – Consoante oclusivo bilabial sonoro em ambientes orais (BORGES, 2006, p.83-84).

- (227a) /moj-a/ ['mbo:jə] ~ ['mo:jə] 'cobra'
- (227b) /mae/ ['mba:e] ~ ['mae] 'caça'
- (228a) /o-mapik/ [o'mba:pikə] ~ [o'ma:pik̃] 'ele cozinhou'
- (235a) /mae-potiva/ [,bae'pʰɔ:tivə] ~ [,mae'pʰɔ:tivə] 'flor'

[m] / nos demais ambientes (BORGES, 2006, p.63).

- (86a) /-men/ ['mẽ:n] 'marido'
- (87) /ni=Ø-kam/ [ni'kʰð:m] 'teu seio'

(7) /n/ - consoante nasal alveolar

[n] ~ [nd] ~ [d] / ambiente oral (BORGES, 2006, p.83-84).

- (227d) /ne=Ø-wip/ [nd'e'wip̃] ~ [ne'wip̃] 'tua coxa'
- (235b) /ne=Ø-pikir/ [,dɛpi'kʰirə] ~ [,nɛpi'kʰi:rə] 'tua irmã'
- (228b) /ene/ [ẽ'nde:] ~ [ẽ'ne:] 'você'

[n] / nos demais ambientes (BORGES, 2006, p.63).

- (86b) /tukan/ [tʰukɛn] 'tucano'

(85a) /o-mano/ [o'mã:nɔ] 'ele morreu'

(8) /ŋ/ - consoante nasal velar

[ŋ] (BORGES, 2006, p.63-64).

(86b) /'tukaŋ/ [tʰukãŋ] 'formiga'

(92) /u'ŋua/ [õ'ŋu:ə] 'pilão'

(9) /ʁ/ - consoante fricativa uvular sonora

[ʁ] – Consoante fricativo uvular sonoro ocorre em variação livre com [g] – Consoante oclusivo velar sonoro – e com [ɣ] – Consoante oclusivo uvular sonoro, em qualquer ambiente (BORGES, 2006, p.83).

(224) /iʁaɾaʁ/ [i'ga:pəgə] ~ [i'ga:pəɣə] ~ [i'ʁa:pəgə] 'arco'

(225) /uʁuku/ [ʊ'gu:qʊ] ~ [ʊ'gu:ɣʊ] ~ [ʊ'ʁu:qʊ] 'urucum'

(226) /itaɾoʁoɾe/ [,itaɾo'gɔ:ɾi] ~ [,itaɾo'ɣɔ:ɾi] ~ [,itaɾo'ʁɔ:ɾi] 'enxada'

(10) /r/ - aproximante alveolar

[r] / ambiente nasal (BORGES, 2006, p.85).

(238a) /piɾaŋ/ [pʰi'rĩ:ŋ] ~ [pʰi'rĩŋ] ~ [pʰi'lĩŋ] 'vermelho'

(238b) /kuɾum/ [qʊ'rũ:m] ~ [qʊ'rũ:m] 'menino'

[r] – aproximante alveolar – ocorre em ambiente oral em variação livre com [l] – Consoante lateral alveolar (BORGES, 2006, p.86).

(241) /tʃi=r-ea/ [tʃi'le:ə] ~ [tʃi're:ə] 'meu olho'
lposs=rel-olho

(242) /wiɾa-miɾi/ [,wəɾə'mi:lɪ] ~ [,wəɾə'mi:ɾi] 'pássaro pequeno'
pássaro-dim

(11) /w/ - aproximante bilabial

[w] – aproximante bilabial – ocorre antes de silêncio (BORGES, 2006, p.65-66).

- (102a) /tʃi=Ø-kiw/ [tʃi'kʰi:w] 'meu piolho'
- (103b) /i-kaw/ [i'kʰa:w] 'gordura, banha dele'

[w] – aproximante bilabial – ocorre em variação livre com [ɠʷ] – Consoante oclusivo uvular sonoro labializado – e com [β] – Consoante fricativo bilabial sonoro, nos demais ambientes (BORGES, 2006, p.87).

- (245) /o-wewe/ [o'ɠʷe:ɠʷe] ~ [o'we:we] 'ele voou'
- (247) /kaʋamawaj/ [kʰa, ʋamə'ɠʷa:j] ~ [kʰa, ʋamə'wa:j] 'pássaro (espécie)'
- (248b) /wewe/ [βe'βe:] ~ [we'we:] 'voar'
- (248a) /wira/ [βi:rə] ~ [wi:rə] 'pássaro'
- (249a) /iwira/ [ə'βi:rə] ~ [ə'wi:rə] 'árvore'

[w̃] – aproximante bilabial – ocorre em ambiente nasal (BORGES, 2006, p.85).

- (237a) /i-waŋ/ [i'w̃ð:ŋə] 'é vermelho'
- (237c) /tʃi=Ø-kʷã-u/ [tʃi'kʷã:w̃] 'meu polegar'

(12) /j/ - aproximante alveopalatal

[j] – aproximante alveopalatal – ocorre antes de silêncio (BORGES, 2006, p.66).

- (103b) /o-kaj/ [o'ka:j] 'ele se queimou'
- 3sg-queimar-se

[ɲ] ~ [j̃] / ambiente nasal (BORGES, 2006, p.85).

- (239a) /itajaẽ/ [i,tã'j̃ð:ẽ] ~ [i,tã'ɲð:ẽ] 'vermelho'
- (239d) /o-jeŋ/ [ð'ɲð:ŋə] ~ [ð'j̃ð:ŋə] 'ele está falando'
- (239b) /o-jemim/ [ð'j̃ẽ:mĩm] ~ [ð'ɲẽ:mĩm] 'ele se escondeu'
- (239c) /i-ãj/ [ĩ'ã:j] 'dente dele'

[j] – aproximante alveopalatal – ocorre em variação livre com [ʎ] – Consoante lateral palatal – e com [ʒ] – Consoante fricativo alveolar sonoro (BORGES, 2006, p.86).

(243) /a-jauk/ [ə'ʎa:wk̄] ~ [ə'ja:wk̄] ~ [ə'za:wk̄] 'eu tomo banho'

(244) /wajoa/ ['wa:ʎoə] ~ ['wa:joə] 'guariba'

[j] – aproximante palatal – ocorre em variação livre com [ʒ] – Consoante fricativo alveolar sonoro – e com [dʒ] – africada alveopalatal, nos demais ambientes (BORGES, 2006, p.88).

(250) /ajuru/ [a'ʒu:ʁu] ~ [a'ju:ʁu] ~ [a'dʒu:ʁu] 'papagaio'

(251) /ni=Ø-jjwa/ [ni'dʒi:wə] ~ [ni'jiwə] ~ [niʒi:wə] 'teu braço'
2poss=rel-braço

A autora apresenta ainda em seu quadro de fonemas consonantais e seus respectivos alofones (BORGES, 2006, p.50-51), uma consoante africada alveopalatal [tʃ] e uma fricativa alveopalatal [ʃ] como alofones do fonema /j/, no entanto não encontramos exemplos dessa análise.

Apresentamos, abaixo, os pares mínimos e análogos oferecidos por Borges (2006), como critério contrastivo na descrição das consoantes do Av.C-A:

/p/ - consoante oclusiva bilabial surda (BORGES, 2006, p.53).

(16) /p/ e /t/ /ipaw/ [i'p^ha:w] 'lago'
/itaw/ [i't^ha:w] 'nadar'

(17) /p/ : /k/ /i-piau/ [,ipi'a:w] 'ela é nova'
3-ser.novo
/i-kiau/ [,iki'a:w] 'rede dele'
3-rede

/t/ - consoante oclusiva alveolar surda (BORGES, 2006, p.53).

(16) /t/ : /p/ /itaw/ [i't^ha:w] 'nadar'
/ipaw/ [i'p^ha:w] 'lago'

(18) /t/ : /k/ /tui/ ['t^hu:j] 'periquito'
/kui/ ['k^hu:j] 'farinha, pó'

/k/ - consoante oclusiva velar surda (BORGES, 2006, p.53 e 55).

(17) /k/ e /p/ /i-kiau/ [,iki'a:w] 'rede dele'
3-rede

/i-piau/ [,ipi'a:w] 'ela é nova'
3-ser.novo

(18) /k/e /t/ /kui/ ['kʰu:j] 'farinha, pó'
/tui/ ['tʰu:j] 'periquito'

(44) /k/ : /kʷ/ /tʃi=∅-kam/ [tʃi'kʰǎ:m] 'meu seio'
1poss=rel-seio
/tʃi=∅-kʷã/ [tʃi'kʷǎ:] 'meu dedo'
1poss=rel-dedo

(45) /k/ : /kʷ/ /o-kiti/ [o'kʰi:tʃi] 'ele cortou'
3sg-cortar
/o-kʷiɸ/ [o'kʷi:ɸə] 'choveu'
3sg-chover

/kʷ/ - consoante oclusiva velar surda labializada (*BORGES, 2006, p.55*)

(44) /kʷ/ : /k/ /tʃi=∅-kʷã/ [tʃi'kʷǎ:] 'meu dedo'
1poss=rel-dedo
/tʃi=∅-kam/ [tʃi'kʰǎ:m] 'meu seio'
1poss=rel-seio

(45) /k/ : /kʷ/ /o-kʷiɸ/ [o'kʷi:ɸə] 'choveu'
3sg-chover
/o-kiti/ [o'kʰi:tʃi] 'ele cortou'
3sg-cortar

/tʃ/ - africada alveopalatal surda (*BORGES, 2006, p.57*).

(48) /tʃ/ : /t/ /tʃapaɸa/ ['tʃa:pəɸə] 'pôr-do-sol'
/tata/ ['tʰa:tə] 'fogo'

(48) /tʃ/ : /t/ /watʃuaja/ [,watʃo'a:ʒə] 'cagaita'
/i-katu=ete/ [i,katu'tʰe:] 'ele é bonito mesmo'
3-ser.bonito=part

/ɸ/ - consoante fricativa uvular sonora (*BORGES, 2006, p.59-60*).

(67) /ɸ/ : /k/ /o-iɸ/ [o'i:ɸə] 'ele caiu, nasceu'
/o-ik/ [o'i:kə] 'ele chegou'

(68) /ɸ/ : /kʷ/ /aɸakuɸ/ [a:'ɸa:qʊɸə] 'seriema'
/takʷar/ [tʰa'kʷa:r] 'taquara'

/a-ka-kəɸaj/ [a,kaka'ɸa:j] 'eu arranhei'
1sg-redupl.-arranhar

	/tak ^w aɾ/	[tʰa'k ^w a:ɾ]	‘taquara’
	/ajuru/	[a'ʒu:ɾɔ]	‘papagaio’
	/o-jok ^w iɪ/	[o'ʒo:k ^w iɪɐ]	‘ele amarrou’
(69) /ɸ/ : /ŋ/	/i-ɸ-uri/	[i'ɸu:ɾi]	‘com ele’
	3-rel-posp		
	/uŋua/	[õ'ŋu:ə]	‘pilão’
	/tʃiapaɸ/	[ʒi'a:pəɸə]	‘enxada, cavadeira’
	/i-akaŋ/	[i'a:kãŋə]	‘cabeça dele’
(74) /ɸ/ : /ɾ/	/kiɸ/	[k ^h i:ɸə]	‘verde, não-maduro’
	/kiɾ/	[k ^h i:ɾə]	‘dormir’
(75) /ɸ/ : /ɾ/	/uɸuwu/	[ɔ'ɸu:wɔ]	‘urubu’
	/uruwu/	[ɔ'ru:wɪ]	‘surubim’
(76) /ɸ/ : /ɾ/	/k ^w aɸ/	[k ^w a:ɸ] ~ [k ^w a:ɸə]	‘sol’
	/tak ^w aɾ/	[tʰa'k ^w a:ɾ]	‘taquara’

Quanto ao contraste entre /ɸ/ e /ɾ/, a autora (2006, p.60) apresenta ainda alguns dados em que haveria a ocorrência de [ɸ] e [ɾ] em variação livre.

(70) /mapɸa/	[ma:pɸə] ~ [ma:pɾə]	‘papel’
(71) /k ^w aɸa/	[k ^w a:ɸə] ~ [k ^w a:ɾə]	‘buraco’
(72) /o-keɾ/	[o:kɸə] ~ [o:kɾə]	‘ele dormiu’

/m/ - consoante nasal bilabial (BORGES, 2006, p.63-64).

(85) /m/ e /n/	/o-mano/	[o'mã:ɲɔ]	‘ele morreu’
	3sg-morrer		
	/o-nano/	[o'nã:ɲɔ]	‘ele ouviu’
	3sg-ouvir		
	/-eme/	[ẽ'me:]	‘lábio’
	/ene/	[e'ne:]	‘você’
(87) /m/ : /ŋ/	/ni=∅-kam/	[ni'k ^h ã:m]	‘teu seio’
	2poss=rel-seio		
	/ni=∅-kaŋ/	[ni'k ^h ã:ŋ]	‘teu osso’
	2poss=rel-osso		

(88) /m/ : /p/	/tʃĩ=r-emireko/ 1poss=rel-esposa	[, tʃĩre'mi:reɔ]	‘minha esposa’
	/i-pirik/ 3-pele, casca	[ɾ'pʰi:ɾikə]	‘pele dele’

/n/ - consoante nasal alveolar (BORGES, 2006, p.63-64).

(85) /n/ e /m/	/o-nano/ 3sg-ouvir	[o'nã:nɔ]	‘ele ouviu’
	/o-mano/ 3sg-morrer	[o'mã:nɔ]	‘ele morreu’
	/ene/	[e'ne:]	‘você’
	/-eme/	[ẽ'me:]	‘lábio’

(86) /n/ : /ŋ/	/-men/ /meŋ/	['mẽ:n] ['mẽ:ŋ]	‘marido’ ‘dar’
	/tukan/ /tukaŋ/	['tʰukãŋ] ['tʰukãŋ]	‘tucano’ ‘formiga’

(90) /n/ : /t/	/ene/ /ete/	[e'ne:] [e'tʰe:]	‘você’ ‘ser gostoso’
----------------	----------------	---------------------	-------------------------

/ŋ/ - consoante nasal velar (BORGES, 2006, p.63-64).

(86) /ŋ/ : /n/	/meŋ/ /-men/	['mẽ:ŋ] ['mẽ:n]	‘dar’ ‘marido’
	/tukaŋ/ /tukan/	['tʰukãŋ] ['tʰukãŋ]	‘formiga’ ‘tucano’

(87) /ŋ/ : /m/	/ni=Ø-kaŋ/ 2poss=rel-osso	[ni'kʰã:ŋ]	‘teu osso’
	/ni=Ø-kam/ 2poss=rel-seio	[ni'kʰã:m]	‘teu seio’

(91) /ŋ/ : /k/	/waŋ/ /iwak/	['wã:ŋ] [i'βa:k]	‘vermelho’ ‘céu’
	/uŋua/ /na=i-puku-uɕu=tõ/	[õ'ŋu:ə] [,najpɔ'kʰu:wɔtõ]	‘pilão’ ‘não é muito comprido’

/w/ - *aproximante bilabial* (BORGES, 2006, p.65-67).

(102) /w/ e /r/	/tʃi=Ø-kiw/	[tʃi'kʰi:w]	‘meu piolho’
	1poss=rel-piolho		
	/i-pikiʁ/	[,iɸi'kʰi:r] ~ [,iɸi'kʰi:rə]	‘irmã mais nova dela’
	3-irmã (ego feminino)		
	/i-waŋ/	[i'wã:ŋ]	‘ele é vermelho’
	3-ser.vermelho		
	/piran/	[pʰi'ĩã:ŋ]	‘vermelho’
(103) /w/ e /j/	/a-wen/	[a'wẽ:n]	‘eu vomitei’
	1sg-vomitar		
	/a-jeŋ/	[a'jẽ:ŋ]	‘eu falei’
	/i-kaw/	[i'kʰa:w]	‘gordura, banha dele’
	3-gordura, banha		
	/o-kaj/	[o'kʰa:j]	‘ele se queimou’
	3sg-queimar-se		
(105) /w/ e /m/	/i-kaw/	[i'kʰa:w]	‘gordura, banha’
	3-gordura, banha		
	/i-kam/	[i'kʰã:m]	‘seio dela’
	3-seio		
	/wen/	[wẽ:n]	‘vomitar’
	/-men/	[mẽ:n] ~ [mẽ:nə]	‘marido’
(107) /w/ : /p/	/waŋ/	[wã:ŋ]	‘vermelho’
	/pam/	[pʰã:m]	‘acabar, terminar’

/r/ - *aproximante alveolar* (BORGES, 2006, p.65)¹².

/r/ e /w/	/i-pikiʁ/	[,iɸi'kʰi:r] ~ [,iɸi'kʰi:rə]	‘irmã mais nova dela’
	3-irmã (ego feminino)		
	/tʃi=Ø-kiw/	[tʃi'kʰi:w]	‘meu piolho’
	1poss=rel-piolho		
	/piran/	[pʰi'ĩã:ŋ]	‘vermelho’
	/i-waŋ/	[i'wã:ŋ]	‘ele é vermelho’
	3-ser.vermelho		

¹² A autora (BORGES, 2006) descreve esse som como uma aproximante alveolar, mas utiliza o símbolo [r] para um tap/flap alveolar, ao invés do símbolo [ɾ] para uma aproximante alveolar. Mantemos o símbolo [r] nos dados transcritos pela autora.

(104) /r/ e /j/	/o-momor/	[,omõ'mo:r]	‘ele arremessou’
	3sg-arremessar		
	/o-jopoj/	[,oʒo'pʰo:j]	‘ele alimentou’
	3sg-alimentar		
	/o-ejar/	[oe'ja:r]	‘ele deixou, abandonou’
	/a-kaj/	[a'kʰa:j]	‘eu me queimei’
	/o-jiwirok/	[o,ʒɪwɪ'rɔ:k̄] ~ [o,ʒɪwɪ'rɔ:kə]	‘ele rasgou’
	3sg-rasgar		
	/o-jok/	[o'jɔ:k̄] ~ [o'ʒɔ:kə]	‘ele cavou’
	3sg-cavar		
(106) /r/ e /n/	/pira/	[pʰi:rə]	‘peixe’
	/pina/	[pʰĩ:nə]	‘anzol’
(109) /r/ e /t/	/piran/	[pʰi'ĩɔ:ŋ]	‘vermelho’
	/pitan/	[pʰi'tʰɔ:ŋ]	‘vermelho’
(74) /r/ : /ʁ/	/kír/	[kʰi:rə]	‘dormir’
	/kiʁ/	[kʰi:ʁə]	‘verde, não-maduro’
(75) /r/ : /ʁ/	/uruwu/	[o'ru:wɪ]	‘surubim’
	/uʁuwu/	[o'ʁu:wɔ]	‘urubu’
(76) /r/ : /ʁ/	/takʷar/	[tʰa'kʷa:r]	‘taquara’
	/kʷaʁ/	[kʷa:ʁ] ~ [kʷa:ʁə]	‘sol’

/j/ - aproximante alveopalatal (BORGES, 2006, p.66).

(103) /j/ e /w/	/a-jen/	[a'jẽ:ŋ]	‘eu falei’
	/a-wen/	[a'wẽ:n]	‘eu vomitei’
	1sg-vomitar		
	/o-kaj/	[o'kʰa:j]	‘ele se queimou’
	3sg-queimar-se		
	/i-kaw/	[i'kʰa:w]	‘gordura, banha dele’
	3-gordura, banha		
(104) /j/ : /r/	/o-jopoj/	[,oʒo'pʰo:j]	‘ele alimentou’
	3sg-alimentar		
	/o-momor/	[,omõ'mo:r]	‘ele arremessou’
	3sg-arremessar		
	/a-kaj/	[a'kʰa:j]	‘eu me queimei’
	/o-ejar/	[oe'ja:r]	‘ele deixou, abandonou’

/o-jok/	[o'jɔ:k̄] ~ [o'ʒɔ:kə]	'ele cavou'
3sg-cavar		
/o-jiwirok/	[o,ʒɪwɪ'rɔ:k̄] ~ [o,ʒɪwɪ'rɔ:kə]	'ele rasgou'
3sg-rasgar		

Algumas observações sobre a fonologia consonantal do Av.C-A

Borges (2006) apresenta o fone [tʃ] como sendo alofone de três fonemas, do fonema consonantal africado alveopalatal /tʃ/, do fonema consonantal alveolar surdo /t/ antes de [i] e do fonema consonantal aproximante /j/.

Como na nossa análise consideramos o princípio da univocidade em fonologia, isto é, o princípio de que um fone não pode ser alofone de mais de um fonema na língua e pelas evidências trazidas pelos dados, concluímos ser [tʃ] a realização do fonema /tʃ/ em Av.C-A. Os dados nos mostram que /tʃ/ é um fonema independente na língua, ocorrendo diante de todas as vogais (uma explicação histórica é dada no **4.2. Mudanças Ocorridas em Fonemas Consonantais**).

Borges (2006, p.51) apresenta ainda os fones [ʒ], [ʃ] e [j] como sendo alofones de dois fonemas em Av.C-A, do fonema consonantal africado alveopalatal /tʃ/ e do fonema consonantal aproximante palatal /j/. Para o fonema /tʃ/, a autora apresenta (*op. cit.*, p.89) a ocorrência de variação livre entre [tʃ], [ʃ], [ʒ] e [j] em um conjunto de dados (exemplos 252-255).

(254) /tʃɪapax/ [tʃɪ'a:pəxə] ~ [ʒɪ'a:pəxə] ~ [jɪ'a:pəxə] 'enxada'

É muito provável que a ocorrência de [tʃɪ'a:pəxə] em variação com [ʒɪ'a:pəxə] seja resultado de interferência de uma língua como o Tapirapé, para a qual os reflexos do PTG *j foram para [tʃ] em ambientes orais (LEITE, 1988), ou que na variedade do Av.C-A tenha tido início um processo de dessonorização da africada alveopalatal sonora, encontrado nos dados do Av.C-A descritos por Harrison (1974), e já consolidado nas línguas irmãs – Tapirapé, Asuriní do Tocantins, Parakanã e Suruí Aikewára (voltamos a essa questão **4.2. Mudanças Ocorridas em Fonemas Consonantais**).

Os demais exemplos apresentados por Borges (2006) com a ocorrência de [tʃ] e [ʃ] na variação supracitada são reflexos do PTG *tʃ. Essa variação, indicaria um

desenvolvimento recente na história do Av.C-A, em que o [tʃ] começa a enfraquecer para uma fricativa [ʃ], mantendo também uma variação com /j/ no morfema de primeira pessoa do singular. Reproduzimos abaixo os exemplos apresentados pela autora (*op. cit.*, p.89).

(252) /itʃe/	[ɾ'tʃe] ~ [ɾ'ʃe] ~ [ɾ'je]	‘eu’
(253) /tʃe=Ø-wi/	[ʰtʃe:wɪ] ~ [ʰʃe:wɪ] ~ [ʰje:wɪ]	‘para mim’
(255) /tʃi=ʁ-apitum/	[tʃi,ʁəpi'thũ:mə] ~ [ji,ʁəpi'thũ:mə]	‘meus miolos’

Considerando esses exemplos, podemos dizer que a situação mais problemática é quando há variação de /tʃ/ com /j/. No entanto, há evidências de que essa variação é resultado de misturas dialetais. É interessante observar que nos dados de Harrison (1974), que trabalhou com as faixas I e II, dos Av.C-A nascidos antes do contato, [tʃ] ocorre em início e meio de palavra com acento oral, já estabelecido como alofone do fonema /tʃ/, enquanto o fonema /dʒ/ tem dois alofones [j] ~ [ʒ] antes de silêncio e [ʃ] antes de fonema nasal.

Quanto à ocorrência de [ʎ] como alofone de /j/ (BORGES, 2006, p.86), nós analisamos em estudo anterior (A. SILVA, 2015, p.48-49) a consoante lateral [ʎ] como alofone do fonema /ʁ/ reflexo do PTG *r em /wæœo/ ['wa:ʎœə] e [ʎ] em /ajauk/ como muito provavelmente se referindo a [ɾ], alofone de /j/ na fala rápida Av.C-T.

A análise de /wæœo/ buscou observar que essa palavra para ‘guariba’ possui cognatos em outras línguas Tupí-Guaraní com /r/, como em Tembé e Guajajára (subramo IV) *waríw* ‘guariba’ e Tembé do Gurupí *máriu* ‘guariba’ (CYRIACO BATISTA 1932 *apud* SILVA, 2010, p.1013); em Guajá e em Urubú-Ka’apor (ambos subramo VIII) *warí* (MAGALHÃES, 2007, p.16; CALDAS, 2009, p.305); e em Tupinambá (subramo III) *gwariβa* (cf. BARBOSA, 1956, p.172). E, conforme analisamos no próximo capítulo, não existem dados sistemáticos que comprovem uma mudança do PTG *r para /j/ em Av.C. Dessa maneira, analisamos ‘guariba’ em Av.C-A como /wæœo/ [waʎeo].

Analisamos ainda os alofones dos fonemas /ʁ/ e /r/ (BORGES, 2006) como pertencendo a um só fonema /ʁ/, reflexo do PTG *r. Essa análise leva em conta a distribuição de seus alofones em três ambientes distintos:

O alofone [r] varia com [l] após [j] ou [i] e antes de vogal anterior:

- (241) /tʃi=r-ea/ [tʃi'le:ə] ~ [tʃi're:ə] 'meu olho' (BORGES, 2006, p.86)
1poss=rel-olho
- (238a) /piraŋ/ [pʰi'lɔ̃ŋ] ~ [pʰi'rɔ̃ŋ] ~ [pʰi'ɾɔ̃ŋ] 'vermelho' (BORGES, 2006, p.85)
- (242) /wira-miri/ [,wərə'mi:lɪ] ~ [,wərə'mi:rɪ] 'pássaro pequeno' (BORGES, 2006, p.86)
pássaro-dim

O alofone [r] varia com [ʁ] diante de silêncio ou em sílaba final (cf. BORGES, 2006, p.94 sobre o processo de inserção de vogal final).

- (70) /mapeʁa/ ['ma:peʁə] ~ ['ma:perə] 'papel' (BORGES, 2006, p.60)
- (71) /kʷaʁa/ ['kʷa:ʁə] ~ ['kʷa:rə] 'buraco' (BORGES, 2006, p.60)
- (72) /o-keɾ/ ['ɔ:keʁə] ~ ['ɔ:kerə] 'ele dormiu' (BORGES, 2006, p.60)
- (76) /kʷaʁ/ ['kʷa:ʁ] ~ ['kʷa:rə] 'sol' (BORGES, 2006, p.61)
- (76) /takʷaɾ/ [tʰa'kʷa:r] 'taquara' (BORGES, 2006, p.61)

O alofone [ɾ] varia com [r] em ambiente nasal

- (238a) /piraŋ/ [pʰi'ɾɔ̃ŋ] ~ [pʰi'rɔ̃ŋ] ~ [pʰi'lɔ̃ŋ] 'vermelho' (BORGES, 2006, p.85)
- (238b) /kurum/ [qʊ'ɾũ:m] ~ [qʊ'rũ:m] 'menino' (BORGES, 2006, p.85)

O alofone [ʁ] varia com [ɣ] e [g] nos demais ambientes

- (224) /iʁapaʁ/ [i'ga:pəɣə] ~ [i'ga:pəɣə] ~ [i'ka:pəɣə] 'arco' (BORGES, 2006, p.83)
- (225) /uʁuku/ [ʊ'gu:qʊ] ~ [ʊ'gu:qʊ] ~ [ʊ'ku:qʊ] 'urucum' (BORGES, 2006, p.83)
- (75) /uʁuwu/ [ʊ'ku:wʊ] 'urubu' (BORGES, 2006, p.61)

Um par análogo apresentado por Borges (2006, p.61), no entanto, contrastaria [r] e [ʁ] em contiguidade a consoantes posteriores, nas palavras para “surubim” e “urubu”. Observamos, no entanto, que há a possibilidade desse exemplo expressar uma mudança recente de [ʁ] para [r], devido fato que as línguas que estão em contato com o Av.C-A

3.1.2. Outras características das consoantes do Av.C-A: variação social?

Na presente seção, discutimos aspectos da descrição da fonética e fonologia do Avá-Canoeiro do Araguaia por outros autores (HARRISON, 1974; TORAL, 1983; PAIVA, 1996), os quais, como mostraremos adiante, ilustram muito provavelmente variações motivadas por fatores sociais.

Consoantes aspiradas em final de palavra no Avá-Canoeiro do Araguaia

Borges (2006, p.81) postula que consoantes oclusivas aspiradas ocorreriam “opcionalmente em sílaba tônica”, uma vez que alofones de consoantes oclusivas ocorreriam em variação livre com alofones aspirados nesse ambiente. A autora (2006) observa também a ocorrência de consoantes oclusivas surdas não explodidas em final de palavra, variando com o processo de inserção vocálica (*op. cit.*, p.94), para o qual a coda silábica de uma sílaba CVC passa a ser *onset* da sílaba seguinte: CVC > CV\$CV. Reproduzimos abaixo alguns exemplos da autora (*op. cit.*, p.81):

- (210) /tatupep/ [tʰətɔ'pʰɛ:p̚] ~ [tʰətɔ'pʰɛ:pə] ‘tatu-peba’
- (211) /ere-jot/ [ere'jo:t̚] ~ [ere'jo:tə] ‘você foi embora’
- (212) /a-kakuk/ [əkə'vu:k̚] ~ [əkə'vu:kə] ‘eu urinei’

Paiva (1996) apresenta exemplos do Av.C-A, referentes a um falante da Faixa I e a uma falante da Faixa II, em que ocorrem consoantes oclusivas aspiradas tanto em sílabas acentuadas como em sílabas finais, não acentuadas, conforme os dados abaixo:

- [pʰiʎə] ‘peixe’ (PAIVA, 1996, p.10)
- [ndo'pʰok] ‘não rio’ (PAIVA, 1996, p.10)
- [ə'kapʰɪʎ] ‘eu trabalho’ (PAIVA, 1996, p.10)
- [tʰətə] ‘fogo’ (PAIVA, 1996, p.10)
- [wutʰɔ] ‘vento’ (PAIVA, 1996, p.11)
- [o'apikʰ] ‘ele pega’ (PAIVA, 1996, p.12)

[o'awək^h] 'ele corre' (PAIVA, 1996, p.12)

Nos dados de Harrison (1974), conforme observamos nos dados a seguir, notamos que há também a ocorrência de aspiração de consoantes oclusivas e africadas em sílabas iniciais, em sílabas acentuadas e em sílabas finais. No mesmos ambientes ocorrem também alofones não aspirados, conforme ilustram os últimos três exemplos. Reproduzimos abaixo os dados do Harrison (1974), dessa variedade social do Av.C-A, fonemizados por nós.

/tʃakatʃ/	[tʃ ^h a'katʃ]	'jacaré'	(HARRISON, 1974, p.3)
/nepotʃi/	[nte'p ^h o:ts ^h i]	'teu peito'	(HARRISON, 1974, p.2)
/'tata/	['t ^h a:tʃa] / ['t ^h a:tʃ]	'fogo'	(HARRISON, 1974, p.4)
/kapi/	[ka:'p ^h i]	'capim'	(HARRISON, 1974, p.4)
/ne'tʃi/	['nē:tʃ ^h i]	'teu nariz'	(HARRISON, 1974, p.2)
/'mokaw/	['mɔk ^h a] / ['mɔ:k ^h aw]	'espingarda'	(HARRISON, 1974, p.3)
/i'ŋaka/	[i'ŋa:k ^h a] e /i/ [i] (água)	'rio'	(HARRISON, 1974, p.5)
/'itʃi/	['i:tʃ ^h i]	'terra'	(HARRISON, 1974, p.5)
/oka/	['ɔ:k ^h a]	'casa'	(HARRISON, 1974, p.5)
/ikaw/	['ik ^h aw]	'banha'	(HARRISON, 1974, p.6)
/kai/	['ka:ʔi] / ['kaʔi]	'macaco'	(HARRISON, 1974, p.3)
/tapitʃ/	['ta:pitʃ]	'anta'	(HARRISON, 1974, p.3)
/tapitʃ-te/	[ta:'pitʃtɛ]	'vaca'	(HARRISON, 1974, p.3)

Ao observarmos os dados de Toral (1984) para as variedades sociais a que teve acesso, notamos que as consoantes oclusivas em sílabas acentuadas, sílabas iniciais e em sílabas finais ocorrem opcionalmente como aspiradas.

/t-ata/ ['t^hat^hɛ] 'fogo' (TORAL, 1984, p.5)

/kiw-a/	[k ^h iwɛ]	‘piolho’ (TORAL, 1984, p.9)
/t-ata-tʃiŋ-a/	[ta'tatʃiŋɛ]	‘fumaça’ (TORAL, 1984, p.5)
/tapiy-a/	[tɐ'p ^h iɬɛ] / [tɐ'p ^h iɾɛ]	‘anta’ (TORAL, 1984, p.6)
/i-pepo/	[i'p ^h ɛp ^h o] / [i'pɛpɔ]	‘asa dele’ (TORAL, 1984, p.7)
/akutʃi/	[a'k ^h utʃi]	‘cotia’ (TORAL, 1984, p.8)
/kapi-te/	[k ^h ɛpi'te]	‘mato’ (TORAL, 1984, p.13)
/ita/	[i:t ^h ɛ]	‘pedra’ (TORAL, 1984, p.2)
/uwutu/	[u:t ^h u] / [u'wut ^h u]	‘vento’ (TORAL, 1984, p.2)

Laringalização em Avá-Canoeiro do Araguaia

Harrison (1974) descreve a ocorrência de laringalização de consoantes e vogais no Av.C-A. Reproduzimos abaixo alguns exemplos do autor (*op. cit.*) que ilustram a ocorrência desse fenômeno.

/ne=ø-atʃutʃ/	[n ^h taʔatʃutʃ]	‘teu pescoço’ (HARRISON, 1974, p.2)
/kai/	[k ^h a:ʔi] / [k ^h aʔi]	‘macaco’ (HARRISON, 1974, p.3)
/wat ^h iw/	[wa:t ^h iwy]	‘guariba’ (HARRISON, 1974, p.3)
/akajaju/	[a'q ^h ajaʔju]	‘esp. árvore’ (HARRISON, 1974, p.4)
/maipaiopotitʃ/	[maʔi'paip ^h ɔ:ti:tʃ]	‘flor’ (HARRISON, 1974, p.4)
/tʃ=ø-a/	[tʃaʔaʒ]	‘minha fruta’ (HARRISON, 1974, p.4)
/ka/	[ka:] / [ka:ʔ]	‘folha/mato’ (HARRISON, 1974, p.4)
/tupam/	[tu:'paʔam]	‘corda’ (HARRISON, 1974, p.5)

Em estudo anterior sobre o Av.C-T (A. SILVA, 2015), notamos que a laringalização de consoantes ocorreria em variação livre com aspiração em sílabas acentuadas, sobretudo na variedade de falantes das faixas I e II. Ainda não compreendemos com profundidade a ocorrência de laringalização no Avá-Canoeiro. Muito provavelmente a aspiração e a laringalização se relacionariam com alongamento vocálico, associado à mudança do padrão acentual e à queda de consoantes glotais. Em estudos posteriores, buscaremos analisar com maior profundidade esse fenômeno.

Consoante oclusiva uvular em Avá-Canoeiro do Araguaia

Borges (2006) descreve a ocorrência de consoantes oclusivas uvulares em Avá-Canoeiro, fenômeno que também fora observado por Harrison (1974) e Toral (1985). Segundo a autora (*op. cit.*, p.82), o fonema /k/ do Av.C-A teria um alofone uvular [q] de realização restrita, antecedendo somente as vogais posteriores /u/, /ũ/, /o/ e /õ/, conforme demonstrado nos dados abaixo:

- | | | |
|---|-----------------|---------------------|
| (219) /kuvuka/ | [qʊ'vu:kə] | ‘abóbora’ |
| (220) /takuvu/ | [tʰəqu:vʊ] | ‘pássaro (espécie)’ |
| (221) /a-je-kok/
1sg-reflex.-apoiar | [,aʒe'qo:k̚] | ‘eu me apoiei’ |
| (222) /tʃi=r-apekũ/
1poss=rel-língua | [,tʃira'pʰe:qõ] | ‘minha língua’ |
| (223) /mokõj/ | ['mo:qõ̃] | ‘dois’ |

Nos dados trabalhados por Harrison (1974) e por Toral (1984) para o Av.C-A, observamos que o fone [q] também ocorre diante de /a/, por vezes em variação com [k]. Reproduzimos abaixo alguns exemplos dos autores.

- | | | | |
|-------------|--------------------------|---------------|-----------------------|
| /ne tʃoqa/ | [nte'tʃɔ:qɛ] | ‘tua boca’ | (HARRISON, 1974, p.6) |
| /aqadʒadʒu/ | [a'qʰajaʒju] | ‘esp. árvore’ | (HARRISON, 1974, p.8) |
| /moqa(w)/ | ['mɔ:qʰəw̃] / ['mɔkʰə] | ‘espingarda’ | (HARRISON, 1974, p.7) |

/manioqa/	[mani'ɔkɔ]	‘mandioca’	(HARRISON, 1974, p.8)
/qai/	['qai] / [ka'i]	‘macaco prego’	(TORAL, 1984, p.8)
/dzaqaye/	[dza'qare]	‘jacaré’	(TORAL, 1984, p.8)
/oqayu/	[o'qɔɣu]	‘ele urina’	(TORAL, 1984, p.21)

Desta forma, para as variedades sociais estudadas por esses autores, o Consoante oclusivo velar [k] possuiria realização restrita, sendo o único alofone que parece ocorrer exclusivamente diante de vogais anteriores. Analisamos a partir disso, para as Faixas I e II de falantes do Av.C-A nascidos antes do contato, um fonema /q/ e não /k/, o qual possuiria dois alofones: [k] – oclusiva velar surda, ocorrendo diante de vogais anteriores e [q] em variação com [k], nos demais ambientes. É interessante notar que essa distribuição, referente às Faixas I e II, se assemelha ao que encontramos em estudos anteriores (A. SILVA, 2015) para os falantes da Faixa II do Av.C-T.

Quanto à consoante oclusiva velar labializada /k^w/, Harrison (1974), Toral (1984) e Borges (2006) descrevem somente uma oclusiva velar labializada [k^w] ocorrendo em todos os ambientes.

Consoante africada alveopalatal /tʃ/ e aproximante palatal /j/

Observamos nos dados de Toral (1984) que [dʒ], [ɲ] e [j] ocorrem em distribuição complementar, o que nos leva a propor um fonema /dʒ/, com os alofones [dʒ], [ɲ] e [j], cuja distribuição encontra-se descrita adiante. Observamos que adotamos essa mesma proposta para o Av.C-A a partir dos dados contidos em Borges (2006).

[j] – Consoante aproximante palatal – ocorre em ambiente oral, em posição intervocálica diante de [a] e em posição final.

/tajau/	[taj'au]	‘porco doméstico’	(TORAL, 1984, p.10)
/waja/	['ɣwaja]	‘rabo’	(TORAL, 1984, p.10)
/mokaja/	[mbo'kaja]	‘macaúba’	(TORAL, 1984, p.13)

/ajanota/ [aja'notɛ] 'eu escuto' (TORAL, 1984, p.28)

[ɲ] – Consoante nasal palatal – ocorre em ambiente nasal.

/ku'jãtai/ [ku'ɲɛtɛi] 'menina-moça' (TORAL, 1984, p.35)

/ajeɲtale/ [a'ɲɛ:ɣɛtaɮi] 'eu vou falar' (TORAL, 1984, p.38)

/itajãi/ [ita'ɲai] 'panela', lit.: 'pedra + panela' (TORAL, 1984, p.50)

[dʒ] – africada alveopalatal sonora – ocorre nos demais ambientes.

/dʒawayã/ ['dʒawayɛ] / [dʒa'wayɮ] 'cachorro' (TORAL, 1984, p.7)

/dʒaqayɛ/ [dʒa'qarɛ] 'jacaré' (TORAL, 1984, p.8)

/odʒekitʃi/ [odʒekitʃi] 'ele cortou-se' (TORAL, 1984, p.32)

/odʒaɛo/ [o'dʒɛo] 'ele chora' (TORAL, 1984, p.33)

/odʒewiy/ [ɔ'dʒewiy] 'ele está voltando' (TORAL, 1984, p.31)

/adʒuyɔ/ [a'dʒuyɔ] 'papagaio' (TORAL, 1984, p.9)

/idʒã/ [idʒɛ] 'terra' (TORAL, 1984, p.1)

/adʒuka/ [ɐ'dʒukɛ] 'eu mato' (TORAL, 1984, p.24)

/apiadʒew/ [apia'dʒew] '(eu vou) amanhã (cedo)' (TORAL, 1984, p.15)

/itadʒu/ [i'tadʒu] 'lança com ponta de metal' (TORAL, 1984, p.43)

Analisamos, segundo os dados de Toral (1984), a ocorrência de um fonema /tʃ/, com os alofones [tʃ], [ʃ] e [s] em variação.

/ta'tatʃiɲã/ [ta'tatʃiɲɕ] 'fumaça' (TORAL, 1984, p.5)

/watʃu/ ['watʃu] 'veado' (TORAL, 1984, p.11)

/tʃapeku/ [tʃa'pekʰu] 'minha língua' (TORAL, 1984, p.17)

/tʃenepia/	[tʃene'piɕ]	'meu joelho' (TORAL, 1984, p.19)
/tʃepipawa/	[tʃɛpi'pawɐ]	'meu chinelo' (TORAL, 1984, p.27)

Os alofones [ʃ] e [s] foram observados, nos dados do autor, somente para o pronome dependente de 1ª p. sg. < itʃe >.

/tʃemae/	[tʃɛ'bae] / [sɛ'bae]	'minha coisa' (TORAL, 1984, p.48)
/tʃewa/	[ʃɛɣʷɐ] / [sɛɣʷɐ]	'meu pai' (TORAL, 1984, p.35)
/tʃeoka/	[sɛ'ɔkɐ]	'minha casa' (TORAL, 1984, p.46)

Os dados contidos em Paiva (1996) também corroboram a análise de um fonema /tʃ/ com os alofones [tʃ], [ʃ], [ts] e [s]:

/tʃeteugu/	[tʃɛ'tewɔ]	'minha roupa' (PAIVA, 1996, p.37)
/watʃupuku/	[wətʃɔ'puɔ]	'veado' (PAIVA, 1996, p.11)
/wagatʃi/	[wə'gatʃi]	'melancia' (PAIVA, 1996, p.11)
/tʃememig/	[ʃɛ'mɛmɔg]	'meu filho' (PAIVA, 1996, p.13)
/ukutʃũ/	[ɔqɔʃɔ'ũ]	'praia' (PAIVA, 1996, p.13)
/tʃetam/	[tʃɛtãm]	'minha casa' (PAIVA, 1996, p.37)
/odzatʃum/	[o'ɲatsũm]	'ele espirra' (PAIVA, 1996, p.37)
/tʃatʃum/	[sasõm]	'espirro' (PAIVA, 1996, p.12)
/tʃajkuwu/	[səjqu'βu]	'saia' (PAIVA, 1996, p.12)
/otʃo/	[ɔ'sɔ]	'ele puxa' (PAIVA, 1996, p.12)

Os dados de Harrison (1974) corroboram a nossa análise da existência de um fonema /tʃ/, com as realizações [tʃ] e [ʃ], além do alofone [ts].

/netʃĩ/	[nẽ'tʃhĩ]	'Teu nariz' (HARRISON, 1973, p.2)
/netʃoqa/	[nte'tʃo:qã]	'Tua boca' (HARRISON, 1973, p.2)
/natʃutʃ/	[,ntaʔa'tʃutʃ]	'Teu pescoço' (HARRISON, 1973, p.2)
/nepotʃĩ/	[nte'pʰo:tʃhĩ]	'Teu peito' (HARRISON, 1973, p.2)
/awatʃĩ/	[a:'wa:tʃĩ]	'Milho' (HARRISON, 1973, p.3)
/tʃaqaʃ/	[tʃʰa'katʃ]	'Jacaré' (HARRISON, 1973, p.3)
/tʃawatʃ/	[tʃʰa:watʃ]	'Cachorro' (HARRISON, 1973, p.3)
/tatatʃĩŋ/	[,ta'tatʃĩ]	'Cinza' (HARRISON, 1973, p.4)
/tʃepeaw/	[tʃɛ'pʰɛ:aw]	'Lenha' (HARRISON, 1973, p.4)
/tʃa/	[tʃʰaʔã]	'Fruta' (HARRISON, 1973, p.4)
/tʃaitata/	[tʃai'tʰatʰa] / [,tʃaitʰa'tʰaitʃ]	'Estrelas' (HARRISON, 1973, p.5)
/tʃai/	[tʃʰai]	'Lua' (HARRISON, 1973, p.5)
/itʃĩ/	[itʃhĩ]	'Terra' (HARRISON, 1973, p.5)
/tʃĩwatʃ/	[tʃĩ'watʃ]	'Machado dele' (HARRISON, 1973, p.5)
/tʃitaki/	[tʃĩ'takʰi]	'Minha faca' (HARRISON, 1973, p.5)
/otʃetʃu/	[ɔ'tʃɛ:tʃhɥ]	'Ele vai e me morde' (HARRISON, 1973, p.6)
/tʃiaquutuqta/	[,tʃia'kʰutʰɥktã]	'Eu o furo' (HARRISON, 1973, p.7)
/amotʃewitʃ/	[a,mɔ:tʃɛ'wɪtʃ]	'Alguém volta (lit. eu vou fazê-lo voltar)' (HARRISON, 1973, p.7)
/otʃuqata/	[ɔ'tʃukãtã]	'Ele mata' (HARRISON, 1973, p.8)

Os dados de Harrison (1974) também atestam a existência de um fonema /dʒ/, mas com os alofones [ɲ], [ʝ], [j] e [ʒ], distribuídos nos ambientes seguintes:

[ɲ] ~ [ʝ] ~ [j] / V_V (amb. nasal)

/nenejowã/ [nɛ̃nɛ̃'õʔwã̃] 'tua saliva' (HARRISON, 1973, p.2)

/kujatãj/ [kũ'yãtã] / [kũ'yãtãʔ] 'menina' (HARRISON, 1973, p.6)

[ʝ] / _# (amb. nasal)

/netlãj/ ['nɛ:tɫãj] / ['nɛ:tɫãj̃] 'teu dente' (HARRISON, 1973, p.2)

[ʒ] / _#

/moj/ ['m̃bɔʒ] 'cobra' (HARRISON, 1973, p.4)

[j] n.d.a.

/moja/ ['m̃bɔ:jɐ] 'cobra' (HARRISON, 1973, p.4)

/ja'i/ ['jaʔi] 'laranja' (HARRISON, 1973, p.4)

Considerando que há contraste entre /tʃ/ e /dʒ/, analisamos ambos como fonemas distintos.

Consoante fricativa uvular /ʁ/ e aproximante alveolar /r/

Com base nos dados de Toral (1984), analisamos a ocorrência de um fonema consoantal fricativo velar sonoro /ɣ/, cujos alofones ocorrem em distribuição complementar em três ambientes:

Consoante lateral palatal sonora [ʎ] varia livremente com [tʎ], antes de vogais anteriores ou após [i].

/ayakayi/	[ayɛ'qəʎi]	‘galinha’	(TORAL, 1984, p.8)
/tʃeyɛãdzɪ/	[ʃeʎɛ'ẽɾɪ]	‘meu olho’	(TORAL, 1984, p.17)
/iyoi/	[i'ʎoiu] / [i'ʎou]	‘frio’	(TORAL, 1984, p.3)
/wiyamĩɣi/	[uiʎa'mĩʎi]	‘passarinho’	(TORAL, 1984, p.9)
/itakemiye/	[itʰɛke'miʎe]	‘prego’	(TORAL, 1984, p.44)
/piya/	[pʰiʎa]	‘peixe’	(TORAL, 1984, p.9)
/eipiyika/	[ei'pʰiʎike]	‘pele’	(TORAL, 1984, p.20)
/maeapay/	[maea'patʎ] / [maea'paʎ]	‘banana’	(TORAL, 1984, p.12)

Nos dados de Toral (1984), o termo para ‘banana’ no Av.C-A [maea'patʎ] / [maea'paʎ] é cognato de /maeapaxɛ/ [maea'pa:dʎɛ] do Av.C-T, o que sugere que na variedade registrada por Toral (1984), o som [ɛ] final da palavra para ‘banana’ sofreu queda, mantendo-se o alofone [ʎ] ~ [tʎ], mesmo após a queda do elemento sonoro que acionador desses alomorfes. Esse fato histórico condicionou a ocorrência desses alomorfes antes de silêncio, quando o esperado seria [g] ~ [ɣʎ] ~ [ɣʎ].

O autor fornece dois dados em que [r] ocorre em variação com [ʎ], após [i] e diante de vogal anterior, e um dado em que [ʎ] e [ɣ] variam diante de vogal anterior média. Muito possivelmente essas ocorrências refletem diferenças dialetais.

/tapiya/	[tɛ'pʰiʎɛ] / [tɛ'pʰirɛ]	‘anta’	(TORAL, 1984, p.6)
/kuyewe/	[ku'ʎewe] / [ku'rewe]	‘amanhã’	(TORAL, 1984, p.15)
/okwayɛ/	[okwɛ'ʎɛ] / [ɔkwa'ɣɛ]	‘ele bate’	(TORAL, 1984, p.32)

É interessante notar que a representação fonológica /i/ do morfema do prefixo relacional R² é condicionador do alofone [ʎ] do fonema /ɣ/, na palavra para ‘frio intenso’:

/iyou/	[i'ʎoiu] / [i'ʎou]	‘frio’	(TORAL, 1984, p.3)
--------	--------------------	--------	--------------------

Embora nos dados do Toral (1984) tenhamos apenas um exemplo que mostra esse condicionamento, os dados do Av.C-T coletados por A. Silva (2015) mostram que esse condicionamento é sistemático na língua e conforme veremos em **3.2.1. Fonemas Consonantais do Avá-Canoeiro do Tocantins**.

Há dois dados do Toral (1984) que mostram a ocorrência de [ɣʌ] ou [ɣ] precedendo o sufixo de negação < -i >, quando o esperado seria [tʌ] ou [ʌ]:

/okeɣ/	[o'keɣʌ]	‘ele dorme’	(TORAL, 1984, p.22)
/nokeyi/	[ndo'keɣʌi]	‘ele não dorme’	(TORAL, 1984, p.22)
/owaway/	[o'waway]	‘corre!’	(TORAL, 1984, p.29)
/nowawayi/	[ndo'wawayi]	‘não corre!’	(TORAL, 1984, p.29)

Ainda nos dados de Toral (1984), o fonema fricativo velar sonoro /ɣ/ tem, além do alofone [ɣ], os alofones fricativos velares lateralizados sonoros [ɣʌ] e com [ɣl], que variam livremente em final de palavra.

/owaway/	[o'waway]	‘corre!’	(TORAL, 1984, p.29)
/takeɣ/	[ta'keɣ]	‘abóbora moranga’	(TORAL, 1984, p.12)
/dzawewiɣ/	[dzɐ'wewiɣʌ]	‘arraia’	(TORAL, 1984, p.7)
/okeɣ/	[o'keɣʌ]	‘ele dorme’	(TORAL, 1984, p.22)
/dzawayɔ/	['dzawayɐ] / [dza'wayl]	‘cachorro’	(TORAL, 1984, p.7)
/iwiɣ/	[i'wiɣl]	‘lenha’	(TORAL, 1984, p.5)

A consoante fricativa velar sonora [ɣ], além de ocorrer nos ambientes acima, ocorre nos demais ambientes.

/taɣapeɣap/	[ta'ɣape'ɣap]	‘barata’	(TORAL, 1984, p.7)
/kawayu/	[ka'wayu]	‘cavalo’	(TORAL, 1984, p.7)
/poyoke/	[po'ɣɔke]	‘enguia, poraquê’	(TORAL, 1984, p.8)
/adzuyɔ/	[a'dzuyɔ]	‘papagaio’	(TORAL, 1984, p.9)

/dzawayə/	['dzawayə] / [dza'wayɫ]	‘cachorro’	(TORAL, 1984, p.7)
/dzawayum/	[dzəwə'ɣum]	‘gato doméstico’	(TORAL, 1984, p.8)
/wiɣapaya/	[wi'ɣap ^h ɛyɛ]	‘arco’	(TORAL, 1984, p.43)

Ao analisarmos os dados do Av.C-A coletados por Paiva (1996), verificamos a ocorrência de um fonema consonantal oclusivo velar /g/, realizado como [g], [g], [gʌ], [ʌ], [l] e [r], cuja distribuição é a seguinte:

[ʌ] varia com [l] diante de vogais anteriores ou após [i].

/piga/	['p ^h iʌə]	‘peixe’	(PAIVA, 1996, p.10)
/piga/	['pira]	‘peixe’	(PAIVA, 1996, p.18)
/wigamĩgi/	[wigə'mĩʌlə]	‘passarinho’	(PAIVA, 1996, p.19)
/kwigemĩ/	[kiwɪ'lēm̃]	‘redemoinho’	(PAIVA, 1996, p.19)
/igoí/	[i'loi]	‘frio’	(PAIVA, 1996, p.19)
/pigaũ/	[pɪlə'ũ]	‘vermelho’	(PAIVA, 1996, p.25)

Em dois dados, Paiva (*op. cit.*, p.18) descreve a ocorrência de [r] nesses ambientes para a “fala das crianças”, isto é, dos nascidos antes do contato oficial.

/akagi/	[ə'kaɾɪ]	‘galinha’	(PAIVA, 1996, p.18)
/tapiga/	[tə'pɪrə] / [tə'p ^h iʌə]	‘anta’	(PAIVA, 1996, p.18-19)

O alofone [g] ocorre em seus dados em variação com [gʌ] e [ʌ], em posição final de palavra.

/tʃememig/	[ʃe'mēməg]	‘meu filho’	(PAIVA, 1996, p.13)
/nepiakwag/	[dəpɪ'aqwəg]	‘tua orelha’	(PAIVA, 1996, p.13)
/kapipotig/	[kəpɪ'potig]	‘arroz’	(PAIVA, 1996, p.14)
okeg/	['okegʌ]	‘ele dorme’	(PAIVA, 1996, p.15)

/dzawewig/	[djəw'ewigΛ]	‘arraia’	(PAIVA, 1996, p.15)
/iwidzag/	[i'wizagΛ]	‘arco-íris’	(PAIVA, 1996, p.15)
/mecuag/	[mɛ'gwajΛ]	‘berne’	(PAIVA, 1996, p.17)
/akapig/	[ə'kapʰiΛ]	‘eu trabalho’	(PAIVA, 1996, p.19)

O alofone [g] varia [g] nos demais ambientes.

/tegapegapi/	[teɣəpɛ'gapi]	‘barata’	(PAIVA, 1996, p.10)
/wagatfi/	[wə'gatʃi]	‘melancia’	(PAIVA, 1996, p.11)
/pogoki/	[po'gɔki]	‘peixe elétrico’	(PAIVA, 1996, p.11)
/nepogai/	[dɛpo'gay]	‘eu não canto’	(PAIVA, 1996, p.14)
/aga/	['agə]	‘sol’	(PAIVA, 1996, p.14)
/okwag/	[oqwə'gɛ]	‘eu bato’	(PAIVA, 1996, p.14)
/dzamagun/	[ɲəmə'gũn]	‘gato’	(PAIVA, 1996, p.18)

Observamos que o que consideramos como variedade social nos dados apresentados por Harrison (1974) possui um fonema /tʃ/, correspondente ao que analisamos como fonema /ɣ/, a partir dos dados de Toral (1984), como fonema /g/, a partir dos dados de Paiva (1996), e que correspondem por sua vez ao que Borges (2006) analisou como fonema /ɸ/. Por outro lado, esse fonema /tʃ/ não possui alofones, diferente do que ocorre nos dados dos demais autores. Exemplos do que consideramos variedade social do Av.C-A, registradas por Harrison (1974), contendo o fonema /tʃ/:

/maepa ipotitʃ/	['ma ² i pa ipʰɔtitʃ]	‘qual é essa flor?’	(HARRISON, 1974, p.4)
/tʃiwatʃ/	[tʃi'watʃ]	‘machado’	(HARRISON, 1974, p.5)

/oketl/	[ɔ'ɔ'kʰetl]	‘dorme’ (HARRISON, 1974, p.6)
/eitl/	[ɛeitʰ]	‘abelha’ (HARRISON, 1974, p.6)
/am otʃewitl/	[am ɔ'tʃewitl]	‘alguém volta’ (HARRISON, 1974, p.7)
/mae-apatl/	[ma'eapatl]	‘banana (coisa doce torta)’ (HARRISON, 1974, p.4)
/atl/	[ʒa'ʔatʰ] / [atʰ]	‘sol’ (HARRISON, 1974, p.5)
/natʃutl/	[n'ta'ʔatʃutʰ]	‘teu pescoço’ (HARRISON, 1974, p.2)
/tʃakatʰ/	[tʃʰa'katʰ]	‘jacaré’ (HARRISON, 1974, p.3)
/tapitʰ/	[ʰtapitʰ]	‘anta’ (HARRISON, 1974, p.3)
/witlapatl/	[witlapʰatl]	‘arco (pau torto)’ (HARRISON, 1974, p.5)
/itlɔita/	[i'tlɔita]	‘ele tem (vai ter) frio’ (HARRISON, 1974, p.8)
/pitla/	[ʰpitlɔ] / [ʰpitlɔ]	‘peixe’ (HARRISON, 1974, p.4)
/netlāj/	[ʰnetlɛj] / [ʰnetlɛj]	‘teu dente’ (HARRISON, 1974, p.2)
/watliw/	[wa'ʰliw]	‘guariba’ (HARRISON, 1974, p.3)

Dada a ocorrência de um fonema /tʰ/, é muito provável que Harrison (1974) tenha trabalhado com falantes do Av.C-A das Faixas I e II, aos quais os pesquisadores que o sucederam não tiveram acesso¹³. É digno de nota observarmos que dos onze indígenas Av.C-A contatados entre 1973 e 1974, uma faleceu no momento do contato, quatro faleceram nos anos seguintes e um outro deles faleceu na metade da década de 1990.

Apresentamos a seguir nossa proposta de análise fonológica das consoantes do Av.C-A, a partir dos dados de Harrison (1974), Toral (1984) e Paiva (1996), as quais muito provavelmente refletem distintos idioletos, bem como variedades diageracionais.

¹³ Em contato pessoal com Carl Harrison, em 2017, o mesmo afirmou haver um registro em fita K7 dos seus dados, no entanto ele afirmou não cópia da mesma.

No capítulo dedicado às Mudanças Sonoras no Avá-Canoeiro, comparamos essas variedades do Av.C-A entre si e com as variedades sociais do Av.C-T, com o fim de propiciarmos a discussão de elementos de um estágio do Avá-Canoeiro anterior a essas diversificações.

Quadro 9- Fonemas Consonantais de variedades sociais do Av.C-A

FONEMAS	ALOFONES / AMBIENTES (a partir dos dados de cada autor)			
	Harrison (1974) Faixa I Faixa II	Toral (1984) Faixa I Faixa II Faixa III	Paiva (1996) Faixa I Faixa II	Borges (2006) Faixa I Faixa II Faixa III
/p/	[p] / _#		[p ^h] ~ [p] / _#	[p̄] ~ [p] / _#
	[p ^h] ~ [p] / n.d.a.		[p ^h] ~ [p] / [+acento]	[p ^h] ~ [p] / [+acento]
			[p] / n.d.a.	
/t/	[t] / _#		[t ^h] ~ [t] / _#	[t̄] ~ [t] / #
	[t ^h] ~ [t] / n.d.a.		[t ^h] ~ [t] / [+acento]	[t ^h] ~ [t] / [+acento]
			[t] / n.d.a.	
/k/	[k] / _#		[k ^h] ~ [k] / _#	[k̄] ~ [k] / _#
	[k] ~ [q] / _V _{não-antiores}		[k ^h] ~ [k] / [+acento]	[k ^h] ~ [k] / [+acento]
	[k ^h] ~ [k] / n.d.a.		[q] / _V _{posteriores}	[q] / _V _{posteriores}
			[k] / n.d.a.	
/k ^w /	[k ^w]			
/tʃ/	[tʃ]	[tʃ] ~ [ʃ] ~ [s]	[tʃ] ~ [ʃ] ~ [ts] ~ [s]	[tʃ] ~ [ʃ]
/dʒ/	[j] ~ [ʒ] / _# [amb. oral]	[j] / _# [amb. oral]	[j] ~ [ʒ] / _# [amb. oral]	[j] / _# [amb. oral]
	[j̄] / _# [amb. nasal]	[j̄] / _# [amb. nasal]	[j̄] / _# [amb. nasal]	[j̄] / _# [amb. nasal]
	[ɲ] ~ [j̄] ~ [j] / [amb. nasal]	[ɲ] ~ [j̄] / [amb. nasal]	[ɲ] ~ [j̄] / [amb. nasal]	[ɲ] ~ [j̄] / [amb. nasal]
	[j] n.d.a.	[dʒ] ~ [ʒ] ~ [j] / n.d.a.	[dʒ] ~ [ʒ] ~ [j] / n.d.a.	[dʒ] ~ [ʒ] ~ [j] / n.d.a.
/m/	[m] ~ [m ^b] ~ [b] / amb. oral			
	[m] / n.d.a.			
/n/	[n] ~ [n ^d] ~ [d] / amb. oral			
	[n] / n.d.a.			
/ŋ/	[ŋ]			
fonema rótico	/tʃ/	/y/	/g/	/ʁ/
	[tʃ]	[tʃ], [ʃ], [y] ~ [r] / j, i_e _V _{ant}	[ʃ] ~ [l] ~ [r] / j, i_e _V _{ant}	[l] ~ [r] / j, i_e _V _{ant}
		[y] ~ [yʃ] ~ [yʃ] / _#	[g] ~ [gʃ] ~ [ʃ] / _#	[ʁ] ~ [r] / _#
	[y] / n.d.a.	[g] ~ [g] / n.d.a.	[r̄] ~ [r] / amb. nasal [ʁ] ~ [g] ~ [g] / n.d.a.	
/w/	[w] ~ [w ^w] ~ [β]			
	[w̄] / amb. nasal			
	[w] / _#			

3.1.3 FONEMAS VOCÁLICOS DO AVÁ-CANOEIRO DO ARAGUAIA

Borges (2006, p. 71-80) descreve um inventário de 12 fonemas vocálicos para o Av.C-A, seis intrinsecamente orais e seis intrinsecamente nasais. A autora apresenta tanto pares mínimos e análogos para a análise fonêmica quanto apresenta também, em comparação com as vogais do PTG, mudanças sonoras que teriam ocorrido.

Apresentamos abaixo o inventário de fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro, proposto por Borges (*op. cit.*, p.71).

Quadro 10 – Inventário de Fonemas Vocálicos do Avá-Canoeiro (Borges, 2006)

(1)	/i/	[i], [ɪ], [j]
(2)	/e/	[e], [ɛ], [ɪ]
(3)	/ĩ/	[ĩ], [ə]
(4)	/a/	[a], [ə]
(5)	/u/	[u], [ʊ], [w]
(6)	/o/	[o], [ɔ], [ʊ]
(7)	/ĩ/	[ĩ]
(8)	/ẽ/	[ẽ]
(9)	/ĩ/	[ĩ]
(10)	/ã/	[ã]
(11)	/ũ/	[ũ]
(12)	/õ/	[õ]

Na seção seguinte reproduzimos os dados utilizados pela autora para fundamentar sua descrição.

3.1.2.1 Av.C-A: distribuição dos alofones dos fonemas vocálicos segundo Borges (2006)

Borges (2006, p.90-95) elenca os processos fonológicos que acionam a alofonia dos fonemas vocálicos: “abaixamento de /e/ e /o/ em sílabas tônicas”; “abaixamento de /i/, /ĩ/ e /u/”; “levantamento de /e/, /o/ e /a/”, “consonantização de /i/ e /u/”; “alongamento vocálico” e “nasalização vocálica”. Incluímos também aqui os

alofones vocálicos longos de fonemas vocálicos, descritos pela autora, mas não considerados no quadro inventário de fonemas vocálicos. Reproduzimos abaixo a análise de Borges (2006).

/i/ - vogal anterior alta

[i:] – vogal anterior alta longa – ocorre em sílabas tônicas.

(145a) /ita/ [i:tə] ‘pedra’

(150a) /o-jika/ [o'ʒi:kə] ‘ele quebrou’

[ɪ] – vogal anterior alta aberta – ocorre em sílabas átonas (BORGES, 2006, p.91-92).

(273) /i-pirik/ [ɪ'pʰi:ɾikə] ‘pele dele’
3-pele, casca

(274) /warani/ [wə'lɛ:ɾɪ] ‘pássaro (espécie)’

[ĩ] – vogal anterior alta nasal – ocorre em ambientes nasais, diante de consoante nasal ou em contiguidade à vogal nasal. (BORGES, 2006, p.85)

(239b) /o-jemim/ [õ'ʒẽ:mĩm] ~ [õ'ɲẽ:mĩm] ‘ele se escondeu’

(239c) /i-ãj/ [ĩ'ã:j] ‘dente dele’
3-dente

[j] – aproximante alveopalatal – ocorre seguindo vogais ou antecedendo a vogal central baixa /a/ (BORGES, 2006, p.93).

(285) /ita-i/ [ɪ'tʰa:j] ‘açúcar’
pedra-dim

(286) /kui/ [kʰu:j] ‘farinha’

(289) /i-aŋ/ [jʃã:ŋ] ‘alma dele’
3-alma

(290) /i-ata=ete/ [jə'tʰa:te] ‘é duro mesmo’
3-duro=part

/e/ - *vogal anterior média*

[e:] – vogal anterior média fechada longa – ocorre em variação com [ɛ:] – vogal anterior média aberta longa –, em sílabas tônicas (BORGES, 2006, p.91; p.94-95).

(269) /a-wewij/ [ə'wɛ:wij] ~ [ə'βɛ:wij] 'eu boiei'

(270) /ipek/ [i'pʰɛ:k̄] ~ [i'pʰe:k̄] ~ [i'pʰe:kə] 'pato'

[ɪ] – vogal anterior alta aberta – ocorrência opcional em sílabas átonas (BORGES, 2006, p.91-92).

(279) /aʷakare/ [,əβə'kʰa:ɾɪ] ~ [,əgə'kʰa:ɾɪ] 'galinha'

(280) /kameawa/ [,kʰə̃mɪ'a:ɔʷə] 'abelha-europa'

[ẽ] – vogal anterior média nasal – ocorre em ambientes nasais, diante de consoante nasal.

(239b) /o-jemim/ [ð'jẽ:mĩm] ~ [ð'jɛ:mĩm] 'ele se escondeu'

(239d) /o-jeŋ/ [ð'jɛ:ŋə] ~ [ð'jẽ:ŋə] 'ele está falando'

/i/ - *vogal central alta*

[i:] – vogal central alta – ocorre em sílaba tônica (BORGES, 2006).

(148a) /ipo/ [i:po] 'cipó'

(146a) /tʃi=Ø-kiw/ [tʃi'kʰi:w] 'meu piolho'
1poss=rel-piolho

[ə] – vogal central média – ocorre em sílabas átonas (BORGES, 2006, p.91-92).

(276) /i-aɪʷa/ [j'a:əɔ] 'filho dele'
3-filho

[ĩ] – vogal central alta nasal – ocorre em ambientes nasais, diante de consoante nasal ou em contiguidade à vogal nasal.

(498c) /a-pitim/ [,apɪ'tʰĩmə] 'Eu o belisquei'
1sgA-beliscar

(640a) /jai-∅ o-kinim/ [ˈzai oˈkʰĩnĩmə] ‘A lua sumiu’ (BORGES, 2006, p.225)
lua-CN 3sg-sumir

/a/ vogal central baixa

[a:] – vogal central baixa longa – ocorre em sílaba tônica (BORGES, 2006, p.76).

(162a) /ka/ [ˈkʰa:] ‘mato, mata’

(146a) /tʃĩ=∅-kaw/ [tʃĩˈkʰa:w] ‘minha gordura, banha’
1poss=rel-gordura, banha

[ə] – vogal central baixa – ocorre em sílabas átonas (BORGES, 2006, p.92).

(283) /mapɛkə/ [ˈma:pɛkə] ‘papel’

(284) /wakati/ [wəˈka:tʃĩ] ‘melancia’

[ã] – vogal central baixa nasal – ocorre em ambientes nasais, diante de consoante nasal ou em contiguidade à vogal nasal.

(298) /aniɛkə/ [ãˈni:ɛkə] ‘morcego’ (BORGES, 2006, p.95)

(Tabela 13, 8) /i-tam-∅/ [iˈtʰã:m] ‘corda dele’ (BORGES, 2006, p.110)
3-corda-CN

/u/ vogal posterior alta

[u:] – vogal posterior alta central longa – ocorre em sílaba tônica (BORGES, 2006, p.73).

(147a) /o-puka/ [oˈpʰu:kə] ‘ele riu’

(147b) /-uwi/ [ˈu:wi] ‘sangue’
3sg-rir

[ʊ] – vogal posterior alta aberta – ocorre em sílabas átonas (BORGES, 2006, p.91-92).

(277) /ukutiŋa/ [ʊˈqu:tʃĩŋə] ‘areia’

(278) /watʃuaja/ [ˌwatʃʊˈa:ʒə] ‘cagaita’

[ũ] – vogal posterior alta nasal – ocorre em ambientes nasais, diante de consoante nasal.

(Tabela 16, 2) /i-apitum-Ø/ [ˌjapiˈtʰũmə] ‘miolos dele’ (BORGES, 2006, p.116)
3-miols-CN

[w] – aproximante bilabial – ocorre em coda silábica).

(287) /o-u/ [ˈo:w] ‘ele comeu’ (BORGES, 2006, p.93)
3sg-comer

(571) /i-piau/ [iˈpʰiaw] ‘(esta casa) é nova’ (BORGES, 2006, p.193)
3-ser.novo

/o/ - vogal posterior média

[o:] – vogal posterior média fechada longa – ocorre em variação com [ɔ] – vogal posterior média aberta longa –, em sílabas tônicas (BORGES, 2006, p.91).

(271) /mokau/ [ˈmbɔ:kaw] ~ [ˈmbɔ:kaw] ‘arma’

(272) /jaoti/ [ʒaˈɔ:tʃi] ~ [ʒaˈo:tʃi] ‘jaboti’

[ɔ] – vogal posterior média aberta – ocorre em sílabas não acentuadas (BORGES, 2006, p.92).

(281) /tʃi=Ø-ko/ [ˈtʃi:qɔ] ‘minha roça’
1poss=rel-roça

(282) /o-peju/ [ɔˈpʰe:ʒɔ] ‘ele soprou’
3sg-soprar

[õ] – vogal posterior média nasal – ocorre em ambientes nasais, diante de consoante nasal.

(552) /o-nin/ [õˈnĩni] ‘cantou’ ((BORGES, 2006, p.183)
3sg-cantar, piar

(576e) /o-momew/ [ˌomõˈmew] ‘(Trumak vai te) chamar’ ((BORGES, 2006, p.197)

/ĩ/ vogal anterior alta nasal

[ĩ:] – vogal anterior alta nasal longa (BORGES, 2006, p.77).

(178) /apĩpi/ [a'p^hĩ:pi] 'jaburu'

/ẽ/ vogal anterior média nasal

[ẽ] – vogal anterior média nasal (BORGES, 2006, p.77).

(179) /jaẽ-pepo/ [j^hẽẽ'p^he:po] ~ [j^hẽẽ'p^he:po] 'panela, prato'
panela-chata

/ĩ/ vogal central alta nasal

[ĩ:] – vogal central alta nasal longa (BORGES, 2006, p.78).

(180) /tjĩ=k-apĩj/ [tjĩk^ha'p^hĩ:j] 'meu nariz'
1poss=rel-nariz

/ã/ vogal central baixa nasal

[ã:] – vogal central média nasal longa (BORGES, 2006, p.78).

(181) /i-ãj/ [i'ã:j] 'dente dele'
3-dente

(182) /-k^wã/ [k^wã:] 'dedo'

/ũ/ vogal posterior alta nasal

[ũ:] – vogal posterior alta nasal longa (BORGES, 2006, p.78).

(183) /mitũ/ [mi't^hũ:] 'mutum'

/õ/ vogal posterior média nasal

[õ:] – vogal posterior média nasal longa (BORGES, 2006).

(184) /o-jõpe/ [õ'jõ:pe] 'ele torceu, trançou'

3.1.2.2 Fonemas vocálicos do Av.C-A: pares mínimos e pares análogos segundo (Borges, 2006)

Reproduzimos abaixo os exemplos de pares mínimos e análogos apresentados por Borges (2006), para o contraste de vogais no Av.C, segundo sua análise fonológica.

/i/ - vogal anterior alta (BORGES, 2006).

(145) /i/ : /e/	/ita/	['i:tə]	‘pedra’	
	/eta/	['e:tə]	‘muitos’	
	/kupi/	['qu:pɪ]	‘cupim’	
	/kupe/	['qu:pɛ]	‘costas, parte de trás’	
(148) /i/ : /i/	3-mão	/i-po/	['i:po]	‘mão dele’
		/i-po/	['i:po]	‘cipó’
		/ike/	['i:ke]	‘entrar’
		/-ike/	['i:ke]	‘lado do corpo’
		/o-japiti/	[,oʒa'pʰi:tʃi]	‘ele amarrou’
		/o-japiti/	[,oʒa'pʰi:tʃi]	‘ele massacrou’
(150) /i/ : /u/	/o-jika/	[o'ʒi:kə]	‘ele quebrou’	
	/o-juka/	[o'ʒu:kə]	‘ele matou’	
	/tiŋ/	['tʃi:ŋ]	‘branco’	
	/tuŋ/	['tʰũ:ŋ]	‘pulga, bicho de pé’	

/e/ - vogal anterior média (BORGES, 2006).

(145) /e/ : /i/	/eta/	['e:tə]	‘muitos’
	/ita/	['e:tə]	‘muitos’
	/-kupe/	['qu:pɛ]	‘costas, parte de trás’
	/kupi/	['qu:pɪ]	‘cupim’
(161) /e/ : /a/	/o-em/	[o'ẽ:mə]	‘ele saiu’
	/o-am/	[o'ã:mə]	‘ele deitou’
	/a-jɛŋ/	[ã'jɛ:ŋə]	‘eu falo’
	/a-jan/	[ã'jã:ŋə]	‘eu corro’

(163) /e/ : /o/	/-men/	['mẽ:n]	‘marido’
	/mon/	['mõ:n]	‘dar’
	/-ape/	['a:pe]	‘caminho’
	/a-po/	['a:po]	‘eu depeno’

/i/ - vogal central alta (BORGES, 2006).

(146) /i/ : /a/	/tʃi=Ø-kiw/	[tʃi'kʰi:w]	‘meu piolho’
	1poss=rel-piolho		
	/tʃi=Ø-kaw/	[tʃi'kʰa:w]	‘minha gordura, banha’
	1poss=rel-gordura, banha		

/i/	['i:]	‘água’
/a-a/	['a:]	‘eu fui’
/owi/	['o:wɨ]	‘verde, azul’
/-owa/	['o:wə]	‘face’

(148) /i/ : /i/	/i-po/	['i:po]	‘cipó’
	/i-po/	['i:po]	‘mão dele’
	3-mão		
	/-ike/	['i:ke]	‘lado do corpo’
	/ike/	['i:ke]	‘entrar’
	/o-japiti/	[,oʒa'pʰi:tʃi]	‘ele massacrou’
/o-japiti/	[,oʒa'pʰi:tʃi]	‘ele amarrou’	

(149) /i/ : /u/	/iwi/	['i:wɨ]	‘terra’
	/-uwi/	['u:wɨ]	‘sangue’
	/-ai/	[a 'i:]	‘dor’
	/a-u/	[a 'u:]	‘eu como’

/a/ - vogal central baixa (BORGES, 2006).

(146) /a/ : /i/	/tʃi=Ø-kaw/	[tʃi'kʰa:w]	‘minha gordura, banha’
	1poss=rel-gordura, banha		
	/tʃi=Ø-kiw/	[tʃi'kʰi:w]	‘meu piolho’
	1poss=rel-piolho		

/a-a/	['a:]	‘eu fui’
/i/	['i:]	‘água’
/-owa/	['o:wə]	‘face’
/owi/	['o:wɨ]	‘verde, azul’

(161) /a/ : /e/	/o-am/	[o'ð:mə]	‘ele deitou’
	/o-em/	[o'ẽ:mə]	‘ele saiu’
	/a-jaŋ/	[ð'jã:ŋə]	‘eu corro’
	/a-jeŋ/	[ð'jẽ:ŋə]	‘eu falo’
(162) /a/ : /o/	/ko/	[kʰo:]	‘roça’
	/ka/	[kʰa:]	‘mato, mata’
	/-o/	[o:]	‘carne’
	/a-a/	[a:]	‘eu fui’

/u/ - vogal posterior alta (BORGES, 2006).

(147) /u/ : /o/	/o-puka/	[o'pʰu:kə]	‘ele riu’
	3sg-rir		
	/o-poka/	[o'pʰɔ:kə]	‘ele torceu’
	3sg-torcer		
	/-uwi/	[u:wɨ]	‘sangue’
	/owi/	[o:wɨ]	‘ser verde, azul’
(150) /u/ : /i/	/jɔɸ/	[ʒɔ:ɸə]	‘boca’
	/juɸ/	[ʒu:ɸə]	‘vir’
	/o-juka/	[o'ʒu:kə]	‘ele matou’
	/o-jika/	[o'ʒi:kə]	‘ele quebrou’
	/tuŋ/	[tʰũ:ŋ]	‘pulga, bicho de pé’
	/tiŋ/	[tʰĩ:ŋ]	‘branco’
(149) /u/ : /i/	/-uwi/	[u:wɨ]	‘sangue’
	/iwi/	[i:wɨ]	‘terra’
	/a-u/	[a'u:]	‘eu como’
	/-ai/	[a'i:]	‘dor’

/o/ - vogal posterior média - (BORGES, 2006).

(147) /o/ : /u/	/o-poka/	[o'pʰɔ:kə]	‘ele torceu’
	3sg-torcer		
	/o-puka/	[o'pʰu:kə]	‘ele riu’
	3sg-rir		
	/owi/	[o:wɨ]	‘ser verde, azul’
	/-uwi/	[u:wɨ]	‘sangue’

	/juɐ/	[ˈʒu:ɐə]	‘vir’
	/joɐ/	[ˈʒo:ɐə]	‘boca’
(162) /o/ : /a/	/ka/	[ˈkʰa:]	‘mato, mata’
	/ko/	[ˈkʰo:]	‘roça’
	/a-a/	[ˈa:]	‘eu fui’
	/-o/	[ˈo:]	‘carne’
(163) /o/ : /e/	/mon/	[ˈmõ:n]	‘dar’
	/-men/	[ˈmẽ:n]	‘marido’
	/a-po/	[ˈa:po]	‘eu depeno’
	/-ape/	[ˈa:pe]	‘caminho’

/ĩ/ - vogal anterior alta nasal (BORGES, 2006).

(178) /ĩ/ : /i/	/apĩpi/	[aˈpʰĩ:pi]	‘jaburu’
	/tapitĩ/	[tʰaˈpʰi:tĩ]	‘coelho’

/ẽ/ - vogal anterior média nasal (BORGES, 2006).

(179) /ẽ/ : /e/	/jaẽ-pepo/	[,jãẽˈpʰe:pɔ] ~ [,nãẽˈpʰe:pɔ]	‘panela, prato’
	panela-chata		
	/ja=e-pam/	[,jaeˈpʰẽ:m]	‘nos dissemos’
	1pl=dizer-asp.compl.		

/ĩ/ - vogal central alta nasal (BORGES, 2006).

(180) /ĩ/ : /i/	/tʃĩ=ɐ-apĩj/	[,tʃĩɐaˈpʰĩ:j]	‘meu nariz’
	1poss=rel-nariz		
	/tʃĩ=ɐ-apia/	[,tʃĩɐaˈpʰi:ə]	‘meu ouvido’
	1poss=rel-ouvido		

/ã/ - vogal central baixa nasal (BORGES, 2006).

(181) /ã/ : /a/	/i-ãj/	[iˈã:j]	‘dente dele’
	3-dente		
	/o-kaj/	[oˈkʰa:j]	‘ele se queimou’
	3sg-queimar-se		
	/-kʷã/	[ˈkʷã:]	‘dedo’
	/ka/	[ˈkʰa:]	‘mato’

/ũ/ - vogal posterior alta nasal (BORGES, 2006).

- (183) /ũ/ : /u/ /mitũ/ [mi' t^hũ:] 'mutum'
 /itu/ [i' t^hu:] 'vento'

/õ/ - vogal posterior média nasal (BORGES, 2006).

- (184) /õ/ : /o/ /o-jõpe/ [õ' jõ:pe] 'ele torceu, trançou'
 /o-jopoj/ [o' jo:poj] 'ele elimentou'

Tratamos, a seguir, de alguns aspectos da descrição de Borges (2006), revistos à luz de outros dados do Av.C-A.

3.1.2.3 Algumas observações sobre a análise dos fonemas vocálicos do Av.C-A propostos por Borges (2006)

Segundo Borges (2006, p.92-93), as vogais altas fechadas /i/, /ĩ/ e /u/ se realizam como vogais médias abertas [ɪ], [ə] e [ʊ]; as vogais medias fechadas /e/ e /o/ como vogais médias abertas [ɛ] e [ɔ]; e a vogal central baixa /a/ como [ə]. Segundo a autora (*op. cit.*), em sílabas átonas, os fonemas /e/ e /i/ se realizam como [ɪ], fonemas /o/ e /u/ como [ʊ] e os fonemas /ĩ/ e /a/ como [ə].

Em nossa análise, [ɪ] seria alofone unicamente de /i/, [ə] de /a/ e [ʊ] de /u/, [ɛ] de /e/, [ɔ] de /o/, como descrito no quadro seguinte, em que apresentamos as vogais do Av.C-A e a distribuição de seus alofones.

Quadro 11 – Fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro do Araguaia a partir de Borges (2006)

Fonema	Descrição	Alofones / Ambiente
/i/	vogal anterior alta	[i:] / [+acento] [ĩ] / ambiente nasal [i] ~ [ɪ] / n.d.a.
/e/	vogal anterior média	[e:] ~ [ɛ:] / [+acento] [ẽ] / ambiente nasal [e] / n.d.a.
/ĩ/	vogal central alta	[i:] / [+acento] [ĩ] / amb. nasal [ĩ] / n.d.a.

/a/	vogal central baixa	[a:] / [+acento] [ẽ] ~ [õ] / amb. nasal [a] ~ [ə] / n.d.a.
/u/	vogal posterior alta	[u:] / [+acento] [õ] / amb. nasal [u] ~ [o] / n.d.a.
/o/	vogal posterior média	[o:] ~ [ɔ:] / [+acento] [õ] / amb. nasal [o] / n.d.a.
/ĩ/	vogal anterior alta nasal	[ĩ]
/ẽ/	vogal anterior média nasal	[ẽ]
/ĩ/	vogal central alta nasal	[ĩ]
/ã/	vogal central baixa nasal	[ẽ]
/ũ/	vogal posterior alta nasal	[õ]
/õ/	vogal posterior média nasal	[õ]

A distribuição dos alofones dos fonemas vocálicos do Av.C-A sistematizada no quadro acima mostra que não há superposição de um alofone para mais de um fonema, em concordância com o princípio da univocidade em análise fonológica, segundo o qual um fone não pode pertencer a mais de um fonema em uma dada língua.

Breve comentário sobre ensurdecimento e laringalização vocálica em Av.C-A

Ensurdecimento vocálico

Nos dados apresentados por Harrison (1974) e Paiva (1996, p.46), observamos a ocorrência de ensurdecimento vocálico em sílabas pós-tônicas no Av.C-A.

Em palavras com acento na antepenúltima sílaba:

/otʃukata/ [ɔ'tʃukəʔa] ‘Ele mata’ (HARRISON, 1974, p.8)

/kujatãj/ [kũ'ỹãtãʔɿ] ‘Menina’ (HARRISON, 1974, p.6)

/tapitʃte/ [ta.'pitʃtɛ] ‘Vaca’ (HARRISON, 1974, p.3)

Em palavras com acento na penúltima sílaba:

/awatʃi/	[ə'watʃi]	‘milho’ (PAIVA, 1996, p.37)
/ne'kupe/	[de'qupe]	‘costas dele’ (PAIVA, 1996, p.37)
/a-puku/	[ə'puqʊ]	‘eu rio’ (PAIVA, 1996, p.38)
/kai/	['ka:ʔi] / ['kaʔi]	‘Macaco’ (HARRISON, 1974, p.3)
/ipo/	['i:pʊ]	‘Pauzinho’ (HARRISON, 1974, p.4)

Em alguns dados, todos com acento na penúltima sílaba, a consoante oclusiva surda que ocupa a posição de *onset* também ocorre aspirada:

/ita/	['i:thɛ]	‘pedra’ (HARRISON, 1974, p.5)
/oka/	['ɔ:kʰɛ]	‘casa’ (HARRISON, 1974, p.5)
/utu/	['u:thʊ]	‘Vento’ (HARRISON, 1974, p.5)
/neiwipi/	[nteɪ'wi:pʰi]	‘Tua perna’ (HARRISON, 1974, p.2)
/tata/	['tatʰɔ]	‘fogo’ (PAIVA, 1996, p.38)

Laringalização vocálica

Harrison (1974, p.5) noticia a existência de “laringalização de muitas vogais não surdas” em Av.C-A, entretanto não apresenta nenhuma marcação dessa qualidade na transcrição fonética dos dados por ele apresentados.

Em trabalho anterior (2015, p.67-68) descrevemos, para os falantes mais velhos do Av.C-T, a realização de consoantes oclusivas laringalizadas em sílabas acentuadas, além de ocorrência de laringalização de vogais decorrentes de um processo de alongamento vocálico, mas não chegamos a aprofundar esse tema, que julgamos de alta importância para entendermos o padrão acentual atual do Av.C, que diverge dos padrões das línguas do seu subramo. O aprofundamento do estudo da laringalização está previsto para ser realizado em breve.

É importante destacar aqui a observação feita por Toral (1984) e que se relaciona com a laringalização em pauta:

“A maioria dos sons parece estar sempre “um pouco atrás” da posição usual. No dialeto do Tocantins essa posteriorização é ainda mais marcada, sendo que alguns sons tem seu ponto de articulação na laringe” (TORAL, 1984, p.4)

As considerações sobre as vogais do Av.C-A feitas até aqui foram a base para uma revisão do inventário fonológico dessa variedade do Avá-Canoeiro. No quadro seguinte, sistematizamos a nossa revisão:

Quadro 12 – Revisão do Inventário Fonológico das Vogais do Avá-Canoeiro do Araguaia

Fonema	Descrição	Alofones / Ambiente
/i/	vogal anterior alta	[i:] / [+acento] [i] ~ [ɪ] / C_# [ĩ] / ambiente nasal [i] ~ [ɪ] / n.d.a.
/e/	vogal anterior média	[e:] ~ [ɛ:] / [+acento] [ɛ] ~ [ɛ̃] ~ [e] ~ [ẽ] / C_# [ẽ] / ambiente nasal [e] / n.d.a.
/i/	vogal central alta	[i:] / [+acento] [ĩ] ~ [i] / C_# [ĩ] / amb. nasal [i] / n.d.a.
/a/	vogal central baixa	[a:] / [+acento] [ã] ~ [ã̃] / amb. nasal [ã] ~ [a] ~ [ã̃] ~ [ã] / C_# [a] ~ [ã] / n.d.a.
/u/	vogal posterior alta	[u:] / [+acento] [ũ] / amb. nasal [u] / [pós-tônico] [u] ~ [o] / n.d.a.
/o/	vogal posterior média	[o:] ~ [ɔ:] / [+acento] [õ] / amb. nasal [ɔ] ~ [ɔ̃] ~ [o] ~ [ɔ] / C_# [o] / n.d.a.
/ĩ/	vogal anterior alta nasal	[ĩ]
/ẽ/	vogal anterior média nasal	[ẽ]
/ĩ/	vogal central alta nasal	[ĩ]
/ã/	vogal central baixa nasal	[ã]
/ũ/	vogal posterior alta nasal	[ũ]
/õ/	vogal posterior média nasal	[õ]

3.2 REVISÃO DA FONOLOGIA SEGMENTAL DO AV.C-T

Nessa seção, aprofundamos e revisamos a nossa proposta de análise fonológica do Av.C-T (A. SILVA, 2015). Abordamos inicialmente os fonemas consonantais e posteriormente os fonemas vocálicos. Focaremos, nesta revisão, as Faixas I e II do Av.C-T, isto é, dos nascidos antes do contato oficial.

3.2.1 Fonemas consonantais do Avá-Canoeiro do Tocantins

À luz de novos dados, revisamos a nossa análise anterior da fonologia do Av.C-T (A. SILVA, 2015), em que havíamos adotado a proposta de Borges (2006) de existência de doze fonemas consonantais para essa variedade do Avá-Canoeiro, ou seja, três consoantes oclusivas, /p/, /t/ e /k/; uma consoante oclusiva labializada, /k^w/; uma consoante africada alveopalatal surda, /tʃ/; três consoantes nasais, /m/, /n/, /ŋ/; uma consoante fricativa uvular, /ɣ/; uma consoante lateral, /l/; e duas consoantes aproximantes, /w/ e /j/. Ressaltamos que o que analisamos como um fonema /l/ para o Av.C-T corresponde ao que Borges (2006) descreveu como /r/ para o Avá-Canoeiro em geral.

Reproduzimos abaixo o quadro dos fonemas consonantais do Av.C-T e seus respectivos alofones, apresentado por A. Silva (2015), em que foram consideradas três faixas diageracionais.

Quadro 13 - Fonemas consonantais do Av.C-T (A. SILVA, 2015)

Fonema	Faixa I	Faixa II	Faixa III
/p/	[p], [p ^s] / [+ acento]		[p], [p ^h] // [+ acento]
	[p] / n.d.a.		[p] / n.d.a.
/t/	[t], [t ^s] / [+ acento]	[t], [t ^s], [t ^h] / [+ acento]	[t], [t ^h] / [+ acento]
	[tʃ] / _i	[tʃ] / _i	[tʃ] / _i
	[t] / n.d.a.	[t] / n.d.a.	[t] / n.d.a.
/k/	[q] ~ [q ^s] ~ [q ^h] / [+ acento]	[q], [q ^s], [k], [k ^h] / [+ acento]	[k], [k ^h]
	[q] / n.d.a.	[q] ~ [k] / n.d.a.	[k] / n.d.a.
/k ^w /	[q ^w]	[q ^w], [k ^w]	[k ^w]
/tʃ/	[tʃ]	[tʃ], [tʃ]	[tʃ]
/m/	[m]		
/n/	[n]		
/ŋ/	[ŋ]		
/ɣ/	[ɣ], [ɣ]		[ɣ], [g]
/l/	[l], [dl], [ɭ], [dɭ], [ɮ], [dɮ], [d]		[l]

/w/	[w] / _#	[w] / _#
	[w̃] / _# [amb. nasal]	[w̃] / [amb. nasal]
	[w̃ɸ ^w] ~ [w̃ŋ ^w] / amb. nasal	
	[w] ~ [g ^w] ~ [wɸ ^w] ~ [ɸ ^w] ~ [wɸ] ~ [wɸ ^w] / n.d.a.	[w], [g ^w], [ɸ ^w] / n.d.a.
/j/	[j] / _#	[j] / _#
	[j̃] / _# [amb. nasal]	[j̃] / _# [amb. nasal]
	[n] / [amb. nasal]	[n] / [amb. nasal]
	[ɲ] / V_+V	[ɲ] / V_+V
	[ɹ] / V_V [fala rápida]	[ʒ] ~ [dʒ] / n.d.a.
	[z] ~ [dz] / n.d.a.	

Conforme tratamos nesse estudo (*op. cit.*), a variação diageracional é constituída por elementos resultantes de interferência induzida por contato e corresponderia a um *continuum*. Esses elementos situam-se unicamente no nível subfonêmico, no que se refere à variação nas faixas II e III.

Os falantes da Faixa I, ainda praticamente monolíngues em Avá-Canoeiro, não apresentam interferência do português. Já os falantes da Faixa II foram aqueles responsáveis pela interação inicial com os *Maila*, no pós-contato. Dos quatro indivíduos que integram as Faixas I e II, o único homem, que é da Faixa II, foi o que adquiriu um maior conhecimento sociocultural da sociedade *Maila*, bem como uma maior proficiência do português. Muito provavelmente por conta disto, as consoantes uvulares e sons retroflexos variam com sons mais próximos do português, devido a essa interferência.

É interessante notar que a relação dos Avá-Canoeiro com os *Maila* é uma relação que se configura como “pajé-maila” e, mesmo os quatro remanescentes do contato, das duas faixas supramencionadas, tenham todos o mesmo estatuto de pajés¹⁴, em um dado momento da sua história mais recente com os *Maila*, coube ao homem do grupo o contato mais intenso com esses últimos.

Uma interferência maior do português foi observada junto aos falantes da Faixa III, que são os nascidos após o contato e bilíngues em Português e em Avá-Canoeiro. Os sons que encontramos em variação na fala dos falantes da Faixa II, como por exemplo sons uvulares e velares, ocorrem na fala dos falantes da Faixa III como velares, isto é, mais próximos das pronúncias do /k/ e do /g/ do português regional a que têm acesso.

¹⁴ Como mencionamos no **Capítulo 1. Os Avá-Canoeiro: Aspectos Históricos e Socioculturais**, as mulheres passaram a ser pajé desde o último massacre que gerou a depopulação mais intensa do grupo.

O fone [tʃ], proposto por (A. SILVA, 2015) como um dos alofones do fonema /t/ antes de /i/, é agora analisado como realização fonética do fonema /tʃ/. Veremos no próximo capítulo referente a mudanças sonoras que [tʃ] resultou da palatalização dos reflexos do PTG *t seguido de *i, tendo posteriormente se fundido com os reflexos do PTG *tʃ. Da mesma forma, o fone [n], analisado anteriormente como alofone de /j/ em ambiente nasal, está sendo agora analisado como realização fonética do fonema /n/. Entretanto, observamos que alguns reflexos do PTG *j mudaram para /n/, em ambiente nasal, fundindo-se, com os reflexos do PTG *n. (essa discussão encontra-se na seção 4.4, do **Capítulo 4. Mudanças Fonológicas no Avá-Canoeiro**)

Havíamos postulado dois fonemas, em nossa análise anterior (A. SILVA, 2015), um fonema /l/, realizado como [dʒ], [ʒ], [dʎ], [ʎ], [dl] e [l], e um fonema /ʎ/, realizado como [ʎ], [ɣ], [ɕ] e [g]. Com a ampliação dos dados, identificamos, que, ao invés de dois fonemas, há em Av.C-T apenas um fonema /ʎ/, sendo seus alofones laterais realizações fonéticas restritas, ocorrendo quando /ʎ/ encontra-se precedido de /i/ ou seguido de vogais anteriores, enquanto os alofones [ʎ], [ɣ], [ɕ] e [g] ocorrem nos demais ambientes.

[dʒ] ~ [ʒ] ~ [dʎ] ~ [ʎ] ~ [dl] ~ [l] após [i] ou diante de vogais anteriores:

/iʎote/ [i: dʒo'te] ~ [i:ʎo'te:] 'é muito azedo'

/miʎa/ ['mi: dʒe] 'lagarta, casulo'

piʎa/ ['pi: le] 'peixe'

/maiʎa awapiti/ [ma'i: ʒe:wa'pʰi:tʃe] ~ [ma'i: ʒewa:'pitʃi] '(há tempos/lá longe) Branco matou muita gente'

/maiʎa/ ['mai: le] 'Branco'

/ʎakawi/ [a:ʎe'qʰa:dʒ] ~ [a:ʎa'qa:dʎe] ~ [a:ʎe'qa:ʎi] 'galinha'

/ʎawawitoku/ [dʒa:gʷali'to:gʷʰ] ~ [dʒa:gʷali'to:ɣʷ] ~ [dʒaʎwaʎi'to:ʎo] 'onça pintada'

/ʎawew/ ['wa: ʎew] 'guariba'

/taʎew/ ['ta: ʎew] 'traíra'

[ʁ] ~ [g] ~ [ɣ] ~ [g] ocorre nos demais ambientes.

/avakiva/ [a'ga:koʋɛ] ~ [a:'ga:qoʋɛ] 'saracura, seriema'

/jane iakwava/ [nẽ:ni'a:qʷəʋə] 'nossa cabaça'

/iwativa/ [i:'wa:tiʋɛ] 'flor (ainda na árvore)'

/tʃi kawiwim/ [tʃi,ʒã:ʷĩgĩm] ~ [tʃi,ʒã:ʷmĩgiw] 'estou tonto (sob efeito de choque)'

/tʃiʋarava/ [tʃi'ga:pəʋɛ] ~ [tʃi'ʋa:pəi] 'meu arco'

/ava oike/ [a:ge 'o:jkɛ] '(o) Sol entrou (se pôs)'

/jawawitoʋu/ [dʒa:gʷali'to:gʊʰ] ~ [dʒa:gʷali'to:ʋʊ] ~ [dʒaʋwali'to:ʋʊ] 'onça pintada'

/ʋu-m-akim/ [uʋu'ma:kimə] 'nós molhamos (a cabeça de Pãtjio)'

Revisamos também a nossa análise de [ʎ] que, em nossa análise anterior (A. SILVA, 2015), foi analisado como alofone de /j/. Notamos, entretanto que se trata de um alofone de /ʋ/ precedido de /i/.

Havíamos representado de forma equivocada o Prefixo Relacional 2 (R²) como *ij-* e o tema nominal da palavra 'frio' como *-oi*, *ij-oi* [iʎoi] (R²-frio) 'ele tem frio', quando a forma correta é *i-ʋoi* [iʎoi] (R²-frio) 'ele tem frio'. Apresentamos a seguir exemplos de ocorrências do fonema /ʋ/ precedido de /i/, quando há fronteira de morfema.

i-ʋoi
[i'dʎo:i]
R²-frio
'(ele/esse) tem frio'

i-ʋoiaŋ
[i:'ʎo:iẽŋ]
R²-frescor
'(meu joelho) está curado' (literalmente: 'tem frescor')

i-ʋuʋu-ovo
[i:'ʎo'ʋo:wɔ]
R²-inchado
'existe o inchado dele'

i-ko-te
 [i:ko'te:]
 R²-amargo-GEN
 '(esse) tem muito amargor'

É interessante notar que a ocorrência de /i/ em palavra precedente não é ambiente de ocorrência de alofone lateral do fonema /ɸ/, conforme observamos a seguir.

tʃi=∅-koi-te
 [tʃiɸo:ite]
 l=R¹-frio-GEN
 'tenho frio de verdade'

tʃi=ɸ-aqu-te
 [tʃi,ɸa:qo'te]
 l=R¹-calor-GEN
 'tenho calor de verdade'

tʃi=ɸ-upi
 [tʃi'ɸupi]
 l=R¹-POSP
 'comigo'

Em análise anterior (A. SILVA, 2015), havíamos proposto a representação dos fonemas consonantais do Av.C-T segundo o que fora encontrado na Faixa III, além de termos representado por /j/ o fonema que possui os alofones de ocorrência não restrita [dz] ~ [z]. Em nossa revisão dessa análise, propomos a representação dos fonemas consonantais do Av.C-T pelo que fora encontrado nas variedades mais conservadoras, isso é, dos dados que encontramos nas faixas I e II de falantes da língua, ou seja, /q/ ao invés de /k/; /q^w/ ao invés de /k^w/; /tʃ/ ao invés de /tʃ/; e /dz/ ao invés de /dz/.

Apresentamos abaixo um quadro dos fonemas consoantais do Av.C-T, consideradas as revisões discutidas acima.

Quadro 14 – Revisão da Fonologia Consonantal de Variedades Sociais do Av.C-T

Fonema	Faixa I	Faixa II	Faixa III
/p/	[p], [p ^s] / [+ acento]		[p], [p ^h] / [+ acento]
	[p] / n.d.a.		[p] / n.d.a.
/t/	[t], [t ^s] / [+ acento]	[t], [t ^s], [t ^h] / [+ acento]	[t], [t ^h] / [+ acento]
	[t] / n.d.a.	[t] / n.d.a.	[t] / n.d.a.
/q/	[q] ~ [q ^s] ~ [q ^h] / [+ acento]	[q], [q ^s], [k], [k ^h] / [+ acento]	[k], [k ^h]
	[q] / n.d.a.	[q] ~ [k] / n.d.a.	[k] / n.d.a.
/q ^w /	[q ^w]	[q ^w], [k ^w]	[k ^w]

/tʃ/	[tʃ]	[tʃ], [tʃʰ]	[tʃ]
/dz/	[j] / _#		[j] / _#
	[j̃] / _# [amb. nasal]		[j̃] / _# [amb. nasal]
	[ɹ] / V_V [fala rápida]		
	[dz] ~ [z] / n.d.a.		[dʒ] ~ [z] / n.d.a.
/m/	[m]		
/n/	[n]		
/ŋ/	[ŋ]		
/ɸ/	[l], [dl], [k], [dk], [ʎ], [dʎ], [d] / i, j_e _V _{anterior}		[l] / i, j_e _V _{anterior}
	[ɸ], [ɸ] / n.d.a.		[ɸ], [ɸ] / n.d.a.
/w/	[w] / _#		[w] / _#
	[w̃] / _# [amb. nasal]		[w̃] / [amb. nasal]
	[w̃ɸ ^w] ~ [w̃ŋ ^w] / amb. nasal		
	[w] ~ [ɸ ^w] ~ [wɸ ^w] ~ [ɸ ^w] ~ [wɸ ^w] / n.d.a.		[w], [ɸ ^w], [wɸ ^w] / n.d.a.

3.2.2. Fonemas vocálicos do Avá-Canoeiro do Tocantins

Nessa subseção, revemos a nossa proposta anterior (A. SILVA, 2015) de descrição dos fonemas vocálicos do Av.C-T, com ênfase na distribuição de seus alofones.

Quadro 15 – Fonemas vocálicos e seus alofones (A. SILVA, 2015)

Fonemas	Faixa I	Faixa II	Faixa III
/i/	[i], [i:], [ɪ], [ĩ], [ə], [ə̃]		
/e/	[e], [e:], [ɛ], [ɛ:], [ɛ̃], [ɪ], [ĩ]		
/i/	[i], [i:], [ɐ], [ə], [ə̃]		[i], [i:], [u], [u:], [ɐ], [ə], [ə̃], [ɪ]
/a/	[a], [a:], [ɐ], [ɐ:], [ə], [ə̃]		
/u/	[u], [u:], [ɔ], [ɔ̃]		
/o/	[o], [o:], [ɔ], [ɔ:], [ɔ̃]		
/ĩ/	[ĩ]		
/ẽ/	[ẽ], [ĩ], [ɪ]		
/î/	[î], [ĩ:], [ə̃]		
/ã/	[ã], [ã:], [a], [ɛ̃], [ɛ:], [ɛ̃], [ɐ]		
/ũ/	[ũ], [ũ:], [ɔ]		
/õ/	[õ], [õ:], [ɔ], [ɔ̃]		

Havíamos descrito os fones vocálicos centrais [ə] e [ə̃] como alofones de três fonemas, /i/, /ĩ/ e /a/, em ambiente átono; o fone [ɐ] como alofone de /i/, /a/ e /ã/; o fone [ɪ] como alofone de /i/, /ĩ/, /e/ e /ẽ/; o fone [a] como alofone de /a/ e de /ã/; o fone [ɔ] como alofone de /u/, /ũ/, /o/ e de /õ/; os fones [u] e [ɹ] como alofones de /i/ e de /u/; e o fone [ĩ] como alofone de /ẽ/ e de /î/. Comentamos abaixo a nossa revisão de sua fonologia vocálica partindo do princípio da univocidade em fonologia.

Em nossa análise da fonologia vocálica do Av.C-T, interpretamos a ocorrência de vogais médios centrais [ə] como alofones do fonema vocálico central baixo /i/. Em Avá-Canoeiro não há a ocorrência de [ə] de forma independente como observado para a língua Tenetehára (T. SILVA, 2010), para a qual há um fonema /ə/. Propomos então a seguinte descrição para a fonologia vocálica do Av.C-T.

Quadro 16 - Revisão da Fonologia Vocálica do Av.C-A

Fonemas	Faixa I	Faixa II	Faixa III
/i/	[i] ~ [i:] / [+acento] [ɪ] ~ [ɪ̃] / [-acento] [i] / n.d.a.		
/e/	[e] ~ [ɛ] ~ [e:] ~ [ɛ:] / [+acento] [e] ~ [ɛ̃] ~ [ɛ], [ɛ̃] / [-acento] [e] ~ [ɛ] / n.d.a.		
/ĩ/	[ĩ] ~ [ĩ:] [ĩ] / n.d.a.		
/a/	[a] ~ [ɐ] ~ [a:] ~ [ɐ:] / [+acento] [ɐ] ~ [ɐ̃] / [-acento] [a] ~ [ɐ] / n.d.a.		
/u/	[u] ~ [u:] / [+acento] [o] ~ [õ] / [-acento] [u] / n.d.a.		
/o/	[o] ~ [ɔ] ~ [o:] ~ [ɔ:] / [+acento] [o] ~ [ɔ] / n.d.a.		
/ĩ/	[ĩ]		
/ẽ/	[ẽ]		
/ã/	[ã], [ã:]		
/ũ/	[ũ], [ũ:]		
/õ/	[õ], [õ:]		

3.3 PADRÃO ACENTUAL EM AV.C-A E EM AV.C-T

Borges (2006) amplia a descrição do padrão acentual do Avá-Canoeiro, tratado anteriormente de forma bastante breve por Toral (1984) e por Paiva (1996). Para Borges (2006, p.102-105) há um acento primário e um acento secundário em Avá-Canoeiro. O acento primário recai na penúltima sílaba dos radicais da palavra, conforme os exemplos dados pela autora (2006, p.103):

(336) /\$ja\$ka\$re\$/ [\$ja\$'k^ha:\$rɪ\$] ~ [\$ja\$'k^ha:\$lɪ\$] 'jacaré'
/ \$CV\$CV\$CV\$/ [\$CV\$CV\$CV\$] ~ [\$CV\$CV\$CV\$]

(337) /\$a\$wa\$ti\$/ [\$ə\$'wa:\$tʃɪ\$] ~ [\$ə\$'βa:\$tʃɪ\$] 'milho'
/ \$V\$CV\$CV\$/ [\$V\$CV\$CV\$] ~ [\$V\$CV\$CV\$]

(237a) /i-waŋ/	[ĩ'wã:ŋə]	‘é vermelho’
(237c) /tʃi=Ø-kʷã-u/	[tʃi'kʷã:ũ]	‘meu polegar’
(238a) /piraŋ/	[pʰi'ĩã:ŋ] ~ [pʰi'rã:ŋ] ~ [pʰi'lã:ŋ]	‘vermelho’
(238b) /kurum/	[qʊ'ĩũ:m] ~ [qʊ'rũ:m]	‘menino’
(239a) /itajaẽ/	[,itã'jã:ẽ] ~ [,itã'jã:ẽ]	‘panela’
(239c) /i-ãj/	[ĩ'ã:]	‘dente dele’
(239b) /o-jemim/	[õ'jẽ:mĩm] ~ [õ'jẽ:mĩm]	‘ele se escondeu’

As consoantes nasais, segundo a autora (2006, p.83-84), possuem, no Av.C-A, alofones pós-oralizados variando com alofones oclusivos sonoros, no início de palavra ou em sílabas mediais, e quando a sílaba acentuada não possui vogal intrinsecamente nasal (exemplos 74 e 80 abaixo, *op. cit.*).

(227a) /moj-a/	[^m bo:jə] ~ [mo:jə]	‘cobra’
(227b) /mae/	[^m ba:e] ~ [mae]	‘caça’
(228a) /o-mapik/	[o ^m ba:pikə] ~ [o ^m ma:pik̃]	‘ela cozinhou [algo]’
(235a) /mae-potiva/	[,bae'p ^h ɔ:tiʋə] ~ [,mae'p ^h ɔ:tiʋə]	‘flor’
(234) /ne=Ø-wip/	[ⁿ de'wiḽ] ~ [ne'wi:ḽ]	‘tua coxa’
(235b) /ne=Ø-pikiri/	[,depi'k ^h i:rə] ~ [,nepi'k ^h i:rə]	‘tua irmã mais nova’
(228b) e (236b) /ene/	[ⁿ ẽ'nde:] ~ [e'de:] ~ [ẽ'ne:]	‘você’

Observamos que não há, nos dados representativos da variedade do Av.C-A apresentados por Harrison (1974), a realização de consoantes oclusivas sonoras pré-nasalizados, e sim consoantes oclusivas surdas pré-nasalizadas, que aparentemente ocorrem nos mesmos ambientes de consoantes nasais. Muito provavelmente essa descrição traz uma diferença de percepção no tempo de sonoridade desses segmentos.

Veja os exemplos abaixo em que Consoantes nasais e Consoantes pré-nasalizados ocorrem antecedendo ambientes orais.

/napiawat/	[n̥ta'p̥i̯aa'wət̥]	‘tua orelha’ (HARRISON, 1974, p.2)
/netle/	[n̥tɜ:t̥ɜ:]	‘teu olho’ (HARRISON, 1974, p.2)
/neapo/	[n̥dɛ'ʔap̥h̥ɔ]	‘tua mão’ (HARRISON, 1974, p.2)
/nepot̥i/	[n̥tɛ'pɔ:ʔf̥i]	‘teu fígado’, ‘tua barriga’ (HARRISON, 1974, p.3)
/netfoqa/	[n̥tɛ'tfɔ:q̥ɛ]	‘tua boca’ (HARRISON, 1974, p.2)
/moj/	[m̥'bɔ:j̥ɐ] / [m̥'bɔɜ]	‘cobra’ (HARRISON, 1974, p.4)
/moqa/	[m̥'ɔk̥h̥a]	‘espingarda’ (HARRISON, 1974, p.3)
/maiaipot̥it̥/	[m̥'a'i'paip̥h̥ɔ:ti:t̥]	‘flor’ (HARRISON, 1974, p.4)
/maeapat̥/	[m̥'a'eapa:t̥]	‘banana’ (HARRISON, 1974, p.4)

3.5 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE A FONOLOGIA DO AVÁ-CANOEIRO

Tratamos nesse capítulo da fonologia segmental e de aspectos prosódicos do Av.C-A e do Av.C-T, em separado, levando em consideração também variedades sociais da língua. Buscamos revisar propostas anteriores, bem como discutir os primeiros dados colhidos dessas duas variedades até então não considerados em análises fonológicas da língua. O panorama levantado a partir dessa revisão nos permitiu propor elementos da fonologia do Avá-Canoeiro, fundamentais na discussão dos processos históricos de mudanças sonoras, o que é objeto do próximo capítulo.

Observamos que as diferenças encontradas nas variedades sociais trabalhadas por Harrison (1974) em contraste com as variedades trabalhadas por Toral (1984), Paiva (1996) e Borges (2006) podem apontar ou para a ocorrência de “variação estruturada a nível pessoal” (cf. DORIAN, 2010) ou ao fato dos Av.C-A contatados serem originários

de aldeias diferentes. Como nos informa Patrícia Rodrigues (2012), após os massacres de aldeias inteiras dos Av.C-A, os sobreviventes passaram a formar novos grupos. Observamos que havendo diferenças em nível dialetal, essas diferenças passariam a ser representativas da origem dos falantes. Conforme os grupos eram sistematicamente reduzidos por conta de massacres, assassinatos e perseguições, há a possibilidade de ter se consolidado uma variação estruturada a nível pessoal.

CAPÍTULO 4. MUDANÇAS FONOLÓGICAS NO AVÁ-CANOEIRO

Nesse capítulo, tratamos de algumas mudanças fonológicas ocorridas no Avá-Canoeiro. Em nossa análise fonológica do Av.C-T no capítulo anterior, buscamos aprofundar a descrição do Avá-Canoeiro distinguindo o Av.C-A do Av.C-T e analisando a realização dos fonemas na fala de falantes de diferentes faixas etárias. Para a análise histórico-comparativa do Avá-Canoeiro, levamos em consideração as mudanças e direções dessas mudanças ocorridas tanto no Av.C-A, quanto no Av.C-T, permitindo-nos observar também mudanças em curso na língua. A partir da comparação do Av.C-A e do Av.C-T, tendo como referência as formas reconstruídas para o Proto-Tupí-Guaraní, propomos a reconstrução de elementos do que teria sido o sistema fonológico do Proto-Avá-Canoeiro (PAV). O nosso estudo traz novos dados, ilustrativos de diferenças geográficas e sociais não consideradas nos estudos precedentes.

O estudo de Rodrigues (1984) foi o primeiro a incluir o Avá-Canoeiro em uma comparação histórica com outras línguas da família Tupí-Guaraní. Esse trabalho levou em consideração sobretudo os dados do Av.C-A trabalhados por Harrison (1974). Borges (2006), em seguida, trouxe novos dados, comparando-os com reconstruções feitas para o Proto-Tupí-Guaraní.

É importante observar as limitações dos dados do Avá-Canoeiro para esse tipo de estudo, uma vez que a escassez de dados suficientes pode tornar hipóteses históricas menos robustas. Além da quantidade pequena de falantes que remanesceram, devido aos massacres ocorridos juntos a ambos os grupos de Avá-Canoeiro, existe ainda a complexidade no trabalho junto aos Avá-Canoeiro, conforme comentamos **no Capítulo 1. Os Avá-Canoeiro: Aspectos Históricos e Socioculturais**.

Nesse estudo, utilizamos os trabalhos de (Rodrigues (1964, 1983, 1984/1985, 1996, 1998, 2007, 2010), Rodrigues & Cabral (2002, 2011, 2012), Cabral (1996), Dietrich (1990, 2010), Solano & Cabral (2006), Corrêa da Silva (2010), Jensen (1989, 1996) e Lemle (1971) para os itens lexicais reconstruídos para o proto-Tupí-Guaraní.

Na subseção 4.1, apresentamos um quadro com a lista de correspondências sonoras para as consoantes, encontradas na comparação do Av.C-A com o Av.C-T e com o que fora reconstruído para o PTG. A partir dessa comparação, reconstruímos o que teriam sido os sons do Proto-Avá-Canoeiro, isto é, do Avá-Canoeiro falado anteriormente

à separação desses dois grupos, o que ocorreu há pelo menos 190 anos (cf. P. RODRIGUES, 2012; 2013). Posteriormente, apresentamos exemplos ilustrativos dessas correspondências. Em 4.2, discutimos as mudanças ocorridas nas consoantes em Avá-Canoeiro, inicialmente nos reflexos do PTG para o PAV e, posteriormente, do PAV para o Av.C-A e para o Av.C-T.

Em 4.3, apresentamos um quadro com com a lista de correspondências sonoras para as vogais, encontradas na comparação do Av.C-A com o Av.C-T e com o que fora reconstruído para o PTG, incluído também a nossa reconstrução do que teria sido no PAV. Em 4.3, discutimos as mudanças ocorridas nas vogais em Avá-Canoeiro, inicialmente nos reflexos do PTG para o PAV e, posteriormente, do PAV para o Av.C-A e para o Av.C-T. Ao final, tratamos das mudanças prosódicas encontradas, sobretudo quanto à relação entre acento e nasalidade em Av.C-A e em Av.C-T.

4.1 REFLEXOS DAS CONSOANTES DO AV.C-A E AV.C-T DAS CONSOANTES DO PTG

Nessa seção, apresentamos, nossa proposta de reconstrução dos fonemas consonantais do Proto-Avá-Canoeiro (PAV), considerando dados das variedades do Av.C-A e Av.C-T. Apresentamos primeiramente um quadro com correspondências sonoras que fundamentam a reconstrução.

Quadro 17 – Correspondências sonoras regulares das variedades do Avá-Canoeiro que fundamentam a reconstrução dos fonemas consonantais do PAV

	PTG	PAV	Av.C-A	Av.C-T	Ambiente Fonético
1	*p :	*p :	p :	p	
2.a	*t :	*tʃ :	tʃ :	tʃ	_i
2.b	*t :	*t :	t :	t	
3.a	*k :	*k :	k :	k	_V anteriores
3.b	*k :	*k :	k :	q	
4	*pʲ :	*tʃ :	- :	tʃ	

5	*k ^j :	*k :	k :	q		
6	*p ^w :	*k ^w :	*k ^w :	q ^w		
7	*k ^w :	*k ^w :	*k ^w :	q ^w		
8	*tʃ :	*tʃ :	tʃ :	tʃ		
9.a	*m :	*m :	m ~ ^m b ~ b :	m	(amb. oral)	
9.b	*m :	*m :	m m :	m	(amb. nasal)	
10.a	*n :	*n :	n ~ ⁿ d ~ d :	n	(amb. oral)	
10.b	*n :	*n :	n :	n	(amb. nasal)	
11.a	*ŋ :	*ŋ :	ŋ :	ŋ		
11.b	*ŋ :	*ɸ :	ɸ :	ɸ		
12.a	*r :	*ʎ :	tʃ ¹⁵ :	tl, ʎ, r ~ ɣ ¹⁶ ʎ ~ l ~ r ¹⁷ l ~ r ¹⁸	dʎ, ʎ, dʎ, ʎ, dl, l	i_ ou _V _{ant}
12.b	*r :	*ɸ :		ɸ : ɣ ~ ɣʎ ~ ɣl ¹⁹ g ~ gʎ ~ ʎ ²⁰ ɸ ~ r ²¹	ɸ ~ G :	_#
12.c	*r :			ĩ :		(amb. nasal)
12.d	*r :			ɸ ~ ɣ ~ G ~ g :		n.d.a
13.a	*β :	*m :		m :		m
13.b	*β :	*w :	w :	w	_#	
13.c	*β :	*w̃ :	w̃ :	w̃ ~ w ou ŋ	amb. nasal	
13.d	*β :	*w :	w :	W ~ G ^w ~ WG ^w ~ ɸ ^w ~ Wɸ ~ Wɸ ^w	n.d.a.	

¹⁵ (HARRISON, 1974)

¹⁶ (TORAL, 1983)

¹⁷ (PAIVA, 1996)

¹⁸ (BORGES, 2006)

¹⁹ (TORAL, 1984)

²⁰ (PAIVA, 1996)

²¹ (BORGES, 2006)

13.e	*β :	*p :	p :	p ou w	n.d.a
14	*w	*w	w	w	
15.a	*j :	*dʒ:	j ~ ʒ :	j	_#
15.b	*j :	*j̃ ~ *ɲ	j̃ ~ ɲ :	n	(amb. nasal)
15.c	*j :	*dʒ :	tʃ ²² : dʒ :	dʒ	_V _{anteriores}
15.d	*j :	*dʒ :	tʃ ²³ : dʒ :	dz _ɹ	n.d.a

²² (HARRISON, 1974)

²³ (HARRISON, 1974)

CORRESPONDÊNCIAS DE CONSOANTES DO PTG : PAV : Av.C-A : Av.C-T

Apresentamos abaixo exemplos que ilustram as correspondências encontradas. Para o Av.C-A, utilizamos prioritariamente dados provenientes de estudos dessa única variedade.

1. PTG *p : PAV *p : Av.C-A p : Av.C-T p

PTG *-pipe ‘dentro, inessivo (posposição)’ : PAV *-pupe : Av.C-A -pupe : Av.C-T -pupe

PTG *pĩtsaβ ‘noite’ : PAV *piadzĩ : Av.C-A piadzã²⁴ : Av.C-T piadzĩ

PTG *-poʔĩr ‘colar’ : PAV *-poiɣ-a : Av.C-A -poiɣa²⁵ : Av.C-T -poiɣ-a

PTG *-puka ‘rir’ : PAV *-puka : Av.C-A -puka : Av.C-T -puqa

PTG *panam ‘borboleta’ : PAV *panim : Av.C-A panim : Av.C-T panim

PTG *panem ‘azar com’ : PAV *pane ‘lusivo’ : Av.C-A --- : Av.C-T pane ‘lusivo’

PTG *paɣanã ‘rio caudaloso’ : PAV *paɣana : Av.C-A --- : Av.C-T paɣana

PTG *-pe ‘em, a (locativo pontual)’ : PAV *-pe : Av.C-A -pe : Av.C-T -pe

PTG *pe ‘aquele, aquilo (dêitico)’ : PAV *pe : Av.C-A pe : Av.C-T pe

PTG *-peβ ‘chato, plano’ : PAV *-pep : Av.C-A -pep²⁶ : Av.C-T -pew

PTG *-pepo ‘asa’ : PAV *-pepo : Av.C-A -pepo : Av.C-T -pepu

PTG *-petim ‘fumo, tabaco’ : PAV *-petim : Av.C-A -petim : Av.C-T -petim

PTG *-pina ‘anzol’ : PAV *-pina : Av.C-A -pina : Av.C-T -ita-pina ‘anzol de metal’

PTG *-pina-etik ‘jogar anzol’ : PAV *-pin-itfik : Av.C-A -pin-itfik ‘jogar anzol’ : Av.C-T -ita-pin-itfik ‘jogar anzol de metal’

²⁴ (TORAL, 1984, p.15)

²⁵ (BORGES, 2006, p.121)

²⁶ (BORGES, 2006, p.94)

PTG *-pinim ‘pintado’ : PAV *-pinim : Av.C-A -pinim²⁷ : Av.C-T -pinim

PTG *-pino ‘peidar’ : PAV *-pina : Av.C-A --- : Av.C-T -pina

PTG *-pir ‘casca, pele’ : PAV *-pilika : Av.C-A ipilika²⁸ : Av.C-T ipidziqa

PTG *-pirok ‘descascar’ : PAV -pilok : Av.C-A --- : Av.C-T pidzooq

PTG *pira ‘peixe’ : PAV *pila : Av.C-A pitla²⁹ e pila³⁰ : Av.C-T pidla

PTG *-piraj ‘vermelho’ : PAV *-pilij : Av.C-A -pilaũ³¹ -pirij³² : Av.C-T -pizij

PTG *-pitanj ‘criança’ : PAV *-pitij : Av.C-A mitij³³ ‘criança de gente’ : Av.C-T -pitij

PTG *piʔũ ‘pium’ : PAV *piũ : Av.C-A piũ³⁴ : Av.C-T piũ-milji ‘abelha lambe-olhos (*Leurotrigona muelleri*)’

PTG *-po ‘mão’ : PAV *-po : Av.C-A -po³⁵ : Av.C-T -po

PTG *-poãpe ‘unha’ : PAV *-pape : Av.C-A --- : Av.C-T -pape ‘unha’

PTG *-poj ‘alimentar’ : PAV *-dzopoj : Av.C-A -jopoj³⁶ : Av.C-T -dzopij

PTG *-poka ‘torcer’ : PAV *-poka : Av.C-A -poka³⁷ : Av.C-T -poqa

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-pokaj : Av.C-A -pokaj³⁸ : Av.C-T -pokaj

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-potjia : Av.C-A -potsi³⁹ -potjia⁴⁰ : Av.C-T -potji

²⁷ (BORGES, 2006, p.139)

²⁸ (TORAL, 1984, p.20)

²⁹ (HARRISON, 1974, p.4)

³⁰ (TORAL, 1984, p.9)

³¹ (PAIVA, 1996, p.39)

³² (BORGES, 2006, p.66)

³³ (BORGES, 2006, p.309)

³⁴ (BORGES, 2006, p.305)

³⁵ (HARRISON, 1974, p.2)

³⁶ (BORGES, 2006, p.66)

³⁷ (BORGES, 2006, p.73)

³⁸ (BORGES, 2006, p.183)

³⁹ (HARRISON, 1974, p.2)

⁴⁰ (TORAL, 1984, p.18)

PTG *-potir ‘flor’ : PAV *-potiᵛ : Av.C-A -potitl⁴¹ potiᵛ⁴² : Av.C-T -potiᵛ

PTG *-puku ‘comprido’ : PAV *-puku : Av.C-A -puku⁴³ : Av.C-T -puqu

PTG *-potsij ‘pesado’ : PAV *-poiᵛj : Av.C-A -poiᵛj⁴⁴ : Av.C-T -poiᵛj

PTG *purake ‘poraquê’ : PAV *povoke: Av.C-A povoke⁴⁵ ‘enguia’ : Av.C-T povoke

PTG *-puᵛam ‘levantar’ : PAV *-puim : Av.C-A -puim⁴⁶ : Av.C-T -puim

PTG *-pi ‘pé’ : PAV *-pi : Av.C-A -pi⁴⁷ : Av.C-T -pi

PTG *-pitanj ‘vermelho’ : PAV *-pitij : Av.C-A -pitij⁴⁸ : Av.C-T -pitij

PTG *-pitsik ‘pegar’ : PAV *-pik : Av.C-A -pik⁴⁹ : Av.C-T -piq ‘pegar, segurar’

PTG *pak ‘paca’ : PAV *pak : Av.C-A pak⁵⁰ : Av.C-T paq

PTG *-pak ‘acordar’ : PAV *-pak : Av.C-A -pak⁵¹ : Av.C-T paq

PTG *-mo-pen ‘quebrar’ : PAV *-pen : Av.C-A --- : Av.C-T -pen

PTG *-ape ‘caminho’ : PAV *-ape : Av.C-A -ape : Av.C-T -ape

PTG *-kupe ‘dorso, costas’ : PAV *-kupe : Av.C-A -kupe⁵² : Av.C-T -qupe

PTG *-apar ‘torto’ : PAV *-apaᵛ : Av.C-A -apatl⁵³ -apaᵛ⁵⁴ -apaᵛ⁵⁵ : Av.C-T apaᵛ

⁴¹ (HARRISON, 1974, p.4)

⁴² (BORGES, 2006, p.61)

⁴³ (BORGES, 2006, p.318)

⁴⁴ (BORGES, 2006, p.319)

⁴⁵ (TORAL, 1984, p.8)

⁴⁶ (BORGES, 2006, p.148)

⁴⁷ (HARRISON, 1974, p.3)

⁴⁸ (BORGES, 2009, p.307)

⁴⁹ (PAIVA, 1996, p.55)

⁵⁰ (BORGES, 2006, p.139)

⁵¹ (BORGES, 2006, p.157)

⁵² (HARRISON, 1974, p.2)

⁵³ (HARRISON, 1974, p.5)

⁵⁴ (TORAL, 1984, p.45)

⁵⁵ (BORGES, 2006, p.309)

PTG *-ape ‘costas’ : PAV *-ape : Av.C-A -ape⁵⁶ : Av.C-T -ape

PTG *-apekũ ‘língua’ : PAV *-apekũ : Av.C-A -opekõ⁵⁷ -apeku⁵⁸ : Av.C-T apeku

PTG *-apo ‘fazer’ : PAV *-japo ‘fazer’ : Av.C-A japo⁵⁹ : Av.C-T japo ‘eu faço’

PTG *-api ‘queimar’ : PAV *-api : Av.C-A -api⁶⁰ : Av.C-T -api

PTG *-apik ‘sentar-se’ : PAV *-apik : Av.C-A -apik⁶¹ : Av.C-T -apik

PTG *-epoti ‘fezes’ : PAV *-epotji : Av.C-A -epotji⁶² : Av.C-T -epotji

PTG *ipek ‘pato’ : PAV *ipek : Av.C-A ipek⁶³ ‘pato’ : Av.C-T ipek

PTG *tapiʔir ‘anta’ : PAV *tapił : Av.C-A tapiti⁶⁴ tapił-a⁶⁵ : Av.C-T tapił-a

PTG *kapiʔi ‘capim’ : PAV *kapi : Av.C-A kapi⁶⁶ : Av.C-T qapi

PTG *kapiʔiβar ‘cavivara’ : PAV *kapiwak-a : Av.C-A kapiway-a : Av.C-T qapiwak-a

PTG *-upiʔa ‘ovo’ : PAV *-upia : Av.C-A -upia⁶⁷ : Av.C-T -upia

PTG *-tipoj ‘tipóia’ : PAV *-tipodz : Av.C-A --- : Av.C-T i-tipidz-a

PTG *-atipi ‘bochecha’ : PAV *-atipi : Av.C-A --- : Av.C-T -atipa

PTG *-mopu ‘eu toco (flauta)’ : PAV *-mopu ‘tocar’ : Av.C-A -bopu⁶⁸ : Av.C-T mopu

⁵⁶ (BORGES, 2006, p.95)

⁵⁷ (HARRISON, 1974, p.2)

⁵⁸ (TORAL, 1984, p.17)

⁵⁹ (BORGES, 2006, p.313)

⁶⁰ (BORGES, 2006, p.317)

⁶¹ (HARRISON, 1974, p.6)

⁶² (BORGES, 2006, p.111)

⁶³ (BORGES, 2006, p.117)

⁶⁴ (HARRISON, 1974, p.3)

⁶⁵ (TORAL, 1984, p.6)

⁶⁶ (HARRISON, 1974, p.4)

⁶⁷ (PAIVA, 1996, p.48)

⁶⁸ (TORAL, 1984, p.39)

PTG *ojepeteĩ ‘um’ : PAV *dʒepe : Av.C-A mepenoin⁶⁹ : Av.C-T nepe ‘um’

2.a. PTG *t : PAV *tʃ : Av.C-A tʃ : Av.C-T tʃ / _i

PTG *-atĩ ‘chifre’ : PAV *-ãtʃi : Av.C-A -ãtsi⁷⁰ -ãtʃi⁷¹ : Av.C-T -ãtʃi

PTG *tapiti ‘coelho’ : PAV *tapitʃi : Av.C-A tapitʃi⁷² : Av.C-T tapitʃi

PTG *-tiñ ‘branco’ : PAV *-tʃiñ : Av.C-A -ata-tʃiñ-a ‘fumaça ‘lit.: branco do fogo de gente’⁷³ : Av.C-T i-a-tʃiñ ‘branco do globo ocular’

PTG *-atatiñ ‘fumaça’ : PAV *-atatʃiñ ‘fumaça, lit.: branco do fogo’ : -atatʃi⁷⁴ -atatʃiñ⁷⁵ : Av.C-T -atatʃiñ

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-potʃia : Av.C-A -potsi⁷⁶ -potʃia⁷⁷ : Av.C-T -potʃi

PTG *-atiam ‘esperrar’ : PAV *-atʃium ‘espirro’ : Av.C-A -asum⁷⁸ -atʃum⁷⁹ : Av.C-T -atʃium -atʃiom⁸⁰

PTG *-kʷatiar ‘desenhar’ : PAV *-kʷatʃiaʀ : Av.C-A -kʷatʃiaʀ⁸¹ : Av.C-T -qʷatʃiaʀ

PTG *kʷati ‘quati’ : PAV *kʷatʃi : Av.C-A kʷatʃi⁸² : Av.C-T qʷatʃi

PTG *-tiniñ ‘seco, estalante’ : PAV *-tʃiniñ : Av.C-A -tʃiniñ ‘seco’⁸³ : Av.C-T -tʃiniñ ‘seco, estalante’

⁶⁹ (BORGES, 2006, p.105)

⁷⁰ (HARRISON, 1974, p.3)

⁷¹ (TORAL, 1984, p.16)

⁷² (BORGES, 2006, p.311)

⁷³ (TORAL, 1984, p.5)

⁷⁴ (HARRISON, 1974, p.6)

⁷⁵ (TORAL, 1984, p.5)

⁷⁶ (HARRISON, 1974, p.2)

⁷⁷ (TORAL, 1984, p.18)

⁷⁸ (PAIVA, 1996, p.12)

⁷⁹ (PAIVA, 1996, p.37)

⁸⁰ (TORAL, 1984, p.25)

⁸¹ (BORGES, 2006, p.312)

⁸² (BORGES, 2006, p.317)

⁸³ (BORGES, 2006, p.318)

PTG *akuti ‘cotia’ : PAV *akutʃi : Av.C-A akutʃi⁸⁴ : Av.C-T aqutʃi

PTG *jaβoti ‘jaboti’ : PAV *dzaotʃi : Av.C-A dzaotʃi⁸⁵ : Av.C-T dzotʃi

PTG *jatiʔũ ‘mosquito’ : PAV *dʒitʃiũ : Av.C-A tʃiũ⁸⁶ : Av.C-T ni'tʃiũ

PTG *miriti ‘buriti’ : PAV *miʁitʃi : Av.C-A --- : Av.C-T miʁitʃi

PTG *aβati ‘milho’ : PAV *awatʃi : Av.C-A awatʃi ‘milho’⁸⁷ : Av.C-T awatʃi ‘milho’

2.b. PTG *t : PAV *t : Av.C-A t : Av.C-T t / n.d.a

PTG *-atipi ‘bochecha’ : PAV *-atipi : Av.C-A --- : Av.C-T -atipa

PTG *-tipoj ‘tipóia’ : PAV *-tipodʒ : Av.C-A --- : Av.C-T i-tipidz-a

PTG *tuŋ ‘bicho de pé’ : PAV *tuŋ : Av.C-A tuŋ⁸⁸ : Av.C-T ---

PTG *-atã ‘duro’ : PAV *-ata : Av.C-A -ata⁸⁹ : Av.C-T -ata

PTG *-ata ‘andar’ : PAV *-ata : Av.C-A -ata⁹⁰ : Av.C-T -ata

PTG *-eta ‘muito’ : PAV *-eta : Av.C-A -eta⁹¹ : Av.C-T -eta

PTG *-etam ‘aldeia’ : PAV *-etim : Av.C-A -etim ‘aldeia, casa’⁹² : Av.C-T -etim ‘aldeia, casa’

PTG *ita ‘pedra’ : PAV *ita : Av.C-A ita^{93 94} : Av.C-T ita

⁸⁴ (TORAL, 1984, p.8)

⁸⁵ (BORGES, 2006, p.216)

⁸⁶ (BORGES, 2006, p.315)

⁸⁷ (HARRISON, 1974, p.3)

⁸⁸ (PAIVA, 1996, p.35)

⁸⁹ (BORGES, 2016, p.318)

⁹⁰ (HARRISON, 1974, p.7)

⁹¹ (BORGES, 2006, p.315)

⁹² (PAIVA, 1996, p.11; BORGES, 2006, p.308)

⁹³ (HARRISON, 1974, p.5)

⁹⁴ (TORAL, 1984, p.2)

PTG *-ata ‘fogo’ : PAV *-ata : Av.C-A -ata^{95 96} : Av.C-T -ata

PTG *jatʃitata ‘estrela’ : PAV *dzaitata ‘estrela (lit.: lua de fogo)’ : Av.C-A tʃaitata⁹⁷ dzaitata⁹⁸ : Av.C-T dzaitata

PTG *-atapĩj ‘brasa’ : PAV *-atapĩj : Av.C-A --- : Av.C-T -atapin-a ‘brasa’

PTG *tatu ‘tatu’ : PAV *tatu : Av.C-A tatu⁹⁹ : Av.C-T tatu

PTG *tukan ‘tucano’ : PAV *tukin : Av.C-A tukin¹⁰⁰ : Av.C-T tuqin

PTG *tukur ‘gafanhoto’ : PAV *tukur : Av.C-A --- : Av.C-T tuqur ‘grilo’

PTG *tuʔĩ ‘periquito’ : PAV *tui : Av.C-A tuĩ-ata¹⁰¹ tuj-ata tui¹⁰² : Av.C-T tuj

PTG *taitetu ‘cateto, porco do mato’ : PAV *taitetu : Av.C-A --- : Av.C-T taitetu

PTG *-tiβ ‘existir em abundância’ : PAV *-tiw : Av.C-A -tiw : Av.C-T -tiw

PTG *-tim ‘plantar’ *-atim : Av.C-A -atim¹⁰³ : Av.C-T -atim

PTG *-kitik ‘ralar’ : PAV *-kitik : Av.C-A --- : Av.C-T -qitiq

PTG *iβitu ‘vento’ : PAV *uwutu : Av.C-A uwutu e utu¹⁰⁴ e wutu¹⁰⁵ : Av.C-T utu e wutu

PTG *-petim ‘fumo, tabaco’ : PAV *-petim : Av.C-A -petim : Av.C-T -petim

PTG *-pitanj ‘criança’ : PAV *-pitiŋ : Av.C-A mitiŋ¹⁰⁶ ‘criança de gente’ : Av.C-T -pitiŋ

⁹⁵ (HARRISON, 1974, p.6)

⁹⁶ (TORAL, 1984, p.5)

⁹⁷ (HARRISON, 1974, p.5)

⁹⁸ (PAIVA, 1996, p.51)

⁹⁹ (BORGES, 2006, p.306)

¹⁰⁰ (BORGES, 2006, p.320)

¹⁰¹ (HARRISON, 1974, p.3)

¹⁰² (BORGES, 2006, p.53 e 214)

¹⁰³ (BORGES, 2006, p.317)

¹⁰⁴ (TORAL, 1984, p.3)

¹⁰⁵ (PAIVA, 1996, p.11)

¹⁰⁶ (BORGES, 2006, p.309)

PTG *-potir ‘flor’ : PAV *-potiḅ : Av.C-A -potitl¹⁰⁷ -potiḅ¹⁰⁸ : Av.C-T -potiḅ

PTG *-pitanj ‘vermelho’ : PAV *-pitiḅj : Av.C-A -pitiḅ¹⁰⁹ : Av.C-T -pitiḅj

PTG *-katu ‘bom’ : PAV *-katu : Av.C-A -katu : Av.C-T -qatu

PTG *-kutuk ‘furar’ : PAV *-kutuk : Av.C-A -kutuk¹¹⁰ : Av.C-T -qutuq ‘furar, costurar’

PTG *-kita ‘verruga’ : PAV *-kita : Av.C-A --- : Av.C-T -qita

PTG *tak^{war} ‘bambú, taquara’ : PAV *tak^{waḅ} : Av.C-A tak^{waḅ} : Av.C-T taq^{waḅ}

PTG *-aḷir ‘filho (ego masculino)’ : PAV *-aiḅ : Av.C-A -aiḅ¹¹¹ : Av.C-T -aiḅ

PTG *-uḃitsaḃ ‘grande’ : PAV *-uiaw : Av.C-A -uiaw¹¹² : Av.C-T -uiaw

PTG *tajatḃu ‘porcão’ : PAV *tadzau : Av.C-A tadzau¹¹³ : Av.C-T tadzau

PTG *mitũ ‘mutum’ : PAV *mũtu : Av.C-A mũtu¹¹⁴ : Av.C-T mũtu

PTG *-etimã ‘canela’ : PAV *-etimã : Av.C-A -tima¹¹⁵ -etimã¹¹⁶ : Av.C-T -etima

PTG *taraḷir ‘traíra’ : PAV *taḷew-ḅu ‘esp. de traíra’ : Av.C-A tarew-ḅu : Av.C-T taḷew-ḅu

PTG *-iwate ‘alto’ : PAV *-iwate : Av.C-A -iwatḃi¹¹⁷ : Av.C-T -iwate

PTG *-itaḃ ‘nadar’ : PAV *-itaw : Av.C-A -itaw¹¹⁸ : Av.C-T -ita

PTG *jateḃuk ‘carrapato’ : PAV *dzateuk : Av.C-A dzateuk : Av.C-T dzatoq

¹⁰⁷ (HARRISON, 1974, p.4)

¹⁰⁸ (BORGES, 2006, p.61)

¹⁰⁹ (BORGES, 2009, p.307)

¹¹⁰ (HARRISON, 1974, p.7)

¹¹¹ (BORGES, 2006, p.302)

¹¹² (BORGES, 2006, p.302)

¹¹³ (TORAL, 1984, p.10)

¹¹⁴ (PAIVA, 1996, p.52)

¹¹⁵ (TORAL, 1984, p.19)

¹¹⁶ (BORGES, 2006, p.317)

¹¹⁷ (BORGES, 2006, p.319)

¹¹⁸ (BORGES, 2006, p.304)

PTG *jatita ‘caracol, caramujo’ : PAV *dzatita : Av.C-A jatita¹¹⁹ : Av.C-T dzatita

PTG *jitik ‘batata doce’ : PAV *dzitik : Av.C-A dzitik : Av.C-T dzitiq

PTG *-atiʔiβ ‘ombro’ : PAV *-atiw : Av.C-A --- : Av.C-T -pov-atiw ‘ombro’

3.a. PTG *k : PAV *k : Av.C-A k : Av.C-T k / _V anteriores

PTG *purake ‘poraquê’ : PAV *povoke: Av.C-A povoke¹²⁰ ‘enguia’ : Av.C-T povoke

3.b. PTG *k : PAV *k : Av.C-A k : Av.C-T q / n.d.a.

PTG *-kajim ‘perder’ : PAV *-kajim ‘perder, esquecer’ : Av.C-A --- : Av.C-T -qanim ‘perder, esquecer’

PTG *-karãj ‘arranhar’ : PAV *kavaj : Av.C-A -kavaj¹²¹ : Av.C-T -qavaj

PTG *kuimaʔe ‘homem’ : PAV *kuimae : Av.C-A kuimae-wu¹²² : Av.C-T kuimae-yu¹²³

PTG *-jo-ʔok ‘cavar’ : PAV *-dʒok : Av.C-A -jok ~ ʒok¹²⁴ : Av.C-T ---

PTG *-eko ‘viver’ : PAV *-iko : Av.C-A -iko¹²⁵ : Av.C-T -iqo

PTG *-ekij ‘puxar’ : PAV *-ekij : Av.C-A -ekij¹²⁶ : Av.C-T -eqij ‘puxar, tirar’

PTG *kurumĩ ‘menino’ : PAV *kuvumi : Av.C-A konom¹²⁷ qunumi¹²⁸ kurum¹²⁹ : Av.C-T qunumi

¹¹⁹ (BORGES, 2006, p.88)

¹²⁰ (TORAL, 1984, p.8)

¹²¹ (BORGES, 2006, p.172)

¹²² (TORAL, 1984, p.35)

¹²³ (TORAL, 1984, p.35)

¹²⁴ (BORGES, 2006, p.66)

¹²⁵ (BORGES, 2006, p.320)

¹²⁶ (BORGES, 2006, p.317)

¹²⁷ (HARRISON, 1974, p.6)

¹²⁸ (PAIVA, 1996, p.22)

¹²⁹ (BORGES, 2006, p.109)

PTG *-kaβ ‘banha’ : PAV *kaw : Av.C-A -kaw¹³⁰ : Av.C-T -qaw

PTG *kaβ ‘vespa’ : PAV *kaw : Av.C-A kaw ‘vespa’¹³¹ : Av.C-T qaw-adzu ‘esp. vespa amarela’

PTG *-kiβ ‘piolho’ : PAV *-kiw : Av.C-A -kiw¹³² : Av.C-T -qiw

PTG *-karuk ‘urinar’ : PAV *kaʁuk : Av.C-A -kaʁu¹³³ -kaʁuk¹³⁴ : Av.C-T -qawuq

PTG *-kam ‘seio’ : PAV *-kim : Av.C-A kim¹³⁵ : Av.C-T -qim

PTG *kanine ‘canindé’ : PAV *kanine : Av.C-A kanine ‘maritaca’¹³⁶ : Av.C-T qanini

PTG *-kaŋ ‘osso’ : PAV *-kiŋ : Av.C-A -kiŋ¹³⁷ : Av.C-T -qiŋ

PTG *-kir ‘imaturó’ : PAV *-kiʁ : Av.C-A -kiʁ¹³⁸ : Av.C-T -qa-qiʁ ‘folha verde’

PTG *kara ‘cará’ : PAV *kaʁa : Av.C-A kaʁa¹³⁹ : Av.C-T qaʁa

PTG *ko ‘este, aqui’ : PAV *ko : Av.C-A ko¹⁴⁰ : Av.C-T qo

PTG *-ko ‘roça’ : PAV *-ko : Av.C-A -ko¹⁴¹ : Av.C-T -qo

PTG *-katu ‘bom’ : PAV *-katu : Av.C-A -katu : Av.C-T -qatu

PTG *-kupe ‘dorso, costas’ : PAV *-kupe : Av.C-A -kupe¹⁴² : Av.C-T -qupe

PTG *-kutuk ‘furar’ : PAV *-kutuk : Av.C-A -kutuk¹⁴³ : Av.C-T -qutuq ‘furar, costurar’

¹³⁰ (HARRISON, 1974, p.6)

¹³¹ (PAIVA, 1996, p.11)

¹³² (TORAL, 1984, p.9)

¹³³ (TORAL, 1984, p.22)

¹³⁴ (BORGES, 2006, p.192)

¹³⁵ (TORAL, 1984, p.18)

¹³⁶ (BORGES, 2006, p.315)

¹³⁷ (TORAL, 1984, p.20)

¹³⁸ (BORGES, 2006, p.319)

¹³⁹ (BORGES, 2006, p.133)

¹⁴⁰ (BORGES, 2006, p.309)

¹⁴¹ (BORGES, 2006, p.317)

¹⁴² (HARRISON, 1974, p.2)

¹⁴³ (HARRISON, 1974, p.7)

PTG *-kuuaβ : PAV *-kuim : --- : -qui ‘saber, conhecer’

PTG *-kitsaβ ‘rede’ : PAV *-kiaw : Av.C-A -kiaw¹⁴⁴ : - Av.C-T -qiaw

PTG *-kitʃe ‘faca’ : PAV *-kie : Av.C-A -ita-ki ‘faca de metal’¹⁴⁵ ita-ke ‘faca de metal’¹⁴⁶ -kie ‘faca’¹⁴⁷ : Av.C-T -qie ‘faca’

PTG *kumana ‘feijão’ : PAV *qumana : Av.C-A qumana¹⁴⁸ : Av.C-T qumana

PTG *-kuʔi ‘pó, farelo’ : PAV *-kui : Av.C-A -kui¹⁴⁹ : Av.C-T -kuj ‘farinha’

PTG *kaʔa ‘mato, mata’ : PAV *ka : Av.C-A ka¹⁵⁰ : Av.C-T ka

PTG *kaʔi ‘macaco prego’ : PAV *kai : Av.C-A kai ~ qai : Av.C-T qaj

PTG *koʔẽ(m) ‘manhã’ : PAV *koem : Av.C-A koem¹⁵¹ : Av.C-T qoem ‘manhã’

PTG *-kaj ‘queimar’ : PAV *-kaj : Av.C-A -kaj¹⁵² : Av.C-T -qaj

PTG *-tsikije ‘medo’ : PAV *-kidzi : Av.C-A -kidzi : Av.C-T -kidzi ‘medo, vergonha’

PTG *-pitsik ‘pegar’ : PAV *-pik : Av.C-A -pik¹⁵³ : Av.C-T -piq ‘pegar, segurar’

PTG *-tsok ‘socar, triturar’ : PAV *-ok : Av.C-A -ok¹⁵⁴ : Av.C-T -ok ‘socar no pilão’

PTG *pikatʃu ‘pomba’ : PAV *pikaw : Av.C-A piqiw¹⁵⁵ : Av.C-T pikaw

PTG *uruku ‘urucum’ : PAV *uʔuku : Av.C-A uʔuku¹⁵⁶ : Av.C-T uʔuqu

¹⁴⁴ (TORAL, 1984, p.46)

¹⁴⁵ (HARRISON, 1974, p.5)

¹⁴⁶ (TORAL, 1984, p.43)

¹⁴⁷ (BORGES, 2006, p.313)

¹⁴⁸ (PAIVA, 1996, p.12)

¹⁴⁹ (BORGES, 2006, p.313)

¹⁵⁰ (HARRISON, 1974, p.4)

¹⁵¹ (BORGES, 2006, p.311)

¹⁵² (BORGES, 2006, p.317)

¹⁵³ (PAIVA, 1996, p.55)

¹⁵⁴ (BORGES, 2006, p.305)

¹⁵⁵ (TORAL, 1984, p.8)

¹⁵⁶ (BORGES, 2006, p.307)

PTG *mani?ok ‘mandioca’ : PAV *maniok : Av.C-A maniok¹⁵⁷ : Av.C-T manioq

PTG *-ok ‘casa’ : PAV *-ok : Av.C-A -ok-a¹⁵⁸ : Av.C-T -oq

PTG *pak ‘paca’ : PAV *pak : Av.C-A pak¹⁵⁹ : Av.C-T paq

PTG *-pak ‘acordar’ : PAV *-pak : Av.C-A -pak¹⁶⁰ : Av.C-T -paq

PTG *-puka ‘rir’ : PAV *-puka : Av.C-A -puka : Av.C-T -puqa

PTG *-poka ‘torcer’ : PAV *-poka : Av.C-A -poka¹⁶¹ : Av.C-T -poqa

PTG *-puku ‘comprido’ : PAV *-puku : Av.C-A -puku¹⁶² : Av.C-T -puqu

PTG *-apekũ ‘língua’ : PAV *-apekũ : Av.C-A -opekõ¹⁶³ -apeku¹⁶⁴ : Av.C-T -apeku

PTG *-apik ‘sentar-se’ : PAV *-apik : Av.C-A -apik¹⁶⁵ : Av.C-T -apik

PTG *-pina-etik ‘jogar anzol’ : PAV *-pin-itjik : Av.C-A -pin-itjik ‘jogar anzol’ : Av.C-T -ita-pin-itjik ‘jogar anzol de metal’

PTG *-pirok ‘descascar’ : PAV -piłok : Av.C-A --- : Av.C-T pidžoq

PTG *ipek ‘pato’ : PAV *ipek : Av.C-A ipek¹⁶⁶ ‘pato’ : Av.C-T ipek

PTG *-akim ‘molhar’ : PAV *-akim : Av.C-A --- : Av.C-T -akim

PTG *tukur ‘gafanhoto’ : PAV *tukuꞤ : Av.C-A --- : Av.C-T tuquꞤ ‘grilo’

PTG *marakaja ‘gato maracajá’ : Av.C-A maꞤakadza¹⁶⁷ ‘gato-do-mato’ : Av.C-T maꞤaqadza ‘jaguaririca’

¹⁵⁷ (HARRISON, 1974, p.8)

¹⁵⁸ (HARRISON, 1974, p.5)

¹⁵⁹ (BORGES, 2006, p.139)

¹⁶⁰ (BORGES, 2006, p.157)

¹⁶¹ (BORGES, 2006, p.73)

¹⁶² (BORGES, 2006, p.318)

¹⁶³ (HARRISON, 1974, p.2)

¹⁶⁴ (TORAL, 1984, p.17)

¹⁶⁵ (HARRISON, 1974, p.6)

¹⁶⁶ (BORGES, 2006, p.117)

¹⁶⁷ (BORGES, 2006, p.313)

PTG *-moapik ‘cozinhar’ : PAV *mapik : Av.C-A ^mbapik ~ mapik ‘ela cozinhou’ : Av.C-T -mapiq

PTG *-moakuβ ‘esquentar’ : PAV *-moakup : Av.C-A -moakup¹⁶⁸ : Av.C-T -maku ‘eu esquento’

PTG *mokōj ‘dois’ : PAV *moqōj : Av.C-A moqōj¹⁶⁹ : Av.C-T ‘moqōj

PTG *-monok ‘cortar’ : PAV *-monok : Av.C-A -mowok¹⁷⁰ : Av.C-T -monoq ‘cortar (madeira)’

PTG *mikur ‘mucura, gambá’ : PAV *mukur : Av.C-A bukur : Av.C-T muqur

PTG *-arukanj ‘costela’ : PAV *-arukinj : Av.C-A --- : Av.C-T -arukinj

PTG *-awak ‘virar-se’ : PAV *-wak : Av.C-A --- : Av.C-T -wak

PTG *iwak ‘céu’ : PAV *iwak : Av.C-A iwak¹⁷¹ : Av.C-T iwak

PTG *jaki'ran ‘cigarra’ : PAV *ja'kixin : Av.C-A jakigi'nū ‘esp. de cigarra’ : Av.C-T na'qixin

PTG *jitik ‘batata doce’ : PAV *dzitik : Av.C-A dzitik : Av.C-T dzitiq

PTG *-juka ‘matar’ : *-dzuka : Av.C-A -tjuka¹⁷² -dzuka¹⁷³ : Av.C-T -dzuka

4. PTG *pj : PAV *tj : Av.C-A --- : Av.C-T tş

PTG *-epiak ‘ver’ : PAV *-etjij ‘mirar, fitar’ : Av.C-A --- : Av.C-T -etşij ‘mirar, fitar’

5. PTG *kj : PAV *k : Av.C-A k : Av.C-T q

¹⁶⁸ (BORGES, 2006, p.312)

¹⁶⁹ (BORGES, 2006, p.312)

¹⁷⁰ (BORGES, 2006, p.306)

¹⁷¹ (HARRISON, 1974, p.4)

¹⁷² (HARRISON, 1974, p.8)

¹⁷³ (TORAL, 1984, p.24)

PTG *-kier ‘dormir’ : PAV *-keɤ : Av.C-A -ketl¹⁷⁴ -keɣ¹⁷⁵ -keɣ ~ keɤ¹⁷⁶ : Av.C-T -qɪɤ

PTG *-ikje ‘entrar’ : PAV *-ike : -ike¹⁷⁷ : Av.C-T -ike

6. PTG *p^w : PAV *k^w : Av.C-A k^w : Av.C-T q^w

PTG *-p^war ‘amarrar’ : PAV *-k^wɪɤ : Av.C-A -jo-k^wɪɤ ‘amarrar’¹⁷⁸ : Av.C-T -q^wɪɤ ‘amarrar’

PTG *-p^wã ‘dedo’ : PAV *-k^wã : Av.C-A -k^wã ‘dedo’¹⁷⁹ : Av.C-T -q^wã ‘dedo’

7. PTG *k^w : PAV *k^w : Av.C-A k^w : Av.C-T q^w

PTG *-k^watɪar ‘desenhar’ : PAV *-k^watɪaɤ : Av.C-A -k^watɪaɤ¹⁸⁰ : Av.C-T -q^watɪaɤ

PTG *k^wati ‘quati’ : PAV *k^watɪi : Av.C-A k^watɪi¹⁸¹ : Av.C-T q^watɪi

PTG *tak^war ‘bambú, taquara’ : PAV *tak^waɤ : Av.C-A tak^waɤ : Av.C-T taq^waɤ

PTG *-k^war ‘buraco’ : PAV *-k^waɤ : Av.C-A -k^waɤ ~ k^war¹⁸² : Av.C-T -q^waɤ

PTG *k^waratɪi ‘sol’ : PAV *k^waɤaɪ : Av.C-A k^waɤ¹⁸³ : Av.C-T q^waɤaɪ

8. PTG *tʃ : PAV *tʃ : Av.C-A tʃ : Av.C-T tʃ

PTG *-tʃuʔu ‘morder’ : PAV *-tʃu : Av.C-A -tʃu : Av.C-T -tʃu

PTG *watʃu ‘veado’ : PAV *watʃu : Av.C-A watʃu : Av.C-T watʃu

¹⁷⁴ (HARRISON, 1974, p.6)

¹⁷⁵ (TORAL, 1984, p.2)

¹⁷⁶ (BORGES, 2006, p.60)

¹⁷⁷ (BORGES, 2006, p.115)

¹⁷⁸ (BORGES, 2006, p.308)

¹⁷⁹ (BORGES, 2006, p.311)

¹⁸⁰ (BORGES, 2006, p.312)

¹⁸¹ (BORGES, 2006, p.317)

¹⁸² (BORGES, 2006, p.60)

¹⁸³ (BORGES, 2006, p.306)

PTG *-watʃu ‘grande’ : PAV *-watʃu : Av.C-A -watʃu¹⁸⁴ : Av.C-T ita-γwatʃu ‘pedra grande’¹⁸⁵

PTG *itʃe ‘eu (pron. indep. 1ªp.sg.)’ : PAV *itʃe : Av.C-A itʃe : Av.C-T tʃi

9.a. PTG *m: PAV *m : Av.C-A b ~ mb ~ m : Av.C-T m / ambiente oral (vogal oral em sílaba de acento primário)

PTG *-moapik ‘cozinhar’ : PAV *mapik : Av.C-A mbapik ~ mapik ‘ela cozinhou’ : Av.C-T -mapiq

PTG *moj ‘cobra’ : PAV *moj : Av.C-A mboz ~ mboj¹⁸⁶ moj ~ mboj ‘cobra’ boj-kaj ‘cobra verde’¹⁸⁷ : Av.C-T moj

PTG *-mopu ‘eu toco (flauta)’ : PAV *-mopu ‘tocar’ : Av.C-A -bopu¹⁸⁸ : Av.C-T mopu

PTG *meru ‘mosca’ : PAV *meku : Av.C-A beku¹⁸⁹ : Av.C-T meku ‘mosca’

PTG *mikur ‘mucura, gambá’ : PAV *mukuk : Av.C-A bukuκ : Av.C-T muquκ

PTG *kuimaʔe ‘homem’ : PAV *kuimae : Av.C-A kuimae-wu¹⁹⁰ : Av.C-T kuimae-γu¹⁹¹

PTG *-maʔe ‘coisa’ : PAV *-mae : Av.C-A bae ~ mbai¹⁹² : Av.C-T mae ~ maj

PTG *-momeʔu ‘contar’ : PAV *-momew : Av.C-A -momew¹⁹³ : Av.C-T -momew

PTG *maniʔok ‘mandioca’ : PAV *maniok : Av.C-A maniok¹⁹⁴ : Av.C-T manioq

¹⁸⁴ (PAIVA, 1996, p.55)

¹⁸⁵ (TORAL, 1984, p.2)

¹⁸⁶ (HARRISON, 1974, p.4)

¹⁸⁷ (PAIVA, 1996, p.48)

¹⁸⁸ (TORAL, 1984, p.39)

¹⁸⁹ (TORAL, 1984, p.7)

¹⁹⁰ (TORAL, 1984, p.35)

¹⁹¹ (TORAL, 1984, p.35)

¹⁹² (TORAL, 1984, p.47-48)

¹⁹³ (BORGES, 2006, p.90)

¹⁹⁴ (HARRISON, 1974, p.8)

PTG *koʔẽ(m) ‘manhã’ : PAV *koem : Av.C-A koem²⁰⁷ : Av.C-T qoem ‘manhã’

PTG *-etimã ‘canela’ : PAV *-etimã : Av.C-A -tima²⁰⁸ -etimã²⁰⁹ : Av.C-T -etima

PTG *panam ‘borboleta’ : PAV *panim : Av.C-A panim : Av.C-T panim

PTG *-pinim ‘pintado’ : PAV *-pinim : Av.C-A -pinim²¹⁰ : Av.C-T -pinim

PTG *-petim ‘fumo, tabaco’ : PAV *-petim : Av.C-A -petim : Av.C-T -petim

PTG *-kam ‘seio’ : PAV *-kim : Av.C-A kim²¹¹ : Av.C-T -qim

PTG *-puʔam ‘levantar’ : PAV *-puim : Av.C-A -puim²¹² : Av.C-T -puim

PTG *-tim ‘plantar’ *-atim : Av.C-A -atim²¹³ : Av.C-T n-atim

PTG *-tʃem ‘chegar’ : PAV *-em : Av.C-A -em ‘sair’²¹⁴ : Av.C-T -em ‘chegar, sair’

PTG *-nem : PAV *-nem : Av.C-A -nem ‘podre’ : Av.C-T -nim ‘estragado, podre’

PTG *-etam ‘aldeia’ : PAV *-etim : Av.C-A -etim ‘aldeia, casa’²¹⁵ : Av.C-T -etim ‘aldeia, casa’

10.a. PTG *n : PAV *n : Av.C-A d ~ nd ~ n : Av.C-T n / ambiente oral (vogal oral em sílaba de acento primário)

PTG *ene ‘tu, você’ : PAV *ene : Av.C-A ende ~ ene²¹⁶ : Av.C-T ni

PTG *aminiju ‘algodão’ : *aminidzu : Av.C-A aminidzu²¹⁷ : Av.C-T aminidzu

²⁰⁷ (BORGES, 2006, p.311)

²⁰⁸ (TORAL, 1984, p.19)

²⁰⁹ (BORGES, 2006, p.317)

²¹⁰ (BORGES, 2006, p.139)

²¹¹ (TORAL, 1984, p.18)

²¹² (BORGES, 2006, p.148)

²¹³ (BORGES, 2006, p.317)

²¹⁴ (BORGES, 2006, p.318)

²¹⁵ (PAIVA, 1996, p.11; BORGES, 2006, p.308)

²¹⁶ (BORGES, 2006, p.83)

²¹⁷ (PAIVA, 1996, p.22)

PTG *anira ‘morcego’ : PAV *inika : Av.C-A inika²¹⁸ : Av.C-T inika

PTG *mani?ok ‘mandioca’ : PAV *maniok : Av.C-A maniok²¹⁹ : Av.C-T manioq

10.b. PTG *n : PAV *n : Av.C-A n : Av.C-T n / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário)

PTG *-nem : PAV *-nem : Av.C-A -nem ‘podre’ : Av.C-T -nim ‘estragado, podre’

PTG *-nupã ‘bater’ : PAV *-nupã : Av.C-A -nũpa²²⁰ -nupĩ²²¹ : Av.C-T ---

PTG *-enõj ‘chamar’ : PAV *-enõj : Av.C-A -enõj ‘ele chamou’²²² : Av.C-T -enõj

PTG *-enuß ‘ouvir’ : PAV *-anu : Av.C-A -anu²²³ : Av.C-T -anu

PTG *-pina ‘anzol’ : PAV *-pina : Av.C-A -pina : Av.C-T -ita-pina ‘anzol de metal’

PTG *panam ‘borboleta’ : PAV *panim : Av.C-A panim : Av.C-T panim

PTG *-pinim ‘pintado’ : PAV *-pinim : Av.C-A -pinim²²⁴ : Av.C-T -pinim

PTG *-tiniņ ‘seco, estalante’ : PAV *-tʃiniņ : Av.C-A -tʃiniņ ‘seco’²²⁵ : Av.C-T -tʃiniņ ‘seco, estalante’

PTG *kanine ‘caniné’ : PAV *kanine : Av.C-A kanine ‘maritaca’²²⁶ : Av.C-T kanini

PTG *kumana ‘feijão’ : PAV *qumana : Av.C-A qumana²²⁷ : Av.C-T qumana

PTG *-manõ ‘morrer’ : PAV *-minu : Av.C-A -minu²²⁸ : Av.C-T -minu

²¹⁸ (BORGES, 2006, p.95)

²¹⁹ (HARRISON, 1974, p.8)

²²⁰ (TORAL, 1984, p.32)

²²¹ (BORGES, 2006, p.157)

²²² (BORGES, 2006, p.95)

²²³ (PAIVA, 1996, p.52)

²²⁴ (BORGES, 2006, p.139)

²²⁵ (BORGES, 2006, p.318)

²²⁶ (BORGES, 2006, p.315)

²²⁷ (PAIVA, 1996, p.12)

²²⁸ (TORAL, 1984, p.24)

PTG *janu ‘aranha’ : PAV *janu : Av.C-A janu : Av.C-T nanu

PTG *-etun ‘cheirar’ : PAV *-etun : Av.C-A -etun : Av.C-T -etun

PTG *-men ‘marido’ : PAV *-men : Av.C-A -men²²⁹ : Av.C-T -men

PTG *tukan ‘tucano’ : PAV *tukin : Av.C-A tukin²³⁰ : Av.C-T tuqin

PTG *-mo-pen ‘quebrar’ : PAV *-pen : Av.C-A --- : Av.C-T -pen

PTG *jaki‘ran ‘cigarra’ : PAV *ja‘kixin : Av.C-A jakiyi‘nũ ‘esp. de cigarra’ : Av.C-T na‘qixin

PTG *aman ‘chuva’ : PAV *amin : Av.C-A aman²³¹ amin²³² : Av.C-T amin

²²⁹ (BORGES, 2006, p.315)

²³⁰ (BORGES, 2006, p.320)

²³¹ (HARRISON, 1974, p.5)

²³² (TORAL, 1984, p.3)

11.a. PTG *η : PAV *η : Av.C-A η : Av.C-T η

PTG *-unjuʔa ‘pilão’ : PAV *-unjua : Av.C-A -unjua²³³ : Av.C-T ---

PTG *iŋa ‘ingá’ : PAV *iŋa : Av.C-A --- : Av.C-T iŋa

PTG *iβatiŋ ‘nuvem’ : PAV *iwaŋiŋ : Av.C-A uãŋiŋ²³⁴ iwaŋiŋ²³⁵ : Av.C-T iwaŋiŋ

PTG *-moroitŋa ‘esfriar’ : PAV *-βοiŋa ‘ter frescor’ : Av.C-A --- : Av.C-T i-λοiŋa ‘frescor dele (do meu joelho)’

PTG *-tiniŋ ‘seco, estalante’ : PAV *-tŋiŋiŋ : Av.C-A -tŋiŋiŋ ‘seco’²³⁶ : Av.C-T -tŋiŋiŋ ‘seco, estalante’

PTG *-a-kaŋ ‘cabeça, lit.: osso redondo’ : PAV *-akiŋ : Av.C-A -akiŋ : Av.C-T -akiŋ

PTG *-piranŋ ‘vermelho’ : PAV *-piŋiŋ : Av.C-A -pilaũ²³⁷ -piŋiŋ²³⁸ : Av.C-T -piŋiŋ

PTG *-pitaŋ ‘vermelho’ : PAV *-pitiŋ : Av.C-A -pitiŋ²³⁹ : Av.C-T -pitiŋ

PTG *-pitaŋ ‘criança’ : PAV *-pitiŋ : Av.C-A mitiŋ²⁴⁰ ‘criança de gente’ : Av.C-T -pitiŋ

PTG *-tiŋ ‘branco’ : PAV *-tŋiŋ : Av.C-A -ata-tŋiŋ-a ‘fumaça ‘lit.: branco do fogo de gente’²⁴¹ : Av.C-T i-a-tŋiŋ ‘branco do globo ocular’

PTG *-atatiŋ ‘fumaça’ : PAV *-atatŋiŋ ‘fumaça, lit.: branco do fogo’ : -atatŋi²⁴² -atatŋiŋ²⁴³ : Av.C-T -atatŋiŋ

PTG *-moj-tiniŋ ‘cascavel’ : PAV *-moj-tŋiŋiŋ : Av.C-A moj-tini²⁴⁴ : Av.C-T moj-tŋiŋiŋ

²³³ (BORGES, 2006, p.317)

²³⁴ (PAIVA, 1996, p.32)

²³⁵ (BORGES, 2006, p.104)

²³⁶ (BORGES, 2006, p.318)

²³⁷ (PAIVA, 1996, p.39)

²³⁸ (BORGES, 2006, p.66)

²³⁹ (BORGES, 2009, p.307)

²⁴⁰ (BORGES, 2006, p.309)

²⁴¹ (TORAL, 1984, p.5)

²⁴² (HARRISON, 1974, p.6)

²⁴³ (TORAL, 1984, p.5)

²⁴⁴ (BORGES, 2006, p.232)

PTG *-kaŋ ‘osso’ : PAV *-kiŋ : Av.C-A -kiŋ²⁴⁵ : Av.C-T -qiŋ

PTG *-jeʔeŋ ‘falar’ : PAV *-peŋ : Av.C-A peŋ : Av.C-T -neŋ

PTG *-ʔaŋ ‘sombra’ : PAV *-iŋ : Av.C-A --- : Av.C-T -iŋ ‘sombra’

PTG *-potsaŋ ‘remédio’ : PAV *-poŋ : Av.C-A --- : Av.C-T moiŋa ‘remédio de gente’

11.b. PTG *ŋ : PAV *ɸ : Av.C-A ɸ : Av.C-T ɸ

PTG *aŋuja ‘rato’ : PAV *aɸudzi : Av.C-A aɸuzi ‘rato’²⁴⁶ : Av.C-T aɸuzi

12.a. PTG *r : PAV *ɺ : Av.C-A tɺ, tɺ, ɺ, r, ɣ : Av.C-T dɺ ~ dɺ ~ dl ~ ɺ ~ ɺ ~ l / (j, i_) ou (_V_{ant.})

PTG *eir ‘abelha’ : PAV *eiɺ : Av.C-A eiti²⁴⁷ eiɺ²⁴⁸ : Av.C-T e'i:dɺ ~ eidɺ ‘abelha’

PTG *-emireko ‘esposa, lit.: a que faço viver comigo’ : PAV *-emiɺeko : Av.C-A -emireqo : Av.C-T emidɺequ

PTG *wira ‘pássaro’ : PAV *wiɺa : Av.C-A wiga²⁴⁹ βira ~ wiri²⁵⁰ : Av.C-T ɸwira

PTG *-pir ‘casca, pele’ : PAV *-piɺika : Av.C-A ipiɺika²⁵¹ : Av.C-T ipidɺiqa

PTG *-pirok ‘descascar’ : PAV -piɺok : Av.C-A --- : Av.C-T pidɺoq

PTG *pira ‘peixe’ : PAV *piɺa : Av.C-A pitɺa²⁵² e piɺa²⁵³ : Av.C-T pidɺa

PTG *-piraj ‘vermelho’ : PAV *-piɺiŋ : Av.C-A -pilaũ²⁵⁴ -piriŋ²⁵⁵ : Av.C-T -piɺiŋ

²⁴⁵ (TORAL, 1984, p.20)

²⁴⁶ (BORGES, 2006, p.136)

²⁴⁷ (HARRISON, 1974, p.6)

²⁴⁸ (PAIVA, 1996, p.55)

²⁴⁹ (PAIVA, 1996, p.53)

²⁵⁰ (BORGES, 2006, p.87)

²⁵¹ (TORAL, 1984, p.20)

²⁵² (HARRISON, 1974, p.4)

²⁵³ (TORAL, 1984, p.9)

²⁵⁴ (PAIVA, 1996, p.39)

²⁵⁵ (BORGES, 2006, p.66)

PTG *jakare ‘jacaré’ : *dzakaλε : Av.C-A tʃakatɪ²⁵⁶ dzakare²⁵⁷ : Av.C-T dzaqaλε²⁵⁸

PTG *tapiʔir ‘anta’ : PAV *tapiλ : Av.C-A tapitɪ²⁵⁹ tapiλ-a²⁶⁰ : Av.C-T tapiʒ-a

PTG *-ruru ‘inchado’ : PAV *-ρυρυ : Av.C-A -ρυρυ²⁶¹ : Av.C-T i-λυρυ-οβο ‘existe o inchado grande dele’

PTG *-roβ ‘amargo’ : PAV *-ρωω : Av.C-A i-row ‘amargo dele’ : Av.C-T i-dʒote ‘amargo de verdade dele’

PTG *-roʔi ‘frio, febre’ : PAV *-ροι : Av.C-A -tloi ‘frio dele’²⁶² iλοι ~ ιλου ‘frio dele’²⁶³ tʃiροι ‘eu tenho frio’²⁶⁴ : Av.C-T idʒoi ‘frio dele’ tʃiροι ‘tenho frio’

PTG *-ramo ‘agora’ : PAV *eiλamo : Av.C-A eiλima²⁶⁵ : Av.C-T eiʒamote ‘agora’

PTG *taraʔir ‘traíra’ : PAV *taλεω-κυ ‘esp. de traíra’ : Av.C-A tarew-κυ : Av.C-T taλεω-κυ

PTG *-jeupir ‘subir’ : PAV *-dʒeupiλ : Av.C-A -dʒeupir²⁶⁶ : Av.C-T -dʒiupidʒ

12.b. PTG *r : PAV *λ : Av.C-A tɪ, ʒλ ~ ʒl ~ ʒ ~ λ ~ r : Av.C-T ρ / _#

PTG *-potir ‘flor’ : PAV *-potiv : Av.C-A -potitɪ²⁶⁷ -potiv-a²⁶⁸ : Av.C-T -potiv-a

PTG *-poʔir ‘colar’ : PAV *-poiβ-a : Av.C-A -poiβa²⁶⁹ : Av.C-T -poiβ-a

PTG *tak^war ‘bambú, taquara’ : PAV *tak^waβ : Av.C-A tak^waβ : Av.C-T taq^waβ

²⁵⁶ (HARRISON, 1973, p.3)

²⁵⁷ (TORAL, 1984, p.8)

²⁵⁸ (TORAL, 1984, p.8)

²⁵⁹ (HARRISON, 1974, p.3)

²⁶⁰ (TORAL, 1984, p.6)

²⁶¹ (BORGES, 2006, p.318)

²⁶² (HARRISON, 1974, p.8)

²⁶³ (TORAL, 1984, p.3)

²⁶⁴ (BORGES, 2006, p.192)

²⁶⁵ (TORAL, 1984, p.15)

²⁶⁶ (BORGES, 2006, p.125)

²⁶⁷ (HARRISON, 1974, p.4)

²⁶⁸ (BORGES, 2006, p.61)

²⁶⁹ (BORGES, 2006, p.121)

PTG *-ur ‘vir’ : PAV *-dzur : Av.C-A -zur²⁷⁰ : Av.C-T -dzur

PTG *-zar ‘cair’ : PAV *-ar : Av.C-A -ir ‘cair, nascer’²⁷¹ : Av.C-T -ar

PTG *ar ‘sol, dia’ : PAV *ar : Av.C-A atl ‘sol’²⁷² ay ‘sol’²⁷³ ar ‘dia’²⁷⁴ : Av.C-T ar ‘sol, dia’

PTG *-kir ‘imatur’ : PAV *-kir : Av.C-A -kir²⁷⁵ : Av.C-T qa-qir ‘folha verde, imatura’

PTG *-er ‘nome’ : PAV *-er : Av.C-A -er²⁷⁶ : Av.C-T -er

PTG *mikur ‘mucura, gambá’ : PAV *mukur : Av.C-A bukur : Av.C-T mur

PTG *kari?ibar ‘cavivara’ : PAV *kariwar-a : Av.C-A kariwar-a : Av.C-T qariwar-a

PTG *-kwatir ‘desenhar’ : PAV *-kwatir : Av.C-A -kwatir²⁷⁷ : Av.C-T -kwatir

PTG *tukur ‘gafanhoto’ : PAV *tukur : Av.C-A --- : Av.C-T tur ‘grilo’

PTG *takwar ‘bambú, taquara’ : PAV *takwar : Av.C-A takwar : Av.C-T takwar

PTG *-a?ir ‘filho (ego masculino)’ : PAV *-air : Av.C-A -air²⁷⁸ : Av.C-T -air

PTG *-kier ‘dormir’ : PAV *-ker : Av.C-A -ketl²⁷⁹ -key²⁸⁰ -ker ~ ker²⁸¹ : Av.C-T -qir

PTG *-par : PAV *-pir : Av.C-A -jo-kir ‘amarrar’²⁸² : Av.C-T -qir ‘amarrar’

PTG *-kar ‘buraco’ : PAV *-kar : Av.C-A -kar ~ kar²⁸³ : Av.C-T -kar

²⁷⁰ (BORGES, 2006, p.196)

²⁷¹ (BORGES, 2006, p.310)

²⁷² (HARRISON, 1974, p.5)

²⁷³ (PAIVA, 1996, p.14)

²⁷⁴ (BORGES, 2006, p.312)

²⁷⁵ (BORGES, 2006, p.319)

²⁷⁶ (BORGES, 2006, p.315)

²⁷⁷ (BORGES, 2006, p.312)

²⁷⁸ (BORGES, 2006, p.302)

²⁷⁹ (HARRISON, 1974, p.6)

²⁸⁰ (TORAL, 1984, p.2)

²⁸¹ (BORGES, 2006, p.60)

²⁸² (BORGES, 2006, p.308)

²⁸³ (BORGES, 2006, p.60)

PTG *motsapir ‘três’ : PAV *moapir̃ : Av.C-A moapaṛin²⁸⁴ : Av.C-T ‘mapir̃

PTG *-memir ‘filho (ego feminino)’ : PAV *-memir̃ : Av.C-A -memir̃ : Av.C-T -memir̃

PTG *tapiʔir ‘anta’ : PAV *tapir̃ : Av.C-A tapiti²⁸⁵ tapir̃²⁸⁶ : Av.C-T tapir̃

PTG *arakur ‘saracura’ : PAV *aṛakur̃ : Av.C-A agaṛur̃²⁸⁷ aṛaṛur̃²⁸⁸ : Av.C-T aṛakur̃
‘saracura, seriema’

PTG *arar ‘arara’ : PAV *aṛaṛ : Av.C-A araṛ²⁸⁹ : Av.C-T aṛaṛ-un ‘arara azul’

PTG *-iwir-apar ‘arco’ : PAV *-wir̃-apaṛ ‘arco, lit.: pau torto’ : Av.C-A -witl-apatl²⁹⁰ -wir̃-
apaṛ²⁹¹ -ir̃-apaṛ ~ iḡ-apaṛ ~ ir̃-apaṛ²⁹² : Av.C-T -apir̃ ~ -apir̃

PTG *jaβeβir ‘arraia’ : PAV *dʒawewir̃ : Av.C-A dʒa‘wewir̃²⁹³ : Av.C-T dʒawewir̃

PTG *-jeβir ‘voltar, retornar’ : PAV *-dʒewir̃ : Av.C-A -dʒewir̃²⁹⁴ : Av.C-T -dʒir̃

PTG *-jeupir ‘subir’ : PAV *-dʒeupir̃ : Av.C-A -dʒeupir̃²⁹⁵ : Av.C-T -dʒir̃

PTG *-iar ‘canoa’ : PAV *-iaṛ : Av.C-A ita-iatl ‘canoa de metal dele’²⁹⁶ -iaṛ ~ iaṛ²⁹⁷ : Av.C-T -
iaṛ

²⁸⁴ (BORGES, 2006, p.320)

²⁸⁵ (HARRISON, 1974, p.3)

²⁸⁶ (TORAL, 1984, p.6)

²⁸⁷ (PAIVA, 1996, p.51)

²⁸⁸ (BORGES, 2006, p.59)

²⁸⁹ (BORGES, 2006, p.309)

²⁹⁰ (HARRISON, 1974, p.5)

²⁹¹ (TORAL, 1984, p.43)

²⁹² (BORGES, 2006, p.83)

²⁹³ (TORAL, 1984, p.7)

²⁹⁴ (TORAL, 1986, p.31)

²⁹⁵ (BORGES, 2006, p.125)

²⁹⁶ (HARRISON, 1974, p.5)

²⁹⁷ (TORAL, 1984, p.45)

**12.c. PTG *r : PAV *ṛ : Av.C-A ṭ, ṝ : Av.C-T ṛ ou n / ambiente nasal
(consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário)**

PTG *kurumĩ ‘menino’ : PAV *kuṛumi : Av.C-A konom²⁹⁸ qunumi²⁹⁹ kurum³⁰⁰ : Av.C-T qunumi

PTG *-karãj ‘arranhar’ : PAV *-kaṛaj : Av.C-A -kaṛaj³⁰¹ : Av.C-T -qaṛaj

PTG *wiṛa ‘pássaro + *mirĩ ‘pequeno’ : PAV *wiṛa-mĩṛi : Av.C-A wiṛa-mĩṛi³⁰² wi:ra-mirĩ³⁰³ : Av.C-T wiṛamidṛi ~ uṛamidṛi ‘pássaro pequeno’

PTG *-piraj ‘vermelho’ : PAV *-piṛij : Av.C-A -pilaũ³⁰⁴ -piṛij³⁰⁵ : Av.C-T -piṛij

PTG *-arukaṛ ‘costela’ : PAV *-aṛukij : Av.C-A --- : Av.C-T -aṛukij

PTG *jaki‘ran ‘cigarra’ : PAV *ja‘kivin : Av.C-A jakigi‘nũ ‘esp. de cigarra’ : Av.C-T na‘qivin

PTG *ṛavaṇã ‘rio caudaloso’ : PAV *ṛavana : Av.C-A --- : Av.C-T ṛavana

PTG *-ramo ‘agora’ : PAV *eiṛamo : Av.C-A eiṛima³⁰⁶ : Av.C-T eiṛamote ‘agora’

PTG *ṛira ‘peixe’ + -ãj ‘dente’ : PAV *piṛãj ‘piranha’ : Av.C-A piṛaj-a³⁰⁷ : Av.C-T piṛan-a³⁰⁸

PTG *ne ‘teu’ + *r ‘R¹’ + *ãj ‘dente’ : PAV *neṛãj ‘teu dente’ : Av.C-A neṛãj³⁰⁹ neṛae³¹⁰ niṛij : Av.C-T neṛin

²⁹⁸ (HARRISON, 1974, p.6)

²⁹⁹ (PAIVA, 1996, p.22)

³⁰⁰ (BORGES, 2006, p.109)

³⁰¹ (BORGES, 2006, p.172)

³⁰² (TORAL, 1974, p.9)

³⁰³ (BORGES, 2006, p.134)

³⁰⁴ (PAIVA, 1996, p.39)

³⁰⁵ (BORGES, 2006, p.66)

³⁰⁶ (TORAL, 1984, p.15)

³⁰⁷ (TORAL, 1984, p.9)

³⁰⁸ (TORAL, 1984, p.9)

³⁰⁹ (HARRISON, 1974, p.2)

³¹⁰ (TORAL, 1984, p.17)

12.d. PTG *r : PAV *ϖ : Av.C-A ϖ ~ r : Av.C-T ϖ ~ r / n.d.a

PTG *meru ‘mosca’ : PAV *μεϖυ : Av.C-A μεϖυ³¹¹ : Av.C-T μεϖυ ‘mosca’

PTG *-iwir-apar ‘arco’ : PAV *-wiv-apaϖ ‘arco, lit.: pau torto’ : Av.C-A -witl-apatl³¹² -wiϖ-apaϖ³¹³ -iv-ariϖ ~ ig-ariϖ ~ iv-ariϖ³¹⁴ : Av.C-T -ariϖ ~ -ari

PTG *-roʔi ‘frio, febre’ : PAV *-voi : Av.C-A -tloi ‘frio dele’³¹⁵ iʔoi ~ iʔou ‘frio dele’³¹⁶ tʃiʔoi ‘eu tenho frio’³¹⁷ : Av.C-T idʔoi ‘frio dele’ tʃiʔoi ‘tenho frio’

PTG *-ruru ‘inchado’ : PAV *-ϖυϖυ : Av.C-A -ϖυϖυ³¹⁸ : Av.C-T i-ʎυϖυ-ovo ‘existe o inchado grande dele’

PTG *tʃuruβi ‘surubim’ : PAV *ϖυϖυi : Av.C-A ϖυϖυi³¹⁹ : Av.C-T ---

PTG *uruβu ‘urubu’ : PAV *ϖυϖυu : Av.C-A ϖυϖυu³²⁰ uguwu-wu ‘urubu rei’ : Av.C-T ---

PTG *uruku ‘urucum’ : PAV *ϖυϖυku : Av.C-A ϖυϖυku³²¹ : Av.C-T ϖυϖυku

PTG *anira ‘morcego’ : PAV *iniϖa : Av.C-A iniϖa³²² : Av.C-T iniϖa

PTG *wira ‘pássaro’ : PAV *wiϖa : Av.C-A wiga³²³ βira ~ wiri³²⁴ : Av.C-T ϖwiϖa

PTG *arakur ‘saracura’ : PAV *avaϖυϖ : Av.C-A agaϖυϖ³²⁵ avaϖυϖ³²⁶ : Av.C-T avaϖυϖ ‘saracura, seriema’

³¹¹ (TORAL, 1984, p.7)

³¹² (HARRISON, 1974, p.5)

³¹³ (TORAL, 1984, p.43)

³¹⁴ (BORGES, 2006, p.83)

³¹⁵ (HARRISON, 1974, p.8)

³¹⁶ (TORAL, 1984, p.3)

³¹⁷ (BORGES, 2006, p.192)

³¹⁸ (BORGES, 2006, p.318)

³¹⁹ (BORGES, 2006, p.319)

³²⁰ (BORGES, 2006, p.61)

³²¹ (BORGES, 2006, p.307)

³²² (BORGES, 2006, p.95)

³²³ (PAIVA, 1996, p.53)

³²⁴ (BORGES, 2006, p.87)

³²⁵ (PAIVA, 1996, p.51)

³²⁶ (BORGES, 2006, p.59)

PTG *arar ‘arara’ : PAV *аҗаҗ : Av.C-A arar³²⁷ : Av.C-T аҗаҗ-un ‘arara azul’

PTG *marakaja ‘gato maracajá’ : PAV *маҗаҗа : Av.C-A маҗаҗа³²⁸ ‘gato-do-mato’ : Av.C-T маҗаҗа ‘jaguatirica’

PTG *kara ‘cará’ : PAV *каҗа : Av.C-A каҗа³²⁹ : Av.C-T қаҗа

PTG *kʷaratʃi ‘sol’ : PAV *кʷаҗаи : Av.C-A кʷаҗ³³⁰ : Av.C-T қʷаҗаи

PTG *taraβe ‘barata’ : PAV *таҗаре : Av.C-A таҗаре-варе : Av.C-T таҗа-таҗаре

PTG *-karuk ‘urinar’ : PAV *каҗук : Av.C-A -каҗу³³¹ -каҗук³³² : Av.C-T -қаҗуқ

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-роҗај : Av.C-A -роҗај³³³ : Av.C-T -роҗај

PTG *purake ‘poraquê’ : PAV *роҗоке : Av.C-A роҗоке³³⁴ ‘enguia’ : Av.C-T роҗоке

PTG *miriti ‘buriti’ : PAV *миҗитʃи : Av.C-A --- : Av.C-T миҗитʃи

PTG *jakare ‘jacaré’ : *dzakaʎe : Av.C-A tʃakatʃ³³⁵ dzakare³³⁶ : Av.C-T dzaqaʎe³³⁷

13.a. PTG *β : PAV *m : Av.C-A m : Av.C-T m ou i / i_#

PTG *-ʒaβ ‘deitar’ : PAV *-im : Av.C-A -im³³⁸ : Av.C-T -im

PTG *kaβ ‘vespa’ : PAV *kim : Av.C-A kim-iaçʷa ‘abelha europa’³³⁹ : Av.C-T kim-eaʷβʷa

³²⁷ (BORGES, 2006, p.309)

³²⁸ (BORGES, 2006, p.313)

³²⁹ (BORGES, 2006, p.133)

³³⁰ (BORGES, 2006, p.306)

³³¹ (TORAL, 1984, p.22)

³³² (BORGES, 2006, p.192)

³³³ (BORGES, 2006, p.183)

³³⁴ (TORAL, 1984, p.8)

³³⁵ (HARRISON, 1973, p.3)

³³⁶ (TORAL, 1984, p.8)

³³⁷ (TORAL, 1984, p.8)

³³⁸ (BORGES, 2006, p.311)

³³⁹ (BORGES, 2006, p.308)

13.b. PTG *β : PAV *w : Av.C-A w : Av.C-T w / _#

PTG *-kitsaβ ‘rede’ : PAV *-kiaw : Av.C-A -kiaw³⁴⁰ : - Av.C-T -qiaw

PTG *-kaβ ‘banha’ : PAV *kaw : Av.C-A -kaw³⁴¹ : Av.C-T -qaw

PTG *-eimaβ ‘animal doméstico’ : PAV *-eimaw : Av.C-A -eimaw : Av.C-T -imaw

PTG *-jereβ ‘virar’ : PAV *-dziŕew : Av.C-A --- : Av.C-T -dziŕei

PTG *-kiβ ‘piolho’ : PAV *-kiw : Av.C-A -kiw-a³⁴² : Av.C-T -kiw

PTG *-oβ ‘folha’ : PAV *-ow : Av.C-A iwira-β-o ‘folha da árvore’³⁴³ -ow³⁴⁴ : Av.C-T ---

PTG *-juβ ‘amarelo’ : PAV *-dzuw : Av.C-A -ita-dzu ‘nome de lança com ponta de metal’³⁴⁵ - ita-dzuw ‘agulha’³⁴⁶ : Av.C-T -ita-zu ‘nome de lança com ponta de pedrametal’³⁴⁷

PTG *wariβ ‘guariba’ : PAV *waŕiw : Av.C-A watiw³⁴⁸ warua : Av.C-T waŕew

PTG *-uβ ‘pai’ : PAV *-u : Av.C-A ŕeyua ~ seyua ‘meu pai’³⁴⁹ : Av.C-T neβua ‘teu pai’

PTG *-uŕiβa ‘flecha’ : PAV *-uw : Av.C-A -uw³⁵⁰ : Av.C-T -uw

PTG *-ŕiβ ‘tronco, pau, haste’ : PAV *-iw : Av.C-A -- : Av.C-T iŕa-iw ‘pé de ingá’

PTG *juta-iβ ‘jatobá’ : PAV *dzuta-iw : Av.C-A dzuta-iw : Av.C-T zuta-iw

PTG *janipaβ ‘genipapo’ : PAV *janipaw : Av.C-A janipaw : Av.C-T nanipaw

PTG *-peβ ‘chato, plano’ : PAV *-pep : Av.C-A -pep³⁵¹ : Av.C-T -pew

³⁴⁰ (TORAL, 1984, p.46)

³⁴¹ (HARRISON, 1974, p.6)

³⁴² (TORAL, 1984, p.9)

³⁴³ (TORAL, 1984, p.13)

³⁴⁴ (BORGES, 2006, p.313)

³⁴⁵ (TORAL, 1984, p.43)

³⁴⁶ (BORGES, 2006, p.135)

³⁴⁷ (TORAL, 1984, p.43)

³⁴⁸ (HARRISON, 1974, p.3)

³⁴⁹ (TORAL, 1984, p.35)

³⁵⁰ (TORAL, 1984, p.43)

³⁵¹ (BORGES, 2006, p.94)

PTG *-uβitsaβ ‘grande’ : PAV *-uiaw : Av.C-A -uiaw³⁵² : Av.C-T -uiaw

PTG *-wejiβ ‘descer, abaixar’ : PAV *-dzip : Av.C-A -dzip³⁵³ : Av.C-T -dzīw

PTG *-roβ ‘amargo’ : PAV *-row : Av.C-A i-row ‘amargo dele’ : Av.C-T i-dʒote ‘amargo de verdade dele’

PTG *-mo-weβ ‘apagar’ : PAV *-mo-we : Av.C-A -wew³⁵⁴ : Av.C-T -mo-βwe

PTG *-atiʒiβ ‘ombro’ : PAV *-atiw : Av.C-A --- : Av.C-T -pov-atīw ‘ombro’

PTG *-tiβ ‘existir em abundância’ : PAV *-tiw : Av.C-A -tiw : Av.C-T -tiw

13.c. PTG *β : PAV *w : Av.C-A \tilde{w} ~ w : \tilde{w} ~ w ou η / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário)

PTG *iβatin ‘nuvem’ : PAV *iwatʃin : Av.C-A uātʃu³⁵⁵ iwatʃin³⁵⁶ : Av.C-T iwatʃin

PTG *tatsiβ ‘formiga + -akan ‘cabeça’ : PAV *tauw-akiη : Av.C-A tauw-akiη³⁵⁷ : Av.C-T tauη-aqin ‘esp. de formiga’

PTG *wira ‘pássaro + *mirī ‘pequeno’ : PAV *wiλa-mīli : Av.C-A wiλa-mīli³⁵⁸ wi:ra-miri³⁵⁹ : Av.C-T wiwamidʒi ~ uηamidʒi ‘pássaro pequeno’

13.d. PTG *β : PAV *w : Av.C-A β ~ w ~ G^w : Av.C-T β^w ~ wβ ~ wβ^w ~ G^w ~ wG^w, w / n.d.a.

PTG *tʃuruβi ‘surubim’ : PAV *uβuwi : Av.C-A uruwi³⁶⁰ : Av.C-T ---

PTG *kapiʒiβar ‘capivara’ : PAV *kapiwax-a : Av.C-A kapiway-a : Av.C-T qariwax-a

³⁵² (BORGES, 2006, p.302)

³⁵³ (BORGES, 2006, p.212)

³⁵⁴ (BORGES, 2006, p.308)

³⁵⁵ (PAIVA, 1996, p.32)

³⁵⁶ (BORGES, 2006, p.104)

³⁵⁷ (TORAL, 1984, p.8)

³⁵⁸ (TORAL, 1974, p.9)

³⁵⁹ (BORGES, 2006, p.134)

³⁶⁰ (BORGES, 2006, p.319)

PTG *-βεβε ‘voar’ : PAV *-wewe : Av.C-A -βεβε ~ wewe ~ -g^weg^we³⁶¹ : Av.C-T -β^wεβ^we

PTG *-βεβij ‘boiar, ser leve’ : PAV *-wewij : Av.C-A -wewij ~ -βewij³⁶² : Av.C-T ---

PTG *-jiβa ‘braço’ : PAV *-džiwa : Av.C-A --- : Av.C-T -džiwa ‘meu braço’

PTG *iβi ‘terra’ : PAV *iwa : Av.C-A --- : Av.C-T iwa ‘terra’

PTG *-oβa ‘rosto, face’ : PAV *-owa : Av.C-A -owa³⁶³ : Av.C-T ---

PTG *aβati ‘milho’ : PAV *awatji : Av.C-A awatji ‘milho’³⁶⁴ : Av.C-T awatji ‘milho’

PTG *uruβu ‘urubu’ : PAV *ukuwu : Av.C-A ukuwu³⁶⁵ uguwu-wu ‘urubu rei’ : Av.C-T ---

PTG *-tsoβi ‘verde, azul’ : PAV *-owi : Av.C-A -owi³⁶⁶ : Av.C-T -owu ‘verdeazul’

PTG *iβitu ‘vento’ : PAV *uwutu : Av.C-A uwutu e utu³⁶⁷ e wutu³⁶⁸ : Av.C-T utu e wutu

PTG *jaβeβir ‘arraia’ : PAV *dzawewiw : Av.C-A dzawewiw³⁶⁹ : Av.C-T dzawewiw

13.e. PTG *β : PAV *p : Av.C-A p : Av.C-T p ou w ou Ø /n.d.a

PTG *-eβir ‘bunda’ : PAV *-epiλ : Av.C-A --- : Av.C-T -epiλ-aj

PTG *taraβe ‘barata’ : PAV *takape : Av.C-A takape-βape : Av.C-T taka-takape

PTG *-peβ ‘chato, plano’ : PAV *-pep : Av.C-A -pep³⁷⁰ : -pew

PTG *-zaβ ‘cabelo, pelo’ : PAV *-ap : Av.C-A -ap³⁷¹ : Av.C-T -aw

³⁶¹ (BORGES, 2006, p.87)

³⁶² (BORGES, 2006, p.91)

³⁶³ (BORGES, 2006, p.313)

³⁶⁴ (HARRISON, 1974, p.3)

³⁶⁵ (BORGES, 2006, p.61)

³⁶⁶ (BORGES, 2006, p.319)

³⁶⁷ (TORAL, 1984, p.3)

³⁶⁸ (PAIVA, 1996, p.11)

³⁶⁹ (TORAL, 1984, p.7)

³⁷⁰ (BORGES, 2006, p.94)

³⁷¹ (BORGES, 2006, p.309)

PTG *-wejiß ‘descer, abaixar’ : PAV *-dzip : Av.C-A -dzip³⁷² : Av.C-T -dzǫw

PTG *tatsiß ‘formiga’ : PAV *taiw : Av.C-A taip-i³⁷³ : Av.C-T taiw

PTG *-moakuß ‘esquentar’ : PAV *-moakup : Av.C-A -moakup³⁷⁴ : Av.C-T -maku ‘eu esquento’

14. PTG * w : PAV *w : Av.C-A β ~ w ~ G^w : Av.C-T B^w ~ WB ~ WB^w ~ G^w ~ WG^w w / n.d.a.

PTG *watfu ‘veado’ : PAV *watfu : Av.C-A watfu : Av.C-T watšu

PTG *-watfu ‘grande’ : PAV *-watfu : Av.C-A -watfu³⁷⁵ : Av.C-T ita-γ^watfu ‘pedra grande’³⁷⁶

PTG *-weʒen ‘vomitar’ : PAV *-wen : Av.C-A -wen³⁷⁷ : Av.C-T -wen

PTG *wira ‘pássaro’ : PAV *wǫka : Av.C-A wiga³⁷⁸ βira ~ wiri³⁷⁹ : Av.C-T B^wǫka

PTG *-waja ‘rabo’ : PAV *-γ^wadza : Av.C-A -γ^waja ‘rabo’³⁸⁰ : Av.C-T -B^wadza

PTG *-wejiß ‘descer, abaixar’ : PAV *-dzip : Av.C-A -dzip³⁸¹ : Av.C-T -dzǫw

PTG *-mo-weß ‘apagar’ : PAV *-mo-we : Av.C-A -wew³⁸² : Av.C-T -mo-B^we

PTG *-uwi ‘sangue’ : PAV *-uwi : Av.C-A -uwi³⁸³ : Av.C-T -oB^wi

PTG *-awak ‘virar-se’ : PAV *-wak : Av.C-A --- : Av.C-T -wak ‘virar-se’

³⁷² (BORGES, 2006, p.212)

³⁷³ (PAIVA, 1996, p.21)

³⁷⁴ (BORGES, 2006, p.312)

³⁷⁵ (PAIVA, 1996, p.55)

³⁷⁶ (TORAL, 1984, p.2)

³⁷⁷ (BORGES, 2006, p.320)

³⁷⁸ (PAIVA, 1996, p.53)

³⁷⁹ (BORGES, 2006, p.87)

³⁸⁰ (TORAL, 1984, p.10)

³⁸¹ (BORGES, 2006, p.212)

³⁸² (BORGES, 2006, p.308)

³⁸³ (BORGES, 2006, p.67)

PTG *-iwate ‘alto’ : PAV *-iwate : Av.C-A -iwatʃi³⁸⁴ : Av.C-T -iwate

PTG *iwak ‘céu’ : PAV *iwak : Av.C-A iwak³⁸⁵ : Av.C-T iwak

PTG *-iwir ‘pau’ : PAV *-iwir : Av.C-A -witl-apatl³⁸⁶ -wiγ-apaγ³⁸⁷ -iw-ariw ~ ig-ariγ ~ iw-ariγ³⁸⁸ ‘arco, lit.: pau torto’ : Av.C-T -iwir³⁸⁹

PTG *jawar ‘onça’ : PAV *dzawar ‘cachorro’ : Av.C-A tʃawatl³⁹⁰ dzawayl dzaway-a³⁹¹ : Av.C-T zaww^{wir}-a

PTG *-jiβa ‘braço’ + *-kaj ‘osso’ : PAV *-jiwa-kiŋ : Av.C-A --- : Av.C-T -niwa-kiŋ ‘osso do braço’

15.a. PTG *j : PAV *dʒ : Av.C-A j ~ ʒ : Av.C-T j /_#

PTG *-kaj ‘queimar’ : PAV *-kaj : Av.C-A -kaj³⁹² : Av.C-T -qaj

PTG *moj ‘cobra’ : PAV *moj : Av.C-A mboz ~ mboj³⁹³ moj ~ mboj ‘cobra’ boj-kaj ‘cobra verde’³⁹⁴ : Av.C-T moj

PTG *-poj ‘alimentar’ : PAV *-dʒopoj : Av.C-A -jopoj³⁹⁵ : Av.C-T -dzopij

PTG *moj-tiniŋ ‘cascavel’ : PAV *moj-tʃiniŋ : Av.C-A moj-tini³⁹⁶ : Av.C-T moj-tʃiniŋ

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-poʒaj : Av.C-A -poʒaj³⁹⁷ : Av.C-T -poʒaj

³⁸⁴ (BORGES, 2006, p.319)

³⁸⁵ (HARRISON, 1974, p.4)

³⁸⁶ (HARRISON, 1974, p.5)

³⁸⁷ (TORAL, 1984, p.43)

³⁸⁸ (BORGES, 2006, p.83)

³⁸⁹ (TORAL, 1984, p.32)

³⁹⁰ (HARRISON, 1973, p.3)

³⁹¹ (TORAL, 1984, p.7)

³⁹² (BORGES, 2006, p.317)

³⁹³ (HARRISON, 1974, p.4)

³⁹⁴ (PAIVA, 1996, p.48)

³⁹⁵ (BORGES, 2006, p.66)

³⁹⁶ (BORGES, 2006, p.232)

³⁹⁷ (BORGES, 2006, p.183)

PTG *-potsij ‘pesado’ : PAV *-poij : Av.C-A -poij³⁹⁸ : Av.C-T -poij

PTG *-jotsej ‘lavar’ : PAV *-dʒoj : Av.C-A -joj³⁹⁹ : - Av.C-T -dʒoj

PTG *-βeβij ‘boiar, ser leve’ : PAV *-wewij : Av.C-A -wewij ~ -βewij⁴⁰⁰ : Av.C-T ---

PTG *-i-ʔu-tsej ‘desejar beber água’ : PAV *-i-u-ej : Av.C-A -i-u-ej⁴⁰¹ : Av.C-T -i-u-j ‘querer beber água’

15.b. PTG *j : PAV *j̃ : Av.C-A j̃ ~ j̄ : Av.C-T n ou ã / ambiente nasal (consoante/vogal nasal em sílaba de acento primário)

PTG *janu ‘aranha’ : PAV *janu : Av.C-A j̃anu : Av.C-T nanu

PTG *janipaβ ‘genipapo’ : PAV *janipaw : Av.C-A janipaw : Av.C-T nanipaw

PTG *jatiʔũ ‘mosquito’ : PAV *j̃itj̃ũ : Av.C-A t̃j̃ũ⁴⁰² : Av.C-T ni'tj̃w

PTG *-jeʔeŋ ‘falar’ : PAV *-j̃eŋ : Av.C-A ɲeŋ : Av.C-T -neŋ

PTG *-jaʔẽ ‘panela’ : PAV *-j̃ãe : Av.C-A ita-pai ‘panela de metal’⁴⁰³ j̃ãe-pepu ~ ãe-pepu ‘panela, prato’⁴⁰⁴ : Av.C-T -naj ‘panela de barro’

PTG *jaki'ran ‘cigarra’ : PAV *ja'kiβin : Av.C-A jakigi'nũ ‘esp. de cigarra’ : Av.C-T na'qiṽin

PTG *jane ‘nós’ : PAV j̃ane : Av.C-A janenupã ‘eles nos bateram’⁴⁰⁵ j̃anireβur ‘nós trouxemos água’⁴⁰⁶ : Av.C-T nani iaq'ṽẽĩ ‘nossa cabaça’

PTG *-ju ‘espinho’ : PAV *-ju : Av.C-A -zuatʃi ‘espinho (da rosa)’⁴⁰⁷ -ju'atʃi ‘o espinho (me furou)’ : Av.C-T -nu-ãtʃi ‘espinho (lit.: espinho pontudo)’

³⁹⁸ (BORGES, 2006, p.319)

³⁹⁹ (PAIVA, 1996, p.33)

⁴⁰⁰ (BORGES, 2006, p.91)

⁴⁰¹ (BORGES, 2006, p.167)

⁴⁰² (BORGES, 2006, p.315)

⁴⁰³ (TORAL, 1984, p.50)

⁴⁰⁴ (BORGES, 2006, p.77)

⁴⁰⁵ (BORGES, 2006, p.157)

⁴⁰⁶ (BORGES, 2006, p.174)

⁴⁰⁷ (BORGES, 2006, p.132)

PTG *-jĩḃa ‘braço’ + *-kaḃ ‘osso’ : PAV *-jĩwa-kiḃ : Av.C-A --- : Av.C-T -niwa-kiḃ ‘osso do braço’

PTG *kujatãj ‘menina’ : PAV *kujatãi : Av.C-A kujãtãi ‘menina’⁴⁰⁸ : Av.C-T ku'nataj

PTG *ojepeṭeĩ ‘um’ : PAV *jepe : Av.C-A mepenoin⁴⁰⁹ : Av.C-T nepe ‘um’

PTG *-atapĩj ‘brasa’ : PAV *-atapĩj : Av.C-A --- : Av.C-T -atapin-a ‘brasa’

PTG *-amõj ‘avô’ : PAV *-amũj : Av.C-A -amũj : Av.C-T -amin

PTG *-aḷĩj ‘semente’ : -aĩj : Av.C-A -aḃa ~ aḃa^{410 411} : Av.C-T ain ‘semente’

PTG *-kajim ‘perder’ : PAV *-kajim ‘perder, esquecer’ : Av.C-A --- : Av.C-T -qanim ‘perder, esquecer’

PTG *ne ‘teu’ + *r ‘R¹’ + *ãj ‘dente’ : PAV *neãj ‘teu dente’ : Av.C-A netãj⁴¹² neyae⁴¹³ niĩj : Av.C-T neĩin

PTG *moj ‘cobra’ + *ãj ‘dente’ : PAV *modzãja ‘lit.: cobra dentuça’ : Av.C-A --- : Av.C-T mozana

PTG *mokõj ‘dois’ : PAV *moqõj : Av.C-A moqõj⁴¹⁴ : Av.C-T 'moqõj

PTG *-karãj ‘arranhar’ : PAV *-kaḃaj : Av.C-A -kaḃaj⁴¹⁵ : Av.C-T -qaḃaj

PTG *-enõj ‘chamar’ : PAV *-enõj : Av.C-A -enõj ‘ele chamou’⁴¹⁶ : Av.C-T -enõj

PTG *-jur ‘pescoço’ : PAV *-dzuḃ : Av.C-A natfutl ‘teu pescoço’⁴¹⁷ : Av.C-T -nuqamonoq ‘cortar osso do pescoço’

⁴⁰⁸ (HARRISON, 1974, p.6)

⁴⁰⁹ (BORGES, 2006, p.105)

⁴¹⁰ (PAIVA, 1996, p.18 e 20)

⁴¹¹ (BORGES, 2006, p.127)

⁴¹² (HARRISON, 1974, p.2)

⁴¹³ (TORAL, 1984, p.17)

⁴¹⁴ (BORGES, 2006, p.312)

⁴¹⁵ (BORGES, 2006, p.172)

⁴¹⁶ (BORGES, 2006, p.95)

⁴¹⁷ (HARRISON, 1973, p.2)

15.c. PTG *j : PAV *dʒ : Av.C-A tʃ, dʒ : Av.C-T dʒ /_V_{anterior}

PTG *-paje ‘pajé’ : PAV *-padʒi : Av.C-A --- : Av.C-T -padʒi ‘ter pajé, dar choque’

PTG *-tsikije ‘medo’ : PAV *-kiɖʒi : Av.C-A -kiɖʒi : Av.C-T -kiɖʒi ‘medo, vergonha’

PTG *jitik ‘batata doce’ : PAV *dʒitik : Av.C-A dʒitik : Av.C-T dʒitiq

PTG *-jeupir ‘subir’ : PAV *-dʒeupiɾ : Av.C-A -dʒeupiɾ⁴¹⁸ : Av.C-T -dʒiupidʒ

PTG *-jeβir ‘voltar, retornar’ : PAV *-dʒewiβ : Av.C-A -dʒewiβ⁴¹⁹ : Av.C-T -dʒiwiβ

PTG *je ‘reflexivo’ : PAV *dʒe : Av.C-A am o-tʃe-piak ‘esse caiu’⁴²⁰ o-dʒe-piak ‘ele caiu’⁴²¹
eʎe-dʒe-ki-kiβaj⁴²² ‘você se coçou, se arranhou’ : Av.C-T o-dʒi-piʒo-pi ‘ele se descascou
completamente (o ovo)’

15.d. PTG *j : PAV *dʒ : Av.C-A tʃ e dʒ : Av.C-T dʒ/n.d.a

PTG *-jo-ʔok ‘cavar’ : PAV *-dʒok : Av.C-A -jok ~ ʒok⁴²³ : Av.C-T ---

PTG *-jur ‘pescoço’ : PAV *-dʒuβ : Av.C-A natʃutɫ ‘teu pescoço’⁴²⁴ : Av.C-T -nuqamonoq
‘cortar osso do pescoço’

PTG *-ji ‘machado’ : PAV *-dʒi-kwaβ : Av.C-A -tʃi-watɫ ‘machado’⁴²⁵ -dʒi-kwaβ-a ‘machado’
-dʒi-apaβ-a ‘foice’ : Av.C-T -dʒi-kwaβ ‘machado, foice’

PTG *jaβeβir ‘arraia’ : PAV *dʒawewiβ : Av.C-A dʒa'wewiβɫ⁴²⁶ : Av.C-T dʒawewiβ

⁴¹⁸ (BORGES, 2006, p.125)

⁴¹⁹ (TORAL, 1986, p.31)

⁴²⁰ (HARRISON, 1974, p.8)

⁴²¹ (TORAL, 1984, p.30)

⁴²² (BORGES, 2006, p.172)

⁴²³ (BORGES, 2006, p.66)

⁴²⁴ (HARRISON, 1973, p.2)

⁴²⁵ (HARRISON, 1974, p.5)

⁴²⁶ (TORAL, 1984, p.7)

PTG *jakare ‘jacaré’ : *dzakaʎe : Av.C-A tʃakatɫ⁴²⁷ dzakare⁴²⁸ : Av.C-T dzaqaʎe⁴²⁹

PTG *jaβoti ‘jaboti’ : PAV *dzaotʃi : Av.C-A dzaotʃi⁴³⁰ : Av.C-T dzotʃi

PTG *jateβuk ‘carrapato’ : PAV *dzateuk : Av.C-A dzateuk : Av.C-T dzatoq

PTG *juta-iβ ‘jatobá’ : PAV *dzuta-iw : Av.C-A dzuta-iw : Av.C-T zuta-iw

PTG *jatita ‘caracol, caramujo’ : PAV *dzatita : Av.C-A jatita⁴³¹ : Av.C-T dzatita

PTG *jitik ‘batata doce’ : PAV *dzitik : Av.C-A dzitik : Av.C-T dzitiq

PTG *-jatseʔo ‘chorar’ : PAV *-dzaeo : Av.C-A -dzaeo⁴³² : Av.C-T -dzaew

PTG *jatʃi ‘lua’ : PAV *dzai : Av.C-A tʃai⁴³³ zai⁴³⁴ : Av.C-T dzai

PTG *jatʃitata ‘estrela’ : PAV *dzaitata ‘estrela (lit.: lua de fogo)’ : Av.C-A tʃaitata⁴³⁵
dzaitata⁴³⁶ : Av.C-T dzaitata

PTG *-juβ ‘amarelo’ : PAV *-dzuw : Av.C-A -ita-dzu ‘nome de lança com ponta de metal’⁴³⁷ -
ita-dzuw ‘agulha’⁴³⁸ : Av.C-T -ita-zu ‘nome de lança com ponta de pedrametal’⁴³⁹

PTG *javar ‘onça’ : PAV *dzawav ‘cachorro’ : Av.C-A tʃawatɫ⁴⁴⁰, dzawayɫ, dzaway-a⁴⁴¹ :
Av.C-T zawv^{wiβ}

PTG *juʔi ‘rã’ : PAV *dzui : Av.C-A dzui⁴⁴² : Av.C-T dzuj

⁴²⁷ (HARRISON, 1973, p.3)

⁴²⁸ (TORAL, 1984, p.8)

⁴²⁹ (TORAL, 1984, p.8)

⁴³⁰ (BORGES, 2006, p.216)

⁴³¹ (BORGES, 2006, p.88)

⁴³² (TORAL, 1984, p.33)

⁴³³ (HARRISON, 1973, p.5)

⁴³⁴ (BORGES, 2006, p.225)

⁴³⁵ (HARRISON, 1974, p.5)

⁴³⁶ (PAIVA, 1996, p.51)

⁴³⁷ (TORAL, 1984, p.43)

⁴³⁸ (BORGES, 2006, p.135)

⁴³⁹ (TORAL, 1984, p.43)

⁴⁴⁰ (HARRISON, 1973, p.3)

⁴⁴¹ (TORAL, 1984, p.7)

⁴⁴² (PAIVA, 1996, p.15)

PTG *-jotsej ‘lavar’ : PAV *-dʒoj : Av.C-A -joj⁴⁴³ : - Av.C-T -dʒoj

PTG *-jiβa ‘braço’ : PAV *-dʒiwa : Av.C-A --- : Av.C-T -dʒiwa ‘meu braço’

PTG *-jereβ ‘virar’ : PAV *-dʒilɛw : Av.C-A --- : Av.C-T -dʒilɛi

PTG *-ajuk ‘veia’ : PAV *-adʒuk : Av.C-A --- : Av.C-T -adʒuk

PTG *tajatʃu ‘porcão’ : PAV *tadʒau : Av.C-A tadʒau : Av.C-T tadʒau

PTG *ajuru ‘papagaio’ : PAV *adʒuβu : Av.C-A adʒuɣo⁴⁴⁴ : Av.C-T adʒuβu

PTG *-waja ‘rabo’ : PAV *-ɣwadʒa : Av.C-A -ɣwaja ‘rabo’⁴⁴⁵ : Av.C-T -ɸwadʒa

PTG *-wejiβ ‘descer, abaixar’ : PAV *-dʒip : Av.C-A -dʒip⁴⁴⁶ : Av.C-T -dʒiɸ

PTG *aminiju ‘algodão’ : *aminidʒu : Av.C-A aminidʒu⁴⁴⁷ : Av.C-T aminidʒu

⁴⁴³ (PAIVA, 1996, p.33)

⁴⁴⁴ (TORAL, 1984, p.9)

⁴⁴⁵ (TORAL, 1984, p.10)

⁴⁴⁶ (BORGES, 2006, p.212)

⁴⁴⁷ (PAIVA, 1996, p.22)

4.2. QUEDA DE CONSOANTES NO PAV, NO AV.C-A E NO AV.C-T

Apresentamos a seguir exemplos que ilustram a queda dos reflexos do PTG *ʔ, *ts e *tʃ, e de alguns reflexos do PTG *β no PAV, no Av.C-A e no Av.C-T.

1. PTG *ʔ : PAV *∅ : Av.C-A ∅ : Av.C-T ∅

PTG *-ʔar ‘cair’ : PAV *-aɾ : Av.C-A -iɾ ‘cair, nascer’⁴⁴⁸ : Av.C-T -aɾ

PTG *-ʔaŋ ‘sombra’ : PAV *-iŋ : Av.C-A --- : Av.C-T -iŋ ‘sombra’

PTG *ʔi ‘água’ : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-ʔu ‘ingerir’ : PAV *-u : Av.C-A -u⁴⁴⁹ : Av.C-T -u

PTG *-ʔiβ ‘tronco, pau, haste’ : PAV *-iw : Av.C-A -- : Av.C-T iŋa-iw ‘pé de ingá’

PTG *-ʔaβ ‘deitar’ : PAV *-im : Av.C-A -im⁴⁵⁰ : Av.C-T -im

PTG *-i-ʔu ‘beber, ingerir água’ : PAV *i-u : Av.C-A -i-u⁴⁵¹ : Av.C-T -i-u

PTG *-emi-ʔu ‘comida’ : PAV *-emi-u : Av.C-A -imi-u : Av.C-T -emi-u ‘comida’

PTG *piʔũ ‘pium’ : PAV *piũ : Av.C-A piũ⁴⁵² : Av.C-T piũ-miʒi ‘abelha lambe-olhos (*Leurotrigona muelleri*)’

PTG *jatiʔũ ‘mosquito’ : PAV *dʒitʃiũ : Av.C-A tʃiu⁴⁵³ : Av.C-T ni'tʃiw

PTG *-upiʔa ‘ovo’ : PAV *-upia : Av.C-A -upia⁴⁵⁴ : Av.C-T -upia

PTG *-iʔa ‘cabaça’ : PAV *-ia : Av.C-A -ia⁴⁵⁵ : Av.C-T -ia

⁴⁴⁸ (BORGES, 2006, p.310)

⁴⁴⁹ (TORAL, 1984, p.23)

⁴⁵⁰ (BORGES, 2006, p.311)

⁴⁵¹ (BORGES, 2006, p.309)

⁴⁵² (BORGES, 2006, p.305)

⁴⁵³ (BORGES, 2006, p.315)

⁴⁵⁴ (PAIVA, 1996, p.48)

⁴⁵⁵ (BORGES, 2006, p.309)

PTG *-aʔir ‘filho (ego masculino)’ : PAV *-aiṃ : Av.C-A -aiṃ⁴⁵⁶ : Av.C-T -aiṃ

PTG *-poʔir ‘colar’ : PAV *-poiṃ-a : Av.C-A -poiṃa⁴⁵⁷ : Av.C-T -poiṃ-a

PTG *maniʔok ‘mandioca’ : PAV *maniok : Av.C-A maniok⁴⁵⁸ : Av.C-T manioq

PTG *-jatseʔo ‘chorar’ : PAV *-dʒaeo : Av.C-A -dʒaeo⁴⁵⁹ : Av.C-T -dʒaew

PTG *koʔẽ(m) ‘manhã’ : PAV *koem : Av.C-A koem⁴⁶⁰ : Av.C-T qoem ‘manhã’

PTG *-roʔi ‘frio, febre’ : PAV *-ʋoi : Av.C-A -tʔoi ‘frio dele’⁴⁶¹ iʎoi ~ iʎou ‘frio dele’⁴⁶² tʃiʋoi ‘eu tenho frio’⁴⁶³ : Av.C-T idʒoi ‘frio dele’ tʃiʋoi ‘tenho frio’

PTG *-aʔij ‘semente’ : -aij : Av.C-A -aṃa ~ aṃa⁴⁶⁴ ⁴⁶⁵ : Av.C-T ain ‘semente’

PTG *-puʔam ‘levantar’ : PAV *-puim : Av.C-A -puim⁴⁶⁶ : Av.C-T -puim

PTG *tamanuʔa ‘tamanduá’ : PAV *tamanua : Av.C-A tamanua⁴⁶⁷ : Av.C-T tamanua-ʋu
‘tamanduá bandeira’

PTG *-uṃuʔa ‘pilão’ : PAV *-uṃua : Av.C-A -uṃua⁴⁶⁸ : Av.C-T ---

PTG *-mokaʔẽ ‘moquear’ : PAV *-mokaē : Av.C-A --- : Av.C-T -mokaē

PTG *kaʔa ‘mato, mata’ : PAV *ka : Av.C-A ka⁴⁶⁹ : Av.C-T ka

PTG *-ẽʔẽ ‘doce’ : PAV *-e : Av.C-A -e ‘doce, salgado’⁴⁷⁰ : Av.C-T -e

⁴⁵⁶ (BORGES, 2006, p.302)

⁴⁵⁷ (BORGES, 2006, p.121)

⁴⁵⁸ (HARRISON, 1974, p.8)

⁴⁵⁹ (TORAL, 1984, p.33)

⁴⁶⁰ (BORGES, 2006, p.311)

⁴⁶¹ (HARRISON, 1974, p.8)

⁴⁶² (TORAL, 1984, p.3)

⁴⁶³ (BORGES, 2006, p.192)

⁴⁶⁴ (PAIVA, 1996, p.18 e 20)

⁴⁶⁵ (BORGES, 2006, p.127)

⁴⁶⁶ (BORGES, 2006, p.148)

⁴⁶⁷ (BORGES, 2006, p.135)

⁴⁶⁸ (BORGES, 2006, p.317)

⁴⁶⁹ (HARRISON, 1974, p.4)

⁴⁷⁰ (BORGES, 2006, p.318)

PTG *-weʔen ‘vomitar’ : PAV *-wen : Av.C-A -wen⁴⁷¹ : Av.C-T -wen

PTG *tapiʔir ‘anta’ : PAV *tapiʔ : Av.C-A tapitʔ⁴⁷² tapiʔ-a⁴⁷³ : Av.C-T tapiʔ-a

PTG *kapiʔi ‘capim’ : PAV *kapi : Av.C-A kapi⁴⁷⁴ : Av.C-T qapi

PTG *kapiʔiβar ‘capivara’ : PAV *kapiwaβ-a : Av.C-A kapiwaβ-a : Av.C-T qapiwaβ-a

PTG *-oʔo ‘carne’ : PAV *-o : Av.C-A -o⁴⁷⁵ : Av.C-T -o

PTG *-jo-ʔok ‘cavar’ : PAV *-dʒok : Av.C-A -jok ~ ʒok⁴⁷⁶ : Av.C-T ---

PTG *-tʃuʔu ‘morder’ : PAV *tʃu : Av.C-A -tʃu : Av.C-T -tʃu

PTG *-uʔu ‘tosse’ : PAV *-u : Av.C-A --- : -u

PTG *kuimaʔe ‘homem’ : PAV *kuimae : Av.C-A kuimae-wu⁴⁷⁷ : Av.C-T kuimae-yu⁴⁷⁸

PTG *aʔe ‘esse de quem se fala (dêitico)’ : PAV *ae : Av.C-A ae⁴⁷⁹ : Av.C-T aj

PTG *kaʔi ‘macaco prego’ : PAV *kai : Av.C-A kai ~ qai : Av.C-T qaj

PTG *-uʔi ‘farinha’ : PAV *-ui : --- : Av.C-A -ui ‘farinha (de mandioca)’⁴⁸⁰ : Av.C-T -uj ‘arroz branco’

PTG *juʔi ‘rã’ : PAV *dʒui : Av.C-A dʒui⁴⁸¹ : Av.C-T dzuj

PTG *tuʔi ‘periquito’ : PAV *tui : Av.C-A tuĩ-ata⁴⁸² tujata tui⁴⁸³ : Av.C-T tuj

⁴⁷¹ (BORGES, 2006, p.320)

⁴⁷² (HARRISON, 1974, p.3)

⁴⁷³ (TORAL, 1984, p.6)

⁴⁷⁴ (HARRISON, 1974, p.4)

⁴⁷⁵ (TORAL, 1984, p.47)

⁴⁷⁶ (BORGES, 2006, p.66)

⁴⁷⁷ (TORAL, 1984, p.35)

⁴⁷⁸ (TORAL, 1984, p.35)

⁴⁷⁹ (BORGES, 2006, p.193)

⁴⁸⁰ (TORAL, 1984, p.47)

⁴⁸¹ (PAIVA, 1996, p.15)

⁴⁸² (HARRISON, 1974, p.3)

⁴⁸³ (BORGES, 2006, p.53 e 214)

PTG *-kuʔi ‘pó, farelo’ : PAV *-kui : Av.C-A -kui⁴⁸⁴ : Av.C-T -kuj ‘farinha’

PTG *-momeʔu ‘contar’ : PAV *-momew : Av.C-A -momew⁴⁸⁵ : Av.C-T -momew

PTG *-uʔiβa ‘flecha’ : PAV *-uw : Av.C-A -uw⁴⁸⁶ : Av.C-T -uw

PTG *-jeʔeŋ ‘falar’ : PAV *-neŋ : Av.C-A neŋ : Av.C-T -neŋ

PTG *taraʔir ‘traíra’ : PAV *taʔew-βu ‘esp. de traíra’ : Av.C-A tarew-βu : Av.C-T taʔew-βu

PTG *-jaʔẽ ‘panela’ : PAV *-nãe ~ -jãe : Av.C-A ita-nai ‘panela de metal’⁴⁸⁷ jãe-pepu ~ nãe-pepu ‘panela, prato’⁴⁸⁸ : Av.C-T -naj ‘panela de barro’

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-potʃia : Av.C-A -potsi⁴⁸⁹ -potʃia⁴⁹⁰ : Av.C-T -potʃi

2. PTG *ts : PAV *∅ : Av.C-A ∅ : Av.C-T ∅

PTG *-tsaβ ‘pluma’ : PAV *-aw : Av.C-A --- : Av.C-T -aw

PTG *-tso ‘ir’ : PAV *-o : Av.C-A -o⁴⁹¹ : Av.C-T -o

PTG *-tsi ‘mãe’ : PAV *-i : Av.C-A -i⁴⁹² : Av.C-T -i

PTG *-tsok ‘socar, triturar’ : PAV *-ok : Av.C-A -ok⁴⁹³ : Av.C-T -ok ‘socar no pilão’

PTG *-tsikije ‘medo’ : PAV *-kidzi : Av.C-A -kidzi : Av.C-T -kidzi ‘medo, vergonha’

PTG *motsapir ‘três’ : PAV *moapirβ : Av.C-A moapirβ⁴⁹⁴ : Av.C-T 'marirβ

⁴⁸⁴ (BORGES, 2006, p.313)

⁴⁸⁵ (BORGES, 2006, p.90)

⁴⁸⁶ (TORAL, 1984, p.43)

⁴⁸⁷ (TORAL, 1984, p.50)

⁴⁸⁸ (BORGES, 2006, p.77)

⁴⁸⁹ (HARRISON, 1974, p.2)

⁴⁹⁰ (TORAL, 1984, p.18)

⁴⁹¹ (PAIVA, 1996, p.51)

⁴⁹² (BORGES, 2006, p.314)

⁴⁹³ (BORGES, 2006, p.305)

⁴⁹⁴ (BORGES, 2006, p.320)

PTG *-uβitsaβ ‘grande’ : PAV *-uiaw : Av.C-A -uiaw⁴⁹⁵ : Av.C-T -uiaw

PTG *pitsaβ ‘noite’ : PAV *piadzi : Av.C-A piadza⁴⁹⁶ : Av.C-T piadzi

PTG *-apitsa ‘ouvido’ + *-k^war ‘buraco’ : PAV *-apia-k^waβ ‘buraco da orelha’ : Av.C-A -apia-k^wiγ⁴⁹⁷ : Av.C-T -apia-k^waβ

PTG *tatsiβ ‘formiga’ : PAV *taiw : Av.C-A taip-i⁴⁹⁸ : Av.C-T taiw-a

PTG *-potsij ‘pesado’ : PAV *-poij : Av.C-A -poij⁴⁹⁹ : Av.C-T -poij

PTG *-jatseʔo ‘chorar’ : PAV *-dzaeo : Av.C-A -dzaeo⁵⁰⁰ : Av.C-T -dzaew

PTG *-i-ʔu-tsej ‘desejar beber água’ : PAV *-i-u-ej : Av.C-A -i-u-ej⁵⁰¹ : Av.C-T -i-u-j ‘querer beber água’

PTG *-etsir ‘assar’ : PAV *-dzoiv : Av.C-A -dzojβ : Av.C-T -zoiv

PTG *-pitsik ‘pegar’ : PAV *-pik : Av.C-A -pik⁵⁰² : Av.C-T -piq ‘pegar, segurar’

PTG *-itsipo ‘cipó’ : PAV *-ipo : Av.C-A -ipo⁵⁰³ : Av.C-T -ipo

PTG *-jotsej ‘lavar’ : PAV *-dzoj : Av.C-A -joj⁵⁰⁴ : - Av.C-T -dzoj

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-poβaj : Av.C-A -poβaj⁵⁰⁵ : Av.C-T -poβaj

PTG *-pitsatsu ‘novo’ : PAV *-piaw : Av.C-A -piaw⁵⁰⁶ : Av.C-T -piaw

PTG *-kitsaβ ‘rede’ : PAV *-kiaw : Av.C-A -kiaw⁵⁰⁷ : - Av.C-T -qiaw

⁴⁹⁵ (BORGES, 2006, p.302)

⁴⁹⁶ (TORAL, 1984, p.15)

⁴⁹⁷ (TORAL, 1984, p.18)

⁴⁹⁸ (PAIVA, 1996, p.21)

⁴⁹⁹ (BORGES, 2006, p.319)

⁵⁰⁰ (TORAL, 1984, p.33)

⁵⁰¹ (BORGES, 2006, p.167)

⁵⁰² (PAIVA, 1996, p.55)

⁵⁰³ (BORGES, 2006, 310)

⁵⁰⁴ (PAIVA, 1996, p.33)

⁵⁰⁵ (BORGES, 2006, p.183)

⁵⁰⁶ (PAIVA, 1996, p.51)

⁵⁰⁷ (TORAL, 1984, p.46)

PTG *-potsaŋ ‘remédio’ : PAV *-poŋ : Av.C-A --- : Av.C-T moiŋa ‘remédio de gente’

PTG *-tsi ‘mãe’ : PAV *-i : Av.C-A -i⁵⁰⁸ : Av.C-T -i

PTG *-tsok ‘socar, triturar’ : PAV *-ok : Av.C-A -ok⁵⁰⁹ : Av.C-T -ok ‘socar no pilão’

3. PTG *tʃ : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø

PTG *tajatʃu ‘porcão’ : PAV *tadzau : Av.C-A tajau : Av.C-T tadzau

PTG *-tʃem ‘chegar’ : PAV *-em : Av.C-A -em ‘sair’⁵¹⁰ : Av.C-T -em ‘chegar, sair’

PTG *tʃuruʃi ‘surubim’ : PAV *uʃuwi : Av.C-A uʃuwi⁵¹¹ : Av.C-T ---

PTG *pikatʃu ‘pomba’ : PAV *pikaw : Av.C-A piqiw⁵¹² : Av.C-T pikaw

PTG *-etʃa ‘olho’ : PAV *-ea ‘olho’ : Av.C-A -e ‘teu olho’⁵¹³ -ea ‘meu olho’⁵¹⁴ : Av.C-T -ea

PTG *-atʃaʃ ‘atravessar’ : PAV *-aw : Av.C-A -aw ‘atravessar’⁵¹⁵ : Av.C-T ---

PTG *-atʃi ‘dor’ : PAV *-ai : Av.C-A -ai⁵¹⁶ : Av.C-T -ai

PTG *-kitʃe ‘faca’ : PAV *-kie : Av.C-A -ita-ki ‘faca de metal’⁵¹⁷ ita-ke ‘faca de metal’⁵¹⁸ -kie ‘faca’⁵¹⁹ : Av.C-T -qie ‘faca’

PTG *-atʃuk ‘banhar’ : PAV *-dzauk : Av.C-A -zauk⁵²⁰ : Av.C-T -dzauk

⁵⁰⁸ (BORGES, 2006, p.314)

⁵⁰⁹ (BORGES, 2006, p.305)

⁵¹⁰ (BORGES, 2006, p.318)

⁵¹¹ (BORGES, 2006, p.319)

⁵¹² (TORAL, 1984, p.8)

⁵¹³ (HARRISON, 1974, p.2)

⁵¹⁴ (BORGES, 2006, p.113)

⁵¹⁵ (BORGES, 2006, p.58)

⁵¹⁶ (BORGES, 2006, p.312)

⁵¹⁷ (HARRISON, 1974, p.5)

⁵¹⁸ (TORAL, 1984, p.43)

⁵¹⁹ (BORGES, 2006, p.313)

⁵²⁰ (BORGES, 2006, p.125)

PTG *jatʃi ‘lua’ : PAV *dzai : Av.C-A tʃai⁵²¹ zai⁵²² : Av.C-T dzai

PTG *jatʃitata ‘estrela’ : PAV *dzaitata ‘estrela (lit.: lua de fogo)’ : Av.C-A tʃaitata⁵²³
dzaitata⁵²⁴ : Av.C-T dzaitata

PTG *kʷaratʃi ‘sol’ : PAV *kʷaʁai : Av.C-A kʷaʁ⁵²⁵ : Av.C-T qʷaʁai

PTG *-moroitʃaŋ ‘esfriar’ : PAV *-ʋoiaŋ ‘ter frescor’ : Av.C-A --- : Av.C-T i-ʎoiaŋ ‘frescor
dele (do meu joelho)’

PTG *-tʃam ‘corda’ : PAV *-am : Av.C-A -tupa-am ‘corda’⁵²⁶ : Av.C-T -im ‘cordaalça’

4. PTG *β : PAV ∅ : Av.C-A ∅ : Av.C-T ∅

PTG *iβitu ‘vento’ : PAV *uwutu : Av.C-A uwutu e utu⁵²⁷ e wutu⁵²⁸ : Av.C-T utu e wutu

PTG *jaβoti ‘jaboti’ : PAV *dzaotʃi : Av.C-A dzaotʃi⁵²⁹ : Av.C-T dzotʃi

PTG *jateβuk ‘carrapato’ : PAV *dzateuk : Av.C-A dzateuk : Av.C-T dzatoq

PTG *-moakuβ ‘esquentar’ : PAV *-moakup : Av.C-A -moakup⁵³⁰ : Av.C-T -maku ‘eu
esquento’

PTG *-juβ ‘amarelo’ : PAV *-dzuw : Av.C-A -ita-dzu ‘nome de lança com ponta de metal’⁵³¹ -
ita-dzuw ‘agulha’⁵³² : Av.C-T -ita-zu ‘nome de lança com ponta de pedrametal’⁵³³

⁵²¹ (HARRISON, 1973, p.5)

⁵²² (BORGES, 2006, p.225)

⁵²³ (HARRISON, 1974, p.5)

⁵²⁴ (PAIVA, 1996, p.51)

⁵²⁵ (BORGES, 2006, p.306)

⁵²⁶ (HARRISON, 1974, p.5)

⁵²⁷ (TORAL, 1984, p.3)

⁵²⁸ (PAIVA, 1996, p.11)

⁵²⁹ (BORGES, 2006, p.216)

⁵³⁰ (BORGES, 2006, p.312)

⁵³¹ (TORAL, 1984, p.43)

⁵³² (BORGES, 2006, p.135)

⁵³³ (TORAL, 1984, p.43)

PTG *-enuβ ‘ouvrir’ : PAV *-anu : Av.C-A -anu⁵³⁴ : Av.C-T -anu

PTG *-mo-weβ ‘apagar’ : PAV *-mo-we : Av.C-A -wew⁵³⁵ : Av.C-T -mo-β^we

PTG *-itaβ ‘nadar’ : PAV *-itaw : Av.C-A -itaw⁵³⁶ : Av.C-T -ita

PTG *-paβ ‘acabar’ : PAV *-pim : Av.C-A -pim⁵³⁷ : Av.C-T -pi

⁵³⁴ (PAIVA, 1996, p.52)

⁵³⁵ (BORGES, 2006, p.308)

⁵³⁶ (BORGES, 2006, p.304)

⁵³⁷ (BORGES, 2006, p.165)

4.3 UMA DISCUSSÃO DAS MUDANÇAS OCORRIDAS NOS FONEMAS CONSONANTAIS DO PAV ÀS SUAS VARIEDADES MODERNAS

Discutimos nesta seção mudanças consonantais ocorridas na história do Avá-Canoeiro – Av.C-A e Av.C-T. Partindo das correspondências sonoras entre as variedades do Avá-Canoeiro, propomos a reconstrução dos protofonemas para o PAV, como reflexos por sua vez dos protofonemas do PTG.

Consoantes oclusivas velares *k e *k^w do PAV

O fonema do PAV *k é reflexo do PTG *k (correspondências 3.a-b), o qual se fundiu com reflexos do PTG *k^j (correspondência 5). Já o fonema do PAV *k^w resulta da retenção dos reflexos do PTG *k^w, os quais se fundiram com os reflexos do PTG *p^w (correspondências 6 e 7), o que levou à ampliação da ocorrência desses dois fonemas no PAV. Os reflexos desses dois fonemas do PAV *k e *k^w são mantidos no Av.C-A, mas sofreram uvularização no Av.C-T /q/ e /q^w/, embora reflexos não uvularizado tenham se mantido precedendo vogais anteriores, conforme ilustrado pelos exemplos em (3.a-b), (6) e (7).

Queda de reflexos das consoantes do PTG *ʔ, *ts e *tʃ no PAV

Segundo Rodrigues (1984) e Rodrigues & Cabral (2002), o Proto-Subramo IV teria tido *h, como resultado da fusão do PTG *ts e *tʃ para as línguas desse subramo. Observamos, que os reflexos do Proto-Subramo-IV *h teriam mudado para zero no PAV, como notamos nas correspondências que constam na seção **4.2 Queda de consoantes no PAV, no Av.C-A e no Av.C-T**. É interessante notar que algumas ocorrências do PAV *tʃ são resultado da retenção dos reflexos do PTG *tʃ (correspondência 8).

À queda dos reflexos do PTG *ts, somado à queda dos reflexos do PTG *ʔ no PAV, resultou na ausência de consoantes glotálicas no PAV.

Consoantes nasais */m/, */n/ e */ŋ/ do PAV

As correspondências (9.a-b), (10.a-b) e (11) ilustram reflexos do PTG *m, *n e *ŋ no PAV, respectivamente. No PAV, observamos ainda que reflexo do PTG */ŋ/ teria mudado de forma esporádica para /ɸ/ em variedades do Av.C-A e no Av.C-T, em ambiente oral, conforme observado na correspondência (11.b). Dessa forma, esse reflexo de [ɸ] se funde com o fonema /ɸ/, ampliando assim a sua ocorrência.

No Av.C-A, observamos que desenvolveu-se uma pós-oralização de reflexos do PAV *m e *n para, respectivamente, [m^b] e [n^d], que culminou com o desenvolvimento de alofones oclusivos sonoros. É importante notar que as variantes pós-oralizadas e as variantes orais ocorrem em variação livre com consoantes nasais plenas.

Consoantes africadas */tʃ/ e */dʒ/ do PAV

A reconstrução de um PAV */tʃ/ deve-se a reflexos do PTG *tʃ nas duas variedades do Avá-Canoeiro (correspondência 8), em palavras como:

PTG */-tʃuʔu/ ‘morder’ : PAV */-tʃu/ : Av.C-A /-tʃu/ : Av.C-T /-tʃu/

PTG */watʃu/ ‘veado’ : PAV */watʃu/ : Av.C-A /watʃu/ : Av.C-T /watʃu/

PTG */-watʃu/ ‘grande’ : PAV */-watʃu/ : Av.C-A /-watʃu/⁵³⁸ : Av.C-T /ita-ɣwatʃu/ ‘pedra grande’⁵³⁹

PTG */itʃe/ ‘eu (pron. indep. 1^ap.sg.)’ : PAV */itʃe/ : Av.C-A /itʃe/ : Av.C-T /tʃi/

Esses reflexos se fundiram com reflexos do PTG */p/ (correspondência 4), que resultou em /tʃ/ em ambas as variedades, assim como o resultado da palatalização dos reflexos do PTG *t diante de /i/ (correspondência 2.a), resultando igualmente em /tʃ/. Essas mudanças contribuíram para a ampliação da ocorrência do que teria sido o PAV */tʃ/. Ressaltamos que no estágio atual das duas variedades /t/ não mais ocorre diante de /i/.

⁵³⁸ (PAIVA, 1996, p.55)

⁵³⁹ (TORAL, 1984, p.2)

É importante frisar que alguns reflexos do PTG *i mudaram em /i/ no PAV, antes do processo de palatalização diante de /i/. Prova disso é a presença de /tʃ/ nas duas variedades do Avá-Canoeiro, que correspondem a /ti/ em línguas como o Tupinambá, línguas do subramo I:

PTG */-pina-etik/ ‘jogar anzol’ : PAV */-pin-itʃik/ : Av.C-A /-pin-itʃik/ ‘jogar anzol’ : Av.C-T /-ita-pin-itʃik/ ‘jogar anzol de metal’

No Av.C-A ocorreu o alteamento dos reflexos do PAV */e/ para /i/ em final de algumas palavras, precedido de reflexos do PAV *t, motivando em seguida a palatalização de reflexos do PAV *t nesse ambiente:

PTG */-iwate/ ‘alto’ : PAV */-iwate/ : Av.C-A /-iwatʃi/⁵⁴⁰ : Av.C-T /-iwate/

Os reflexos no PAV do PTG */j/ são /dʒ/ (correspondências 15.a-d). Na variedade social do Av.C-A estudada por Harrison (1974), as correspondências (15.c-d) ilustram a desonorização de reflexos do PAV /dʒ/ em /tʃ/ em todos os ambientes, exceto antes de silêncio e em ambiente nasal. Esses dados mostram que essa mudança levou à fusão de parte dos reflexos do PAV */dʒ/ e */tʃ/. Já nas demais variedades do Av.C-A não houve tal fusão, embora em um dado de Borges (2006, p.89), há a ocorrência de variação entre /tʃ/ e /dʒ/ para a palavra ‘machado’:

(254) /tʃiapax/ [tʃiˈa:pəxə] ~ [ʒiˈa:pəxə] ~ [jiˈa:pəxə] ‘enxada’

No Av.C-T, houve a retroflexivização dos reflexos do PAV */tʃ/ e */dʒ/ para /tʃ/ e /dz/, respectivamente, mas mantiveram-se alofones alveopalatais, respectivamente [dʒ] e [tʃ] antes de vogais anteriores, conforme ilustrado pelas correspondências (2.a), (8.a) e (15.a-d).

Além do mais, observamos que o Av.C-T sofreu fusão dos reflexos do PAV *dʒ com o PAV */n/ em ambiente nasal, um resultado de assimilação nasal total, conforme ilustra a correspondência (15.b), exceto em fronteira de morfema, como observado na composição a seguir, em que o reflexo do PTG *j em *moj não resultou em /n/ no Av.C-T.

PTG */moj/ ‘cobra’ + */ãj/ ‘dente’ : PAV */modʒãja ‘lit.: cobra dentuça’: Av.C-A --- : Av.C-T mozana

⁵⁴⁰ (BORGES, 2006, p.319)

Reflexos das aproximantes do PTG *β no PAV

Reflexos do PTG *β passaram por processo de nasalização antes de silêncio precedidos de /i/ no PAV (correspondência 13.a), fundindo-se com os reflexos do PAV */m/. Já os reflexos do PTG *β, quando antes de silêncio ou precedidos de vogal anterior se tornaram mais oclusivos: PTG *β > PAV *p (correspondência 13.e). Os demais reflexos do PTG *β mudaram para w no PAV, resultado de processo de aproximantização (correspondência 13.b-d), embora alguns daqueles reflexos tenham sofrido queda antes silêncio ou entre vogais (correspondências na seção **4.2 Queda de consoantes no PAV, no Av.C-A e no Av.C-T**).

Como já discutimos anteriormente, no Av.C-T, houve a fusão de reflexos do PAV *m (< PTG *β) antes de silêncio precedido de /a/. Nesse ambiente, /a/ era pronunciado [ĩ], posteriormente com a queda da consoante nasal, houve um breve alongamento desse som como compensação do tempo silábico.

PTG */-paβ/ ‘acabar’ : PAV */-pim/ : Av.C-A /-pim/⁵⁴¹ : Av.C-T /-pi/

PTG */-kuuaβ/ : PAV */-kuim/ : --- : /-qui/ ‘saber, conhecer’

Ainda quanto ao Av.C-T, houve a oclusivização de parte dos reflexos do do PAV *w (< PTG *β), resultando em uma variação livre de [g^w] ~ [wg^w] ~ [β^w] ~ [wβ] ~ [wβ^w], conforme ilustrado na correspondência (13.d). Por outro lado, houve lenização de reflexos do PAV *p (< PTG *β) no Av.C-T /w/, conforme ilustrado pela correspondência (13.e).

⁵⁴¹ (BORGES, 2006, p.165)

Mudanças ocorridas nos reflexos do PTG */r/⁵⁴² em PAV, Av.C-A e Av.C-T

Os dados de variedades do Av.C-A e do Av.C-T exibem uma cisão dos reflexos do que teria sido o PTG */r/. Considerando essas evidências, postulamos que essa cisão já teria ocorrido no PAV, apenas nas línguas descendentes desenvolveram-se alofonias para cada membro da cisão. Postulamos, assim, que o PAV já teria cindido os reflexos do PTG */r/ em ɾ e ʀ . Esta cisão teria sido motivada pela ocorrência dos reflexos do PTG */r/ antecedido de vogais anteriores ou precedido por /i/, e ɾ nos demais ambientes (ver correspondências 12.a-d).

Nos dados do Harrison (1974), que corresponde a variedade da Faixa I e II do Av.C-A, há apenas /tʃ/ como reflexo do PTG */r/. Como não há informações se o autor trabalhou com um ou mais consultantes e como ele mesmo observa que o registro dos dados foi bastante problemático, não podemos estar seguros de que esse único som representaria a fala dos demais membros do grupo pesquisado por Harrison (1974).

Observamos que, de forma geral, três fatores favoreceram a mudança dos reflexos do tap/flap alveolar sonoro do PTG */r/ em Avá-Canoeiro: (1) a mudança no padrão de acento da última para a penúltima sílaba no PAV; (2) o ambiente fonético de ocorrência dos reflexos do PTG precedido de /i/ ou seguido de vogal anterior; e (3) o ambiente antes de silêncio.

Autores como Hall & Hamann (2010) notam que existe uma tendência articulatória para a evitação das sequências entre uma vogal anterior alta e um rótico, como /ir/, /jr/, /ri/ e /rj/, nas línguas do mundo. Esse processo faz com que um dos dois sons envolvido tenda a sofrer queda ou mudança.

Borges (2006, p.61-63) foi quem primeiro lançou hipóteses acerca do surgimento do fonema /ɾ/ em Avá-Canoeiro. A autora considera que esse som seria decorrente de um processo de assimilação, condicionado pelas vogais não anteriores da língua /i ã a ã u ã o ã/ (*op. cit.*, p. 62). A autora considera que haveria no Av.C-T e no Av.C-A uma variação entre [ɾ] e [ʀ] nesse ambiente, razão pela qual analisa a mudança de */r/ > ɾ como “uma mudança esporádica”, já que a variante [ʀ] se manteria no mesmo ambiente, segundo a autora.

⁵⁴² A presente discussão atualiza estudo anterior apresentado no Congresso Internacional ‘r-atics5 (2016), sob o título “*The Uvularization of the Proto-Tupi-Guarani */r/ > ɾ in Avá-Canoeiro language (Tupí-Guaraní)*”, em co-autoria com os professores Ana Suelly A. C. Cabral, Fábio Couto e Jorge Lucero.

Algo importante a se observar é que a aerodinâmica na produção de um tap/flap requer fluxo de ar contínuo e com velocidade constante. Caso a velocidade do fluxo de ar aumente teríamos um som fricativo e, se a velocidade do fluxo de ar diminuir, teríamos um som aproximante (cf. SHOESTED, 2008). Postulamos, dessa forma, que além do ambiente fonético de contiguidade a uma vogal anterior alta, a mudança deve ter ocorrido em sílabas acentuadas, por conta de exigirem um maior fluxo de ar. Essa hipótese também leva em consideração que sílabas acentuadas passaram a ser aspiradas no Avá-Canoeiro, o que aumenta o fluxo de ar nesse ambiente.

Ressaltamos que a posição final antes de silêncio também teria propiciado mudanças nos reflexos do PTG *r no Avá-Canoeiro. O deslocamento do acento da última para a penúltima sílaba no PAV pode ter acarretado uma menor pressão de ar pulmonar na produção de sílabas finais. A diminuição da força expiratória teria então causado uma redução do fluxo de ar para a produção dos reflexos da vibrante do PTG *r, diante de silêncio. Nesse contexto, ao manter-se a língua como articulador primário, esses reflexos teriam sofrido processo de lenização

Os reflexos do PTG *r em ambiente nasal teriam mudado para uma aproximante alveolar nasalizada [ɹ̃] em PAV, em ambiente nasal. O Av.C-A teria mantido a realização desse alofone nesse ambiente para o fonema /ʁ/, enquanto o Av.C-T teria expandido as ocorrências de [ʁ] para ambiente nasal, ao invés de manter uma aproximante alveolar nasalizada [ɹ̃] nessa posição, e para antes de silêncio, ao invés de manter a consoante africada lateral uvular-alveopalatal [ʁʎ] nessa posição.

Conforme Shosted (2008), o processo de uvularização de vibrantes apicais pode ser considerado “natural” (*op. cit.*, p.422) do ponto de vista articulatório e aerodinâmico. O autor (*op. cit.*, p.421), ao trabalhar com o grupo dos róticos, observa que [r] e [ʀ] se assemelham por serem compostos por uma fonte de vibração semelhante e por serem ambos linguais, ao terem a língua como articulador primário. O autor comenta que, de um ponto de vista aerodinâmico, na produção de uma vibrante uvular a base da língua é retraída, o seu corpo é levantado e há um avanço da úvula, provavelmente em decorrência do músculo uvular. Observa ainda (*op. cit.*) que “a produção de vibrantes é sensível à pressão do ar intra-oral e que um fluxo de ar em excesso pode resultar em fricção ao invés de vibração”.

Para Shosted (*op. cit.*, p.424), a mudança de uma vibrante de alto fluxo e pressão de ar para uma vibrante de baixo fluxo e pressão do ar pode ser considerada um

tipo de lenização semelhante à espirantização consonantal de /b/ > /β/. Estando esta vibrante em contiguidade com uma vogal posterior, teria naturalmente se uvularizado. Já em contiguidade com vogais anteriores, permaneceria apical e com menos fricção.

Já mudança dos reflexos do PTG *r em [ʁ] em variedades do Av.C-A e no Av.C-T é um tipo de mudança considerada extremamente rara nas línguas do mundo (LADEFFOGED & MADIESON, 1996, p.225) e singular no tronco Tupí. Essa mudança tem sido observada até agora sobretudo em línguas europeias, como o francês, o alemão e o holandês, para as quais a explicação que põe ênfase na aerodinâmica é a que traz mais dados inovadores para a compreensão do desenvolvimento desse tipo de processo.

Ladefoged & Maddieson (1996, p.225) apontam que a consoante vibrante uvular [ʁ] ocorre em variedades padrão do Francês e do Alemão, por exemplo, apesar de muitos falantes a realizarem como um som fricativo ou aproximante, ocorrendo também em variedades menos conservadoras do Sueco, Italiano e Russo, cujas variedades padrão possuem uma vibrante apical, e também no Hebraico. A sua realização como [ʁ] fricativo/aproximante em ambientes específicos é considerada um fenômeno comum nas línguas que possuem [ʁ] como fonema.

No âmbito das línguas indígenas brasileiras, o rótico posterior [ʁ] e os consoantes laterais do Av.C-A e do Av.C-T, ambos reflexos do PAV */r/, são únicos na família Tupí-Guaraní. Nas demais línguas da família, os reflexos do PTG *r se mantiveram como um flap/tap alveolar, e, para as línguas Eméillon (ROSE, 2000) e para o Wayampí (GRENAND, 1989), línguas do subramo VIII da família Tupí-Guaraní, esse som é descrito como um tepe lateral, talvez pelo fato dos linguistas que estudaram essas línguas serem falantes nativos de francês. Já Cabral (comunicação pessoal), considera a existência no Emerillon e do Wayampí de um flap e não um tap lateral (cf. CABRAL, 2001).

O PTG *r é, por sua vez, resultado da fusão de dois flepes alveolares do Proto-Tupí, um simples **r e outro palatalizado ** rʲ (cf. Rodrigues e Cabral 2012, p.509). Dentre as famílias do Tronco Tupí, somente houve mudança no flepe simples do PT **r > l em Xipáya (fam. Jurúna), e em Cinta Larga, Zoró e Gavião (fam. Mondé), como mostram os seguintes conjuntos de cognatos: PT **arat ‘arara’ > TG *arar; AW arar-an ‘arara azul’; JU Xi alal-i; AR Am oro-to ‘arara amarela’; TU Tu ara-taʔa ‘arara azul’, Ma ara-ta ‘Ara ararauna’; RA Ka ara-pa ‘arara vermelha’; PT **awuruaworo ‘papagaio’ >

TG *ajuru; MA ahut; MU Ku aru, Mu aro; TU Tu aoro; MO Pa awára, Cl awaláp, Gv awaláp, Zr awalap (*op. cit.*).

O Avá-Canoeiro é, assim, um caso atípico na história do tronco Tupí, por ser a única língua que uvularizou parte dos reflexos do flepe simples e do flepe palatalizado do PT **/r/ e **/r^j/, respectivamente, em /ʁ/.

A raridade deste tipo de mudança pode ter fundamento também na própria mudança na situação de vida dos grupos de falante Avá-Canoeiro. A partir da redução populacional drástica e da vida em fuga por mais de uma geração, a prosódia da língua pode ter se alterado, mantendo um padrão de fala mais rápida, o que pode acelerar mudanças linguísticas em curso ou propiciar mudanças imprevisíveis. Esta situação vem sendo registrada por outros pesquisadores que trabalham com povos de recente contato, sobreviventes de massacres e que sofreram redução populacional (cf. CABRAL, OLIVEIRA & SILVA, em preparação), como os Xetá e grupos Kawahíwa.

Mudanças consonantais como critérios para a classificação interna da família Tupí-Guaraní

Rodrigues & Cabral (2002) atualizaram e reformularam parte dos critérios de Rodrigues (1985) para a classificação interna da família Tupí-Guaraní. Abaixo apresentamos os critérios fonológicos revisados pelos autores para as línguas do subramo IV:

- (a) conservação das consoantes finais, com ou sem modificações
- (b) fusão de *tʃ e *ts, ambos mudados em h
- (c) mudança de *p^w em k^w
- (d) mudança de *p^j em tʃ ou ts
- (e) mudança de *j em tʃ, ts, s, z ou d

O Avá-Canoeiro foi a única língua do sub-ramo IV a deslocar integralmente o acento final original do PTG para a penúltima sílaba. Algumas variedades do Parakanã começam a deslocar o acento da última sílaba para a penúltima, mas trata-se de um

processo inicial, que tem afetado poucos nomes dissilábicos. Em outras línguas Tupí-Guaraní, que também mudaram o padrão original do acento, da última para a penúltima sílaba, ocorreu a queda total de consoantes finais como, por exemplo, foi o caso do Xetá (sub-ramo I), ou parcial, como em Avá-Guajá (sub-ramo VIII).

O Avá-Canoeiro, assim como as demais línguas do subramo IV, conservou as consoantes finais. O padrão silábico do Avá-Canoeiro é CVC, conforme observado por Borges (2006). Entretanto, há na língua um processo de “inserção vocálica” em final de palavra CVC_# (cf. BORGES, 2006, p.94; SILVA, 2015, p.69-71), produzindo um padrão inovador CV, que elimina a ocorrência de consoantes em final de palavra.

Com esse novo processo de inserção vocálica, verifica-se a redução da ocorrência de fonemas consonantais em posição de coda intrassilábica, permanecendo apenas reflexos do PTG *w e *j. Já em sílabas mediais e finais, mantêm-se as consoantes /p, t, ŋ, w, ɸ, j/. O processo de inserção vocálica, por um lado, altera o padrão de sílabas finais (que mudam de CVC > CV), e por outro contribui para a manutenção das antigas consoantes finais, as quais poderiam ter caído em decorrência da mudança do padrão acentual original do PTG que recaía na última sílaba⁵⁴³, para a penúltima.

Observamos que parte dos reflexos do PTG *tʃ e os reflexos do PTG *ts caíram em Avá-Canoeiro. Os reflexos do PTG *p^w se fundiram com os reflexos do PTG *k^w no PAV. Reflexos do PTG *p^j se fundiram com o PTG *tʃ no PAV. E, finalmente, observamos que reflexos do PTG *j resultaram em /dʒ/ no PAV. É interessante observar que parte dos reflexos do PAV */dʒ/ dessonorizaram-se na variedade do Av.C-A estudada por Harrison (1974), o que ilustra uma tendência de mudança para esse subgrupo da família Tupí-Guaraní. É digno de nota, no entanto, que as línguas Tenetehára possuem consoantes sonoras como /z/ e /d/, reflexos do PTG *j.

A nossa análise das mudanças fonológicas ocorridas em Avá-Canoeiro corroboram a análise de Rodrigues & Cabral (2002) do pertencimento da língua Avá-Canoeiro como pertencente ao subramo IV da família Tupí-Guaraní, segundo esses critérios fonológicos de mudanças compartilhadas.

⁵⁴³ Segundo Borges (2006, 102-105), a língua possui o acento primário não fonêmico previsível na penúltima sílaba, e, em palavras polissílabas, pode ocorrer um acento secundário anteriormente ao primário, intercalado por uma ou duas sílabas.

4.4 REFLEXOS DAS VOGAIS DO AV.C-A E AV.C-T DAS VOGAIS DO PTG

Apresentamos, nessa seção, um quadro de correspondências regulares entre vogais das variedades do Avá-Canoeiro, que nos levam à reconstrução das vogais do PAV, reflexos das vogais do PTG.

Quadro 18 - Fonemas vocálicos no PTG e reflexos no proto-Av.C, Av.C-A e Av.C-T

	PTG	PAV	Av.C-A	Av.C-T
1.a	*a	*a	a	a
1.b	*a	*ã	ã	a
1.c	*a	*o	o	o
1.d	*a	*a	i	a
1.e	a	*i	i	i
2.a	*e	*e	e	e
2.b	*e	*e	e	i
2.c	*e	*e	i	e
2.d	*e	*i	i	i
2.e	*e	*e	e	i
2.f	*e	*a	a	a
3.a	*i	*i	i	i
3.b	*i	*i	i	i
3.c	*i	*i	i	j
4.a	*i	*i	i	i
4.b	*i	*i	i	i
4.c	*i	*i	i	i
4.d	*i	*u	u	u

4.e	*i	ũ	ũ	ũ
5.a	*o	*o	o	o
5.b	*o	*o	o	u
5.c	*o	*a	a	a
6.a	*u	*u	u	u
6.b	*u	*u	ũ	---
7.a	*ã	*ã	ã	ã
7.b	*ã	*ã	ã	a
7.c	*ã	*ã / *a	a	a
8.	*ẽ	*e	e	e
9.	*ĩ	*i	i	i
10	*ĩ	*i	i	i
11.a	*õ	*õ	õ	õ
11.b	*õ	*o	o	o
11.c	*õ	*u	u	u
11.d	*õ	ũ	ũ	i
12.a	*ũ	*ũ	ũ	ũ
12.b	*ũ	*u	u	u
12.c	*ũ	*ũ	õ / u	u

1.a. PTG *a : PAV *a : Av.C-A a : Av.C-T a

PTG *aβati ‘milho’ : PAV *awat̥fi : Av.C-A awat̥fi ‘milho’⁵⁴⁴ : Av.C-T awat̥fi ‘milho’

PTG *-ajuk ‘veia’ : PAV *-adzuk : Av.C-A --- : Av.C-T -adzuk

⁵⁴⁴ (HARRISON, 1974, p.3)

PTG *ajuru ‘papagaio’ : PAV *adzuḱu : Av.C-A adzuyō⁵⁴⁵ : Av.C-T adzuḱu

PTG *-a-kaḱ ‘cabeça, lit.: osso redondo’ : PAV *-akiḱ : Av.C-A -akiḱ : Av.C-T -akiḱ

PTG *-akim ‘molhar’ : PAV *-akim : Av.C-A --- : Av.C-T -akim

PTG *akuti ‘cotia’ : PAV *akutji : Av.C-A akutji⁵⁴⁶ : Av.C-T aqutji

PTG *aman ‘chuva’ : PAV *amin : Av.C-A aman⁵⁴⁷ amin⁵⁴⁸ : Av.C-T amin

PTG *aminiju ‘algodão’ : *aminidzu : Av.C-A aminidzu⁵⁴⁹ : Av.C-T aminidzu

PTG *amõ ‘alguns’ : PAV *amo : Av.C-A --- : Av.C-T amo ‘outro(s)’

PTG *-amõj ‘avô’ : PAV *-amũj : Av.C-A -amũj : Av.C-T -amin

PTG *anira ‘morcego’ : PAV *iniḱa : Av.C-A iniḱa⁵⁵⁰ : Av.C-T iniḱa

PTG *aḱuja ‘rato’ : PAV *aḱuzi : Av.C-A aḱuzi ‘rato’⁵⁵¹ : Av.C-T aḱuzi

PTG *-apar ‘torto’ : PAV *-apaḱ : Av.C-A -apat⁵⁵² -apaḱ⁵⁵³ -apaḱ⁵⁵⁴ : Av.C-T apaḱ

PTG *-ape ‘costas’ : PAV *-ape : Av.C-A -ape⁵⁵⁵ : Av.C-T -ape

PTG *-apekũ ‘língua’ : PAV *-apekũ : Av.C-A -opekõ⁵⁵⁶ -apeku⁵⁵⁷ : Av.C-T apeku

PTG *-api ‘queimar’ : PAV *-api : Av.C-A -api⁵⁵⁸ : Av.C-T -api

⁵⁴⁵ (TORAL, 1984, p.9)

⁵⁴⁶ (TORAL, 1984, p.8)

⁵⁴⁷ (HARRISON, 1974, p.5)

⁵⁴⁸ (TORAL, 1984, p.3)

⁵⁴⁹ (PAIVA, 1996, p.22)

⁵⁵⁰ (BORGES, 2006, p.95)

⁵⁵¹ (BORGES, 2006, p.136)

⁵⁵² (HARRISON, 1974, p.5)

⁵⁵³ (TORAL, 1984, p.45)

⁵⁵⁴ (BORGES, 2006, p.309)

⁵⁵⁵ (BORGES, 2006, p.95)

⁵⁵⁶ (HARRISON, 1974, p.2)

⁵⁵⁷ (TORAL, 1984, p.17)

⁵⁵⁸ (BORGES, 2006, p.317)

PTG *-apik ‘sentar-se’ : PAV *-apik : Av.C-A -apik⁵⁵⁹ : Av.C-T -apik

PTG *-apitĩ ‘amarrar’ : PAV *-apĩtji : Av.C-A -apĩtji : Av.C-T ---

PTG *-apĩtsa ‘ouvido’ + *-k^war ‘buraco’ : PAV *-apĩa-k^wak ‘buraco da orelha’ : Av.C-A -apĩa-k^wiŷ⁵⁶⁰ : Av.C-T -apĩa-k^wak

PTG *-apo ‘fazer’ : PAV *-japo ‘fazer’ : Av.C-A a-japo⁵⁶¹ : Av.C-T a-japo ‘eu faço’

PTG *-ape ‘caminho’ : PAV *-ape : Av.C-A -ape : Av.C-T -ape

PTG *ar ‘sol, dia’ : PAV *ak : Av.C-A atl ‘sol’⁵⁶² aŷ ‘sol’⁵⁶³ ak ‘dia’⁵⁶⁴ : Av.C-T ak ‘sol, dia’

PTG *arar ‘arara’ : PAV *akak : Av.C-A arar⁵⁶⁵ : Av.C-T akak-un ‘arara azul’

PTG *arakur ‘saracura’ : PAV *akakuk : Av.C-A agaqug⁵⁶⁶ akakuk⁵⁶⁷ : Av.C-T akakuk ‘saracura, seriema’

PTG *-arukanj ‘costela’ : PAV *-akukij : Av.C-A --- : Av.C-T -akukij

PTG *-ata ‘andar’ : PAV *-ata : Av.C-A -ata⁵⁶⁸ : Av.C-T -ata

PTG *-atã ‘duro’ : PAV *-ata : Av.C-A -ata⁵⁶⁹ : Av.C-T -ata

PTG *-atiam ‘espirrar’ : PAV *-atjium ‘espirro’ : Av.C-A -asum⁵⁷⁰ -atjium⁵⁷¹ : Av.C-T -atjium⁵⁷² -atjium

PTG *-atiŷiβ ‘ombro’ : PAV *-atiw : Av.C-A --- : Av.C-T -pov-atiw ‘ombro’

⁵⁵⁹ (HARRISON, 1974, p.6)

⁵⁶⁰ (TORAL, 1984, p.18)

⁵⁶¹ (BORGES, 2006, p.313)

⁵⁶² (HARRISON, 1974, p.5)

⁵⁶³ (PAIVA, 1996, p.14)

⁵⁶⁴ (BORGES, 2006, p.312)

⁵⁶⁵ (BORGES, 2006, p.309)

⁵⁶⁶ (PAIVA, 1996, p.51)

⁵⁶⁷ (BORGES, 2006, p.59)

⁵⁶⁸ (HARRISON, 1974, p.7)

⁵⁶⁹ (BORGES, 2016, p.318)

⁵⁷⁰ (PAIVA, 1996, p.12)

⁵⁷¹ (PAIVA, 1996, p.37)

⁵⁷² (TORAL, 1984, p.25)

PTG *-atʃaβ ‘atravessar’ : PAV *-aw : Av.C-A -aw ‘atravessar’⁵⁷³ : Av.C-T ---

PTG *-atʃi ‘dor’ : PAV *-ai : Av.C-A -ai⁵⁷⁴ : Av.C-T -ai

PTG *aʔe ‘esse de quem se fala (dêítico)’ : PAV *ae : Av.C-A ae⁵⁷⁵ : Av.C-T aj

PTG *-aʔij ‘semente’ : -aĩj : Av.C-A -aņa ~ aĩa^{576 577} : Av.C-T ain ‘semente’

PTG *-atipi ‘bochecha’ : PAV *-atipi : Av.C-A --- : Av.C-T -atipa

PTG *-awak ‘virar-se’ : PAV *-wak : Av.C-A --- : Av.C-T -wak

PTG *-aʔir ‘filho (ego masculino)’ : PAV *-aiᵛ : Av.C-A -aiᵛ⁵⁷⁸ : Av.C-T -aiᵛ

PTG *-eimaβ ‘animal doméstico’ : PAV *-eimaw : Av.C-A -eimaw : Av.C-T -imaw

PTG *-epiak ‘ver’ : PAV *-etʃij ‘mirar, fitar’ : Av.C-A --- : Av.C-T -etʃij ‘mirar, fitar’

PTG *-eta ‘muito’ : PAV *-eta : Av.C-A -eta⁵⁷⁹ : Av.C-T -eta

PTG *-etam ‘aldeia’ : PAV *-etim : Av.C-A -etim ‘aldeia, casa’⁵⁸⁰ : Av.C-T -etim ‘aldeia, casa’

PTG *-etʃa ‘olho’ : PAV *-ea ‘olho’ : Av.C-A -e ‘teu olho’⁵⁸¹ -ea ‘meu olho’⁵⁸² : Av.C-T -ea

PTG *iņa ‘ingá’ : PAV *iņa : Av.C-A --- : Av.C-T iņa

PTG *ita ‘pedra’ : PAV *ita : Av.C-A ita^{583 584} : Av.C-T ita

⁵⁷³ (BORGES, 2006, p.58)

⁵⁷⁴ (BORGES, 2006, p.312)

⁵⁷⁵ (BORGES, 2006, p.193)

⁵⁷⁶ (PAIVA, 1996, p.18 e 20)

⁵⁷⁷ (BORGES, 2006, p.127)

⁵⁷⁸ (BORGES, 2006, p.302)

⁵⁷⁹ (BORGES, 2006, p.315)

⁵⁸⁰ (PAIVA, 1996, p.11; BORGES, 2006, p.308)

⁵⁸¹ (HARRISON, 1974, p.2)

⁵⁸² (BORGES, 2006, p.113)

⁵⁸³ (HARRISON, 1974, p.5)

⁵⁸⁴ (TORAL, 1984, p.2)

PTG *-iar ‘canoa’ : PAV *-iak : Av.C-A ita-iatl ‘canoa de metal dele’⁵⁸⁵ -iaγ ~ iaγ⁵⁸⁶ :
Av.C-T -iak

PTG *iβatiŋ ‘nuvem’ : PAV *iwaŋfĩŋ : Av.C-A uãtju⁵⁸⁷ iwaŋfĩŋ⁵⁸⁸ : Av.C-T iwaŋfĩŋ

PTG *-itaβ ‘nadar’ : PAV *-itaw : Av.C-A -itaw⁵⁸⁹ : Av.C-T -ita

PTG *iwak ‘céu’ : PAV *iwak : Av.C-A iwak⁵⁹⁰ : Av.C-T iwak

PTG *-iwate ‘alto’ : PAV *-iwate : Av.C-A -iwaŋfĩ⁵⁹¹ : Av.C-T -iwate

PTG *-iʔa ‘cabaça’ : PAV *-ia : Av.C-A -ia⁵⁹² : Av.C-T -ia

PTG *jaβeβir ‘arraia’ : PAV *dzawewiɁ : Av.C-A dza'wewiγλ⁵⁹³ : Av.C-T dzawewiɁ

PTG *jakare ‘jacaré’ : *dzakaɁe : Av.C-A tʃakati⁵⁹⁴ dzakare⁵⁹⁵ : Av.C-T dzaqaɁe⁵⁹⁶

PTG *jaki'ran ‘cigarra’ : PAV *ja'kiβin : Av.C-A jakigi'nũ ‘esp. de cigarra’ : Av.C-T
na'qiβin

PTG *jane ‘nós’ : PAV jane : Av.C-A janenupã ‘eles nos bateram’⁵⁹⁷ janiɁeβuɁ ‘nós
trouxemos água’⁵⁹⁸ : Av.C-T nani iaq'wẽĩ ‘nossa cabaça’

PTG *janipaβ ‘genipapo’ : PAV *janipaw : Av.C-A janipaw : Av.C-T nanipaw

PTG *janu ‘aranha’ : PAV *janu : Av.C-A janu : Av.C-T nanu

PTG *jateβuk ‘carrapato’ : PAV *dzateuk : Av.C-A dzateuk : Av.C-T dzatoq

⁵⁸⁵ (HARRISON, 1974, p.5)

⁵⁸⁶ (TORAL, 1984, p.45)

⁵⁸⁷ (PAIVA, 1996, p.32)

⁵⁸⁸ (BORGES, 2006, p.104)

⁵⁸⁹ (BORGES, 2006, p.304)

⁵⁹⁰ (HARRISON, 1974, p.4)

⁵⁹¹ (BORGES, 2006, p.319)

⁵⁹² (BORGES, 2006, p.309)

⁵⁹³ (TORAL, 1984, p.7)

⁵⁹⁴ (HARRISON, 1973, p.3)

⁵⁹⁵ (TORAL, 1984, p.8)

⁵⁹⁶ (TORAL, 1984, p.8)

⁵⁹⁷ (BORGES, 2006, p.157)

⁵⁹⁸ (BORGES, 2006, p.174)

PTG *jatita ‘caracol, caramujo’ : PAV *dzatita : Av.C-A jatita⁵⁹⁹ : Av.C-T dzatita

PTG *-jatsəʔo ‘chorar’ : PAV *-dzəo : Av.C-A -dzəo⁶⁰⁰ : Av.C-T -dzəew

PTG *jatĩ ‘lua’ : PAV *dzai : Av.C-A tʃai⁶⁰¹ ʒai⁶⁰² : Av.C-T dzai

PTG *jatʃitata ‘estrela’ : PAV *dzaitata ‘estrela (lit.: lua de fogo)’ : Av.C-A tʃaitata⁶⁰³
dzaitata⁶⁰⁴ : Av.C-T dzaitata

PTG *jəwar ‘onça’ : PAV *dzəwəwə ‘cachorro’ : Av.C-A tʃəwətʃ⁶⁰⁵ dzəwəwəl dzəwəwə-a⁶⁰⁶ :
Av.C-T zəwəwəwə-a

PTG *-jaʔē ‘panela’ : PAV *-nāe ~ -jāe : Av.C-A ita-jai ‘panela de metal’⁶⁰⁷ jāe-pepu ~
nāe-pepu ‘panela, prato’⁶⁰⁸ : Av.C-T -naj ‘panela de barro’

PTG *-jiβa ‘braço’ : PAV *-dzɨwa : Av.C-A --- : Av.C-T -dzɨwa ‘meu braço’

PTG *-juka ‘matar’ : *-dzuka : Av.C-A -tʃuka⁶⁰⁹ -dzuka⁶¹⁰ : Av.C-T -dzuka

PTG *juta-iβ ‘jacobá’ : PAV *dzuta-iw : Av.C-A dzuta-iw : Av.C-T zuta-iw

PTG *-kaβ ‘banha’ : PAV *kaw : Av.C-A -kaw⁶¹¹ : Av.C-T -qaw

PTG *kaβ ‘vespa’ : PAV *kaw : Av.C-A kaw ‘vespa’⁶¹² : Av.C-T qaw-adzu ‘esp. vespa
amarela’

PTG *-kaj ‘queimar’ : PAV *-kaj : Av.C-A -kaj⁶¹³ : Av.C-T -qaj

⁵⁹⁹ (BORGES, 2006, p.88)

⁶⁰⁰ (TORAL, 1984, p.33)

⁶⁰¹ (HARRISON, 1973, p.5)

⁶⁰² (BORGES, 2006, p.225)

⁶⁰³ (HARRISON, 1974, p.5)

⁶⁰⁴ (PAIVA, 1996, p.51)

⁶⁰⁵ (HARRISON, 1973, p.3)

⁶⁰⁶ (TORAL, 1984, p.7)

⁶⁰⁷ (TORAL, 1984, p.50)

⁶⁰⁸ (BORGES, 2006, p.77)

⁶⁰⁹ (HARRISON, 1974, p.8)

⁶¹⁰ (TORAL, 1984, p.24)

⁶¹¹ (HARRISON, 1974, p.6)

⁶¹² (PAIVA, 1996, p.11)

⁶¹³ (BORGES, 2006, p.317)

PTG *-kajim ‘perder’ : PAV *-kajim ‘perder, esquecer’ : Av.C-A --- : Av.C-T -qanim ‘perder, esquecer’

PTG *-kam ‘seio’ : PAV *-kim : Av.C-A kim⁶¹⁴ : Av.C-T -qim

PTG *kanine ‘caniné’ : PAV *kanine : Av.C-A kanine ‘maritaca’⁶¹⁵ : Av.C-T kanini

PTG *-kaŋ ‘osso’ : PAV *-kiŋ : Av.C-A -kiŋ⁶¹⁶ : Av.C-T -qiŋ

PTG *kapiʔi ‘capim’ : PAV *kapi : Av.C-A kapi⁶¹⁷ : Av.C-T qapi

PTG *kapiʔiβar ‘capivara’ : PAV *kapiwaβ-a : Av.C-A kapiwaŋ-a : Av.C-T qapiwaβ-a

PTG *kara ‘cará’ : PAV *kaβa : Av.C-A kaβa⁶¹⁸ : Av.C-T qaβa

PTG *-karāj ‘arranhar’ : PAV *kaβaj : Av.C-A -kaβaj⁶¹⁹ : Av.C-T -qaβaj

PTG *-karuk ‘urinar’ : PAV *kaβuk : Av.C-A -kaβu⁶²⁰ -kaβuk⁶²¹ : Av.C-T -qaβuq

PTG *-katu ‘bom’ : PAV *-katu : Av.C-A -katu : Av.C-T -qatu

PTG *kaʔa ‘mato, mata’ : PAV *ka : Av.C-A ka⁶²² : Av.C-T ka

PTG *kaʔi ‘macaco prego’ : PAV *kai : Av.C-A kai ~ qai : Av.C-T qaj

PTG *-kita ‘verruca’ : PAV *-kita : Av.C-A --- : Av.C-T -qita

PTG *-kitsaβ ‘rede’ : PAV *-kiaw : Av.C-A -kiaw⁶²³ : - Av.C-T -qiaw

PTG *kujatāj ‘menina’ : PAV *kujatāi : Av.C-A kujātāi ‘menina’⁶²⁴ : Av.C-T ku'nataj

⁶¹⁴ (TORAL, 1984, p.18)

⁶¹⁵ (BORGES, 2006, p.315)

⁶¹⁶ (TORAL, 1984, p.20)

⁶¹⁷ (HARRISON, 1974, p.4)

⁶¹⁸ (BORGES, 2006, p.133)

⁶¹⁹ (BORGES, 2006, p.172)

⁶²⁰ (TORAL, 1984, p.22)

⁶²¹ (BORGES, 2006, p.192)

⁶²² (HARRISON, 1974, p.4)

⁶²³ (TORAL, 1984, p.46)

⁶²⁴ (HARRISON, 1974, p.6)

PTG *kuimaʔe ‘homem’ : PAV *kuimae : Av.C-A kuimae-wu⁶²⁵ : Av.C-T kuimae-yu⁶²⁶

PTG *kumana ‘feijão’ : PAV *qumana : Av.C-A qumana⁶²⁷ : Av.C-T qumana

PTG *-kuuaβ : PAV *-kuim : --- : -qui ‘saber, conhecer’

PTG *-kwar ‘buraco’ : PAV *-kwaκ : Av.C-A -kwaκ ~ kwar⁶²⁸ : Av.C-T -qwaκ

PTG *kwaratʃi ‘sol’ : PAV *kwaκai : Av.C-A kwaκ⁶²⁹ : Av.C-T qwaκai

PTG *kwati ‘quati’ : PAV *kwatʃi : Av.C-A kwatʃi⁶³⁰ : Av.C-T qwatʃi

PTG *-kwatiar ‘desenhar’ : PAV *-kwatʃiaκ : Av.C-A -kwatʃiaκ⁶³¹ : Av.C-T -qwatʃiaκ

PTG *maniʔok ‘mandioca’ : PAV *maniok : Av.C-A maniok⁶³² : Av.C-T manioq

PTG *-manõ ‘morrer’ : PAV *-minu : Av.C-A -minu⁶³³ : Av.C-T o-minu

PTG *marakaja ‘gato maracajá’ : Av.C-A maκakadza⁶³⁴ ‘gato-do-mato’ : Av.C-T maκaqadza ‘jaguaririca’

PTG *-maʔe ‘coisa’ : PAV *-mae : Av.C-A bae ~ mbai⁶³⁵ : Av.C-T mae ~ maj

PTG *-moakuβ ‘esquentar’ : PAV *-moakup : Av.C-A -moakup⁶³⁶ : Av.C-T -maku ‘eu esquento’

PTG *-moapik ‘cozinhar’ : PAV *mapik : Av.C-A m^mbapik ~ mapik ‘ela cozinhou’ : Av.C-T -mapiq

PTG *-mokaʔẽ ‘moquear’ : PAV *-mokae : Av.C-A --- : Av.C-T -mokae

⁶²⁵ (TORAL, 1984, p.35)

⁶²⁶ (TORAL, 1984, p.35)

⁶²⁷ (PAIVA, 1996, p.12)

⁶²⁸ (BORGES, 2006, p.60)

⁶²⁹ (BORGES, 2006, p.306)

⁶³⁰ (BORGES, 2006, p.317)

⁶³¹ (BORGES, 2006, p.312)

⁶³² (HARRISON, 1974, p.8)

⁶³³ (TORAL, 1984, p.24)

⁶³⁴ (BORGES, 2006, p.313)

⁶³⁵ (TORAL, 1984, p.47-48)

⁶³⁶ (BORGES, 2006, p.312)

PTG *-moroitʃaŋ ‘esfriar’ : PAV *-βοίαŋ ‘ter frescor’ : Av.C-A --- : Av.C-T i-λοίαŋ ‘frescor dele (do meu joelho)’

PTG *motsapir ‘três’ : PAV *μοαριϕ : Av.C-A μοαραβιν⁶³⁷ : Av.C-T ‘μαριϕ

PTG *-οβα ‘rosto, face’ : PAV *-owa : Av.C-A -owa⁶³⁸ : Av.C-T ---

PTG *-παβ ‘acabar’ : PAV *-πιμ : Av.C-A -πιμ⁶³⁹ : Av.C-T -πι

PTG *-paje ‘pajé’ : PAV *-padzi : Av.C-A --- : Av.C-T -padzi ‘ter pajé, dar choque’

PTG *pak ‘paca’ : PAV *pak : Av.C-A pak⁶⁴⁰ : Av.C-T paq

PTG *-pak ‘acordar’ : PAV *-pak : Av.C-A -pak⁶⁴¹ : Av.C-T paq

PTG *panam ‘borboleta’ : PAV *panim : Av.C-A panim : Av.C-T panim

PTG *panem ‘azar com’ : PAV *pane ‘lusivo’ : Av.C-A --- : Av.C-T pane ‘lusivo’

PTG *ρακανã ‘rio caudaloso’ : PAV *ρακανα : Av.C-A --- : Av.C-T ρακανα

PTG *-pina ‘anzol’ : PAV *-pina : Av.C-A -pina : Av.C-T -ita-pina ‘anzol de metal’

PTG *pira ‘peixe’ : PAV *πιλα : Av.C-A pitla⁶⁴² e πιλα⁶⁴³ : Av.C-T pidle

PTG *-piran ‘vermelho’ : PAV *-πιλιη : Av.C-A -pilaũ⁶⁴⁴ -πιριη⁶⁴⁵ : Av.C-T -πιλιη

PTG *-pitan ‘criança’ : PAV *-πιτιη : Av.C-A mitiη⁶⁴⁶ ‘criança de gente’ : Av.C-T -πιτιη

PTG *pikatju ‘pombo’ : PAV *πικαω : Av.C-A πικιω⁶⁴⁷ : Av.C-T πικαω

⁶³⁷ (BORGES, 2006, p.320)

⁶³⁸ (BORGES, 2006, p.313)

⁶³⁹ (BORGES, 2006, p.165)

⁶⁴⁰ (BORGES, 2006, p.139)

⁶⁴¹ (BORGES, 2006, p.157)

⁶⁴² (HARRISON, 1974, p.4)

⁶⁴³ (TORAL, 1984, p.9)

⁶⁴⁴ (PAIVA, 1996, p.39)

⁶⁴⁵ (BORGES, 2006, p.66)

⁶⁴⁶ (BORGES, 2006, p.309)

⁶⁴⁷ (TORAL, 1984, p.8)

PTG *-pitaŋ ‘vermelho’ : PAV *-pitiŋ : Av.C-A -pitiŋ⁶⁴⁸ : Av.C-T -pitiŋ

PTG *pitsaβ ‘noite’ : PAV *piadzi : Av.C-A piadza⁶⁴⁹ : Av.C-T piadzi

PTG *pitsaβ ‘noite’ : PAV *piadzi : Av.C-A piadza⁶⁵⁰ : Av.C-T piadzi

PTG *-pitsatsu ‘novo’ : PAV *-piaw : Av.C-A -piaw⁶⁵¹ : Av.C-T -piaw

PTG *-poka ‘torcer’ : PAV *-poka : Av.C-A -poka⁶⁵² : Av.C-T -poqa

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-poβaj : Av.C-A -poβaj⁶⁵³ : Av.C-T -poβaj

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-potʃia : Av.C-A -potsi⁶⁵⁴ -potʃia⁶⁵⁵ : Av.C-T -potʃi

PTG *-potsaŋ ‘remédio’ : PAV *-poiŋ : Av.C-A --- : Av.C-T moiŋa ‘remédio de gente’

PTG *-puka ‘rir’ : PAV *-puka : Av.C-A -puka : Av.C-T -puqa

PTG *-puʔam ‘levantar’ : PAV *-puim : Av.C-A -puim⁶⁵⁶ : Av.C-T -puim

PTG *-p^war ‘amarrar’ : PAV *-k^wiβ : Av.C-A -jo-k^wiβ ‘amarrar’⁶⁵⁷ : Av.C-T -q^wiβ ‘amarrar’

PTG *-ramo ‘agora’ : PAV *eiłamo : Av.C-A eiłima⁶⁵⁸ : Av.C-T eiłamote ‘agora’

PTG *taitetu ‘cateto, porco do mato’ : PAV *taitetu : Av.C-A --- : Av.C-T taitetu

PTG *tajatʃu ‘porcão’ : PAV *tadzau : Av.C-A tajau⁶⁵⁹ : Av.C-T tadzau

PTG *tak^war ‘bambú, taquara’ : PAV *tak^waβ : Av.C-A tak^waβ : Av.C-T taq^waβ

⁶⁴⁸ (BORGES, 2009, p.307)

⁶⁴⁹ (TORAL, 1984, p.15)

⁶⁵⁰ (TORAL, 1984, p.15)

⁶⁵¹ (PAIVA, 1996, p.51)

⁶⁵² (BORGES, 2006, p.73)

⁶⁵³ (BORGES, 2006, p.183)

⁶⁵⁴ (HARRISON, 1974, p.2)

⁶⁵⁵ (TORAL, 1984, p.18)

⁶⁵⁶ (BORGES, 2006, p.148)

⁶⁵⁷ (BORGES, 2006, p.308)

⁶⁵⁸ (TORAL, 1984, p.15)

⁶⁵⁹ (TORAL, 1984, p.10)

PTG *tamanuʔa ‘tamanduá’ : PAV *tamanua : Av.C-A tamanoa⁶⁶⁰ : Av.C-T tamanua-уш
‘tamanduá bandeira’

PTG *tapiʔir ‘anta’ : PAV *tapiʔ : Av.C-A tapitʔ⁶⁶¹ tapiʔ-a⁶⁶² : Av.C-T tapiʔ-a

PTG *tapiti ‘coelho’ : PAV *tapitʔi : Av.C-A tapitʔi⁶⁶³ : Av.C-T tapitʔi

PTG *taraβe ‘barata’ : PAV *takape : Av.C-A takape-βape : Av.C-T tak-a-takape

PTG *taraʔir ‘traíra’ : PAV *talew-βu ‘esp. de traíra’ : Av.C-A tarew-βu : Av.C-T talew-
βu

PTG *-ata ‘fogo’ : PAV *-ata : Av.C-A -ata^{664 665} : Av.C-T -ata

PTG *-atapʔij ‘brasa’ : PAV *-atapʔij : Av.C-A --- : Av.C-T -atapʔin-a ‘brasa’

PTG *-atatiŋ ‘fumaça’ : PAV *-atatʔiŋ ‘fumaça, lit.: branco do fogo’ : -atatʔi⁶⁶⁶ -atatʔiŋ⁶⁶⁷ :
Av.C-T -atatʔiŋ

PTG *tatu ‘tatu’ : PAV *tatu : Av.C-A tatu⁶⁶⁸ : Av.C-T tatu

PTG *tatsiβ ‘formiga’ : PAV *taiw : Av.C-A taiβ-i⁶⁶⁹ : Av.C-T taiw

PTG *tukan ‘tucano’ : PAV *tukin : Av.C-A tukin⁶⁷⁰ : Av.C-T tuqin

PTG *-tsaβ ‘pluma’ : PAV *-aw : Av.C-A --- : Av.C-T -aw

PTG *-tʃam ‘corda’ : PAV *-am : Av.C-A -tupa-am ‘corda’⁶⁷¹ : Av.C-T -im ‘cordaalça’

⁶⁶⁰ (BORGES, 2006, p.135)

⁶⁶¹ (HARRISON, 1974, p.3)

⁶⁶² (TORAL, 1984, p.6)

⁶⁶³ (BORGES, 2006, p.311)

⁶⁶⁴ (HARRISON, 1974, p.6)

⁶⁶⁵ (TORAL, 1984, p.5)

⁶⁶⁶ (HARRISON, 1974, p.6)

⁶⁶⁷ (TORAL, 1984, p.5)

⁶⁶⁸ (BORGES, 2006, p.306)

⁶⁶⁹ (PAIVA, 1996, p.21)

⁶⁷⁰ (BORGES, 2006, p.320)

⁶⁷¹ (HARRISON, 1974, p.5)

PTG *-uβitsaβ ‘grande’ : PAV *-uiaw : Av.C-A -uiaw⁶⁷² : Av.C-T -uiaw

PTG *-uŋuʔa ‘pilão’ : PAV *-uŋua : Av.C-A -uŋua⁶⁷³ : Av.C-T ---

PTG *-upiʔa ‘ovo’ : PAV *-upia : Av.C-A -upia⁶⁷⁴ : Av.C-T -upia

PTG *-waja ‘rabo’ : PAV *-ɣwadʒa : Av.C-A -ɣwaja ‘rabo’⁶⁷⁵ : Av.C-T -ɸwadʒa

PTG *wariβ ‘guariba’ : PAV *waɫiw : Av.C-A watɫiw⁶⁷⁶ warua : Av.C-T waɫew

PTG *watʃu ‘veado’ : PAV *watʃu : Av.C-A watʃu : Av.C-T watʃu

PTG *-watʃu ‘grande’ : PAV *-watʃu : Av.C-A -watʃu⁶⁷⁷ : Av.C-T ita-ɣwatʃu ‘pedra grande’⁶⁷⁸

PTG *wira ‘pássaro’ : PAV *wɪɸa : Av.C-A wɪɸa⁶⁷⁹ βɪɸa ~ wɪɸi⁶⁸⁰ : Av.C-T ɸwɪɸa

PTG *-ʔaŋ ‘sombra’ : PAV *-iŋ : Av.C-A --- : Av.C-T -iŋ ‘sombra’

PTG *-ʔaβ ‘deitar’ : PAV *-im : Av.C-A -im⁶⁸¹ : Av.C-T -im

1.b PTG *a : PAV ã : Av.C-A ã : Av.C-T ã ~ a

PTG *-atĩ ‘chifre’ : PAV *-ãtʃi : Av.C-A -ãtsi⁶⁸² -ãtʃi⁶⁸³ : Av.C-T -ãtʃi

PTG *-jaʔẽ ‘panela’ : PAV *-jãe ~ -jãe : Av.C-A ita-jai ‘panela de metal’⁶⁸⁴ jãe-pepu ~ jãe-pepu ‘panela, prato’⁶⁸⁵ : Av.C-T -naj ‘panela de barro’

⁶⁷² (BORGES, 2006, p.302)

⁶⁷³ (BORGES, 2006, p.317)

⁶⁷⁴ (PAIVA, 1996, p.48)

⁶⁷⁵ (TORAL, 1984, p.10)

⁶⁷⁶ (HARRISON, 1974, p.3)

⁶⁷⁷ (PAIVA, 1996, p.55)

⁶⁷⁸ (TORAL, 1984, p.2)

⁶⁷⁹ (PAIVA, 1996, p.53)

⁶⁸⁰ (BORGES, 2006, p.87)

⁶⁸¹ (BORGES, 2006, p.311)

⁶⁸² (HARRISON, 1974, p.3)

⁶⁸³ (TORAL, 1984, p.16)

⁶⁸⁴ (TORAL, 1984, p.50)

⁶⁸⁵ (BORGES, 2006, p.77)

1.c. PTG *a : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T o

PTG *purake ‘poraquê’ : PAV *povoke: Av.C-A povoke⁶⁸⁶ ‘enguia’ : Av.C-T povoke

1.d. PTG *a : PAV *a : Av.C-A i : Av.C-T a

PTG *-ʔar ‘cair’ : PAV *-aʔ : Av.C-A -iʔ ‘cair, nascer’⁶⁸⁷ : Av.C-T -aʔ

PTG *aman ‘chuva’ : PAV *amin : Av.C-A aman⁶⁸⁸ amin⁶⁸⁹ : Av.C-T amin

1.e. PTG *a : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *jatiʔũ ‘mosquito’ : PAV *dʒitʃiũ : Av.C-A tʃiu⁶⁹⁰ : Av.C-T ni'tʃiw

2.a. PTG *e : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T e

PTG *-ape ‘costas’ : PAV *-ape : Av.C-A -ape⁶⁹¹ : Av.C-T -ape

PTG *-ape ‘caminho’ : PAV *-ape : Av.C-A -ape : Av.C-T -ape

PTG *-apekũ ‘língua’ : PAV *-apekũ : Av.C-A -opekõ⁶⁹² -apeku⁶⁹³ : Av.C-T apeku

PTG *-βεβε ‘voar’ : PAV *-wewe : Av.C-A -βεβε ~ wewe ~ -gʷegʷe⁶⁹⁴ : Av.C-T -βʷeβʷe

⁶⁸⁶ (TORAL, 1984, p.8)

⁶⁸⁷ (BORGES, 2006, p.310)

⁶⁸⁸ (HARRISON, 1974, p.5)

⁶⁸⁹ (TORAL, 1984, p.3)

⁶⁹⁰ (BORGES, 2006, p.315)

⁶⁹¹ (BORGES, 2006, p.95)

⁶⁹² (HARRISON, 1974, p.2)

⁶⁹³ (TORAL, 1984, p.17)

⁶⁹⁴ (BORGES, 2006, p.87)

PTG *-βeβij ‘boiar, ser leve’ : PAV *-wewij : Av.C-A -wewij ~ -βewij⁶⁹⁵ : Av.C-T ---

PTG *-eβir ‘bunda’ : PAV *-epil : Av.C-A --- : Av.C-T -epilz-an

PTG *eir ‘abelha’ : PAV *eiλ : Av.C-A eitl⁶⁹⁶ eiλ⁶⁹⁷ : Av.C-T e'i:dλ ~ eidz ‘abelha’

PTG *-enōj ‘chamar’ : PAV *-enōj : Av.C-A -enōj ‘ele chamou’⁶⁹⁸ : Av.C-T -enōj

PTG *-epoti ‘fezes’ : PAV *-epotji : Av.C-A -epotji⁶⁹⁹ : Av.C-T -epotji

PTG *-epiak ‘ver’ : PAV *-etjiñ ‘mirar, fitar’ : Av.C-A --- : Av.C-T -etjiñ ‘mirar, fitar’

PTG *-er ‘nome’ : PAV *-eϑ : Av.C-A -eϑa⁷⁰⁰ : Av.C-T -eϑ

PTG *-eta ‘muito’ : PAV *-eta : Av.C-A -eta⁷⁰¹ : Av.C-T -eta

PTG *-etam ‘aldeia’ : PAV *-etim : Av.C-A -etim ‘aldeia, casa’⁷⁰² : Av.C-T -etim ‘aldeia, casa’

PTG *-etimã ‘canela’ : PAV *-etimã : Av.C-A -tima⁷⁰³ -etimã⁷⁰⁴ : Av.C-T -etima

PTG *-etun ‘cheirar’ : PAV *-etun : Av.C-A -etun : Av.C-T -etun

PTG *-etja ‘olho’ : PAV *-ea ‘olho’ : Av.C-A -e ‘teu olho’⁷⁰⁵ -ea ‘meu olho’⁷⁰⁶ : Av.C-T -ea

PTG *-ikie ‘entrar’ : PAV *-ike : -ike⁷⁰⁷ : Av.C-T -ike

⁶⁹⁵ (BORGES, 2006, p.91)

⁶⁹⁶ (HARRISON, 1974, p.6)

⁶⁹⁷ (PAIVA, 1996, p.55)

⁶⁹⁸ (BORGES, 2006, p.95)

⁶⁹⁹ (BORGES, 2006, p.111)

⁷⁰⁰ (BORGES, 2006, p.315)

⁷⁰¹ (BORGES, 2006, p.315)

⁷⁰² (PAIVA, 1996, p.11; BORGES, 2006, p.308)

⁷⁰³ (TORAL, 1984, p.19)

⁷⁰⁴ (BORGES, 2006, p.317)

⁷⁰⁵ (HARRISON, 1974, p.2)

⁷⁰⁶ (BORGES, 2006, p.113)

⁷⁰⁷ (BORGES, 2006, p.115)

PTG *ipek ‘pato’ : PAV *ipek : Av.C-A ipek⁷⁰⁸ ‘pato’ : Av.C-T ipek

PTG *-iwate ‘alto’ : PAV *-iwate : Av.C-A -iwatjĩ⁷⁰⁹ : Av.C-T -iwate

PTG *jaβeβir ‘arraia’ : PAV *dzawewiᵛ : Av.C-A dza’wewiyɫ⁷¹⁰ : Av.C-T dzawewiᵛ

PTG *jakare ‘jacaré’ : *dzakaʎe : Av.C-A tʃakatĩ⁷¹¹ dzakare⁷¹² : Av.C-T dzaqaʎe⁷¹³

PTG *-jatseʔo ‘chorar’ : PAV *-dzaeo : Av.C-A -dzaeo⁷¹⁴ : Av.C-T -dzaew

PTG *-jeʔej ‘falar’ : PAV *-nej : Av.C-A nej : Av.C-T -nej

PTG *-kitʃe ‘faca’ : PAV *-kie : Av.C-A -ita-ki ‘faca de metal’⁷¹⁵ ita-ke ‘faca de metal’⁷¹⁶ -
kie ‘faca’⁷¹⁷ : Av.C-T -qie ‘faca’

PTG *kuimaʔe ‘homem’ : PAV *kuimae : Av.C-A kuimae-wu⁷¹⁸ : Av.C-T kuimae-γu⁷¹⁹

PTG *-kupe ‘dorso, costas’ : PAV *-kupe : Av.C-A -kupe⁷²⁰ : Av.C-T -qupe

PTG *-maʔe ‘coisa’ : PAV *-mae : Av.C-A bae ~ m̃bai⁷²¹ : Av.C-T mae ~ maj

PTG *-memir ‘filho (ego feminino)’ : PAV *-memiᵛ : Av.C-A -memiᵛ : Av.C-T -memiᵛ

PTG *-men ‘marido’ : PAV *-men : Av.C-A -men⁷²² : Av.C-T -men

PTG *meru ‘mosca’ : PAV *meᵛu : Av.C-A beᵛu⁷²³ : Av.C-T meᵛu ‘mosca’

⁷⁰⁸ (BORGES, 2006, p.117)

⁷⁰⁹ (BORGES, 2006, p.319)

⁷¹⁰ (TORAL, 1984, p.7)

⁷¹¹ (HARRISON, 1973, p.3)

⁷¹² (TORAL, 1984, p.8)

⁷¹³ (TORAL, 1984, p.8)

⁷¹⁴ (TORAL, 1984, p.33)

⁷¹⁵ (HARRISON, 1974, p.5)

⁷¹⁶ (TORAL, 1984, p.43)

⁷¹⁷ (BORGES, 2006, p.313)

⁷¹⁸ (TORAL, 1984, p.35)

⁷¹⁹ (TORAL, 1984, p.35)

⁷²⁰ (HARRISON, 1974, p.2)

⁷²¹ (TORAL, 1984, p.47-48)

⁷²² (BORGES, 2006, p.315)

⁷²³ (TORAL, 1984, p.7)

PTG *-momeʔu ‘contar’ : PAV *-momew : Av.C-A -momew⁷²⁴ : Av.C-T -momew

PTG *-mo-pen ‘quebrar’ : PAV *-pen : Av.C-A --- : Av.C-T -pen

PTG *-mo-weβ ‘apagar’ : PAV *-mo-we : Av.C-A -wew⁷²⁵ : Av.C-T -mo-βwe

PTG *ne ‘teu’ + *r ‘R¹’ + *āj ‘dente’ : PAV *neʔāj ‘teu dente’ : Av.C-A netlāj⁷²⁶ neʔae⁷²⁷
niŋj : Av.C-T neʔin

PTG *-nem : PAV *-nem : Av.C-A -nem ‘podre’ : Av.C-T -nim ‘estragado, podre’

PTG *ojepeteĩ ‘um’ : PAV *dʒepe : Av.C-A mepenoin⁷²⁸ : Av.C-T nepe ‘um’

PTG *panem ‘azar com’ : PAV *pane ‘lusivo’ : Av.C-A --- : Av.C-T pane ‘lusivo’

PTG *-pe ‘em, a (locativo pontual)’ : PAV *-pe : Av.C-A -pe : Av.C-T -pe

PTG *pe ‘aquele, aquilo (dêítico)’ : PAV *pe : Av.C-A pe : Av.C-T pe

PTG *-peβ ‘chato, plano’ : PAV *-pep : Av.C-A -pep⁷²⁹ : Av.C-T -pew

PTG *-pepo ‘asa’ : PAV *-pepo : Av.C-A -pepo : Av.C-T -pepu

PTG *-petim ‘fumo, tabaco’ : PAV *-petim : Av.C-A -petim : Av.C-T -petim

PTG *-pipe ‘dentro, inessivo (posposição)’ : PAV *-pupe : Av.C-A -pupe : Av.C-T -pupe

PTG *-poãpe ‘unha’ : PAV *-pape : Av.C-A --- : Av.C-T i-pape ‘unha dele’

PTG *purake ‘poraquê’ : PAV *povoke : Av.C-A povoke⁷³⁰ ‘enguia’ : Av.C-T povoke

PTG *taitetu ‘cateto, porco do mato’ : PAV *taitetu : Av.C-A --- : Av.C-T taitetu

PTG *taraβe ‘barata’ : PAV *tavape : Av.C-A tavape-βape : Av.C-T taβa-tavape

⁷²⁴ (BORGES, 2006, p.90)

⁷²⁵ (BORGES, 2006, p.308)

⁷²⁶ (HARRISON, 1974, p.2)

⁷²⁷ (TORAL, 1984, p.17)

⁷²⁸ (BORGES, 2006, p.105)

⁷²⁹ (BORGES, 2006, p.94)

⁷³⁰ (TORAL, 1984, p.8)

PTG *-tʃem ‘chegar’: PAV *-em : Av.C-A -em ‘sair’⁷³¹ : Av.C-T -em ‘chegar, sair’

PTG *-weʒen ‘vomitar’: PAV *-wen : Av.C-A -wen⁷³² : Av.C-T -wen

2.b. PTG *e : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T i

PTG *aʒe ‘esse de quem se fala (dêitico)’: PAV *ae : Av.C-A ae⁷³³ : Av.C-T aj

PTG *ene ‘tu, você’: PAV *ene : Av.C-A eⁿde ~ ene⁷³⁴ : Av.C-T ni

PTG *itʃe ‘eu (pron. indep. 1^ap.sg.)’: PAV *itʃe : Av.C-A itʃe : Av.C-T tʃi

PTG *jane ‘nós’: PAV jane : Av.C-A janenupã ‘eles nos bateram’⁷³⁵ janirekur ‘nós trouxemos água’⁷³⁶ : Av.C-T nani iaq^wɛɪ ‘nossa cabaça’

PTG *je ‘reflexivo’: PAV *dʒe : Av.C-A am o-tʃe-piak ‘esse caiu’⁷³⁷ o-dze-piak ‘ele caiu’⁷³⁸ eʎe-dze-ki-kiɪaj⁷³⁹ ‘você se coçou, se arranhou’: Av.C-T o-dzi-piʒok-pi ‘ele se descascou completamente (o ovo)’

PTG *-jeβir ‘voltar, retornar’: PAV *-dʒewiɪ : Av.C-A -dʒewiɪ⁷⁴⁰ : Av.C-T -dziwiɪ

PTG *-jereβ ‘virar’: PAV *-dziʎew : Av.C-A --- : Av.C-T -dziʎei

PTG *-jeupir ‘subir’: PAV *-dʒeupiɪ : Av.C-A -dʒeupir⁷⁴¹ : Av.C-T -dziupidʒ

PTG *kanine ‘canindé’: PAV *kanine : Av.C-A kanine ‘maritaca’⁷⁴² : Av.C-T kanini

⁷³¹ (BORGES, 2006, p.318)

⁷³² (BORGES, 2006, p.320)

⁷³³ (BORGES, 2006, p.193)

⁷³⁴ (BORGES, 2006, p.83)

⁷³⁵ (BORGES, 2006, p.157)

⁷³⁶ (BORGES, 2006, p.174)

⁷³⁷ (HARRISON, 1974, p.8)

⁷³⁸ (TORAL, 1984, p.30)

⁷³⁹ (BORGES, 2006, p.172)

⁷⁴⁰ (TORAL, 1986, p.31)

⁷⁴¹ (BORGES, 2006, p.125)

⁷⁴² (BORGES, 2006, p.315)

PTG *-paje ‘pajé’ : PAV *-padzi : Av.C-A --- : Av.C-T -padzi ‘ter pajé, dar choque’

2.c. PTG *e : PAV *e : Av.C-A i : Av.C-T e

PTG *-emi-ʔu ‘comida’ : PAV *-emi-u : Av.C-A -imi-u : Av.C-T -emi-u ‘comida’

2.d. PTG *e : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-pina-etik ‘jogar anzol’ : PAV *-pin-itʃik : Av.C-A -pin-itʃik ‘jogar anzol’ : Av.C-T -ita-pin-itʃik ‘jogar anzol de metal’

PTG *-eko ‘viver’ : PAV *-iko : Av.C-A -iko⁷⁴³ : Av.C-T -iqo

2.e. PTG *e : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T i

PTG *-kier ‘dormir’ : PAV *-keɤ : Av.C-A -ketʃ⁷⁴⁴ -keɤ⁷⁴⁵ -keɤ ~ keɤ⁷⁴⁶ : Av.C-T -qikɤ

2.f. PTG *e : PAV *a : Av.C-A a : Av.C-T a

PTG *-enuβ ‘ouvrir’ : PAV *-anu : Av.C-A -anu⁷⁴⁷ : Av.C-T -anu

⁷⁴³ (BORGES, 2006, p.320)

⁷⁴⁴ (HARRISON, 1974, p.6)

⁷⁴⁵ (TORAL, 1984, p.2)

⁷⁴⁶ (BORGES, 2006, p.60)

⁷⁴⁷ (PAIVA, 1996, p.52)

3.a. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *aβati ‘milho’ : PAV *awatfī : Av.C-A awatfī ‘milho’⁷⁴⁸ : Av.C-T awatfī ‘milho’

PTG *akuti ‘cotia’ : PAV *akutfī : Av.C-A akutfī⁷⁴⁹ : Av.C-T aqutfī

PTG *-eβir ‘bunda’ : PAV *-epiλ : Av.C-A --- : Av.C-T -epiλ-aŋ

PTG *eir ‘abelha’ : PAV *eiλ : Av.C-A eitl⁷⁵⁰ eiλ⁷⁵¹ : Av.C-T e'i:dλ ~ eidλ ‘abelha’

PTG *-emi-r-eko ‘esposa, lit.: a que faço viver comigo’ : PAV *-emi-λ-eko : Av.C-A -emireqo : Av.C-T emidλequ

PTG *-emi-ʔu ‘comida’ : PAV *-emi-u : Av.C-A -imi-u : Av.C-T -emi-u ‘comida’

PTG *-epoti ‘fezes’ : PAV *-epotfī : Av.C-A -epotfī⁷⁵² : Av.C-T -epotfī

PTG *-ikje ‘entrar’ : PAV *-ike : -ike⁷⁵³ : Av.C-T -ike

PTG *iŋa ‘ingá’ : PAV *iŋa : Av.C-A --- : Av.C-T iŋa

PTG *ita ‘pedra’ : PAV *ita : Av.C-A ita⁷⁵⁴ ⁷⁵⁵ : Av.C-T ita

PTG *jaβoti ‘jaboti’ : PAV *dzaotfī : Av.C-A dzaotfī⁷⁵⁶ : Av.C-T dzotfī

PTG *jatiʔũ ‘mosquito’ : PAV *dzitfīũ : Av.C-A tʃiu⁷⁵⁷ : Av.C-T ni'tʃiw

PTG *-jeupir ‘subir’ : PAV *-dzeupiλ : Av.C-A -dzeupir⁷⁵⁸ : Av.C-T -dziupidλ

PTG *jitik ‘batata doce’ : PAV *dzitik : Av.C-A dzitik : Av.C-T dzitiq

⁷⁴⁸ (HARRISON, 1974, p.3)

⁷⁴⁹ (TORAL, 1984, p.8)

⁷⁵⁰ (HARRISON, 1974, p.6)

⁷⁵¹ (PAIVA, 1996, p.55)

⁷⁵² (BORGES, 2006, p.111)

⁷⁵³ (BORGES, 2006, p.115)

⁷⁵⁴ (HARRISON, 1974, p.5)

⁷⁵⁵ (TORAL, 1984, p.2)

⁷⁵⁶ (BORGES, 2006, p.216)

⁷⁵⁷ (BORGES, 2006, p.315)

⁷⁵⁸ (BORGES, 2006, p.125)

PTG *kanine ‘canindé’ : PAV *kanine : Av.C-A kanine ‘maritaca’⁷⁵⁹ : Av.C-T kanini

PTG *kapiʔi ‘capim’ : PAV *kapi : Av.C-A kapi⁷⁶⁰ : Av.C-T qapi

PTG *kapiʔibar ‘cavivara’ : PAV *kapiwax-a : Av.C-A kapiway-a : Av.C-T qapiwax-a

PTG *kuimaʔe ‘homem’ : PAV *kuimae : Av.C-A kuimae-wu⁷⁶¹ : Av.C-T kuimae-yu⁷⁶²

PTG *kwati ‘quati’ : PAV *kwatʃi : Av.C-A kwatʃi⁷⁶³ : Av.C-T qwatʃi

PTG *-kwatiar ‘desenhar’ : PAV *-kwatʃiax : Av.C-A -kwatʃiax⁷⁶⁴ : Av.C-T -qwatʃiax

PTG *maniʔok ‘mandioca’ : PAV *maniok : Av.C-A maniok⁷⁶⁵ : Av.C-T manioq

PTG *moj-tiniʔ ‘cascavel’ : PAV *moj-tʃiniʔ : Av.C-A moj-tini⁷⁶⁶ : Av.C-T moj-tʃiniʔ

PTG *miriti ‘buriti’ : PAV *miʔitʃi : Av.C-A --- : Av.C-T miʔitʃi

PTG *-pina ‘anzol’ : PAV *-pina : Av.C-A -pina : Av.C-T -ita-pina ‘anzol de metal’

PTG *-pinim ‘pintado’ : PAV *-pinim : Av.C-A -pinim⁷⁶⁷ : Av.C-T -pinim

PTG *-pir ‘casca, pele’ : PAV *-piʔika : Av.C-A ipiʔika⁷⁶⁸ : Av.C-T ipidʒiqa

PTG *pira ‘peixe’ : PAV *piʔa : Av.C-A pitʔa⁷⁶⁹ e piʔa⁷⁷⁰ : Av.C-T pidʔe

PTG *-piranʔ ‘vermelho’ : PAV *-piʔiʔ : Av.C-A -pilaũ⁷⁷¹ -piʔiʔ⁷⁷² : Av.C-T -piʔiʔ

⁷⁵⁹ (BORGES, 2006, p.315)

⁷⁶⁰ (HARRISON, 1974, p.4)

⁷⁶¹ (TORAL, 1984, p.35)

⁷⁶² (TORAL, 1984, p.35)

⁷⁶³ (BORGES, 2006, p.317)

⁷⁶⁴ (BORGES, 2006, p.312)

⁷⁶⁵ (HARRISON, 1974, p.8)

⁷⁶⁶ (BORGES, 2006, p.232)

⁷⁶⁷ (BORGES, 2006, p.139)

⁷⁶⁸ (TORAL, 1984, p.20)

⁷⁶⁹ (HARRISON, 1974, p.4)

⁷⁷⁰ (TORAL, 1984, p.9)

⁷⁷¹ (PAIVA, 1996, p.39)

⁷⁷² (BORGES, 2006, p.66)

PTG *-pirok ‘descascar’ : PAV -piłok : Av.C-A --- : Av.C-T pidłzoq

PTG *-pitanj ‘criança’ : PAV *-pitiŋ : Av.C-A mitiŋ⁷⁷³ ‘criança de gente’ : Av.C-T -pitiŋ

PTG *piʔũ ‘pium’ : PAV *piũ : Av.C-A piũ⁷⁷⁴ : Av.C-T piũ-miłzi ‘abelha lambe-olhos (*Leurotrigona muelleri*)’

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-potʃia : Av.C-A -potsi⁷⁷⁵ -potʃia⁷⁷⁶ : Av.C-T -potʃi

PTG *tapiʔir ‘anta’ : PAV *tapił : Av.C-A tapiti⁷⁷⁷ tapił-a⁷⁷⁸ : Av.C-T tapiłz-a

PTG *tapiti ‘coelho’ : PAV *tapitʃi : Av.C-A tapitʃi⁷⁷⁹ : Av.C-T tapitʃi

PTG *-atatiŋ ‘fumaça’ : PAV *-atatʃiŋ ‘fumaça, lit.: branco do fogo’ : -atatʃi⁷⁸⁰ -atatʃiŋ⁷⁸¹ : Av.C-T -atatʃiŋ

PTG *-tiniŋ ‘seco, estalante’ : PAV *-tʃiniŋ : Av.C-A -tʃiniŋ ‘seco’⁷⁸² : Av.C-T -tʃiniŋ ‘seco, estalante’

PTG *-tiŋ ‘branco’ : PAV *-tʃiŋ : Av.C-A -ata-tʃiŋ-a ‘fumaça ‘lit.: branco do fogo de gente’⁷⁸³ : Av.C-T i-a-tʃiŋ ‘branco do globo ocular’

PTG *tʃuruβi ‘surubim’ : PAV *uɕuwi : Av.C-A uɕuwi⁷⁸⁴ : Av.C-T ---

PTG *-uβitsaβ ‘grande’ : PAV *-uiaw : Av.C-A -uiaw⁷⁸⁵ : Av.C-T -uiaw

PTG *-upiʔa ‘ovo’ : PAV *-upia : Av.C-A -upia⁷⁸⁶ : Av.C-T -upia

⁷⁷³ (BORGES, 2006, p.309)

⁷⁷⁴ (BORGES, 2006, p.305)

⁷⁷⁵ (HARRISON, 1974, p.2)

⁷⁷⁶ (TORAL, 1984, p.18)

⁷⁷⁷ (HARRISON, 1974, p.3)

⁷⁷⁸ (TORAL, 1984, p.6)

⁷⁷⁹ (BORGES, 2006, p.311)

⁷⁸⁰ (HARRISON, 1974, p.6)

⁷⁸¹ (TORAL, 1984, p.5)

⁷⁸² (BORGES, 2006, p.318)

⁷⁸³ (TORAL, 1984, p.5)

⁷⁸⁴ (BORGES, 2006, p.319)

⁷⁸⁵ (BORGES, 2006, p.302)

⁷⁸⁶ (PAIVA, 1996, p.48)

3.b. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *ipek ‘pato’ : PAV *ipek : Av.C-A ipek⁷⁸⁷ ‘pato’ : Av.C-T ipek

PTG *jaβeβir ‘arraia’ : PAV *dzawewiw : Av.C-A dza’wewiyɫ⁷⁸⁸ : Av.C-T dzawewiw

PTG *miriti ‘buriti’ : PAV *miβitʃi : Av.C-A --- : Av.C-T miβitʃi

PTG *-pino ‘peidar’ : PAV *-pina : Av.C-A --- : Av.C-T -pina

PTG *taitetu ‘cateto, porco do mato’ : PAV *taitetu : Av.C-A --- : Av.C-T taitetu

PTG *wariβ ‘guariba’ : PAV *waɫiw : Av.C-A watɫiw⁷⁸⁹ warua : Av.C-T waɫew

3.c. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T j

PTG *juʔi ‘rã’ : PAV *dzui : Av.C-A dzui⁷⁹⁰ : Av.C-T dzuj

PTG *kaʔi ‘macaco prego’ : PAV *kai : Av.C-A kai ~ qai : Av.C-T qaj

PTG *-kuʔi ‘pó, farelo’ : PAV *-kui : Av.C-A -kui⁷⁹¹ : Av.C-T -kuj ‘farinha’

PTG *-uʔi ‘farinha’ : PAV *-ui : --- : Av.C-A -ui ‘farinha (de mandioca)’⁷⁹² : Av.C-T -uj ‘arroz branco’

4.a. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-akim ‘molhar’ : PAV *-akim : Av.C-A --- : Av.C-T -akim

⁷⁸⁷ (BORGES, 2006, p.117)

⁷⁸⁸ (TORAL, 1984, p.7)

⁷⁸⁹ (HARRISON, 1974, p.3)

⁷⁹⁰ (PAIVA, 1996, p.15)

⁷⁹¹ (BORGES, 2006, p.313)

⁷⁹² (TORAL, 1984, p.47)

PTG *anira ‘morcego’ : PAV *inika : Av.C-A inika⁷⁹³ : Av.C-T inika

PTG *-apik ‘sentar-se’ : PAV *-apik : Av.C-A -apik⁷⁹⁴ : Av.C-T -apik

PTG *-apitsa ‘ouvido’ + *-kwar ‘buraco’ : PAV *-apia-kwar ‘buraco da orelha’ : Av.C-A -apia-kwar⁷⁹⁵ : Av.C-T -apia-kwar

PTG *-atiʔiβ ‘ombro’ : PAV *-atiw : Av.C-A --- : Av.C-T -row-atiw ‘ombro’

PTG *-atʃi ‘dor’ : PAV *-ai : Av.C-A -ai⁷⁹⁶ : Av.C-T -ai

PTG *-aʔij ‘semente’ : -aij : Av.C-A -aja ~ aja^{797 798} : Av.C-T ain ‘semente’

PTG *-atipi ‘bochecha’ : PAV *-atipi : Av.C-A --- : Av.C-T -atipa

PTG *-aʔir ‘filho (ego masculino)’ : PAV *-aik : Av.C-A -aik⁷⁹⁹ : Av.C-T -aik

PTG *-βeβij ‘boiar, ser leve’ : PAV *-wewij : Av.C-A -wewij ~ -βewij⁸⁰⁰ : Av.C-T ---

PTG *-eimaβ ‘animal doméstico’ : PAV *-eimaw : Av.C-A -eimaw : Av.C-T -imaw

PTG *-ekij ‘puxar’ : PAV *-ekij : Av.C-A -ekij⁸⁰¹ : Av.C-T -eqij ‘puxar, tirar’

PTG *-etimã ‘canela’ : PAV *-etimã : Av.C-A -tima⁸⁰² -etimã⁸⁰³ : Av.C-T -etima

PTG *-etsir ‘assar’ : PAV *-dzoik : Av.C-A -dzoik : Av.C-T -zoiik

PTG *iβatiŋ ‘nuvem’ : PAV *iwatʃiŋ : Av.C-A wātʃu [ʊˈātʃʊ]⁸⁰⁴ iwatʃiŋ-a [iˈwa:tʃiŋə]⁸⁰⁵ : Av.C-T iwatʃiŋ

⁷⁹³ (BORGES, 2006, p.95)

⁷⁹⁴ (HARRISON, 1974, p.6)

⁷⁹⁵ (TORAL, 1984, p.18)

⁷⁹⁶ (BORGES, 2006, p.312)

⁷⁹⁷ (PAIVA, 1996, p.18 e 20)

⁷⁹⁸ (BORGES, 2006, p.127)

⁷⁹⁹ (BORGES, 2006, p.302)

⁸⁰⁰ (BORGES, 2006, p.91)

⁸⁰¹ (BORGES, 2006, p.317)

⁸⁰² (TORAL, 1984, p.19)

⁸⁰³ (BORGES, 2006, p.317)

⁸⁰⁴ (PAIVA, 1996, p.32)

⁸⁰⁵ (BORGES, 2006, p.104)

PTG *iβi ‘terra’: PAV *iwa : Av.C-A --- : Av.C-T iwa ‘terra’

PTG *-itaβ ‘nadar’: PAV *-itaw : Av.C-A -itaw⁸⁰⁶ : Av.C-T -ita

PTG *-itsipo ‘cipó’: PAV *-ipo : Av.C-A -ipo⁸⁰⁷ : Av.C-T -ipo

PTG *iwak ‘céu’: PAV *iwak : Av.C-A iwak⁸⁰⁸ : Av.C-T iwak

PTG *-iwate ‘alto’: PAV *-iwate : Av.C-A -iwatʃi⁸⁰⁹ : Av.C-T -iwate

PTG *-iwir ‘pau’: PAV *-iwir : Av.C-A -witl-apatl⁸¹⁰ -wiy-apy⁸¹¹ -ir-ariβ ~ ig-ariβ ~ ir-ariβ⁸¹² ‘arco, lit.: pau torto’: Av.C-T -irβ⁸¹³

PTG *-iʔa ‘cabaça’: PAV *-ia : Av.C-A -ia⁸¹⁴ : Av.C-T -ia

PTG *-i-ʔu ‘beber, ingerir água’: PAV *i-u : Av.C-A -i-u⁸¹⁵ : Av.C-T -i-u

PTG *-i-ʔu-tsej ‘desejar beber água’: PAV *-i-u-ej : Av.C-A -i-u-ej⁸¹⁶ : Av.C-T -i-u-j ‘querer beber água’

PTG *jaki‘ran ‘cigarra’: PAV *ja‘kiriβ : Av.C-A jakigi‘nū ‘esp. de cigarra’: Av.C-T na‘qiriβ

PTG *jatita ‘caracol, caramujo’: PAV *dzatita : Av.C-A jatita⁸¹⁷ : Av.C-T dzatita

PTG *jatʃi ‘lua’: PAV *dzai : Av.C-A tʃai⁸¹⁸ ʒai⁸¹⁹ : Av.C-T dzai

PTG *-jeβir ‘voltar, retornar’: PAV *-dzewir : Av.C-A -dzewiy⁸²⁰ : Av.C-T -dzirβ

⁸⁰⁶ (BORGES, 2006, p.304)

⁸⁰⁷ (BORGES, 2006, 310)

⁸⁰⁸ (HARRISON, 1974, p.4)

⁸⁰⁹ (BORGES, 2006, p.319)

⁸¹⁰ (HARRISON, 1974, p.5)

⁸¹¹ (TORAL, 1984, p.43)

⁸¹² (BORGES, 2006, p.83)

⁸¹³ (TORAL, 1984, p.32)

⁸¹⁴ (BORGES, 2006, p.309)

⁸¹⁵ (BORGES, 2006, p.309)

⁸¹⁶ (BORGES, 2006, p.167)

⁸¹⁷ (BORGES, 2006, p.88)

⁸¹⁸ (HARRISON, 1973, p.5)

⁸¹⁹ (BORGES, 2006, p.225)

⁸²⁰ (TORAL, 1986, p.31)

PTG *jítik ‘batata doce’ : PAV *dzítik : Av.C-A dzítik : Av.C-T dzítiq

PTG *-jíβa ‘braço’ : PAV *-dzíwa : Av.C-A --- : Av.C-T -dzíwa ‘meu braço’

PTG *juta-íβ ‘jatobá’ : PAV *dzuta-íw : Av.C-A dzuta-íw : Av.C-T zúta-íw

PTG *-kiβ ‘piolho’ : PAV *-kiw : Av.C-A -kiw-a⁸²¹ : Av.C-T -kiw

PTG *-kir ‘imaturó’ : PAV *-kiβ : Av.C-A -kiβ⁸²² : Av.C-T -ka-kiβ ‘folha verde’

PTG *-kita ‘verruga’ : PAV *-kita : Av.C-A --- : Av.C-T -qita

PTG *-kitik ‘ralar’ : PAV *-kitik : Av.C-A --- : Av.C-T -qítiq

PTG *-kitsaβ ‘rede’ : PAV *-kiaw : Av.C-A -kiaw⁸²³ : - Av.C-T -qiaw

PTG *-kitʃe ‘faca’ : PAV *-kie : Av.C-A -ita-ki ‘faca de metal’⁸²⁴ ita-ke ‘faca de metal’⁸²⁵ -
kie ‘faca’⁸²⁶ : Av.C-T -qie ‘faca’

PTG *kʷaratʃĩ ‘sol’ : PAV *kʷaβai : Av.C-A kʷaβ⁸²⁷ : Av.C-T qʷaβai

PTG *-moapik ‘cozinhar’ : PAV *mapik : Av.C-A mʷapik ~ mapik ‘ela cozinhou’ : Av.C-T
-mapiq

PTG *-moroitʃaj ‘esfriar’ : PAV *-βoíaj ‘ter frescor’ : Av.C-A --- : Av.C-T i-łoíaj
‘frescor dele (do meu joelho)’

PTG *motsapir ‘três’ : PAV *moapik : Av.C-A moapaβin⁸²⁸ : Av.C-T 'mapik

PTG *-tsoβi ‘verde, azul’ : PAV *-owi : Av.C-A -owi⁸²⁹ : Av.C-T -owu ‘verdeazul’

PTG *-petim ‘fumo, tabaco’ : PAV *-petim : Av.C-A -petim : Av.C-T -petim

⁸²¹ (TORAL, 1984, p.9)

⁸²² (BORGES, 2006, p.319)

⁸²³ (TORAL, 1984, p.46)

⁸²⁴ (HARRISON, 1974, p.5)

⁸²⁵ (TORAL, 1984, p.43)

⁸²⁶ (BORGES, 2006, p.313)

⁸²⁷ (BORGES, 2006, p.306)

⁸²⁸ (BORGES, 2006, p.320)

⁸²⁹ (BORGES, 2006, p.319)

PTG *-pi ‘pé’ : PAV *-pi : Av.C-A -pi⁸³⁰ : Av.C-T -pi

PTG *pikatju ‘pombo’ : PAV *pikaw : Av.C-A piqiw⁸³¹ : Av.C-T pikaw

PTG *-pitanj ‘vermelho’ : PAV *-pitanj : Av.C-A -pitanj⁸³² : Av.C-T -pitanj

PTG *-pitsik ‘pegar’ : PAV *-pik : Av.C-A -pik⁸³³ : Av.C-T -piq ‘pegar, segurar’

PTG *pitsaβ ‘noite’ : PAV *piadzi : Av.C-A piadza⁸³⁴ : Av.C-T piadzi

PTG *pitsaβ ‘noite’ : PAV *piadzi : Av.C-A piadza⁸³⁵ : Av.C-T piadzi

PTG *-pitsatsu ‘novo’ : PAV *-piaw : Av.C-A -piaw⁸³⁶ : Av.C-T -piaw

PTG *-potir ‘flor’ : PAV *-potiv : Av.C-A -potitl⁸³⁷ potiv-a⁸³⁸ : Av.C-T -potiv-a

PTG *-potsij ‘pesado’ : PAV *-poij : Av.C-A -poij⁸³⁹ : Av.C-T -poij

PTG *-poʔir ‘colar’ : PAV *-poiv-a : Av.C-A -poiva⁸⁴⁰ : Av.C-T -poiv-a

PTG *tatsiβ ‘formiga’ : PAV *taiw : Av.C-A taip-i⁸⁴¹ : Av.C-T taiw

PTG *-tiβ ‘existir em abundância’ : PAV *-tiw : Av.C-A -tiw : Av.C-T -tiw

PTG *-tim ‘plantar’ *-atim : Av.C-A -atim⁸⁴² : Av.C-T n-atim

PTG *-tipoj ‘tipóia’ : PAV *-tipodz : Av.C-A --- : Av.C-T i-tipidz-a

⁸³⁰ (HARRISON, 1974, p.3)

⁸³¹ (TORAL, 1984, p.8)

⁸³² (BORGES, 2009, p.307)

⁸³³ (PAIVA, 1996, p.55)

⁸³⁴ (TORAL, 1984, p.15)

⁸³⁵ (TORAL, 1984, p.15)

⁸³⁶ (PAIVA, 1996, p.51)

⁸³⁷ (HARRISON, 1974, p.4)

⁸³⁸ (BORGES, 2006, p.61)

⁸³⁹ (BORGES, 2006, p.319)

⁸⁴⁰ (BORGES, 2006, p.121)

⁸⁴¹ (PAIVA, 1996, p.21)

⁸⁴² (BORGES, 2006, p.317)

PTG *-tsi ‘mãe’ : PAV *-i : Av.C-A -i⁸⁴³ : Av.C-T -i

PTG *-tsikije ‘medo’ : PAV *-kidzi : Av.C-A -kidzi : Av.C-T -kidzi ‘medo, vergonha’

PTG *-uwi ‘sangue’ : PAV *-uwi : Av.C-A -uwi⁸⁴⁴ : Av.C-T -oɸwi

PTG *-wejiβ ‘descer, abaixar’ : PAV *-dzip : Av.C-A -dzip⁸⁴⁵ : Av.C-T -dzɪw

PTG *wira ‘pássaro’ : PAV *wɪɸa : Av.C-A wɪɸa⁸⁴⁶ βɪɸa ~ wɪɸi⁸⁴⁷ : Av.C-T ɸwɪɸa

PTG *ʔi ‘água’ : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-ʔiβ ‘tronco, pau, haste’ : PAV *-iw : Av.C-A -- : Av.C-T iɲa-iw ‘pé de ingá’

4.b. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-iar ‘canoa’ : PAV *-iaɸ : Av.C-A ita-iatɪ ‘canoa de metal dele’⁸⁴⁸ -iaɸ ~ iaɸ⁸⁴⁹ :
Av.C-T -iaɸ

PTG *janipapβ ‘genipapo’ : PAV *janipaw : Av.C-A janipaw : Av.C-T nanipaw

PTG *-ji ‘machado’ : PAV *-dzi-kwaɸ : Av.C-A -tʃi-watɪ ‘machado’⁸⁵⁰ -dzi-kwaɸ-a
‘machado’ -dzi-apaɸ-a ‘foice : Av.C-T -dzi-kwaɸ ‘machado, foice’

PTG *-roʔi ‘frio, febre’ : PAV *-ɸoi : Av.C-A -tɸoi ‘frio dele’⁸⁵¹ iɸoi ~ iɸou ‘frio dele’⁸⁵²
tʃiɸoi ‘eu tenho frio’⁸⁵³ : Av.C-T idɸoi ‘frio dele’ tʃiɸoi ‘tenho frio’

⁸⁴³ (BORGES, 2006, p.314)

⁸⁴⁴ (BORGES, 2006, p.67)

⁸⁴⁵ (BORGES, 2006, p.212)

⁸⁴⁶ (PAIVA, 1996, p.53)

⁸⁴⁷ (BORGES, 2006, p.87)

⁸⁴⁸ (HARRISON, 1974, p.5)

⁸⁴⁹ (TORAL, 1984, p.45)

⁸⁵⁰ (HARRISON, 1974, p.5)

⁸⁵¹ (HARRISON, 1974, p.8)

⁸⁵² (TORAL, 1984, p.3)

⁸⁵³ (BORGES, 2006, p.192)

4.c. PTG *i : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-pina-etik ‘jogar anzol’ : PAV *-pin-itfĭk : Av.C-A -pin-itfĭk ‘jogar anzol’ : Av.C-T -ita-pin-itfĭk ‘jogar anzol de metal’

4.d. PTG *i : PAV *u : Av.C-A u : Av.C-T u

PTG *iβĭtu ‘vento’ : PAV *uwutu : Av.C-A uwutu e utu⁸⁵⁴ e wutu⁸⁵⁵ : Av.C-T utu e wutu

PTG *mikur ‘mucura, gambá’ : PAV *mukur : Av.C-A bukur : Av.C-T muqur

PTG *-pipe ‘dentro, inessivo (posposição)’ : PAV *-pupe : Av.C-A -pupe : Av.C-T -pupe

4.e. PTG *i : PAV *ũ : Av.C-A ũ : Av.C-T ũ

PTG *mitũ ‘mutum’ : PAV *mũtu : Av.C-A mũtu⁸⁵⁶ : Av.C-T mũtu

5.a. PTG *o : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T o

PTG *-apo ‘fazer’ : PAV *-japo ‘fazer’ : Av.C-A a-japo⁸⁵⁷ : Av.C-T a-japo ‘eu faço’

PTG *-eko ‘viver’ : PAV *-iko : Av.C-A -iko⁸⁵⁸ : Av.C-T -iqo

PTG *-epoti ‘fezes’ : PAV *-epotfĭ : Av.C-A -epotfĭ⁸⁵⁹ : Av.C-T -epotfĭ

PTG *-itsipo ‘cipó’ : PAV *-ipo : Av.C-A -ipo⁸⁶⁰ : Av.C-T -ipo

PTG *-jatseʔo ‘chorar’ : PAV *-dzaeo : Av.C-A -dzaeo⁸⁶¹ : Av.C-T -dzaew

⁸⁵⁴ (TORAL, 1984, p.3)

⁸⁵⁵ (PAIVA, 1996, p.11)

⁸⁵⁶ (PAIVA, 1996, p.52)

⁸⁵⁷ (BORGES, 2006, p.313)

⁸⁵⁸ (BORGES, 2006, p.320)

⁸⁵⁹ (BORGES, 2006, p.111)

⁸⁶⁰ (BORGES, 2006, 310)

⁸⁶¹ (TORAL, 1984, p.33)

PTG *-jotsej ‘lavar’ : PAV *-dʒoj : Av.C-A -joj⁸⁶² : - Av.C-T -dʒoj

PTG *-jo-ʔok ‘cavar’ : PAV *-dʒok : Av.C-A -dʒok⁸⁶³ : Av.C-T ---

PTG *ko ‘este, aqui’ : PAV *ko : Av.C-A ko⁸⁶⁴ : Av.C-T ko

PTG *-ko ‘roça’ : PAV *-ko : Av.C-A -ko⁸⁶⁵ : Av.C-T -ko

PTG *koʔẽ(m)-me ‘na manhã’ : PAV *koem : Av.C-A koem⁸⁶⁶ : Av.C-T qoem-a ‘manhã’

PTG *maniʔok ‘mandioca’ : PAV *maniok : Av.C-A maniok⁸⁶⁷ : Av.C-T manioq

PTG *-moakuβ ‘esquentar’ : PAV *-moakup : Av.C-A -moakup⁸⁶⁸ : Av.C-T -maku ‘eu esquento’

PTG *-moapik ‘cozinhar’ : PAV *mapik : Av.C-A ^mbapik ~ mapik ‘ela cozinhou’ : Av.C-T -mapiq

PTG *moj ‘cobra’ : PAV *moj : Av.C-A ^mboʒ ~ ^mboj⁸⁶⁹ moj ~ ^mboj ‘cobra’ boj-kaj ‘cobra verde’⁸⁷⁰ : Av.C-T moj

PTG *moj-tiniŋ ‘cascavel’ : PAV *moj-tʃiniŋ : Av.C-A moj-tini⁸⁷¹ : Av.C-T moj-tʃiniŋ

PTG *-mokaʔẽ ‘moquear’ : PAV *-mokaε : Av.C-A --- : Av.C-T -mokaε

PTG *mokōj ‘dois’ : PAV *moqōj : Av.C-A moqōj⁸⁷² : Av.C-T 'moqōj

PTG *-momeʔu ‘contar’ : PAV *-momew : Av.C-A -momew⁸⁷³ : Av.C-T -momew

PTG *-mo-pen ‘quebrar’ : PAV *-pen : Av.C-A --- : Av.C-T -pen

⁸⁶² (PAIVA, 1996, p.33)

⁸⁶³ (BORGES, 2006, p.300)

⁸⁶⁴ (BORGES, 2006, p.309)

⁸⁶⁵ (BORGES, 2006, p.317)

⁸⁶⁶ (BORGES, 2006, p.311)

⁸⁶⁷ (HARRISON, 1974, p.8)

⁸⁶⁸ (BORGES, 2006, p.312)

⁸⁶⁹ (HARRISON, 1974, p.4)

⁸⁷⁰ (PAIVA, 1996, p.48)

⁸⁷¹ (BORGES, 2006, p.232)

⁸⁷² (BORGES, 2006, p.312)

⁸⁷³ (BORGES, 2006, p.90)

PTG *-mopu ‘eu toco (flauta)’ : PAV *-mopu ‘tocar’ : Av.C-A -bopu⁸⁷⁴ : Av.C-T mopu

PTG *-moroitʃaŋ ‘esfriar’ : PAV *-βοϊαŋ ‘ter frescor’ : Av.C-A --- : Av.C-T i-λοϊαŋ
‘frescor dele (do meu joelho)’

PTG *-mo-weβ ‘apagar’ : PAV *-mo-we : Av.C-A -wew⁸⁷⁵ : Av.C-T -mo-β^we

PTG *-oβ ‘folha’ : PAV *-ow : Av.C-A iwira-β-o ‘folha da árvore’⁸⁷⁶ -ow⁸⁷⁷ : Av.C-T ---

PTG *-oβa ‘rosto, face’ : PAV *-owa : Av.C-A -owa⁸⁷⁸ : Av.C-T ---

PTG *-tsoβi ‘verde, azul’ : PAV *-owi : Av.C-A -owi⁸⁷⁹ : Av.C-T -owu ‘verdeazul’

PTG *-ok ‘casa’ : PAV *-ok : Av.C-A -ok-a⁸⁸⁰ : Av.C-T -oq

PTG *-oʔo ‘carne’ : PAV *-o : Av.C-A -o⁸⁸¹ : Av.C-T -o

PTG *-pirok ‘descascar’ : PAV -πιλoκ : Av.C-A --- : Av.C-T pidʒoq

PTG *-po ‘mão’ : PAV *-po : Av.C-A -po⁸⁸² : Av.C-T -po

PTG *-poj ‘alimentar’ : PAV *-dzopoj : Av.C-A -jopoj⁸⁸³ : Av.C-T -dzopij

PTG *-poka ‘torcer’ : PAV *-poka : Av.C-A -poka⁸⁸⁴ : Av.C-T -poqa

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-poκaj : Av.C-A -poκaj⁸⁸⁵ : Av.C-T -poκaj

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-poτʃia : Av.C-A -potsi⁸⁸⁶ -poτʃia⁸⁸⁷ : Av.C-T -potʃi

⁸⁷⁴ (TORAL, 1984, p.39)

⁸⁷⁵ (BORGES, 2006, p.308)

⁸⁷⁶ (TORAL, 1984, p.13)

⁸⁷⁷ (BORGES, 2006, p.313)

⁸⁷⁸ (BORGES, 2006, p.313)

⁸⁷⁹ (BORGES, 2006, p.319)

⁸⁸⁰ (HARRISON, 1974, p.5)

⁸⁸¹ (TORAL, 1984, p.47)

⁸⁸² (HARRISON, 1974, p.2)

⁸⁸³ (BORGES, 2006, p.66)

⁸⁸⁴ (BORGES, 2006, p.73)

⁸⁸⁵ (BORGES, 2006, p.183)

⁸⁸⁶ (HARRISON, 1974, p.2)

⁸⁸⁷ (TORAL, 1984, p.18)

PTG *-potir ‘flor’ : PAV *-potiv : Av.C-A -potitl⁸⁸⁸ potiv-a⁸⁸⁹ : Av.C-T -potiv-a

PTG *-potsaj ‘remédio’ : PAV *-poiη : Av.C-A --- : Av.C-T moiηa ‘remédio de gente’

PTG *-potsij ‘pesado’ : PAV *-poij : Av.C-A -poij⁸⁹⁰ : Av.C-T -poij

PTG *-poʒir ‘colar’ : PAV *-poiv-a : Av.C-A -poiva⁸⁹¹ : Av.C-T -poiv-a

PTG *-ramo ‘agora’ : PAV *eiλamo : Av.C-A eiλima⁸⁹² : Av.C-T eiζamote ‘agora’

PTG *-roβ ‘amargo’ : PAV *-row : Av.C-A i-row ‘amargo dele’ : Av.C-T i-dζote ‘amargo de verdade dele’

PTG *-roʒi ‘frio, febre’ : PAV *-voi : Av.C-A -tloi ‘frio dele’⁸⁹³ iλoi ~ iλου ‘frio dele’⁸⁹⁴
tʃivoi ‘eu tenho frio’⁸⁹⁵ : Av.C-T idlζoi ‘frio dele’ tʃivoi ‘tenho frio’

PTG *-tso ‘ir’ : PAV *-o : Av.C-A -o⁸⁹⁶ : Av.C-T -o

PTG *-tsok ‘socar, triturar’ : PAV *-ok : Av.C-A -ok⁸⁹⁷ : Av.C-T -ok ‘socar no pilão’

5.b PTG *o : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T u

PTG *-pepo ‘asa’ : PAV *-pepo : Av.C-A -pepo : Av.C-T -pepu

5.c PTG *o : PAV *a : Av.C-A a : Av.C-T a

PTG *-pino ‘peidar’ : PAV *-pina : Av.C-A --- : Av.C-T -pina

PTG *-tipoj ‘tipóia’ : PAV *-tipodz : Av.C-A --- : Av.C-T i-tipidz-a

⁸⁸⁸ (HARRISON, 1974, p.4)

⁸⁸⁹ (BORGES, 2006, p.61)

⁸⁹⁰ (BORGES, 2006, p.319)

⁸⁹¹ (BORGES, 2006, p.121)

⁸⁹² (TORAL, 1984, p.15)

⁸⁹³ (HARRISON, 1974, p.8)

⁸⁹⁴ (TORAL, 1984, p.3)

⁸⁹⁵ (BORGES, 2006, p.192)

⁸⁹⁶ (PAIVA, 1996, p.51)

⁸⁹⁷ (BORGES, 2006, p.305)

6.a PTG *u : PAV *u : Av.C-A u : Av.C-T u

PTG *-ajuk ‘veia’ : PAV *-adzuk : Av.C-A --- : Av.C-T -adzuk

PTG *akuti ‘cotia’ : PAV *akutʃi : Av.C-A akutʃi⁸⁹⁸ : Av.C-T aqutʃi

PTG *aminiju ‘algodão’ : *aminidzu : Av.C-A aminidzu⁸⁹⁹ : Av.C-T aminidzu

PTG *aņuja ‘rato’ : PAV *aņudzı : Av.C-A aņuzı ‘rato’⁹⁰⁰ : Av.C-T aņuzı

PTG *-arukaņ ‘costela’ : PAV *-aņukıj : Av.C-A --- : Av.C-T -aņukıj

PTG *-atʃuk ‘banhar’ : PAV *-dʒauk : Av.C-A -ʒauk⁹⁰¹ : Av.C-T -dʒauk

PTG *-emi-ʒu ‘comida’ : PAV *-emi-u : Av.C-A -imi-u : Av.C-T -emi-u ‘comida’

PTG *-enuβ ‘ouvir’ : PAV *-anu : Av.C-A -anu⁹⁰² : Av.C-T -anu

PTG *-etun ‘cheirar’ : PAV *-etun : Av.C-A -etun : Av.C-T -etun

PTG *-i-ʒu ‘beber, ingerir água’ : PAV *i-u : Av.C-A -i-u⁹⁰³ : Av.C-T -i-u

PTG *-i-ʒu-tsej ‘desejar beber água’ : PAV *-i-u-ej : Av.C-A -i-u-ej⁹⁰⁴ : Av.C-T -i-u-j
‘querer beber água’

PTG *janu ‘aranha’ : PAV *janu : Av.C-A janu : Av.C-T nanu

PTG *-jeupir ‘subir’ : PAV *-dʒeupiɾ : Av.C-A -dʒeupi⁹⁰⁵ : Av.C-T -dʒiupidʒ

PTG *-ju ‘espinho’ : PAV *-ju : Av.C-A -ʒuatʃi ‘espinho (da rosa)’⁹⁰⁶ -ju'atʃi ‘o espinho (me furou)’ : Av.C-T -nu-ãtʃi ‘espinho (lit.: espinho pontudo)’

⁸⁹⁸ (TORAL, 1984, p.8)

⁸⁹⁹ (PAIVA, 1996, p.22)

⁹⁰⁰ (BORGES, 2006, p.136)

⁹⁰¹ (BORGES, 2006, p.125)

⁹⁰² (PAIVA, 1996, p.52)

⁹⁰³ (BORGES, 2006, p.309)

⁹⁰⁴ (BORGES, 2006, p.167)

⁹⁰⁵ (BORGES, 2006, p.125)

⁹⁰⁶ (BORGES, 2006, p.132)

PTG *-juβ ‘amarelo’ : PAV *-dzuw : Av.C-A -ita-dzu ‘nome de lança com ponta de metal’⁹⁰⁷ -ita-dzuw ‘agulha’⁹⁰⁸ : Av.C-T -ita-zu ‘nome de lança com ponta de pedrametal’⁹⁰⁹

PTG *-juka ‘matar’ : *-dzuka : Av.C-A -tʃuka⁹¹⁰ -dzuka⁹¹¹ : Av.C-T -dzuka

PTG *juta-iβ ‘jatobá’ : PAV *dzuta-iw : Av.C-A dzuta-iw : Av.C-T zuta-iw

PTG *juʔi ‘rã’ : PAV *dzui : Av.C-A dzui⁹¹² : Av.C-T dzuj

PTG *-karuk ‘urinar’ : PAV *kaʁuk : Av.C-A -kaʁu⁹¹³ -kaʁuk⁹¹⁴ : Av.C-T -qaʁuq

PTG *-katu ‘bom’ : PAV *-katu : Av.C-A -katu : Av.C-T -qatu

PTG *kujatãj ‘menina’ : PAV *kujatãi : Av.C-A kujãtãi ‘menina’⁹¹⁵ : Av.C-T ku'nataj

PTG *kuimaʔe ‘homem’ : PAV *kuimae : Av.C-A kuimae-wu⁹¹⁶ : Av.C-T kuimae-yu⁹¹⁷

PTG *kumana ‘feijão’ : PAV *qumana : Av.C-A qumana⁹¹⁸ : Av.C-T qumana

PTG *-kupe ‘dorso, costas’ : PAV *-kupe : Av.C-A -kupe⁹¹⁹ : Av.C-T -qupe

PTG *-kutuk ‘furar’ : PAV *-kutuk : Av.C-A -kutuk⁹²⁰ : Av.C-T -qutuq ‘furar, costurar’

PTG *-kuʔi ‘pó, farelo’ : PAV *-kui : Av.C-A -kui⁹²¹ : Av.C-T -kuj ‘farinha’

PTG *meru ‘mosca’ : PAV *meʁu : Av.C-A beʁu⁹²² : Av.C-T meʁu ‘mosca’

⁹⁰⁷ (TORAL, 1984, p.43)

⁹⁰⁸ (BORGES, 2006, p.135)

⁹⁰⁹ (TORAL, 1984, p.43)

⁹¹⁰ (HARRISON, 1974, p.8)

⁹¹¹ (TORAL, 1984, p.24)

⁹¹² (PAIVA, 1996, p.15)

⁹¹³ (TORAL, 1984, p.22)

⁹¹⁴ (BORGES, 2006, p.192)

⁹¹⁵ (HARRISON, 1974, p.6)

⁹¹⁶ (TORAL, 1984, p.35)

⁹¹⁷ (TORAL, 1984, p.35)

⁹¹⁸ (PAIVA, 1996, p.12)

⁹¹⁹ (HARRISON, 1974, p.2)

⁹²⁰ (HARRISON, 1974, p.7)

⁹²¹ (BORGES, 2006, p.313)

⁹²² (TORAL, 1984, p.7)

PTG *mikur ‘mucura, gambá’ : PAV *mukux : Av.C-A bukuḅ : Av.C-T muquḅ

PTG *-moakuḅ ‘esquentar’ : PAV *-moakup : Av.C-A -moakup⁹²³ : Av.C-T -maku ‘eu esquento’

PTG *-mopu ‘eu toco (flauta)’ : PAV *-mopu ‘tocar’ : Av.C-A -bopu⁹²⁴ : Av.C-T mopu

PTG *-puka ‘rir’ : PAV *-puka : Av.C-A -puka : Av.C-T -puqa

PTG *-puku ‘comprido’ : PAV *-puku : Av.C-A -puku⁹²⁵ : Av.C-T -puqu

PTG *-puḷam ‘levantar’ : PAV *-puim : Av.C-A -puim⁹²⁶ : Av.C-T -puim

PTG *-ruru ‘inchado’ : PAV *-ruvu : Av.C-A -ruvu⁹²⁷ : Av.C-T i-ḷuvu-ovo ‘existe o inchado grande dele’

PTG *taitetu ‘cateto, porco do mato’ : PAV *taitetu : Av.C-A --- : Av.C-T taitetu

PTG *tajatʃu ‘porcão’ : PAV *tadzau : Av.C-A tadzau⁹²⁸ : Av.C-T tadzau

PTG *tatu ‘tatu’ : PAV *tatu : Av.C-A tatu⁹²⁹ : Av.C-T tatu

PTG *tukan ‘tucano’ : PAV *tukin : Av.C-A tukin⁹³⁰ : Av.C-T tuqin

PTG *tukur ‘gafanhoto’ : PAV *tukuḅ : Av.C-A --- : Av.C-T tuquḅ ‘grilo’

PTG *tuʔi ‘periquito’ : PAV *tui : Av.C-A tuĩ-ata⁹³¹ tujata tui⁹³² : Av.C-T tuj

PTG *tʃuruḅi ‘surubim’ : PAV *uḅuwi : Av.C-A uḅuwi⁹³³ : Av.C-T ---

PTG *-tʃuʔu ‘morder’ : PAV *tʃu : Av.C-A -tʃu : Av.C-T -tʃu

⁹²³ (BORGES, 2006, p.312)

⁹²⁴ (TORAL, 1984, p.39)

⁹²⁵ (BORGES, 2006, p.318)

⁹²⁶ (BORGES, 2006, p.148)

⁹²⁷ (BORGES, 2006, p.318)

⁹²⁸ (TORAL, 1984, p.10)

⁹²⁹ (BORGES, 2006, p.306)

⁹³⁰ (BORGES, 2006, p.320)

⁹³¹ (HARRISON, 1974, p.3)

⁹³² (BORGES, 2006, p.53 e 214)

⁹³³ (BORGES, 2006, p.319)

PTG *-uβ 'pai' : PAV *-u : Av.C-A ʃε-γ-u-a ~ se-γ-u-a 'meu pai'⁹³⁴ : Av.C-T ne-β-u-a 'teu pai'

PTG *-uβitsaβ 'grande' : PAV *-uiaw : Av.C-A -uiaw⁹³⁵ : Av.C-T -uiaw

PTG *-uŋuʔa 'pilão' : PAV *-uŋua : Av.C-A -uŋua⁹³⁶ : Av.C-T ---

PTG *-upiʔa 'ovo' : PAV *-upia : Av.C-A -upia⁹³⁷ : Av.C-T -upia

PTG *-ur 'vir' : PAV *-dʒuɤ : Av.C-A -ʒuɤ⁹³⁸ : Av.C-T -dʒuɤ

PTG *uruβu 'urubu' : PAV *uɤuwu : Av.C-A uɤuwu⁹³⁹ uguwu-wu 'urubu rei' : Av.C-T ---

PTG *uruku 'urucum' : PAV *uβuku : Av.C-A uβuku⁹⁴⁰ : Av.C-T uβuqu

PTG *-uwi 'sangue' : PAV *-uwi : Av.C-A -uwi⁹⁴¹ : Av.C-T -oɤwi

PTG *-uʔi 'farinha' : PAV *-ui : --- : Av.C-A -ui 'farinha (de mandioca)'⁹⁴² : Av.C-T -uj 'arroz branco'

PTG *-uʔiβa 'flecha' : PAV *-uw : Av.C-A -uw⁹⁴³ : Av.C-T -uw

PTG *-uʔu 'tosse' : PAV *-u : Av.C-A --- : -u

PTG *watʃu 'veado' : PAV *watʃu : Av.C-A watʃu : Av.C-T watʃu

PTG *-watʃu 'grande' : PAV *-watʃu : Av.C-A -watʃu⁹⁴⁴ : Av.C-T ita-γ^{watʃu} 'pedra grande'⁹⁴⁵

⁹³⁴ (TORAL, 1984, p.35)

⁹³⁵ (BORGES, 2006, p.302)

⁹³⁶ (BORGES, 2006, p.317)

⁹³⁷ (PAIVA, 1996, p.48)

⁹³⁸ (BORGES, 2006, p.196)

⁹³⁹ (BORGES, 2006, p.61)

⁹⁴⁰ (BORGES, 2006, p.307)

⁹⁴¹ (BORGES, 2006, p.67)

⁹⁴² (TORAL, 1984, p.47)

⁹⁴³ (TORAL, 1984, p.43)

⁹⁴⁴ (PAIVA, 1996, p.55)

⁹⁴⁵ (TORAL, 1984, p.2)

PTG *-ʔu ‘ingerir’ : PAV *-u : Av.C-A -u⁹⁴⁶ : Av.C-T -u

6.b PTG *u : PAV *u : Av.C-A ũ : Av.C-T ---

PTG *-nupã ‘bater’ : PAV *-nupã : Av.C-A -nũpa⁹⁴⁷ -nupĩ⁹⁴⁸ : Av.C-T ---

7.a PTG *ã : PAV *ã : Av.C-A ã : Av.C-T ã

PTG *-p^wã ‘dedo’ : PAV *-k^wã : Av.C-A -k^wã ‘dedo’⁹⁴⁹ : Av.C-T -q^wã ‘dedo’

7.b PTG *ã : PAV *ã : Av.C-A ã ~ ĩ : Av.C-T a ~ i

PTG *-etimã ‘canela’ : PAV *-etimã : Av.C-A -tima⁹⁵⁰ -etimã⁹⁵¹ : Av.C-T -etima

PTG *ne ‘teu’ + *r ‘R¹’ + *ãj ‘dente’ : PAV *neãj ‘teu dente’ : Av.C-A netlãj⁹⁵² neyae⁹⁵³
nĩrĩj : Av.C-T neĩin

7.c PTG *ã : PAV *ã ou *a : Av.C-A a : Av.C-T a

PTG *-atã ‘duro’ : PAV *-ata : Av.C-A -ata⁹⁵⁴ : Av.C-T -ata

PTG *-etimã ‘canela’ : PAV *-etimã : Av.C-A -tima⁹⁵⁵ -etimã⁹⁵⁶ : Av.C-T -etima

PTG *-karãj ‘arranhar’ : PAV *kaʒaj : Av.C-A -kaʒaj⁹⁵⁷ : Av.C-T -qaʒaj

⁹⁴⁶ (TORAL, 1984, p.23)

⁹⁴⁷ (TORAL, 1984, p.32)

⁹⁴⁸ (BORGES, 2006, p.157)

⁹⁴⁹ (BORGES, 2006, p.311)

⁹⁵⁰ (TORAL, 1984, p.19)

⁹⁵¹ (BORGES, 2006, p.317)

⁹⁵² (HARRISON, 1974, p.2)

⁹⁵³ (TORAL, 1984, p.17)

⁹⁵⁴ (BORGES, 2016, p.318)

⁹⁵⁵ (TORAL, 1984, p.19)

⁹⁵⁶ (BORGES, 2006, p.317)

⁹⁵⁷ (BORGES, 2006, p.172)

PTG *-nupã ‘bater’ : PAV *-nupã : Av.C-A -nũpa⁹⁵⁸ -nupĩ⁹⁵⁹ : Av.C-T ---

PTG *pаканã ‘rio caudaloso’ : PAV *pакана : Av.C-A --- : Av.C-T pакана

PTG *-poãpe ‘unha’ : PAV *-pape : Av.C-A --- : Av.C-T i-pape ‘unha dele’

8. PTG *ẽ : PAV *e : Av.C-A e : Av.C-T e

PTG *-ẽʔẽ ‘doce’ : PAV *-e : Av.C-A -e ‘doce, salgado’⁹⁶⁰ : Av.C-T -e

PTG *-jaʔẽ ‘panela’ : PAV *-jãe ~ -jãe : Av.C-A ita-jai ‘panela de metal’⁹⁶¹ jãe-pepu ~ jãe-pepu ‘panela, prato’⁹⁶² : Av.C-T -naj ‘panela de barro’

PTG *-mokaʔẽ ‘moquear’ : PAV *-mokae : Av.C-A --- : Av.C-T -mokae

9. PTG *ĩ : PAV *i : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-atĩ ‘chifre’ : PAV *-ãtjĩ : Av.C-A -ãtsi⁹⁶³ -ãtjĩ⁹⁶⁴ : Av.C-T -ãtjĩ

PTG *kurumĩ ‘menino’ : PAV *kuꞤumi : Av.C-A konom⁹⁶⁵ qunumi⁹⁶⁶ kurum⁹⁶⁷ : Av.C-T qunumi

PTG *tuʔĩ ‘periquito’ : PAV *tui : Av.C-A tuĩ-ata⁹⁶⁸ tujata tui⁹⁶⁹ : Av.C-T tuj

⁹⁵⁸ (TORAL, 1984, p.32)

⁹⁵⁹ (BORGES, 2006, p.157)

⁹⁶⁰ (BORGES, 2006, p.318)

⁹⁶¹ (TORAL, 1984, p.50)

⁹⁶² (BORGES, 2006, p.77)

⁹⁶³ (HARRISON, 1974, p.3)

⁹⁶⁴ (TORAL, 1984, p.16)

⁹⁶⁵ (HARRISON, 1974, p.6)

⁹⁶⁶ (PAIVA, 1996, p.22)

⁹⁶⁷ (BORGES, 2006, p.109)

⁹⁶⁸ (HARRISON, 1974, p.3)

⁹⁶⁹ (BORGES, 2006, p.53 e 214)

10. PTG *ĩ : PAV *ĩ : Av.C-A i : Av.C-T i

PTG *-atapĩj ‘brasa’ : PAV *-atapĩj : Av.C-A --- : Av.C-T -atapin-a ‘brasa’

11.a. PTG *õ : PAV *õ : Av.C-A õ : Av.C-T õ

PTG *-enõj ‘chamar’ : PAV *-enõj : Av.C-A -enõj ‘ele chamou’⁹⁷⁰ : Av.C-T -enõj

PTG *mokõj ‘dois’ : PAV *moqõj : Av.C-A moqõj⁹⁷¹ : Av.C-T ‘moqõj

11.b. PTG *õ : PAV *o : Av.C-A o : Av.C-T o

PTG *amõ ‘alguns’ : PAV *amo : Av.C-A --- : Av.C-T amo ‘outro(s)’

11.c. PTG *õ : PAV *u : Av.C-A u : Av.C-T u

PTG *-manõ ‘morrer’ : PAV *-minu : Av.C-A -minu⁹⁷² : Av.C-T o-minu

11.d. PTG *õ : PAV *ũ : Av.C-A ã : Av.C-T ã

PTG *-amõj ‘avô’ : PAV *-amũj : Av.C-A -amũj : Av.C-T -amin

12.a. PTG *ũ : PAV *ũ : Av.C-A ã : Av.C-T ã

PTG *piũ ‘pium’ : PAV *piũ : Av.C-A piũ⁹⁷³ : Av.C-T piũ-miçi ‘abelha lambe-olhos
(*Leurotrigona muelleri*)’

⁹⁷⁰ (BORGES, 2006, p.95)

⁹⁷¹ (BORGES, 2006, p.312)

⁹⁷² (TORAL, 1984, p.24)

⁹⁷³ (BORGES, 2006, p.305)

12.b PTG *ũ : PAV *ũ : Av.C-A u : Av.C-T u

PTG *jatiʔũ ‘mosquito’ : PAV *dʒitʃiũ : Av.C-A tʃiu⁹⁷⁴ : Av.C-T ni'tʃiu

PTG *mitũ ‘mutum’ : PAV *mũtu : Av.C-A mũtu⁹⁷⁵ : Av.C-T mũtu

12.c PTG ã : PAV *ũ : Av.C-A õ u : Av.C-T u

1. PTG *-apekũ ‘língua’ : PAV *-apekũ : Av.C-A -opekõ⁹⁷⁶ -apeku⁹⁷⁷ : Av.C-T apeku

⁹⁷⁴ (BORGES, 2006, p.315)

⁹⁷⁵ (PAIVA, 1996, p.52)

⁹⁷⁶ (HARRISON, 1974, p.2)

⁹⁷⁷ (TORAL, 1984, p.17)

4.5. QUEDA DE VOGAIS NO PAV, NO AV.C-A E NO AV.C-T

Apresentamos a seguir exemplos que ilustram a queda de alguns reflexos do PTG *a, *e, *i, e *o no PAV, no Av.C-A e no Av.C-T.

1. PTG *a : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø

PTG *-awak ‘virar-se’ : PAV *-wak : Av.C-A --- : Av.C-T -wak

PTG *-uʔiβa ‘flecha’ : PAV *-uw : Av.C-A -uw⁹⁷⁸ : Av.C-T -uw

2. PTG a : PAV a : Av.C-A a : Av.C-T Ø

PTG *jaβoti ‘jaboti’ : PAV *dzaotfi : Av.C-A dzaotfi⁹⁷⁹ : Av.C-T dzotfi

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-potfia : Av.C-A -potsi⁹⁸⁰ -potfia⁹⁸¹ : Av.C-T -potfi

3. PTG e : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø

PTG *-eimaβ ‘animal doméstico’ : PAV *-eimaw : Av.C-A -eimaw : Av.C-T -imaw

PTG *-etsir ‘assar’ : PAV *-dzoib : Av.C-A -dzojβ : Av.C-T -zoiβ

PTG *-i-ʔu-tsej ‘desejar beber água’ : PAV *-i-u-ej : Av.C-A -i-u-ej⁹⁸² : Av.C-T -i-u-j
‘querer beber água’

PTG *-jotsej ‘lavar’ : PAV *-dzoj : Av.C-A -joj⁹⁸³ : - Av.C-T -dzoj

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-povaj : Av.C-A -povaj⁹⁸⁴ : Av.C-T -povaj

⁹⁷⁸ (TORAL, 1984, p.43)

⁹⁷⁹ (BORGES, 2006, p.216)

⁹⁸⁰ (HARRISON, 1974, p.2)

⁹⁸¹ (TORAL, 1984, p.18)

⁹⁸² (BORGES, 2006, p.167)

⁹⁸³ (PAIVA, 1996, p.33)

⁹⁸⁴ (BORGES, 2006, p.183)

PTG *-wejiβ ‘descer, abaixar’ : PAV *-dzip : Av.C-A -dzip⁹⁸⁵ : Av.C-T -dzjw

4. PTG i : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø

PTG *-uʔiβa ‘flecha’ : PAV *-uw : Av.C-A -uw⁹⁸⁶ : Av.C-T -uw

PTG *-kitʃe ‘faca’ : PAV *-kie : Av.C-A -ita-ki ‘faca de metal’⁹⁸⁷ ita-ke ‘faca de metal’⁹⁸⁸ -
kie ‘faca’⁹⁸⁹ : Av.C-T -qie ‘faca’

5. PTG o : PAV Ø : Av.C-A Ø : Av.C-T Ø

PTG *motsapir ‘três’ : PAV *moapik : Av.C-A moapik⁹⁹⁰ : Av.C-T 'mapik

PTG *-moapik ‘cozinhar’ : PAV *mapik : Av.C-A m̄bapik ~ mapik ‘ela cozinhou’ : Av.C-T
-mapiq

PTG *-moakuβ ‘esquentar’ : PAV *-moakup : Av.C-A -moakup⁹⁹¹ : Av.C-T -maku ‘eu
esquento’

PTG *-poãpe ‘unha’ : PAV *-pape : Av.C-A --- : Av.C-T i-pape ‘unha dele’

Tratamos a seguir das mudanças vocálicas ocorridas nos reflexos vocálicos do PTG no PAV, e do PAV no Av.C-A e no Av.C-T.

4.6 Uma discussão das mudanças ocorridas nos fonemas vocálicos do PAV às suas variedades modernas

Tratamos nessa seção das mudanças ocorridas no sistema vocálico do PAV para o Av.C-A e Av.C-T, tendo como base as correspondências regulares dos fonemas

⁹⁸⁵ (BORGES, 2006, p.212)

⁹⁸⁶ (TORAL, 1984, p.43)

⁹⁸⁷ (HARRISON, 1974, p.5)

⁹⁸⁸ (TORAL, 1984, p.43)

⁹⁸⁹ (BORGES, 2006, p.313)

⁹⁹⁰ (BORGES, 2006, p.320)

⁹⁹¹ (BORGES, 2006, p.312)

vocálicos apresentadas na seção anterior, bem como considerando a revisão da fonologia do Avá-Canoeiro apresentada no Capítulo 3.

De forma geral, observamos mudanças fonológicas esporádicas na qualidade dos reflexos das vogais do PAV em Av.C-A e em Av.C-T. Algumas dessas mudanças encontram-se em curso, como a perda da distinção entre vogais intrinsecamente nasais e vogais intrinsecamente orais em ambas as variedades do Avá-Canoeiro. Houve também ensurdecimento de vogais em sílabas átonas pós-tônicas e mudanças na qualidade de vogais decorrentes da queda de reflexos do PTG *tʃ, *ts, *ʔ e *β. Observamos que, no PAV e sobretudo no Av.C-T, reflexos do PTG *a mudaram para i antecedendo consoantes nasais.

A maioria das correspondências ilustram a retenção dos fonemas vocálicos do PAV nas variedades modernas, diferentemente do que ocorreu com línguas como o Tapirapé, Asuriní do Tocantins, Parakanã e Tenetehára, as quais sofreram mudanças importantes na qualidade de suas vogais, ainda que não compartilhadas.

Tratamos a seguir das mudanças ocorridas do PAV ao Av.C-A e ao Av.C-T quanto à antiga distinção entre vogais intrinsecamente nasais e vogais intrinsecamente orais.

Mudanças fonológicas esporádicas na qualidade de vogais do PAV, do Av.C-A e do Av.C-T

Das mudanças identificadas nos reflexos do PAV *i, parte delas caracteriza-se como mudanças esporádicas (correspondências 3.b), por exemplo, a mudança dos reflexos do PTG */i/ em /i/ ou /u/ no PAV e no Av.C-A (correspondências 4.b-e) e dos reflexos do PTG *o no PAV e no Av.C-T (correspondências 5.b-c e 11.c). A natureza esporádica dessas mudanças é comprovada com a manutenção de reflexos do PTG *e, *i e *o nos mesmos ambientes em que as mudanças esporádicas ocorreram (correspondências 2, 4 e 5).

Uma mudança específica ocorreu por analogia fonológica. Trata-se da mudança de PAV *e > Av.C-T /i/, na palavra para ‘dormir’ a seguir, por analogia à palavra para ‘chover’ /o-kʷiβ/⁹⁹²:

PTG */-kʲer/ ‘dormir’ : PAV */-keβ/ : Av.C-A /-ketʃ/⁹⁹³ -keʷ⁹⁹⁴ -ker ~ keβ⁹⁹⁵ : Av.C-T -qiβ/

Ensurdecimento de vogais em sílabas átonas

Observamos a ocorrência de ensurdecimento de vogais em sílabas átonas pós-tônicas, sobretudo após consoantes surdas, tanto no Av.C-A (HARRISON, 1974; TORAL, 1984; PAIVA, 1996) quanto no Av.C-T (A. SILVA, 2015). Essa ocorrência é subfonêmica e muito provavelmente se relaciona à mudança do acento no Avá-Canoeiro da última para a penúltima sílaba. Como esse ensurdecimento é verificado em todas as variedades do Avá-Canoeiro, postulamos que ele já existia no PAV.

Queda dos reflexos do PTG *tʃ, *ts, *ʔ e *β em PAV e as mudanças vocálicas decorrentes dessa queda

A queda dos reflexos do PTG *tʃ, *ts, *ʔ e *β em PAV fez com que palavras passassem a ter segmentos vocálicos em sequência, promovendo fusão de vogais de uma mesma qualidade.

PTG *kaʔa ‘mato, mata’ : PAV *ka : Av.C-A ka⁹⁹⁶ : Av.C-T ka

PTG *-ẽʔẽ ‘doce’ : PAV *-e : Av.C-A -e ‘doce, salgado’⁹⁹⁷ : Av.C-T -e

PTG *-weʔen ‘vomitar’ : PAV *-wen : Av.C-A -wen⁹⁹⁸ : Av.C-T -wen

⁹⁹² (BORGES, 2006, p.55)

⁹⁹³ (HARRISON, 1974, p.6)

⁹⁹⁴ (TORAL, 1984, p.2)

⁹⁹⁵ (BORGES, 2006, p.60)

⁹⁹⁶ (HARRISON, 1974, p.4)

⁹⁹⁷ (BORGES, 2006, p.318)

⁹⁹⁸ (BORGES, 2006, p.320)

PTG *tapiʔir ‘anta’ : PAV *tapiʎ : Av.C-A tapiti⁹⁹⁹ tapiʎ-a¹⁰⁰⁰ : Av.C-T tapiʎ-a

PTG *kapiʔi ‘capim’ : PAV *kapi : Av.C-A kapi¹⁰⁰¹ : Av.C-T qapi

PTG *kapiʔiβar ‘capivara’ : PAV *kapiwaβ-a : Av.C-A kapiway-a : Av.C-T qapiwaβ-a

PTG *-oʔo ‘carne’ : PAV *-o : Av.C-A mbaiyo ‘carne de animal’¹⁰⁰² : Av.C-T -o

PTG *-jo-ʔok ‘cavar’ : PAV *-dʒok : Av.C-A -jok ~ ʒok¹⁰⁰³ : Av.C-T ---

PTG *-tʃuʔu ‘morder’ : PAV *tʃu : Av.C-A -tʃu : Av.C-T -tʃu

PTG *-uʔu ‘tosse’ : PAV *-u : Av.C-A --- : -u

PTG *-jeʔeŋ ‘falar’ : PAV *-neŋ : Av.C-A neŋ : Av.C-T -neŋ

PTG *-itsipo ‘cipó’ : PAV *-ipo : Av.C-A -ipo¹⁰⁰⁴ : Av.C-T -ipo

PTG *-atʃaβ ‘atravessar’ : PAV *-aw : Av.C-A -aw ‘atravessar’¹⁰⁰⁵ : Av.C-T ---

Houve também queda vocálica quando uma vogal em início ou fim de palavra, se encontrava contígua a uma aproximante (ver mais exemplos em **4.5 Queda de Vogais no PAV, no Av.C-A e no Av.C-T**)

PTG *-tsikije ‘medo’ : PAV *-kidzi : Av.C-A -kidzi : Av.C-T -kidzi ‘medo, vergonha’

PTG *-etsir ‘assar’ : PAV *-dʒoiβ : Av.C-A -dʒojβ : Av.C-T -ʒoiβ

PTG *-potiʔa ‘peitoral’ : PAV *-potʃia : Av.C-A -potsi¹⁰⁰⁶ -potʃia¹⁰⁰⁷ : Av.C-T -potʃi

⁹⁹⁹ (HARRISON, 1974, p.3)

¹⁰⁰⁰ (TORAL, 1984, p.6)

¹⁰⁰¹ (HARRISON, 1974, p.4)

¹⁰⁰² (TORAL, 1984, p.47)

¹⁰⁰³ (BORGES, 2006, p.66)

¹⁰⁰⁴ (BORGES, 2006, 310)

¹⁰⁰⁵ (BORGES, 2006, p.58)

¹⁰⁰⁶ (HARRISON, 1974, p.2)

¹⁰⁰⁷ (TORAL, 1984, p.18)

PTG *taraʔir ‘traíra’ : PAV *taʎew-ɯu ‘esp. de traíra’ : Av.C-A tarew-ɯu : Av.C-T taʎew-ɯu

PTG *-uʔiβa ‘flecha’ : PAV *-uw : Av.C-A -uw¹⁰⁰⁸ : Av.C-T -uw

PTG *jaβoti ‘jaboti’ : PAV *dzaotʃi : Av.C-A dzaotʃi¹⁰⁰⁹ : Av.C-T dzotʃi

PTG *-poratsej ‘dançar’ : PAV *-povaj : Av.C-A -povaj¹⁰¹⁰ : Av.C-T -povaj

PTG *-jotsej ‘lavar’ : PAV *-dzoj : Av.C-A -joj¹⁰¹¹ : - Av.C-T -dzoj

PTG *-i-ʔu-tsej ‘desejar beber água’ : PAV *-i-u-ej : Av.C-A -i-u-ej¹⁰¹² : Av.C-T -i-u-j ‘querer beber água’

Observamos que os reflexos do PTG */taraʔir/ ‘traíra’ ilustram a queda do reflexo do PTG */a/ no PAV e a mudança esporádica de reflexo do PTG */i/ em /e/.

Outra mudança ocorrida foi a consonantização no Av.C-T, em que os reflexos do PTG *i e *e mudaram para /j/ em final de palavra.

PTG *juʔi ‘rã’ : PAV *dzui : Av.C-A dzui¹⁰¹³ : Av.C-T dzuj

PTG *kaʔi ‘macaco prego’ : PAV *kai : Av.C-A kai ~ qai : Av.C-T qaj

PTG *-kuʔi ‘pó, farelo’ : PAV *-kui : Av.C-A -kui¹⁰¹⁴ : Av.C-T -kuj ‘farinha’

PTG *-uʔi ‘farinha’ : PAV *-ui : --- : Av.C-A -ui ‘farinha (de mandioca)’¹⁰¹⁵ : Av.C-T -uj ‘arroz branco’

PTG *-maʔe ‘coisa’ : PAV *-mae : Av.C-A bae ~ m^hbai¹⁰¹⁶ : Av.C-T mae ~ maj

¹⁰⁰⁸ (TORAL, 1984, p.43)

¹⁰⁰⁹ (BORGES, 2006, p.216)

¹⁰¹⁰ (BORGES, 2006, p.183)

¹⁰¹¹ (PAIVA, 1996, p.33)

¹⁰¹² (BORGES, 2006, p.167)

¹⁰¹³ (PAIVA, 1996, p.15)

¹⁰¹⁴ (BORGES, 2006, p.313)

¹⁰¹⁵ (TORAL, 1984, p.47)

¹⁰¹⁶ (TORAL, 1984, p.47-48)

PTG *aʔe ‘esse de quem se fala (dêitico)’ : PAV *ae : Av.C-A ae¹⁰¹⁷ : Av.C-T aj

PTG *-jaʔẽ ‘panela’ : PAV *-jãe ~ -jãe : Av.C-A ita-pai ‘panela de metal’¹⁰¹⁸ jãe-pepu ~ jãe-pepu ‘panela, prato’¹⁰¹⁹ : Av.C-T -naj ‘panela de barro’

Motongação do PAV */eu/ em /o/ em Av.C-T

Observamos no Av.C-T a ocorrência de monotongação de reflexos do PAV *eu para /o/ em Av.C-T, em sílaba acentuada.

PTG *jawar ‘onça’ + -ete ‘genuíno’ : watʃu ‘intensivo’ : PAV *dʒawaɫ-ite-uɯ ‘onça pintada’ : Av.C-A dʒagʷari'tewgu : Av.C-T dʒaɯʷadʒitoɯ ‘onça pintada’

PTG *jateβuk ‘carrapato’ : PAV *dʒateuk : Av.C-A dʒateuk : Av.C-T dʒatoq

PTG --- : PAV *dʒateuk ‘esp. de bambu usado para flauta’ : dʒatewk-u ‘esp. bambú para flechas e flauta’ : Av.C-T dʒatok-a ‘bambu para flauta’

Assilabação do PAV *u e *o em /w/ no Av.C-T

Observamos a ocorrência de processo de assilabação em reflexos do PAV *u e *o, e *i e *e no Av.C-T. Esse processo ocorre apenas em algumas palavras e parece estar relacionado à questões prosódicas da língua.

PTG *o-ʔu ‘ele ingere (algo)’ : PAV *o-u : Av.C-A o-u : Av.C-T o-w

PTG *-momeʔu ‘contar’ : PAV *-momew : Av.C-A -momew¹⁰²⁰ : Av.C-T -momew

PTG *pikatʃu ‘pomba’ : PAV *pikaw : Av.C-A piqiw¹⁰²¹ : Av.C-T pikaw

¹⁰¹⁷ (BORGES, 2006, p.193)

¹⁰¹⁸ (TORAL, 1984, p.50)

¹⁰¹⁹ (BORGES, 2006, p.77)

¹⁰²⁰ (BORGES, 2006, p.90)

¹⁰²¹ (TORAL, 1984, p.8)

PTG *-pítsatsu ‘novo’ : PAV *-piaw : Av.C-A -piaw¹⁰²² : Av.C-T -piaw

PTG *-jatseʔo ‘chorar’ : PAV *-dʒæo : Av.C-A -dʒæo¹⁰²³ : Av.C-T -dʒæw

PTG *jatiʔũ ‘mosquito’ : PAV *dʒitʃiũ : Av.C-A tʃiũ¹⁰²⁴ : Av.C-T ni'tʃiw

4.7 Mudanças prosódicas ocorridas na história do Avá-Canoeiro: acento e nasalidade

Aprofundamos nessa seção uma discussão sobre as mudanças relativas a acento e nasalidade¹⁰²⁵ em PAV e nas suas variedades modernas, tendo como referência o que tem sido reconstruído como acento e nasalidade em PTG (RODRIGUES & CABRAL, 2003, 2011, 2012). Discutimos também os efeitos da mudança em curso da perda da distinção entre vogais intrinsecamente orais e vogais intrinsecamente nasais em curso no Av.C-A e no Av.C-T.

Iniciamos com uma discussão sobre o que tem sido reconstruído como a expressão de nasalidade em PTG para, na sequência, tratarmos das mudanças ocorridas do PTG ao PAV e do PAV ao Av.C-A e ao Av.C-T.

4.7.1. A expressão de acento e nasalidade em Proto-Tupí-Guaraní

Rodrigues & Cabral (2011) postulam que o acento do PTG recaía sobre a última sílaba da palavra e, nesse estágio anterior da família Tupí-Guaraní, haveria interação prosódica entre acento e o traço [+/- nasal] em vogais de sílabas acentuadas.

Segundo os autores (*op. cit.*, p.81), caso a sílaba acentuada contivesse uma vogal oral, haveria a propagação de oralidade até a próxima consoante nasal, afetando em certa medida as consoantes nasais. Caso a sílaba acentuada contivesse uma vogal nasal, haveria a propagação de nasalidade.

¹⁰²² (PAIVA, 1996, p.51)

¹⁰²³ (TORAL, 1984, p.33)

¹⁰²⁴ (BORGES, 2006, p.315)

¹⁰²⁵ Tratamos anteriormente da descrição sincrônica da nasalidade no Av.C-A e no Av.C-T, no âmbito do **Capítulo 3 Revisão da Fonologia do Avá-Canoeiro**.

O Avá-Canoeiro foi a única língua do sub-ramo IV a deslocar integralmente o acento final original do PTG para a penúltima sílaba. Uma das variedades do Parakanã começa a deslocar o acento da última sílaba para a penúltima, em um número reduzidíssimo de palavras. Em línguas de outros subramos de línguas Tupí-Guaraní, que também mudaram o padrão acentual original da última para a penúltima sílaba, ocorreu a queda total de consoantes finais, como foi o caso do Xetá (sub-ramo I), ou parcial, como em Avá-Guajá (sub-ramo VIII).

Os autores (*op. cit.*, p.72) observam que línguas da família Tupí-Guaraní mudaram a configuração original da interação entre o acento e a nasalidade, conforme ocorria no PTG, ou ampliando os domínios do contraste entre *span* [+ nasal] e [- nasal], como é o caso do Zo'é (cf. Cabral, 1998; 2001), ou reduzindo essa interação, fazendo com que a nasalidade seja expressa somente por consoantes nasais, como é o caso do Asuriní do Tocantins e o Parakanã.

Segundo os autores, línguas que mudaram o acento da última para a penúltima sílaba, ou mantiveram o contraste [+/- nasal] na vogal da última sílaba, como o Chiriguano (subramo II), ou esse contraste passou para a penúltima sílaba juntamente com a mudança do acento, como seria o caso do Xetá. Observam que as línguas Guajajara, Asuriní do Tocantins, Parakanã e Suruí do Tocantins, línguas do subramo IV da família Tupí-Guaraní, perderam a interação entre acento e nasalidade, e com isso o contraste entre vogais nasais e vogais orais, fazendo com que a nasalidade permanecesse somente como uma característica das consoantes nasais.

4.7.2. A expressão de acento e nasalidade em PAV, no Av.C-A e no Av.C-T

Quanto às mudanças relativas à acento e nasalidade ocorridas no Avá-Canoeiro, conforme tratamos anteriormente, o Av.C-A e o Av.C-T mantiveram, mesmo que parcialmente, o contraste do traço [+/- nasal] em vogais na última ou na penúltima sílaba dos temas. O Av.C-A, além de manter esse contraste, desenvolveu consoantes nasais pós-oralizadas, precedendo acento oral.

Notamos, no entanto, que do PAV para o Av.C-A e o Av.C-T, tem havido uma mudança que concorre para a perda do contraste do traço [+/- nasal] em vogais quando em sílaba acentuada, uma vez que vários reflexos de vogais nasais reconstruídas para o PTG ocorrem nas duas variedades como vogais orais.

No Av.C-A há outra mudança em curso que tem afetado parte dos reflexos das consoantes nasais m e n em sílabas com acento oral, os quais ocorrem ora como uma nasal plena, ora como uma consoante nasal pós-oralizada, ora como uma consoante oclusiva sonora.

Por outro lado, notamos que quando a vogal da sílaba acentuada é nasal, há a propagação da nasalidade que afeta todas as vogais e aproximantes, fazendo com que vogais orais assimilem o traço [+ nasal]; os reflexos do PAV *w se nasalizam mudando para \tilde{w} , no Av.C-A; os reflexos do PTG *j sofrem se nasalizam mudando para [j̃] ou para [ɲ] no Av.C-A; e os reflexos do PTG *r sofrem lenização e nasalização, mudando para [r̃], em variação livre com [r]. Um processo de assimilação do traço [+nasal] de r > n foi observado em apenas uma palavra em ambas as variedades do Avá-Canoeiro

PTG *kurumĩ ‘menino’ : PAV *kuꞑumi : Av.C-A konom¹⁰²⁶ qunumi¹⁰²⁷ kurum¹⁰²⁸ : Av.C-T qunumi

Do PAV para o Av.C-T, observamos que a mudança em curso que concorre para perda do contraste do traço [+/- nasal] é mais acentuada, uma vez que nessa variedade há uma menor ocorrência de vogais intrinsecamente nasais em sílaba acentuada, e não há a ocorrência de alofones nasais pós-oralizados de consoantes nasais, quando a vogal da sílaba acentuada é oral.

Além do mais, observamos um processo já concluído no Av.C-T, de fusão dos reflexos do PAV /dʒ/ com reflexos do PAV /n/ em ambiente nasal. Observamos também nesse mesmo ambiente, em pouquíssimos exemplos do Av.C-T uma fusão de /w/ e /ɰ/ em /ŋ/.

PTG *tatsiβ ‘formiga’ : PAV *taiw : Av.C-A taip-i¹⁰²⁹ : Av.C-T taiw

¹⁰²⁶ (HARRISON, 1974, p.6)

¹⁰²⁷ (PAIVA, 1996, p.22)

¹⁰²⁸ (BORGES, 2006, p.109)

¹⁰²⁹ (PAIVA, 1996, p.21)

PTG *tatsiβ ‘formiga + -akaŋ ‘cabeça’ : PAV *tauw-akiŋ : Av.C-A tauw-akiŋ¹⁰³⁰ : Av.C-T tauŋ-
aqiŋ ‘esp. de formiga’

PTG *wira ‘pássaro’ : PAV *wɪɤa : Av.C-A wɪga¹⁰³¹ βira ~ wɪri¹⁰³² : Av.C-T ɤwɪɤa

PTG *wira ‘pássaro + *mirĩ ‘pequeno’ : PAV *wiɫa-mĩli : Av.C-A wiɫa-mĩli¹⁰³³ wi:ra-miri¹⁰³⁴
: Av.C-T wiɤemidʒi ~ uŋamidʒi ‘pássaro pequeno’

PTG *apiwar ‘narina’ : PAV *-apoiŋ : Av.C-A -puiŋ ; Av.C-T -apojun

Esses fatos são indicadores de no Av.C-T as mudanças relativas à nasalidade se aproximam mais nas mudanças já ocorridas em outras línguas do subramo IV da Tupí-Guaraní, nas quais não há mais contraste do traço [+/- nasal], relativo a vogais de sílabas acentuadas, sendo a nasalidade expressa apenas por meio de consoantes nasais.

¹⁰³⁰ (TORAL, 1984, p.8)

¹⁰³¹ (PAIVA, 1996, p.53)

¹⁰³² (BORGES, 2006, p.87)

¹⁰³³ (TORAL, 1974, p.9)

¹⁰³⁴ (BORGES, 2006, p.134)

4.8 Algumas Considerações Finais sobre as Mudanças Fonológicas Ocorridas na História do Avá-Canoeiro

Tratamos nesse capítulo das mudanças fonológicas ocorridas com as consoantes e vogais ocorridas na história do Avá-Canoeiro. Apresentamos no início do capítulo um quadro com as correspondências regulares para as consoantes, seguido de exemplos e discutimos as principais mudanças fonológicas consonantais e vocálicas. Com respeito às mudanças que afetaram as consoantes, destacamos a fusão dos reflexos do PTG *k e *kʲ em k, e dos reflexos do PTG *pʷ e kʷ em kʷ no PAV. Destacamos também a queda dos reflexos do PTG *ʔ e *ts, e a queda de grande parte dos reflexos do PTG *tʃ e *β, assim como a fusão dos reflexos do PTG *t diante de *i com o PTG *tʃ. Outras mudanças destacadas foram a lenização de reflexos do PTG *β mudados para w, a nasalização de reflexos do PTG *j em PAV, em ambiente nasal, e a consonantização dos reflexos do PTG *j mudados em /dʒ/ nos demais ambientes, exceto antes de silêncio, e a lenização de reflexos do PTG *r mudados em ʎ após *i e/ou antes de vogal anterior e ʀ nos demais ambientes.

Quanto a mudanças ocorridas especificamente no Av.C-A, destacamos um processo progressivo de desnazalização dos reflexos do PAV *m e *n em ambientes orais. Na variedade do Av.C-A descrita por Harrison (1974), observamos a fusão de reflexos do PAV */dʒ/ com */tʃ/.

Quanto ao Av.C-T, observamos um processo de posteriorização de consoantes, para o qual os reflexos do PAV */k/ e */kʷ/ teriam se uvularizado respectivamente em /q/ e /qʷ/, no Av.C-T; os reflexos do PAV */tʃ/ e */dʒ/ se tornaram retroflexos, mudados em /tʃ̣/ e /dʒ̣/, respectivamente. Observamos também que reflexos da consoante aproximante labiovelar do PAV *w teriam se uvularizado em ʀʷ.

Quanto às mudanças que afetaram vogais, apresentamos também um quadro de correspondências regulares, seguido de exemplos para cada correspondência. Posteriormente, discutimos as principais mudanças fonológicas vocálicas encontradas: mudanças esporádicas em reflexos das vogais do PTG, dentre as quais a mudança do PTG *e para i, do PTG *u para o e do PTG *i para i ou u; e a perda do contraste entre vogais orais e nasais em sílaba acentuada.

Discutimos também mudanças prosódicas no padrão acentual que deslocou o acento da sílaba final para a penúltima sílaba, afetando também a nasalidade vs. oralidade das vogais e consoantes do Avá-Canoeiro, promovendo a desnazalização de vogais, por

um lado, e a nasalização de consoantes aproximantes, neste caso no Av.C-T apenas. Mostramos também que encontra-se em curso um processo de desnasalização de consoantes nasais no Av.C-A.

CAPÍTULO 5. INFLUÊNCIAS CULTURAIS E LINGUÍSTICAS NO LÉXICO AVÁ-CANOEIRO

Neste capítulo, tratamos de mudanças semântico-lexicais e de empréstimos na língua Avá-Canoeiro, os quais consideramos evidências de contato entre os Avá-Canoeiro e falantes de Português antes mesmo do contato oficial ocorrido 1973/1974 (contato com Av.C-A) e 1983 (contato com Av.C-T). Argumentamos que as mudanças semântico-lexicais e os empréstimos discutidos ocorreram em três situações de contato distintas:

- (a) contato cultural sem contato linguístico, muito provavelmente antes do contato oficial, o qual propiciou mudanças semânticas e neologismos;
- (b) contato linguístico de baixa intensidade, muito provavelmente no início do aprendizado da língua portuguesa pelos mais jovens nascidos antes do contato, o qual propiciou empréstimos do Português seguindo padrões fonológicos do Av.C; e
- (c) contato linguístico de alta intensidade envolvendo falantes nascidos após o contato e bilíngues em Avá-Canoeiro e Português, o qual tem propiciado empréstimos do Português no Av.C, seguindo padrões do Português.

As mudanças semântico-lexicais encontradas são analisadas com base nos conceitos de “prototipicidade” e de “semelhança de família” (CUENCA & HILFERTY, 1999). Essas mudanças ilustram exemplos como a extensão semântica em *jawiɪ* ‘cachorro’ (< PTG *ja’war ‘onça’) e *jawal-et-ovo* [cachorro-genuíno-INTEN] ‘onça’, ocorrida após o contato dos Av.C com o cachorro. Descrevemos também processos neológicos, observados em palavras como *ita-naj* [pedra-panela] ‘panela (de metal), *itakie* [pedra-faca] ‘faca (de metal)’ e *nekataiwa* [2=R¹-fogo-pau] ‘teu fósforo’ ou lit. ‘tua madeira de fogo’. Analisamos também empréstimos lexicais no Avá-Canoeiro, introduzidos por falantes Avá-Canoeiro com baixa proficiência em Português, como *kawágo* ‘cavalo’ e *kápe* ‘café’. Observamos que mudanças nessa mesma direção ocorreram também em diversas línguas da família Tupí-Guaraní, muito provavelmente nos primeiros contatos com os não indígenas.

5.1 Influências culturais e linguísticas no Av.C antes do contato oficial

Conforme comentamos anteriormente (**Erro! Fonte de referência não encontrada.**), os Avá-Canoeiro se constituem de quatro grupos na atualidade: os Avá-Canoeiro do Araguaia (autodenominados *Ãwa*), contatados em 1973/1974; um grupo muito provavelmente Avá-Canoeiro do Araguaia em isolamento voluntário na Mata do Mamão, Ilha do Bananal/TO; os Av.C-T, contatados 1983; e um grupo muito provavelmente Av.C-T em isolamento voluntário no norte do estado de Goiás.

Sabemos pela arqueologia que o que seria muito provavelmente o ancestral desses grupos Avá-Canoeiro teria chegado ao Centro-Oeste em meados do séc. XV, conforme apontam estudos arqueológicos sobre a ocupação Tupí-Guaraní nessa região (BARBOSA, 2014; SHMIDT et al., 1996). Pressupõe-se que, através de dados históricos, arqueológicos e linguísticos, após terem atravessado a bacia do rio Xingu até o alto Rio Tocantins, os ancestrais dos Avá-Canoeiro teriam subido o Rio Tocantins até a sua bacia. Uma parte deles, notadamente os chamados Av.C-A, teriam descido o Rio Tocantins até a Ilha do Bananal, há aproximadamente 200 anos (P. RODRIGUES, 2012).

É interessante notar que a expansão dos ancestrais dos Avá-Canoeiro fizeram do Rio Xingu para o alto Rio Tocantins, subindo depois esse rio, tenha sido provavelmente a mesma rota tomada pelos Tapirapé, que se localizam atualmente no Rio Tapirapé, na margem esquerda da Ilha do Bananal, no estado do Mato Grosso. O Centro-Oeste, no entanto, é uma zona eminentemente Jê e comporta o bioma Cerrado, o qual possui diferenças importantes em relação à Amazônia.

Ao olharmos pelo viés da história, observamos que não se têm notícia dos Avá-Canoeiro no Centro-Oeste até o século XVIII, quando registros históricos reportam contatos esporádicos entre eles e frentes de colonização subindo o Rio Araguaia (PEDROSO, 1992; RODRIGUES, 2012). Podemos considerar o período entre esse momento e o contato oficial como sendo (a) contato cultural sem contato linguístico, uma vez que observamos a ocorrência de mudanças semânticas e neologismos, mas não empréstimos do Português na língua Avá-Canoeiro.

Este teria sido o momento dos primeiros contatos dos Avá-Canoeiro com diversos elementos da cultura ocidental da época, como o metal usado instrumentos, diferentes tipos de artefatos, plantas e animais, além de diferentes tipos de alimentos. Além disso, a saída da Amazônia para o Cerrado produz novas interpretações sobre o

meio, bem como a ressignificação de seu conhecimento tradicional para a vida nesse bioma. Discutimos abaixo alguns exemplos ilustrativos desses fenômenos.

A “existência em abundância” é um conceito encontrado em várias línguas Tupí-Guaraní e no Avá-Canoeiro e denota normalmente lugares propícios à pesca, caça e coleta. Em vários momentos antes do contato, os Avá-Canoeiro iam em lugares com abundância de alimentos e coletavam milho, caçavam vacas, cavalos, entre outros, naquilo que posteriormente entenderiam como sendo fazendas e sendo parte do domínio dos *Maila*, o homem branco.

Nessas andanças, vários fazendeiros soltavam cachorros contra os grupos de Avá-Canoeiro, de forma que esse animal passou a ser visto como animal raivoso, difícil, aproximando-se do que conheciam como onça. Deslocaram então o significado prototípico encontrado no PTG *ja'war ‘onça’ para *dzawiw* ‘cachorro’ e a partir dessa base passaram a derivar a onça, como em *dzawal-et-oko* [cachorro-genuíno-INTEN] ‘onça’. A vaca, diferentemente do processo ocorrido com o ‘cachorro’, foi interpretada, a partir da base nominal *tapixa* [tapidʒa] ‘anta’, como sendo a anta verdadeira ou genuína, em *tapiw-eté* [ta.pidʒi'te] ou *tapi-te* [tapi'te] (anta-GEN) ‘vaca’.

Ao saírem da Amazônia e chegarem no Cerrado, passam a ter contato com animais e plantas que possuem semelhança com o que conheciam, ao mesmo tempo que deixam de ter contato com aqueles. Dessa forma, reinterpretem *maracajá* ‘gato-maracajá’, presente na Amazônia, para *marakádza* ‘jaguaririca’, presente no Cerrado. Da mesma forma, observamos o reflexo de PTG *arakur ‘saracura’ para a referência tanto da saracura quanto da seriema, *awákiw* ‘saracura, seriema’ e, a partir deste, *awaku-pitan* [seriema-vermelho] ‘seriema-de-pé-vermelho’.

Os Av.C-T passam a usar a palavra *akéwa* para ‘gariroba’ e *ake-mili* para ‘babão (esp. de palmeira pequena)’ (TORAL, 1984), utilizando-se da mesma base nominal anteriormente usada para macaúba, pois perderam o contato com essa planta, ao passo que viram semelhança com gariroba. A macaúba possui até 15 metros e é endêmica da Floresta Amazônica e da Mata Atlântica, ao passo que a gariroba atinge no máximo 20 metros e é endêmica do Cerrado. Ambas são palmeiras, possuem flores e frutos em cachos e amêndoa oleaginosa comestível, cujo óleo é utilizado em produtos corporais. Os frutos da macaúba são de cor marrom amarelada e os da gariroba são de cor verde amarelada, e o caule de ambos pode ser usado para construção de casas. A gariroba, diferentemente da macaúba, possui palmito amargo e comestível.

Os Av.C-T passam a utilizar *niwatfi* ‘espinho’ como referência metonímica ao “abacaxi” e ao “limão”, devido à planta de ambos terem espinhos. A partir da base *tak^wawa* ‘taquara, bambú’ passam a nomear a cana de açúcar como “bambú doce”, *tak^wawe* [taq^wad^hε].

O verbo *-pok* ‘explodir, estourar’ passa a ser utilizado como referência aos disparos de arma de fogo e, a partir dessa base verbal, criam por um processo neológico as palavras para ‘arma de fogo’, *-pokaw* (-estourar-NOM.CIRC.) e ‘bala, projétil’ *-mokawain* (-estourar-NOM.CIRC.=R¹-semente-ARG), significando literalmente ‘a semente do instrumento de estourar humanos’.

Anteriormente ao contato oficial de 1983, os Av.C-T criam a palavra *ywakapaga* [i^hw^εq^ha:p^εε] para um ‘instrumento musical de corda, semelhante a um berimbau’. Esse instrumento, presente apenas nesse grupo Avá-Canoeiro, fora descrito em detalhes por Calado (1998/1999) como um instrumento de uma corda só, amarrada a duas hastes colocadas nas pontas de um pedaço longo de madeira semelhante a uma minicanoa. A corda utilizada antes do contato era tripa de macaco e após o contato os Av.C-T passaram a utilizar linha de pesca. Como essa palavra é observada somente no Av.C-T, a entrada dessa palavra na língua deve ter ocorrido nos últimos 200 anos, posteriormente à separação desse grupo com o grupo de Av.C-A que subiu na direção da Ilha do Bananal, e ilustra o contato com um instrumento musical muito próximo do berimbau, o que poderia indicar contato dos Av.C-T com grupos quilombolas da região norte de Goiás.

5.2 Influências culturais e linguísticas no Av.C após o contato oficial

O contato estabelecido com os dois grupos Avá-Canoeiro são episódios traumáticos e memorados com muita dor. Os Av.C-A foram contatados com tiros e fogos de artifício, foram levados acorrentados a uma fazenda próxima e depois disso deslocados à força para uma aldeia de um grupo étnico inimigo, o que fez estes os verem como prêmio de guerra. Os Av.C-T buscaram ajuda junto a regionais no noroeste de Goiás e tiveram suas flechas e carne de caça confiscadas. A FUNAI foi chamada e iniciou-se o que então ficou conhecido como tempo de cativo (C. SILVA, 2005).

O contexto do pós-contato demandou o conhecimento rápido das culturas e das línguas envolventes como forma de sobrevivência: a língua portuguesa, para os Av.C-

T e a língua portuguesa, o Javaé e/ou o Karajá, para os Av.C-A. Nesse primeiro momento do contato, os falantes homens e sobretudo mais novos foram os responsáveis por esse aprendizado imediato. É importante notar que essas relações envolvem o *ipaji* ‘ter pajé’, força fundamental para fazer a tradução desses mundos. Força ainda mais importante pois a relação fundamental se dava entre os Avá-Canoeiro e aqueles que os mataram: os *Maila*, para os Av.C-T; e os *Baira*, para os Av.C-A. Temos nesse momento a adoção de empréstimos da língua portuguesa, mas adaptados à fonologia Avá-Canoeiro, além do uso de mudanças semântico-lexicais e criação de palavras. Discutimos na sequência alguns exemplos.

O contato com o arroz plantado e com o arroz comprado no mercado fez com que os Avá-Canoeiro desenvolvessem palavras na língua para nomeá-los. A partir da palavra para ‘milho’ *awátfi*, os Av.C-T derivaram *awátfi-mívi* [a'watʃi'mi:dʎi] (milho-ATEN) ‘arroz com casca, lit.: milhinho’, por meio de *-mívi* ‘atenuativo’. Os Av.C-A nomearam o arroz a partir da flor/fruto do capim: *kapi ipotíka*. Os Av.C-T deslocaram o significado de ‘farinha’ no reflexo do PTG *uʔi para nomear o ‘arroz branco’ encontrado nos mercados, e passaram a utilizar *kúj* com referência a ‘farinha’, termo cognato do que é encontrado em outras línguas, como o As.T, para ‘farelo, pó’. A partir de *kumana* ‘feijão’, derivaram a forma *kuma-ku* (feijão-INTEN) ‘castanha de Barú’. É interessante notar que o baruzeiro ocorre somente no Cerrado e em áreas entre o Cerrado e a Mata Atlântica.

Os Avá-Canoeiro criaram nomes descritivos para frutos que não possuíam similaridade com frutos já conhecidos, como o ‘mamão’ *mae-á-ku* [coisa-redonda-INTEN] ‘lit.: coisa grande e redonda’ e a ‘banana’ *mae-apáv-e* [ma:ea'pa:dʎe] [coisa-torta-doce] ‘coisa torta e doce’. Rodrigues (2011 [1984], p.245) comenta que a ocorrência de um nome descritivo para ‘banana’ e a ausência do nome *pakóbá* do Tupinambá, indicaria que os Av.C “não representam uma tradição Tupinambá ou de Língua Geral.”

Desde o início do contato, os Av.C passaram a ter contato mais próximo com animais de criação ocidentais, como a galinha e o porco. Notamos no Av.C-A e no Av.C-T a existência de *avakáv-i* [ava'qa:dʎi] [saracura-ATEN] para ‘galinha, lit.: seriemazinha’ (cf. TORAL, 1984, p.8), forma derivada da palavra para ‘saracura, seriema’ *avaku* mais o sufixo atenuativo *-i*. Uma vez que essa palavra é encontrada em ambos os grupos Avá-Canoeiro, o contato com a galinha deve ter ocorrido antes da separação dos dois grupos. Para os Av.C-A, observamos que a palavra *tadzau* ‘porcão’ também é utilizada para se

referirem ao ‘porco doméstico’, enquanto os Av.C-T derivaram *tadzátʃukúle* ‘porco doméstico’. Isso indicaria que muito provavelmente o contato com o porco doméstico se deu após a separação dos dois grupos.

Os Avá-Canoeiro tiveram ainda contato com uma vasta gama de artefatos, para os quais também criaram novas palavras na língua, como *-ataiwa* [ɐ'tɛiɰɐ] (-fogo-pau-ARG) ‘fósforos, lit.: pau de fogo’; *itakie* (metal-faca) ‘faca de metal’; *-itakiemisi* [itʰɛkie'miɰi] ‘prego, lit.: faquinha de metal’; *pina-i* ‘anel, lit.: anzol pequeno’ (cf. BORGES, 2006, p.139) e *-pipawa* [l=ɾl-pé-NOM.CIR.-ARG] ‘sandália (lit.: instrumento/lugar do meu pé)’. Além dessas, observamos também os seguintes neologismos para artefatos e vestimentas:

Quadro 19 – Neologismos para artefatos e vestimentas

néwaqága	‘teu rádio’
néwaga	‘teu gravador’
awawákaka	‘chapéu’
nevékʷaváwa	‘teu calção’
tzawikʷiwa	‘minha saia’
tʃiajaqawāwa	‘meu lenço (de cabeça)’
ōwaqɛŋoavɛ	‘lenço dele’

Observamos também a ocorrência de extensão semântica para nomear ‘roupa’, vindo de *aw-a* [couro-ARG] e nos verbos *-kutuk* ‘furar’, para ‘costurar’; e *-kʷatʃiav* ‘riscar’, usado também com referência ao ato de ‘escrever’.

Além desses exemplos, notamos a ocorrência de empréstimos da língua portuguesa no Av.C-T, mantendo características da fonologia desta última:

Quadro 20 – Empréstimos do Português no Avá-Canoeiro

Português Regional			Av.C
‘cavalo’	/ka'valu/	[ka'valɔ]	/ka'wawu/ [ka'wawu]
‘gato’	/'gatu/	['gato]	/'ɰatu/ ['ɰatu]
‘café’	/ka'fɛ/	[ka'fɛ]	/'kape/ ['kape]
‘manga’	/'māga/	['mɛ̃ᵑgɐ]	/'maka/ ['maka]
‘Sinval’	/sĩ'vaw/	[sĩᵑ'vaw]	/tʃi'paw/ [tʃi'paw]
‘sal’	/'saw/	['saw]	/'tʃaw/ ['tʃaw]

Nos exemplos acima, observamos a manutenção do padrão acentual na penúltima sílaba do Av.C, bem como a produção de [ɰ] ao invés de [l] junto a vogais

posteriores, em ‘cavalo’; a produção de [ɣ] ao invés de [g], em ‘gato’; de [p] ao invés de [f], em ‘café’, e ao invés de [v] em ‘Sinval’; a produção de [aʁa] ao invés de [ãⁿga], devido à oralidade de [g] em ‘manga’; e a produção de [tʃ] ao invés de [s] em ‘Sinval’ e em ‘Sal’.

5.3 Algumas considerações

Discutimos nesse capítulo mudanças semântico-lexicais, criação de palavras e empréstimos na língua Avá-Canoeiro, analisando sempre que possível as estratégias linguísticas utilizadas, como derivação e composição, extensão semântica, entre outras. Contextualizamos o provável surgimento de empréstimos e das mudanças semântico-lexicais observadas em dois momentos do contato: o (a) contato cultural sem contato linguístico (quando da subida do Rio Tocantins pelos Avá-Canoeiro e estabelecimento posterior no interflúvio Tocantins-Araguaia); e (b) contato linguístico de baixa intensidade, quando do início do aprendizado da língua portuguesa pelos Avá-Canoeiro nascidos antes do contato (Faixas I e sobretudo II).

Observamos que o (c) contato linguístico de alta intensidade se relaciona a fenômenos como o *code-switching*, a que nos ateremos em trabalhos futuros. Sobre isso, observamos que o nascimento de gerações de falantes depois do contato propiciou a existência de falantes bilíngues na língua portuguesa e Avá-Canoeiro, no caso dos Av.C-T; e na língua portuguesa, Avá-Canoeiro e Javaé e/ou Karajá, no caso dos Av.C-A.

Para essas gerações de falantes nascidos após o contato, notamos o uso de palavras ou expressões dessas línguas no Avá-Canoeiro, sem que essas tenham marcas da fonologia do Avá-Canoeiro, o que se deve ao fato desses falantes terem pleno domínio dessas línguas, propiciando fenômenos de *code switching* e *code mixing*. Em pesquisas posteriores aprofundaremos esse estudo, buscando analisar quais as categorias de palavras do Português são as mais presentes nas variedades do Avá-Canoeiro de falantes nascidos após o contato e o grau de interferência dessas línguas no Av.C-A e no Av.C-T.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese de doutorado buscou contribuir para a história dos Avá-Canoeiro e para a história de sua língua. No capítulo 1, apresentamos e descrevemos inicialmente aspectos históricos, culturais e sociolinguísticos do Avá-Canoeiro. Para que esse trabalho fosse possível de ser desenvolvido, desde o nosso contato inicial com os Av.C-T em 2012, tornou-se necessário etnografar alguns aspectos socioculturais dos Avá-Canoeiro, como a criação de pessoa, a qual possibilitou ao pesquisador compreender a sua identidade em campo, segundo a visão dos Avá-Canoeiro, bem como compreender o sistema de relacionalidade desse povo e ter com ele uma interação saudável e respeitosa.

No capítulo 2, discutimos brevemente sobre a classificação da língua Avá-Canoeiro no âmbito da família linguística Tupí-Guaraní, bem como se o Av.C-A e o Av.C-T seriam línguas diferentes ou dialetos de uma mesma língua. Por fim, nesse capítulo, apresentamos questões fundamentais sobre o estado de vitalidade atual dessa língua e a importância que o Av.C-A e o Av.C-T tem para os seus falantes.

Seguindo parte da metodologia que desenvolvemos em estudo anterior junto aos Av.C-T (A. SILVA, 2015), no capítulo 3 nós aprofundamos a descrição da fonologia da língua, apresentando, primeiramente, as descrições fonológicas existentes para o Av.C-A (BORGES, 2006; PAIVA, 1996) e, em seguida, revisões pontuais, propondo uma análise fonológica de dados transcritos foneticamente por pesquisadores que trabalharam com o Avá-Canoeiro nas décadas de 1970 e 1980 (HARRISON, 1974; TORAL, 1983), com o fim de identificar fenômenos que não mais ocorrem junto aos falantes remanescentes do contato e falantes que nasceram após o contato. Usamos ainda critérios geolinguísticos, como localização geográfica, e critérios sociais, diageracionalidade (separando os falantes em faixas etárias) e nascimento antes ou depois do contato, para demonstrar a existência de diferentes variedades do Av.C-T e do Av.C-A.

A revisão da fonologia segundo essa perspectiva conseguiu encontrar sistematicidade em registros mais antigos do Avá-Canoeiro, bem como dados que trazem indagações importantes para a história do Avá-Canoeiro, como as mudanças ocorridas nos reflexos do protofonema *r do PTG.

No capítulo 4, demonstramos as mudanças fonológicas ocorridas na história da língua, tendo como referência o que tem sido reconstruído para o do Proto-Tupí-Guaraní. O estudo nos permitiu, assim, propor hipóteses do que teria sido o Proto-Avá-Canoeiro e demonstrar as mudanças ocorridas nas duas variedades diatópicas do Avá-Canoeiro em separado, assim como a natureza e direções dessas mudanças. Apresentamos em um primeiro momento as correspondências regulares para esses segmentos, e posteriormente discutimos as mudanças ocorridas a partir dessas correspondências. Aprofundamos ainda a discussão sobre as mudanças prosódicas ocorridas na expressão do acento e nasalidade em Avá-Canoeiro.

Os dados discutidos nesse capítulo nos possibilitaram levantar a hipótese de existência de pelo menos três grupos de Avá-Canoeiro, os falantes de Av.C-A a que Harrison (1974) teve acesso, os demais falantes de Av.C-A, cuja variedade foi estudada pelos pesquisadores subsequentes, e os Av.C-T. Muito provavelmente, o grupo do Av.C-A seja realmente fruto de uniões de grupos distintos de Avá-Canoeiro, sobreviventes de massacres de suas aldeias, e que o ancestral de uma parte desses estaria na bacia do Tocantins há aproximadamente 190 anos, antes da separação com os Av.C-T.

Finalmente, no capítulo 5, tratamos de algumas mudanças semântico-lexicais, processos de criação de palavras e empréstimos identificados no Avá-Canoeiro. Com este capítulo, tratamos de como o léxico pode representar aspectos da expansão de grupos Avá-Canoeiro para o Centro-Oeste, seja devido a uma mudança semântica por conta de um elemento da fauna e flora restrita à floresta amazônica, que após o contato com o Cerrado, faz os falantes nomearem um elemento desse último bioma; seja por meio de elementos que indicam contato cultural com o homem branco, mesmo antes do contato oficial.

Observamos que, quando há somente contato cultural sem contato linguístico, temos a criação de neologismos para elementos novos do mundo. Já quando há contato linguístico, temos tanto a criação de neologismo quanto o surgimento de empréstimos lexicais.

Durante a pesquisa linguística e os estudos etnográficos, nós pudemos contribuir ativamente durante as discussões sobre a educação Avá-Canoeiro e para a proposta da Escola Indígena *Ikatuté*. Com a presente tese, esperamos, sobremaneira, contribuir para o conhecimento da história linguística e de contato dos Ava com o mundo

dos brancos, contribuindo também na ampliação da documentação e do conhecimento linguístico da língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Afonso, Germano B. **As Constelações Indígenas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Telescópios na Escola, 2013, v.3, p.1-11
- AIKHENVALD, Alexandra Y.; DIXON, R. M. W. (Org.). **The Amazon languages**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 107-124.
- BARBOSA, Altair S.; SCHMITZ, Pedro I.; TEXEIRA NETO, Antônio; GOMES, Horieste. **O Piar da Juriti Pepena: narrativa ecológica da ocupação humana do cerrado**. Goiânia: Editora da PUC de Goiás, 2014.
- BAKKER, Peter. The Quest for non-European creoles : Is Kukama (Brazil, Oeru) a creole language? In: SMITH, Norval; VEENSTRA, Tonjes; ABOH, Enoch (Eds.). *Advances in Contact Linguistics*. In honour of Pieter Muysken. John Benjamins Publishing Company, 2020, pp. 85-106
- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale I**. Paris: Gallimard, 1966.
_____. **Problèmes de linguistique générale II**. Paris: Gallimard, 1974.
- BERLIN, Brent ; KAUFMAN, Terrence ; CARSON, Neusa ; RODRIGUES, Aryon. **Diagnostic vocabulary**. In: Projeto de documentação das línguas indígenas da América do Sul, [*South American indian languages documentation project (SAILDP)*]. Berkeley: University of California; Campinas/SP: Universidade Estadual de Campinas, 1986 (mimeo).
- BISOL, Leda (org.). **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 5 ed. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.
- BLEVINS, Juliette. **The Syllable in Phonological Theory**. In: _____. GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.
- BORGES, Mônica Veloso. **O estudo do Avá: relato e reflexões sobre a análise de uma língua ameaçada de extinção**. *LIAMES (Línguas Indígenas Americanas)*. Campinas: UNICAMP/IEL, 2002, n° 2. 85-104pp.
_____. **Fonologia segmental do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. Campinas: UNICAMP/IEL, 2003^a. (mimeo).
_____. **Evidências fonológicas de parentesco genético entre Avá-Canoeiro e Tupi-Guarani**. Campinas: Unicamp/IEL, 2003b. (mimeo).
_____. **Aspectos fonológicos e morfossintáticos do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. Tese de doutorado. Campinas, SP: UNICAMP, 2006.
_____. **Reduplicação em Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani): uma língua brasileira ameaçada de extinção**. *UniverSOS (Valência)*, v. 05, p. 233-243, 2008^a.
_____. **Posições do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani)**. In: Rodrigues, A. D.; Cabral, A. S. A. C.. (Org.). *Línguas e Culturas Tupi*. Campinas-SP/Brasília-DF: Curt Nimuendajú/LALI-UnB, 2008b, v. 01, p. 385-389.
_____. **Estudo sobre o Léxico do Avá-Canoeiro (Tupi-Guarani): alguns resultados iniciais**. In: Cristina Martins Fargetti. (Org.). *Abordagens sobre o Léxico em Línguas Indígenas*. 1ed.Campinas-SP: Curt Nimuendajú, 2012, v. , p. 223-243.

BORGES, Mônica Veloso & LEITÃO, Rosani Moreira. **O papel da Etnografia e da Linguística em projetos de educação indígena: o caso Avá-Canoeiro**. Comunicação apresentada no Seminário do Grupo de Estudos sobre Relações Interétnicas, realizado na Universidade de Brasília, no Departamento de Antropologia, em 17 de janeiro de 2003. (mimeo).

BOUQUIAUX, Luc ;THOMAS, Jacqueline. **Studying and Describing Unwritten Languages**. (traduzido por James Roberts). SIL International, 1992.

BRAGGIO, Sílvia Lucia. **Projeto Avá-Canoeiro. Uma proposta de educação: vitalização da língua e da cultura**. Goiânia: UFG/ FL/ DELL, 2000. (mimeo).
_____. **O papel da pesquisa sociolinguística em projetos e educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-Canoeiro de Minaçu**.

LEITE, Yonne de F. A classificação do Tapirapé da família Tupí-Guaraní. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*. n. 7, 1982.

LIAMES, 2003, p. 3: 113-133.

_____. **O papel da pesquisa sociolinguística em projetos e educação, vitalização de língua e cultura: relatos sociolinguísticos iniciais dos Avá-Canoeiro de Minaçu/Goiás/Brasil**. UniverSOS. Revista de Lenguas Indígenas y Universos Culturales, 2004, p.1: 117-136.

BROSELOW, Ellen. **Skeletal Positions and Moras**. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

CABRAL, Ana Suely S. A. C.. **Contact-Induced Language Change in the Western Amazon: The Non-Genetic Origin of the Kokama Language**. Tese (Doutorado em Linguística). Estados Unidos, University os Pittsburgh, PITT, 1995.

_____. Algumas evidências linguísticas de parentesco genético do Jo'é com as línguas Tupí-Guaraní. *MOARA*, Belém, PA, v. 4, p. 47-76, 1996.

_____. **Aspectos da marcação de caso no Asuriní do Tocantins**. In: CR-ROM do XIII Congresso da ANPOLL, 2000, Campinas, SP. Síntese, Anais do XIII Congresso da ANPOLL. Niterói, RJ: Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, 1998.

_____. **Flexão relacional na família Tupí-Guaraní**. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN)*, Fortaleza, nº 25, p.233-262, 2001.

_____. **Observações sobre a história do morfema -a da família Tupi-Guarani**. In: F. Queixalós. (Org.). *Des noms et des verbs en tupi-guarani: état de la question*. 1ed.Muenchen: LIMCOM EUROPA, 2001, v. 1, p. 133-162.

_____. **Natureza e direções das mudanças de alinhamento ocorridas no tronco Tupi**. Trabalho apresentado no *I Encontro sobre Ergatividade na Amazônia*, UnB, Brasília, 2002.

_____. **As Categorias Nome e Verbo em Zo'é**. In: Cabral, Ana Suely A. C.; Rodrigues, Aryon D.. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas: Curt Nimuendajú, 2007, v. I, p. 241-257.

CABRAL, A. S. A. C.; KAMAIWRÁ, Aisanain Paltú; SILVA, Ariel P. C.; CARVALHO, Mauro Luiz; SOUSA, Suseile Andrade; KAMAIURÁ, Wary. **Uma análise contrastiva da expressão de correferencialidade entre três línguas Tupí-Guaraní: Asuriní do Tocantins, Kamaiurá e Nhandeva**. Pôster apresentado na 63ª Reunião Anual da SBPC, 2011.

_____. **Uma análise constrastiva da expressão de correferencialidade entre três línguas Tupí-Guaraní : Asuriní do Tocantins, Kamaiurá e Nhandeva**. In: 63ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência SBPC, 2011, Goiânia. Anais/Resumos da 63ª Reunião Anual da SBPC, 2011.

CABRAL, A. S. A. C. ; LOPES, J. D. ; SILVA, A. P. C. ; SOUSA, Suseile Andrade . **Esboço Gramatical do Asuriní do Trocará.** In: Ana Suelly Arruda Camara Cabral ; Ariel Pheula do Couto e Silva ; Daniella Vanessa Abrântes Martins ; Jorge Domingues Lopes ; José Porfírio Fontenelle de Carvalho ; Suseile Andrade Sousa. (Org.). *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins: Projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística.* 1ed. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012^a, v. 1, p. 25-35.

CABRAL, A. S. A. C. ; LOPES, J. D. ; SILVA, A. P. C. ; SOUSA, Suseile Andrade ; SILVA, Tabita F. da . **Dêiticos classificatórios no sub-ramo IV da família Tupí-Guaraní, com foco especial em Asuriní do Tocantins, Parakanã, Tembé, Guajajára e Tapirapé.** Apresentação de Comunicação no congresso “Os diferentes modos como as línguas Indígenas Sulamericanas classificam os referentes dos nomes”. Brasília: Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, 2013^a.

CABRAL, Ana Suelly A. C.; MAGALHÃES, Marina; ARAGON, Carolina; OLIVEIRA, Sanderson C. de. **Pesquisa lingüística junto a grupos indígenas brasileiros de contato recente.** Revista Intercâmbio dos Congressos Internacionais de Humanidades (UnB), v. 1, p. 1-12, 2008.

CABRAL, Ana Suelly A. C. & RAZKY, Abdelhak. **Projeto Atlas Linguístico Sonoro das Línguas Indígenas do Brasil (ASLIB).** Belém/UFPA; Brasília/UnB/LALLI, 2013.

CABRAL, Ana Suelly Arruda Câmara; RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Dicionário da Língua Asuriní do Tocantins – Português.** Belém: UFPA/IFNOPAP, UnB/IL/LALI, 2003.

_____. **O desenvolvimento do gerúndio e do subjuntivo em Tupí-Guaraní.** In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall’Igna Rodrigues. (Org.). *Novos estudos sobre línguas indígenas.* 1 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, v. 1, p. 47-58, 2005.

CABRAL, A. S. A. C. ; SILVA, A. P. C. ; AQUINO, Letícia de S. ; SOUSA, Suseile Andrade. **O Português brasileiro falado pela comunidade Asuriní do Trocará.** In: Ana Suelly Arruda Camara Cabral ; Ariel Pheula do Couto e Silva ; Daniella Vanessa Abrântes Martins ; Jorge Domingues Lopes ; José Porfírio Fontenelle de Carvalho ; Suseile Andrade Sousa. (Org.). *Contribuições para o Inventário da Língua Asuriní do Tocantins: Projeto piloto para a metodologia geral do Inventário Nacional da Diversidade Linguística.* 1ed.Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas/UnB, 2012b, v. 1, p. 37-57.

CABRAL, A. S. A. C. ; SILVA, A. P. C. ; LOPES, J. D. ; AGUILAR, A. M. G. C. ; SOUSA, Suseile Andrade . **Aprofundando as Noções de Tempo e Modalidade em Tupí-Guaraní.** Apresentação de Trabalho no congresso “Tempo, Aspecto e Modalidade em Línguas Indígenas Sul-Americanas”. Brasília, Universidade de Brasília, Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, 2012c.

CABRAL, A. S. A. C. ; SILVA, A. P. C. e ; OLIVEIRA, Gabriel B. V.. **Nominalizações em Tupí.** Apresentação de Trabalho no congresso “Nominalización en las Lenguas de las Américas”, PUC-Lima/Peru, 2014.

CABRAL, A. S. A. C. ; SILVA, A. P. C. ; OLIVEIRA, Sanderson C. S. de ; SOUSA, Suseile A. ; SOLANO, Eliete de J. B. . **Análise contrastiva do fenômeno da correferencialidade em três línguas Tupí-Guaraní.** In: Ana Suelly Arruda Camara Cabral; Aryon Dall’Igna Rodrigues; Fábio Bonfim duarte. (Org.). *Línguas e culturas Tupí* 2. 1ed.Campinas: Curt Nimuendajú, 2010, v. 1, p. 95-104.

CABRAL, A. S. A. C. ; SILVA, A. P. C. ; SOUSA, Suseile Andrade . **Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupí-Guaraní: Asuriní do Tocantins, Avá-Canoeiro e Zo é**. In: “XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística” e “IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística” (SILEL), 2013, Uberlândia. Anais do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2013b. v. 3. p. 1-17.

CABRAL, A. S. A. C. ; SILVA, Beatriz Carreta Correa da ; JULIÃO, Risoleta ; MAGALHÃES, Marina Maria Silva . **Linguistic Diffusion in the Tocantins-Mearin Area**. In: Ana Suelly Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall. (Org.). *Línguas e culturas dos Povos Tupí*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2007, v. 1, p. 357-374.

CALADO, Maria A. Os Sons do Povo Invisível. In: BISPO, Antonio A. Die Musikkulturen der Indianer Brasiliens III (Musices Aptatio Liber). 1998/1999, pp. 298-300.

CALDAS, R.B.C. **Aspecto, Modo de Ação e Modalidade em Ka’apór**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal do Pará, Belém, 2001.

CAMPBELL, L. R. **Language classification: history and method** (Lyle Campbell and William J. Poser). Cambridge: Cambridge U Press, 2008.

_____. **Glossary of historical linguistics**. Edinburgh: Edinburgh U Press; Salt Lake City: University of Utah Press. (L. Campbell and Mauricio Mixco), 2007.

_____. **Grammar from the Human Perspective: Case, Space, and Person in Finnish**. (Current Issues in Linguistic Theory, 277) Amsterdam: Benjamins. (Marja-Liisa Helasvuo and L. Campbell, eds.), 2006.

_____. **Grammaticalization: a critical assessment**, ed. by Lyle Campbell. (Special issue of *Language Sciences*, vol. 23, numbers 2-3.), 2001.

_____. **Historical Linguistics: an Introduction** . Edinburgh: Edinburgh University Press. (396pp.), 1998.

_____. **American Indian languages: the historical linguistics of Native America**. Oxford: Oxford University Press, 1997^a.

_____. **The Life of Language: Papers in Linguistics in Honor of William Bright**, ed. by Jane Hill, P.J. Mistry, and L. Campbell. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997b.

_____. **The Languages of Native America: An Historical and Comparative Assessment**. Austin: University of Texas Press. (L. Campbell and Marianne Mithun, editors), 1979.

CAMPBELL, Lyle & GODDARD, Ives. **Summary Report: American Indian languages and principles of language change**. In: Philip Baldi (Ed.), *Linguistic Change and Reconstruction Methodology*, Trend in Linguistics, Studies and Monographs, n.45, 1990, p.17-32.

CARSTEN, Janet. **Cultures of Relatedness New Approaches to the Study of Kinship**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CHRIST, Catarina Lourdes. **Grupos de indígenas isolados no Mato Grosso**. In: *Relatório 2009: violência contra os povos indígenas no Brasil*: 132-141. Brasília: CIMI, 2009.

CLEMEN, G. N. & HUME, Elizabeth V. **The Internal Organization of Speech Sounds**. In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

CORRÊA DA SILVA, B. C. **Urubú-Ka’apór, da gramática à história: a trajetória de um povo**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Universidade de Brasília, 1997.

_____. **Urubú-Ka’apór: from grammar to history – the course of a people**. Paper presented at the I International Workshop on Historical Linguistics and Language Contact. Laboratório de Línguas Indígenas, Universidade de Brasília, 2005.

- _____. **Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: Relações Linguísticas e Implicações Históricas.** Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Brasília, 2011.
- COMRIE, B.. **Language Universals and Linguistic Typology: Syntax and Morphology.** Oxford: Blackwell and Chicago: University of Chicago Press, 1989.
- _____. **Aspect: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems**(Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- _____. **Tense** (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- CORRÊA DA SILVA, Beatriz C.. **Mawé/Awetí/Tupí-Guaraní: Relações Linguísticas e Implicações Históricas.** (Tese de Doutorado). Brasília: PPGL/LIP/IL/UnB, 2010.
- COUDREAU, Henri. **Voyage au Tocantins-Araguaya. 31 décembre mai 1897.** Paris, 1897.
- COUTO DE MAGALHÃES, José Vieira. **Viagem ao Araguaya.** Edição definitiva: São Paulo, 1902.
- CROWLEY, Terry. **Field Linguistics: a beginner's guide.** (Edited and prepared for publication by Nick Thieberger). New York: Oxford University Press, 2007.
- CUENCA, M.; HILFERTY J.. **Introducción a la lingüística cognitiva.** Barcelona: Ariel, 1999.
- CULIOLI, A. **Pour une linguistique de l'énonciation: opérations et représentations,** tome I, Paris: Ophrys, 1990.
- CUNHA MATTOS, Raimundo José da.. **Chorographia historica da provincia de Goyaz.** Revista trimestral do Instituto histórico, geographico e ethnographico do Brasil. Rio de Janeiro, t. XXXVII, 1874, 1ª parte, p.213-398; t. XXXVIII, 1875, 1ª parte, p. 5-150.
- DIETRICH, Wolf. **More evidence for an internal classification of tupi-guarani languages.** Gebr. Mann Verlag, 1990.
- DIETRICH, Wolf. **O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico.** In: NOLL, Volker. O Português e o Tupi no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2010.
- DIXON, R. M. D. **Ergativity.** Cambridge: Ambridge University Press, 1985.
- DOBSON, Rose M. **Aspectos da Língua Kayabí.** Série Lingüística N. 12. Brasília : Summer Institute of Linguistics, 1988.
- DORIAN, Nancy. **Investigating Variation: the effects of social organization and social setting.** Nova Iorque: Oxford Press, 2010.
- DUARTE, F. B. **Análise Gramatical das orações da língua Tembé.** Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Instituto de Letras da Universidade de Brasília, Brasília, 1997.
- ERRINGTON, Shelly. **Reconfigurando Sexo, Gênero e Poder: Uma revisão teórica e regional** (tradução de Daniel Simião). In: ATKINSON, Jane; ERRINGTON, Shelly (orgs.). Power & Difference: Gender in Island Southeast Asia. Stanford: Stanford University Press, 1990.

- EVERETT, Daniel. **Don't sleep. There are snakes.** New York : Pantheon Books, 2008.
- _____. **Language: the cultural tool.** New York : Pantheon Books, 2012.
- FOLEY, William A. e VAN VALIN Jr, Robert D.. **Functional syntax and universal grammar.** Cambridge University Press, Cambridge, 1984.
- GARCIA, Uirá. Ka'á Watá, “andar na floresta”: caça e território em um grupo Tupi da Amazônia. *Mediações Revista de Ciências Sociais*, 17 (1), 2012.
- _____. Sobre o Poder da Criação: parentesco e outras relações Awá-Guajá. *Mana*, 21 (01), 2015.
- GUEDES, Elisa. **Relatório sobre indígenas Avá-Canoeiro em isolamento na região de Cavalcante.** 2007. (m/s)
- GODDARD, Ives. **Algonkian, Wiyot, and Yurok - proving a distant genetic relationship.** Linguistics and anthropology in honor of C.F. Voegelin, ed. By Dale Kinkade, Kenneth L. Halle, and Oswald Werner, 249-62. Lisse: Peter de Ridder, 1975.
- GOLDSMITH, John A. **Phonological Theory.** In: GOLDSMITH, John A. *The Handbook of Phonological Theory.* Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.
- GRANADO, Eliana. **Populações indígenas e empreendimentos hidrelétricos – Os Avá-Canoeiro e o AHE Serra da Mesa.** Trabalho apresentado no 70th Annual Meeting of ICOLD, Brazilian Committee on DAMS. Foz do Iguaçu, 2002.
- GREENBERG, J. H. **Language in the Americas.** Stanford: Stanford University Press, 1987.
- GRAY, Russell D., & ATKINSON, Quentin D.. Language-tree divergence times support the Anatolian theory of Indo-European origin. *Nature*, n.426, 2003, p.435–439
- HALL, T. A. & HAMANN, Silke. “On the cross-linguistic avoidance of rhotic plus high front vocoid sequences.” *Lingua*, 2010, n. 120, pp. 1821–1844.
- HARRISON, Carl H.. **Gramática asuriní: Aspectos de uma gramática transformacional e discursos monologados da língua asuriní, família tupi guaraní.** *Série Lingüística*, 4. Brasília: Summer Institute of Linguistics. 175 p., 1975.
- _____. **The morphophonology of Asurini words.** In David Bendor-Samuel (ed.), Tupi studies I, 21-71. *Summer Institute of Linguistics Publications in Linguistics and Related Fields*, 29. Norman: Summer Institute of Linguistics of the University of Oklahoma, 1971.
- _____. **Relatório Avá-Canoeiro.** Brasília: SIL, 1974. (Arquivo Linguístico n° 020).
- HOCK, Hans Heinrich. **Principles of historical linguistics.** Berlin: Mouton de Gruyter. 1991.
- HOCK, Hans Heinrich; JOSEPH, Brian D.. **Language History, Language Change, and Language Relationship: An Introduction to Historical and Comparative Linguistics.** 1^a edição. New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- JAKOBSON, Roman. **Princípios de Fonologia Histórica.** Tradução de Wilmar da Rocha D'Angelis. Campinas, SP: Curt Nimuendaju, 2008.
- JENSEN, Cheryl. **O Desenvolvimento Histórico da Língua Wayampí.** Campinas : Ed. da Unicamp, 1989.
- _____. **Cross-Referencing Changes in some Tupi-Guarani Languages,** in Amazonian

Linguistics, Studies in Lowland South American Languages. Editado por Doris L. Payne. Austin: University of Texas Press, 1990.
_____. **Comparative Tupi-Guarani Morphosyntax**, in Handbook of Amazonian Languages, vol 4. Editado por D. C. Derbyshire e G. K. Pullum. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

JOURDAN, Christine & TUIITE, Kevin. **Language, Culture and Society**. New York: Cambridge University Press, 2006.

JUSTIÇA FEDERAL – SEÇÃO JUDICIÁRIA DO TOCANTINS. **Liminar da Justiça Federal determina que União adote providências para localizar indígenas que vivem isolados na Ilha do Bananal**. 13/11/19. Disponível em <https://trf1.jus.br/sjto/comunicacao-social/imprensa/noticias/liminar-da-justica-federal-determina-que-uniao-adote-providencias-para-localizar-indigenas-que-vivem-isolados-na-ilha-do-bananal.htm>. Acesso em Dez./2020.

KAUFMAN, T. **Language History in south of America: what we know to know more**. In: Payned, D. L. (Org.) *Amazonian Linguistics – studies in lowland South American Languages*. University of Texas Press, Austin, 1990.

KAUFMAN, T & CABRAL, Ana Suely A. C.. **Revisão da lista lexical (SAILDP) de itens para pesquisa histórico-comparativa**. 2014, m/s.

KENNETH, Rehg; CAMPBELL Lyle (Eds.). **The Oxford Handbook of Endangered Languages**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2018

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LADEFOGED, Peter & MADDIESON, Iam. **The Sounds of the World's Languages**. Cambridge, Massachuset: Blackwell, 1995.

_____. **Vowels and Consonant: an Introduction to the Sounds of Languages**. Malden/MA, USA: Blackwell, 2001.

_____. **Phonetic Data Analysis: An Introduction to Fieldwork and Instrumental Techniques**. Malden/MA, USA: Blackwell, 2003.

LAINE, Marlene de. **Fieldwork, Participation and Practice: Ethics and Dilemmas in Qualitative Research**. Londres: SAGE, 2000.

LEHMANN, Winfred P. **Historical Linguistics**. New York: Holt, 1962.

LEITÃO, Rosani Moreira. **A etnografia no projeto de educação Avá-Canoeiro**. Trabalho apresentado na 54ª Reunião Anual da SBPC, realizada em Goiânia-Goiás, em julho de 2002ª.

_____. **Relato de experiências de pesquisa entre os Avá-Canoeiro: alternativas de registros etnográficos para um projeto de educação**. Comunicação apresentada no 5º Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul). Curitiba: UFPR, 2002b.

LEMLE, Miriam. **Internal Classification of the Tupí-Guaraní Linguistic Family**. Tupi Studies I (David Bendor-Samuel, ed.): 107-129. Norman: Summer Institute of Linguistics, 1971.

LOUKOTKA, Čestmir. **Klassifikation der südamerikanischen Sprachen**. Zeitschrift für Ethnologie, 74.1-69, 1939.

_____. **Sur la classification des langues indigenes de l'Amérique du Sud**. *Anais do XXVIII Congresso Internacional de Americanistas*, pp. 193-199, Paris.1948.

_____. *Classification of South American Indian Languages*. Reference Series, 7. Los Angeles: Latin American Centre, University of California. 1968.

MASON, John Alden. **The languages of South American Indians**. In: Julian H. Steward (Ed.), *Handbook of South American Indians*, Bureau of American Ethnology, Bulletin 143, vol. 6, pp. 157-317, Washington, D.C. 1950.

MEILLET, Antoine. **La méthode comparative em linguistique historique**. Oslo. (Repr. 1966, Paris: Champion.), 1925.

MCQUOWN, Norman A. **The Indigenous Languages of Latin América**. *American Anthropologist*, n.57, 1955, p. 501-570.

MOSELEY, Christopher (ed.). **Atlas of the World's Languages in Danger**. Paris, UNESCO Publishing, 2010, 3ed. Versão online disponível em: <<http://www.unesco.org/culture/en/endangeredlanguages/atlas>>. Acesso em Dez./2020.

NICHOLSON, Velda. **Transformações Morfofonêmicas em Asuriní**. SIL, 1975.

_____. **Ordem Frasal de Cláusulas na Língua Asurini**. SIL, 1976^a.

_____. **Asuriní Possessive Pronouns: Preliminary Version**. SIL, 1976b.

PALTU KAMAIWRA, Aisanain. **Uma análise linguístico antropológica de exemplares de dois gêneros discursivos kamaiurá**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2010.

_____. **Um estudo etnográfico e linguístico de um ritual Kwaryp**. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

PAIVA, Anivaldo. **Elementos de fonologia Avá-Canoeiro**. (Dissertação de Mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1996.

PEDROSO, Dulce Madalena Rios. **Avá-Canoeiro: a história do povo invisível (século XVIII e XIX)**. (Dissertação de Mestrado). Goiânia: Universidade Federal de Goiás/ICHL, 1992.

_____. **Avá-Canoeiro: O Povo Invisível**. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás/FURNAS Centrais Elétricas, 1994.

_____. *et alii*. **Avá-Canoeiro: a terra, o homem, a luta**. Goiânia: Editora da UCG, 1990.

PIKE, Kenneth. **Phonetics a Critical Account of Phonetic Theory and a Technique for the Pratical Description of Sounds**. Ann Arbor. The University of Michigan Press, 1943.

_____. **Phonemics a Technique for Reducing to Writing**. Ann Arbor. The Universite or Michigan Press, 1947.

PORTELA, C. A. **Por uma história mais antropológica: indígenas na contemporaneidade**. *Sociedade e Cultura*, v. 12, p. 151-160, 2009.

RIVET, P. **Langues del'Amérique du Sud et des Antilles**. In: MEILLET, A.; COHEN, M. (Org.) *Les Langues du Monde*. Paris, 1924^a. p. 639-712.

_____. **Les Indiens Canoeiros**. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, 1924b, n. s., tome XVI, p. 169-181.

RODRIGUES, A. D. **A Composição em Tupi**. Separata de *Logos*, ano VI, n. 14. Curitiba, 1951.

_____. **Morfologia do Verbo Tupi**. *Letras*, Curitiba, v. 1, p. 121-152, 1953.

_____. **Estrutura do Tupinambá**. [1981]. In: CABRAL, Ana Suely A. C.;

- RODRIGUES, Aryon D.; DUARTE, Fábio B. (Org). *Línguas e Culturas Tupí*. Campinas/SP: Curt Nimuendaju; Brasília: LALI/UnB, 2010, v.2, p.11-42.
- _____. Evidencia Tupi-Guarani Para *Pw>Kw. *Estudos Linguísticos*, v. 7, p. 1-9, 1983.
- _____. Relações Internas na Família Linguística Tupi-Guarani. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 27, p. 33-53, 1985.
- _____. **Silêncio, Pausa e Nasalização**. In: Encontro Nacional de Linguística, 8, 1986. Anais. Rio de Janeiro. p. 153-159.
- _____. **Avá-Canoeiro**. 26/11/1988 m/s.
- _____. Argumento e Predicado Em Tupinambá. *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 19, p. 57-66, 1996.
- _____. Dois exercícios de etimologia tupí: ‘esposa’ e ‘boca’. *Moara – Revista dos Cursos de Pós-Graduação em Letras da UFPA*, Belém, PA, v. 9, p. 33-51, 1998.
- _____. (Org.). **Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história**. 1ed. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1, p. 327-337.
- _____. **As consoantes do Proto-Tupí**. In: Ana Suely Arruda Câmara Cabral; Aryon Dall’Igna Rodrigues. (Org.). *Línguas e Culturas Tupí*. 1ed. Campinas; Brasília: Curt Nimuendaju; LALI, 2007, v. 1, p. 167-203.
- _____. **Linguistic reconstruction of elements of prehistoric Tupí culture**. In: Eithne B. Carlin; Simon van der Kerke. (Org.). *Linguistics and archaeology in the Americas: the historization of language and society*. 1ed. Leiden, The Netherlands: Brill, 2010, v. 2, p. 1-10.
- RODRIGUES, Aryon Dall’igna & CABRAL, A. S. A. C. . **Reverendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní**. In: Cabral, Ana Suely A. C. ; Aryon Dall’Igna Rodrigues. (Org.). *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história*. Belém: EDUFPA, 2002, v. 1.
- _____. **Investigando a Origem e o Desenvolvimento de Orações Dependentes nas Famílias do Tronco Lingüístico Tupí**. *Revista da ABRALIN*, v. V, p. 11-32, 2006.
- _____. **Pronomes e marcas pessoais em línguas do tronco Tupí**. In: _____. I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL, 2002, Belém, PA. *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história - Atas do I Encontro Internacional do Grupo de Trabalho sobre Línguas Indígenas da ANPOLL*. Belém, PA: EDUFPA, 2001. v. 1.
- _____. **Considerations on the concepts of language and dialect: a look on the case of Asuriní of Tocantins and Parakanã**. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, p. 1-11, 2009.
- _____. A Contribution to the Linguistic History of the Língua Geral Amazônica.. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. São José do Rio Preto. Impresso), v. 55, p. 613-639, 2011.
- _____. **Tupían**. In: _____. Lyle Campbell and Verónica Grondona. (Org.). *The Indigenous Languages of South America*. 1ed. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, 2012, v. 2, p. 495-574.
- RODRIGUES, Patrícia de M. **Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Taego Áwa**. 2012 (não publicado).
- _____. **Os Avá-Canoeiro do Araguaia e o tempo de cativoiro**. In: Anuário Antropológico/2012-I, 2013, p. 83-137. Disponível em: <http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas%202012_I/Os_Ava-Canoeiros_do_Araguaia_e_o_tempo_de_cativoiro_%20Patricia.pdf>. Último acesso em nov. 2014.
- SAKEL, Jeanette & EVERETT, Daniel. **Lingustic Fieldwork: A Student Guide**. New York: Cambridge University Press, 2012.

SAPIR, Edward. **Culture, Language and Personality**. (selected essays edited by David G. Mandelbaum). Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1949.

SEEGER, Anthony; DA MATTA, Roberto; VIVEIROS DE CASTRO, E. B.. **A Construção da Pessoa nas Sociedades Indígenas Brasileiras**. Boletim do Museu Nacional n. 32, 1979.

SEKI, Lucy. **Gramática do Kamayurá, língua Tupi-Guarani do Alto Xingu**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SHOESTED, Ryan K.. **An Aerodynamic Explanation for the Uvularization of Trills?**. Anais do 8th International Seminar on Speech Production, 2008, p.421-424.

SILVA, Ariel P. C. e. **Flexão relacional em Avá-Canoeiro**. Apresentação de Comunicação no IV Encontro Internacional Tupí. Ji-Parana/RO, Universidade Federal de Rondônia, 2013. **Relatório Anual (2012/2013) do projeto Assessoria Linguística Junto aos Avá-Canoeiro**. Brasília, 2014a, m/s.

_____. **Flexão Casual em Avá-Canoeiro do Tocantins**. Apresentação de Comunicação no 29º Encontro Nacional da ANPOLL. Florianópolis/SC, Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

_____. **Elementos da Fonologia, da Morfossintaxe e da Sintaxe da Língua Avá-Canoeiro**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

_____. Pivô Semântico, Tópico e Foco em Avá-Canoeiro do Tocantins (família Tupí-Guaraní). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 9, p. 163-185, 2017.

SILVA, Ariel Pheula do Couto e; CABRAL, A. S. A. C. . Expressão de Caso Argumentativo em Avá-Canoeiro. *Fragmentum* (UFSM), v. 46, p. 215-231, 2015.

SILVA, Ariel P. C.; UNTERBAUMAN, Enrique Huelva. **Correlation between social organization and space/time mapping: the Avá-Canoeiro, Tapirapé and Mbyá Guaraní (Tupí-Guaraní) cases**. Apresentação de pôster no evento “Linking social effects in language processing to social effects in language evolution”, Max Planck Institute for Psycholinguistics, 2016.

SILVA, Auristéa C. S.. **Correferencialidade em Parakanã**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belém/UFPA, 1999.

SILVA, Carmem Lúcia da. **Sobreviventes do extermínio: uma etnografia das narrativas e lembranças da sociedade Xetá**. Dissertação de Mestrado em Antropologia. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. 1998.

_____. **Em busca da sociedade perdida – o trabalho da memória Xetá**. Tese de doutorado em Antropologia. Brasília: Universidade de Brasília. 2003.

SILVA, Cristhian Teófilo da. **Cativando Maira: a sobrevivência Avá-Canoeiro no alto Rio Tocantins**. (tese de doutorado). Brasília: Universidade de Brasília/ DAN, 2005.

SILVA, Lorrane Gomes da. **Avá-Canoeiro: conflitos no cerrado do norte goiano – a resistência dos bravos**. (dissertação de mestrado). Goiânia, Universidade Federal de Goiás/IESA, 2010.

_____. **Avá-Canoeiro: guardiões do Cerrado do Norte Goiano**. In: __ Ateliê Gráfico Revista Eletrônica. Goiânia: UFG/IESA, 2010^a, v.4, n.1, pp. 116-138. Disponível em <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/ateliê/article/view/16685>>, último acesso em dez. 2013.

_____. **Singrar rios, morar em cavernas e furar jatoká: ressignificações culturais, socioespaciais e espaços de aprendizagens da família Avá-Canoeiro do Rio Tocantins.** Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SILVA, Tabita Fernandes da. **História da Língua Tenetehára: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família lingüística Tupi-Guarani do Tronco Tupi.** Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2010.

SINHA, Chris; BERNARDÉZ, Enrique. **Space, Time, and Space-time: metaphors, maps, and fusions.** In: SHARIFIAN, Farzad (ed.). *The Routledge Handbook of Language and Culture.* Londres e Nova Iorque: Routledge, 2015, pp. 309-324.

SOLANO, Eliete de Jesus Bararuá. **Descrição Gramatical da Língua Araweté.** Tese (Doutorado em Linguística). Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2009.

SOLANO, E. J. B. ; CABRAL, A. S. A. C. . Mais Fundamentos para a Hipótese de Proximidade Genética do Araweté com Línguas do sub-ramo V da Família Tupí-Guaraní (Further Foundations for the Hypothesis of Genetic Proximity of the Araweté Language to the Languages of sub-set V of the Tupí-Guaraní Family). *Estudos da Língua(gem)*, v. 4, p. 41-46, 2006.

STAROSTIN, George. Preliminary lexicostatistics as a basis for language classification: A new approach. *Journal of Language Relationship*, n.3, 2010, p.79-116.

STORTO, Luciana R.; DEMOLIM, Didier. **The phonetics and phonology of South American Languages.** In: ____ CAMPBELL, Lyle; GRONDONA, Verónica (Eds.). *The indigenous languages of South America: A comprehensive Guide.* Berlin/Boston: Lyle Campbell e Verónica Grondona, 2012. p. 331-390.

TAPIRAPÉ, Iranildo Arowaxeo'í. Extensão Escolar Avá-Canoeiro Ikatoté: minha experiência de vida social e pedagógica com o povo Avá-Canoeiro. *Revista Articulando e Construindo Saberes.* Goiânia: NTFESI/UFG, v.3, n.1, 2018, p. 477-490. <https://doi.org/10.5216/racs.v3i1.55395>

TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale.** Paris, 1965.

THIEBERGER, Nicholas. **The Oxford Handbook of Linguistics Fieldwork (Oxford Handbooks).** Oxford: Oxford University Press, 2014.

THOMASON, Sarah Grey & KAUFMAN, Terrence. **Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics.** Berkeley: University of California Press, 1988.

THOMASON, Sarah Grey (Ed). **Contact Languages: a wider perspective.** A companion series to the “Journal os Pidgin & Creole Languages”, v.17. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

_____. **Language Contact: an introduction.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001.

_____. **Endangered Languages: An Introduction.** Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

TORAL, André Amaral. **Os índios negros ou os Carijó de Goiás: a história dos Avá-Canoeiro.** Revista de Antropologia. Volumes XXVII/XXVIII. São Paulo: USP, 1984/5.

287-325pp.

_____. **Vocabulário Avá-Canoeiro**. s/d. (mimeo).

TOSTA, Lena. “**Homi matou papai meu**”: **uma situação histórica dos Avá-Canoeiro**. (Monografia de Final de Curso). Brasília: UnB, 1997.

TRUBETZKOY, N. S. **Principles of Phonology**. Tradução de Christiane A. M. Baltaxe. Los Angeles: University of California Press, 1969.

TRUDGILL, Peter. Societies of intimates and linguistic complexity. In: DE BUSSER, Rik & LAPOLLA, Randy J. (Eds.). *Language Structure and Environment: Social, cultural, and natural factors*. John Benjamins, 2015, p.133-148.

VAZ, Antenor A. de A.; CABRAL, Ana Suelly A. C.; SILVA, Ariel P. C. e. Entrevista com Rieli Franciscato, sertanista e indigenista, Coordenador da Frente de Proteção Etnoambiental Uru-Eu-Wau-Wau. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*. 2016, v.8, n.2. Disponível em <https://doi.org/10.26512/rbla.v8i2.16304>, acesso em Dez./2020.

COLIER, Jane F.; YANAGISAKO, Sylvia J. (eds.). **Gender and Kinship: Essays Toward a Unified Analysis**. Standford: Standford Univesrity Press, 1987.

APÊNDICE - Imagens



Foto 1 – Nakwatxa cuidando de seu periquito (Lorraine Silva, 2012)



Foto 2 – Xilimaw: animais de estimação adotados após o contato oficial (Ariel Silva, 2015)



Foto 3 – Atualização intergeracional dos conhecimentos da roça



Foto 4 - Atualização intergeracional do fazer de vassoura



Foto 5 – Xiuguxawaga cuidando da roça (Ariel Silva, 2012)



Foto 6 – Nakwatxa cuidando de sua plantação de fumo (Ariel Silva, 2013)



Foto 7 – Xiuguxawaga e Tuia coletando mel de marimbondo (Ixu)



Foto 8 – Nakwatxa coletando lenha



Foto 9 – Tuia tecendo tipóia



Foto 10 – Relações de cuidado entre os Avá-Canoeiro do Tocantins



Foto 11 – Varanda-Escola (1)



Foto 12 – Varanda-Escola (2)



Foto 13 – Varanda-Escola (3)



Foto 14 – Aprendizagem no caminhar, atividade da Escola Indígena *Ikaturé*



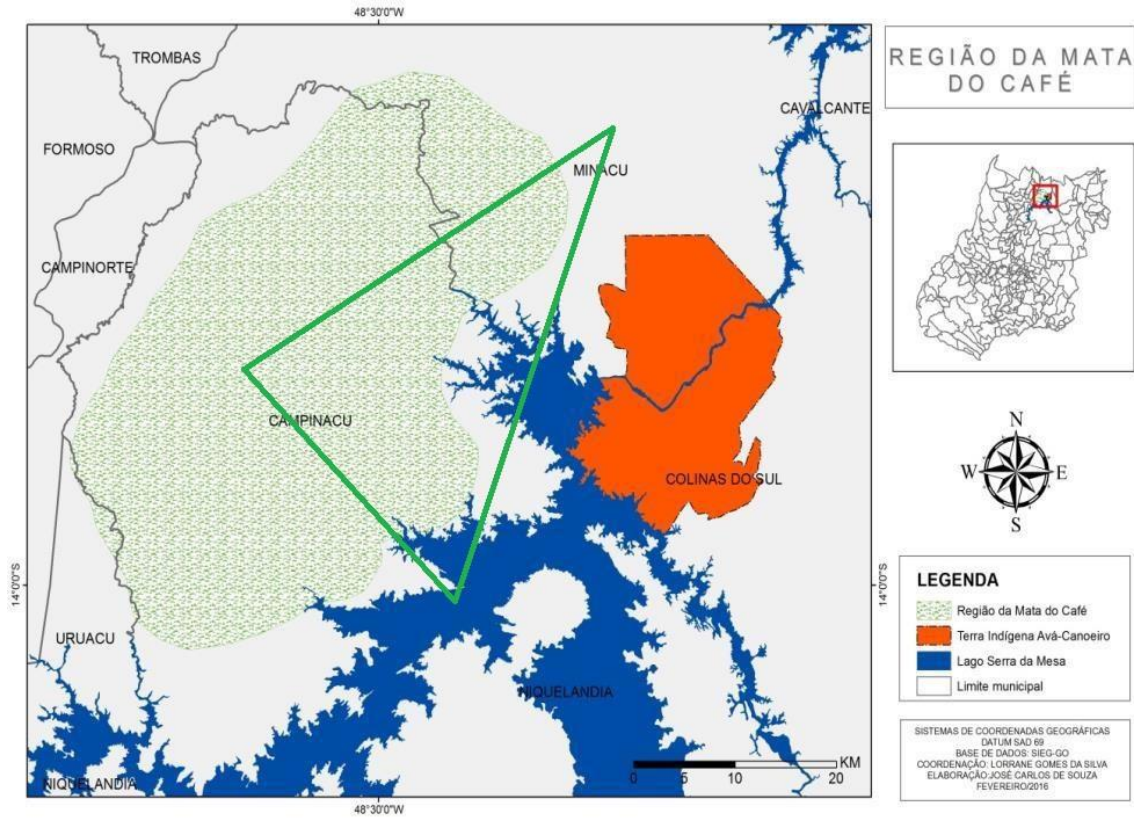
Foto 15 – Conversa com o professor Iranildo, de língua Tapirapé, sobre diferenças fonológicas e de escrita entre o Tapirapé e o Avá-Canoeiro



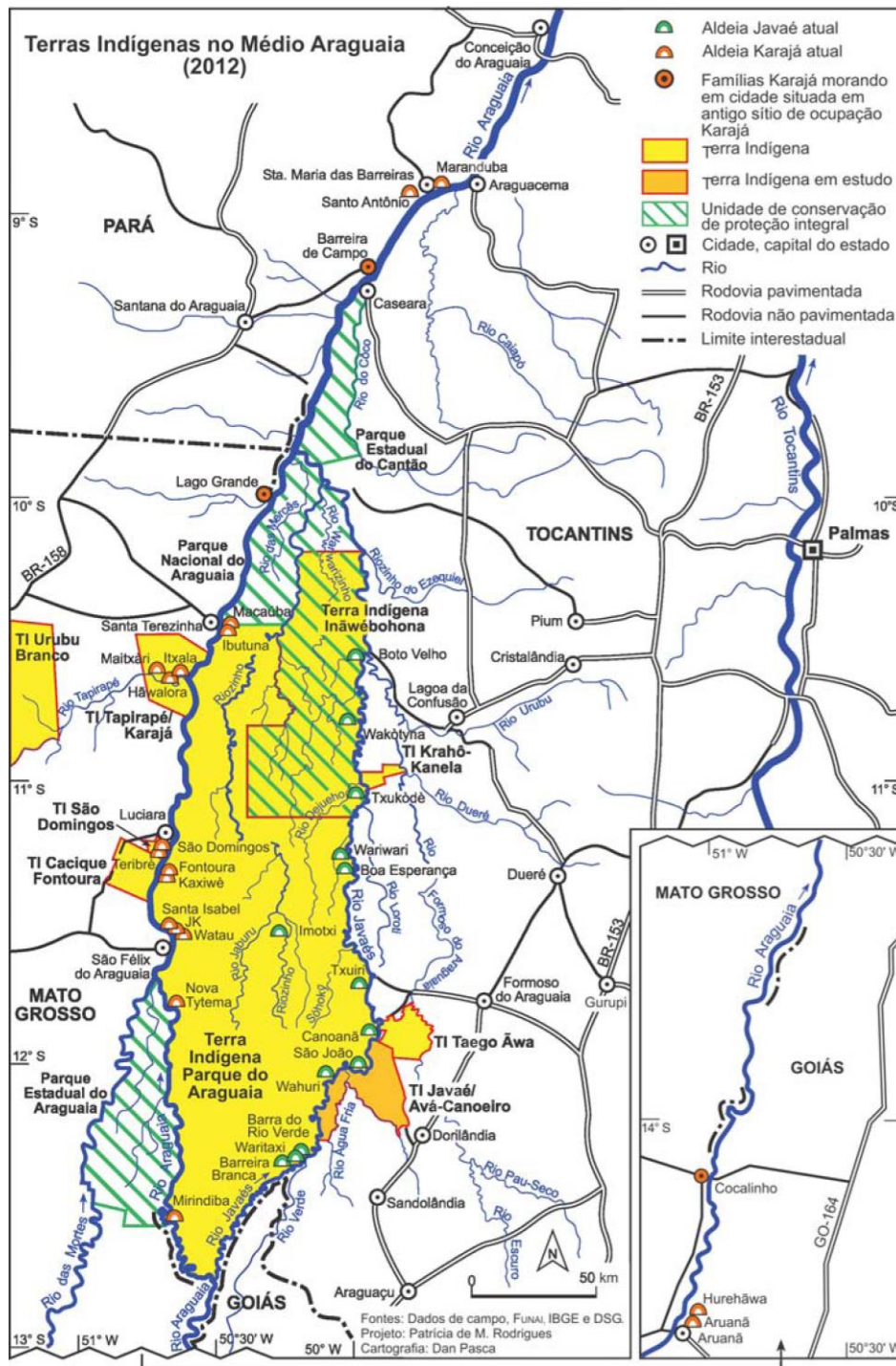
Foto 16 – Reunião do Grupo de Trabalho sobre a Educação Escolar Indígena na Terra Indígena Avá-Canoeiro

ANEXOS – Mapas

Mapa 12: Região da Mata do Café (L. SILVA, 2016, p.162)



Mapa 2
(P. RODRIGUES, 2013, p.124)



Mapa 11
(P. RODRIGUES, 2013, p.126)

